ISABEL ALLENDE



# RETRATO A SÉPIA

DIFEL
Difusão Editorial, S.A.


ISABEL ALLENDE
RETRATO A
SÉPIA
DIFEL

ISABEL ALLENDE

# RETRATO A SÉPIA

Tradução
de
MARIA HELENA PITTA

DIFEL

Para Carmen Balcells e Ramón Huidobro.
dois leões nascidos no mesmo dia e vivos
para sempre.

Esta é a história de uma mulher e de um homem que se amaram plenamente, salvando-se assim de uma existência vulgar. Guardei-a na memória de forma a que o tempo a não desgastasse e é só agora, nas noites silenciosas deste lugar, que finalmente posso contá-la. Fá-lo-ei por eles e por outros que me confiaram as suas vidas, dizendo: toma, escreve, para que o vento não o apague.

I. A.

# PRIMEIRA PARTE
# 1862-1880

Vim ao mundo numa terça-feira de outono de 1880, sob o tecto dos meus avós maternos, em São Francisco. Enquanto no interior dessa casa labiríntica de madeira a minha mãe ofegava montanha acima com o coração valente e os ossos desesperados para me abrirem uma saída, na rua bulia a vida selvagem do bairro chinês com o seu aroma indelével a cozinhados exóticos, a sua torrente ruidosa de dialectos vociferados, a sua multidão inesgotável de abelhas humanas em aceleradas idas e vindas. Nasci de madrugada, mas em Chinatown os relógios não obedecem a regras e a essa hora começa o mercado, o tráfego de carroças e os latidos tristes dos cães nas suas jaulas à espera da faca do cozinheiro. Vim a saber os pormenores do meu nascimento bastante tarde na vida, mas pior seria nunca os ter descoberto; poderiam ter-se extraviado para sempre nos despenhadeiros do esquecimento. Há tantos segredos na minha família, que talvez o tempo não me chegue para os recuperar a todos: a verdade é fugaz, lavada por torrentes de chuva. Os meus avós maternos receberam-me comovidos - apesar de ter sido, de acordo com vários testemunhos, um bebé horroroso - e colocaram-me sobre o peito da minha mãe, onde permaneci aninhada por alguns minutos, os únicos que consegui estar com ela. Depois o meu tio Lucky soprou-me para a cara para me transferir a sua boa sorte. A intenção foi generosa e o método infalível pois, pelo menos durante estes primeiros trinta anos da minha existência, as coisas correram-me bem. Mas, cuidado, não devo antecipar-me. Esta história é longa e começa muito antes do meu nascimento; requer-se paciência para a contar e mais paciência ainda para a ouvir. Se pelo caminho se perder o fio, não é caso para desesperar, porque com toda a certeza se recupera algumas páginas à frente. Como por alguma data temos de começar, façamo-lo em 1862 e digamos, ao acaso, que a história começa com um móvel de proporções inverosímeis.

A cama de Paulina del Valle foi encomendada a Florença, um ano depois da coroação de Vítor Emanuel, quando no novo reino de Itália vibrava ainda o eco das balas de Garibaldi; atravessou o mar desarmada num transatlântico genovês, desembarcou em Nova Iorque a meio de uma greve sangrenta e foi transferida para um dos vapores da companhia naval dos meus avós paternos, os Rodríguez de Santa Cruz, chilenos residentes nos Estados

Unidos. Calhou ao capitão John Sommers receber os caixotes marcados em italiano com uma palavra apenas: náyades. Esse robusto marinheiro inglês, do qual resta apenas um retrato desbotado e um baú de cabedal muito gasto por infinitas travessias marítimas e cheio de curiosos manuscritos, era meu bisavô, conforme averiguei à pouco tempo, quando o meu passado começou finalmente a esclarecer-se, depois de muitos anos de mistério. Não conheci o capitão John Sommers, pai de Eliza Sommers, minha avó materna, mas dele herdei uma certa vocação de vagabunda. Sobre esse homem do mar, puro horizonte e sal, caiu a tarefa de conduzir a cama florentina no porão do seu navio até ao outro lado do continente americano. Teve de fintar o bloqueio yankee e os ataques dos confederados, atingir os limites austrais do Atlântico, atravessar as águas traiçoeiras do estreito de Magalhães, entrar no oceano Pacífico e depois de breves paragens em vários portos sul-americanos, encaminhar-se para o norte da Califórnia, para a antiga terra do ouro. Tinha ordens precisas para abrir as caixas no molhe de São Francisco, supervisionar o carpinteiro de bordo enquanto ele encaixava as partes como um quebra-cabeças, procurando não estragar os entalhes, colocar em cima o colchão e a colcha de brocado cor de rubi, subir o trambolho para uma carroça e enviá-la em passo lento pelo centro da cidade. O cocheiro devia dar duas voltas à Praça da União e outras duas tocando uma sineta diante da varanda da concubina do meu avô, antes de o deixar no seu destino final, a casa de Paulina del Valle. Tinha de efectuar esta façanha em plena Guerra Civil, quando os exércitos yankee e os confederados se massacravam no sul do país e ninguém tinha disposição para graças ou sinetas. John Sommers comunicou as instruções praguejando, porque durante os meses de navegação aquela cama chegou a simbolizar o que mais detestava no seu trabalho: os caprichos da sua patroa, Paulina del Valle. Ao ver a cama em cima da carroça deu um suspiro e decidiu que seria a última coisa que faria para ela; estava há doze anos às suas ordens e atingira o limite da sua paciência. O móvel existe ainda intacto, é um pesado dinossáurio de madeira policromática; o deus Neptuno preside à cabeceira rodeado de ondas espumantes e criaturas marinhas em baixo-relevo, enquanto golfinhos e sereias brincam aos seus pés. Em poucas horas meia cidade de São Francisco pôde apreciar aquele leito olímpico; mas a querida do meu avô, a quem o espectáculo era dedicado, escondeu-se enquanto a carroça passava e tornava a passar com as suas campainhas.

- O triunfo não me durou muito - confessou-me Paulina muitos anos mais tarde, quando eu insistia em fotografar a cama e conhecer os pormenores - A brincadeira voltou-se contra mim. Julguei que troçariam de Feliciano, mas troçaram de mim. Avaliei mal as pessoas. Quem iria imaginar tanta hipocrisia? Nesses tempos, São Francisco era um vespeiro de políticos corruptos, bandidos e mulheres de má-vida.

- Não gostaram do desafio - sugeri.

- Não. Espera-se que as mulheres protejam a reputação do marido, por vil que seja.

- O seu marido não era vil - rebati.

- Não, mas fazia tontices. De qualquer forma, não me arrependo da famosa cama, dormi nela durante quarenta anos.

- O que fez o seu marido ao ver-se descoberto?

Disse que enquanto o país se exauria na Guerra Civil, eu comprava móveis de Calígula. E negou tudo, evidentemente. Ninguém com dois dedos de inteligência admite uma infidelidade, mesmo que o apanhem entre os lençóis.

- Di-lo por experiência própria?

- Oxalá assim fosse, Aurora! - replicou Paulina del Valle sem vacilar.

Na primeira fotografia que lhe tirei, quando eu tinha treze anos, Paulina aparece na sua cama mitológica, apoiada em almofadas de cetim bordado, com uma camisa de renda e meio quilo de jóias em cima. Vi-a assim muitas vezes e assim teria querido velá-la quando morreu, mas ela desejava ir para a sepultura com o hábito triste das carmelitas e que fossem oferecidas missas cantadas durante vários anos pelo repouso da sua alma. “Já escandalizei de mais, é altura de baixar a crista”, foi a sua explicação quando mergulhou na melancolia invernal dos últimos tempos. Ao ver-se perto do fim assustou-se. Mandou desterrar a cama para a cave e colocar no seu lugar um catre de madeira com um colchão de crina de cavalo, para morrer sem luxos, depois de tanto desperdício, para ver se São Pedro se fazia esquecido e lhe abria conta nova no livro dos pecados, conforme disse. O susto, no entanto, não foi suficiente para se desprender de outros bens materiais e até ao último suspiro teve nas mãos as rédeas do seu império financeiro, nessa altura bastante reduzido, Da bravura da juventude, pouco restava no fim, até a ironia se lhe foi acabando, mas a minha avó criou a sua própria lenda e nenhum colchão de crina ou hábito de carmelita poderia alterá-la. A cama

florentina, que teve o gosto de fazer passear pelas ruas mais importantes para castigar o marido, foi um dos seus momentos gloriosos. Nessa época a família vivia em São Francisco sob um apelido mudado - Cross -, porque nenhum norte-americano conseguia pronunciar o sonoro Rodríguez de Santa Cruz e del Valle, o que é uma lástima, porque o autêntico tem ressonâncias antigas de Inquisição. Mudaram-se para o bairro de Nob Hill, onde mandaram construir uma mansão disparatada, uma das mais opulentas da cidade, que acabou por ser um delírio de vários arquitectos rivais, contratados e despedidos a toda a hora. A família não fez a sua fortuna na febre do ouro de 1849, como pretendia Feliciano, mas graças ao magnífico instinto empresarial da sua mulher, que se lembrou de transportar produtos frescos do Chile para a Califórnia metidos numa cama de gelo antárctico.

Naquela época tumultuosa, um pêssego valia uma onça de ouro e ela soube aproveitar essas circunstâncias. A iniciativa prosperou e chegaram a ter uma frota de barcos navegando entre Valparaíso e São Francisco, que no primeiro ano regressavam vazios, mas depois o faziam carregados de farinha californiana; dessa forma arruinaram vários agricultores chilenos, incluindo o pai de Paulina, o temível Agustín del Valle, cujo trigo criou bicho nos armazéns por não poder competir com a farinha branquíssima dos yanhee. Da raiva, também o fígado se lhe bichou. No fim da febre do ouro, milhares e milhares de aventureiros regressaram aos seus lugares de origem mais pobres do que saíram, depois de perderem a saúde e a alma na perseguição de um sonho; mas Paulina e Feliciano fizeram fortuna. Colocaram-se nos píncaros da sociedade de São Francisco, apesar do obstáculo quase intransponível do seu acento hispano. “Na Califórnia são todos novos-ricos e mal nascidos, a nossa árvore genealógica pelo contrário remonta às Cruzadas”, resmungava Paulina por essa altura, antes de se dar por vencida e regressar ao Chile. No entanto, não foram títulos de nobreza nem contas nos bancos a única coisa que lhes abriu as portas, mas a simpatia de Feliciano, que fez amigos entre os homens mais poderosos da cidade. Tornava-se, no entanto, bastante difícil engolir a sua mulher, ostentosa, inconveniente, irreverente e ofensiva. É preciso dizê-lo: no princípio, Paulina inspirava a mistura de fascinação e pavor que se sente perante uma iguaria; só ao conhecê-la melhor se descobria a sua veia sentimental. Em 1862 lançou o marido na empresa comercial ligada ao caminho-de-ferro transcontinental que os tornou definitivamente ricos. Não consigo entender onde aquela

senhora terá ido buscar o faro para os negócios. Provinha de uma família de grandes fazendeiros chilenos, rígidos de critérios e pobres de espírito; foi criada entre as paredes da casa paterna em Valparaíso, rezando o terço e bordando, porque o seu pai achava que a ignorância garantia a submissão das mulheres e dos pobres. Dominava escassamente os rudimentos da escrita e da aritmética, nunca leu um livro na sua vida e somava com os dedos - nunca subtraía -, mas tudo o que as suas mãos tocavam se convertia numa fortuna. Se não fossem os seus filhos e parentes gastadores, teria morrido com o esplendor de uma imperatriz. Por essa altura estava em construção o caminho-de-ferro para unir o Este e o Oeste dos Estados Unidos. Enquanto toda a gente investia em acções das duas companhias e fazia apostas sobre qual delas colocaria os carris mais rapidamente, ela, indiferente a essa correria frívola, abriu um mapa sobre a mesa da casa de jantar e estudou com paciência de topógrafo o futuro percurso do comboio e os lugares onde havia água em abundância. Muito antes de os humildes peões chineses porem o último prego unindo as linhas de comboio em Promotory, Utah, e antes da primeira locomotiva atravessar o continente com o seu estrépito de ferros, a sua fumarada vulcânica e o seu bramido de naufrágio, ela convenceu o marido a comprar terras nos sítios marcados no seu mapa com cruzes de tinta vermelha.

- Aí fundarão as povoações, porque há água, e em cada uma delas nós teremos um armazém - explicou.

- É muito dinheiro - exclamou Feliciano apavorado.

- Consegue-o emprestado, que para isso servem os bancos. Por que iremos arriscar dinheiro próprio se podemos dispor do alheio? - replicou Paulina, tal como alegava sempre nestes casos.

Andavam nisso, negociando com os bancos e comprando terrenos através de meio país, quando rebentou o assunto da concubina. Tratava-se de uma actriz chamada Amanda Lowell, uma escocesa comestível, de carnes leitosas, olhos de espinafre e sabor a pêssego, conforme garantiam aqueles que a tinham provado. Cantava e dançava mal, mas com brio, actuava em comédias de pouca monta e animava festas de magnatas. Possuía uma cobra de origem panamense, comprida, gorda e mansa, mas de aspecto arrepiante, que se enroscava no seu corpo durante as danças exóticas e que nunca deu mostras de mau carácter até uma noite malfadada em que ela se apresentou com um diadema de plumas no penteado e o animal, confundindo o toucado

com um papagaio distraído, esteve prestes a estrangular a sua dona tal o empenho em engoli-lo. A bela Lowell estava longe de ser mais uma das "pombas, maculadas" da vida galante da Califórnia; era uma cortesã altiva cujos favores não se conseguiam só com dinheiro mas também com bons modos e encanto. Mediante a generosidade dos seus protectores vivia bem e sobravam-lhe meios para ajudar uma caterva de artistas sem talento; estava condenada a morrer pobre, porque gastava como um país e oferecia o sobrante. Na flor da sua juventude perturbava o trânsito nas ruas com a graça do seu porte e a sua juba vermelha de leão, mas a sua tendência para o escândalo tinha malogrado a sua sorte: num arrebatamento podia desbaratar um bom nome e uma família. Para Feliciano, este risco pareceu-lhe mais um incentivo; tinha alma de corsário e a ideia de brincar com o fogo seduziu-o tanto como as nádegas soberbas da Lowell. Instalou-a num apartamento em pleno centro, mas nunca se apresentava em público com ela, porque conhecia de sobra o carácter da mulher que, num ataque de ciúmes, tinha cortado à tesoura as pernas e mangas de todos os seus fatos, atirando-os para a porta do seu escritório. Para um homem tão elegante como ele, que encomendava a sua roupa ao alfaiate do príncipe Alberto em Londres, aquilo foi um golpe mortal.

Em São Francisco, cidade masculina, a mulher era sempre a última a inteirar-se de uma infidelidade conjugal, mas neste caso foi a própria Lowell quem a divulgou. Mal o seu protector voltava as costas, marcava com riscos os pilares da sua cama, um por cada amante recebido. Era uma coleccionista, não lhe interessavam os homens pelos seus méritos particulares, mas pelo número de riscos; pretendia superar o mito da fascinante Lola Montez, a cortesã irlandesa que passara por São Francisco como um sopro nos tempos da febre do ouro. A bisbilhotice dos riscos da Lowell corria de boca em boca e os cavalheiros disputavam entre si para a visitarem, quer pelos encantos da beldade, a quem muitos deles já conheciam no sentido bíblico, quer pela graça de irem para a cama com a protegida de um dos próceres da cidade. A notícia chegou a Paulina del Valle depois de já ter dado a volta completa à Califórnia.

- O mais humilhante é que essa ordinária te põe os cornos e toda a gente anda a comentar que estou casada com um galo capão! - disse Paulina, repreendendo o marido na linguagem de sarraceno que costumava utilizar nessas ocasiões.

Feliciano Rodríguez de Santa Cruz nada sabia daquelas actividades da coleccionista e quase morreu de desgosto. Nunca imaginou que amigos, conhecidos e outros que lhe deviam imensos favores, troçassem dele assim. Mas não culpou a sua querida, porque aceitava resignado as veleidades do sexo oposto, criaturas deliciosas mas sem estrutura moral, sempre prontas a ceder à tentação. Enquanto elas pertenciam à terra, ao húmus, ao sangue e às funções orgânicas, eles estavam destinados ao heroísmo, às grandes ideias e, embora não fosse o seu caso, à santidade. Confrontado pela sua mulher, defendeu-se como pôde e, numa trégua, aproveitou para lhe atirar à cara a tranca com que fechava a porta do seu quarto. Pretendia que um homem como ele vivesse na abstinência? A culpa era toda dela por tê-lo rejeitado, alegou. O da tranca era verdade; Paulina renunciara aos desmandos carnais, não por falta de vontade, como me confessou quarenta anos mais tarde, mas por pudor. Repugnava-a olhar-se ao espelho e deduziu que qualquer homem sentiria o mesmo ao vê-la despida. Lembrava-se exactamente do momento em que tivera consciência de que o seu corpo se estava a converter em seu inimigo. Alguns anos antes, regressando Feliciano de uma longa viagem de negócios ao Chile, agarrou-a pela cintura e, com o mesmo rotundo bom humor de sempre, quis levantá-la do chão para a levar até à cama, mas não conseguiu movê-la.

- Caramba, Paulina! Tens pedras nas cuecas? - riu-se.

- É gordura - suspirou ela tristemente. - Quero vê-la!

- De maneira alguma. De agora em diante só poderás vir ao meu quarto de noite e com a luz apagada.

Durante algum tempo aqueles dois, que se tinham amado sem pudor, fizeram amor às escuras. Paulina manteve-se impermeável às súplicas e zangas do marido, que nunca se conformou em encontrá-la debaixo de um monte de trapos no negrume do quarto, nem em abraçá-la com pressa de missionário enquanto ela lhe agarrava nas mãos para que ele não lhe apalpasse as carnes. Esta batalha deixava-os extenuados e com os nervos à flor da pele. Finalmente, com o pretexto da mudança para a nova mansão de Nob Hill, Paulina instalou o marido na outra extremidade da casa e trancou a porta do quarto dela. O desgosto pelo seu próprio corpo superava o desejo que sentia pelo marido. O pescoço desaparecia-lhe atrás da papada dupla, os seios e a barriga eram um único promontório de monsenhor, os pés não a sustentavam mais do que alguns minutos, não conseguia vestir-se sozinha ou

apertar os sapatos; mas com os seus vestidos de seda e as suas jóias esplêndidas, como se apresentava quase sempre, era um espectáculo prodigioso. A sua maior preocupação era o suor entre as suas pregas e costumava perguntar-me num murmúrio se cheirava mal, mas nunca lhe senti outro aroma além da água de gardénias e talco. Contrária à crença tão difundida nessa altura de que a água e o sabão arruinavam os brônquios, passava horas flutuando na sua banheira de ferro esmaltado, onde voltava a sentir-se leve como na juventude. Apaixonara-se por Feliciano quando este era um jovem bonito e ambicioso, dono de umas minas de prata no norte do Chile. Por esse amor desafiou a ira do seu pai, Agustín del Valle, que figura nos textos de história do Chile como o fundador de um minúsculo e miserável partido político ultraconservador, desaparecido há mais de duas décadas, mas que uma vez por outra volta a ressuscitar como uma ave fénix patética e depenada. O mesmo amor por esse homem deu-lhe forças quando decidiu proibir-lhe a entrada na sua alcova numa idade em que a sua natureza clamava mais do que nunca por um abraço. Ao contrário dela, Feliciano amadurecia com graça. O cabelo tornara-se grisalho, mas continuava a ser o mesmo homenzarrão alegre, apaixonado e gastador. Paulina gostava da sua veia vulgar, gostava da ideia daquele cavalheiro de apelidos retumbantes provir de judeus sefarditas e de ter, sob as suas camisas de seda com iniciais bordadas, uma tatuagem de perdulário adquirida no porto durante uma bebedeira. Ansiava ouvir novamente as porcarias que lhe sussurrava nos tempos em que ainda chapinhavam na cama com as luzes acesas e teria dado qualquer coisa para dormir mais uma vez com a cabeça apoiada sobre o dragão azul gravado com tinta indelével no ombro do seu marido. Nunca acreditou que ele desejasse o mesmo. Para Feliciano ela foi sempre a noiva atrevida com quem fugiu na juventude, a única mulher que admirava e temia. Ocorre-me que aquele casal nunca deixou de se amar, apesar da força ciclópica das suas brigas, que deixavam a tremer toda a gente da casa. Os abraços que antes o tornaram tão felizes foram trocados por combates que culminavam em tréguas a longo prazo e em vinganças memoráveis, como a da cama florentina, mas nenhuma ofensa destruiu aquela relação e até ao fim, quando ele caiu ferido de morte por uma apoplexia, estiveram unidos por uma invejável cumplicidade de truões.

Assim que o capitão John Sommers se certificou de que o móvel mítico estava sobre a carroça e o cocheiro entendia as suas instruções, partiu a pé

em direcção a Chinatown, como costumava fazer nas suas visitas a São Francisco. Desta vez, no entanto, os brios não lhe chegaram e dois quarteirões à frente teve de chamar uma carruagem de aluguer. Subiu com esforço, deu a direcção ao condutor e encostou-se no assento, ofegando. Há um ano que tinham começado os sintomas, mas nas últimas semanas tinham-se agudizado; as pernas mal o suportavam e a cabeça enchia-se-lhe de bruma, tinha de lutar sem descanso contra a tentação de se abandonar à indiferença algodonosa que lhe ia invadindo a alma. A sua irmã Rose fora a primeira a reparar que alguma coisa estava mal, ainda ele não sentia dores. Pensava nela com um sorriso: era a pessoa mais próxima e querida, o norte da sua existência transumante, mais real no seu afecto do que a sua filha Eliza ou qualquer uma das mulheres que abraçou na sua longa peregrinação de porto em porto.

Rose Sommers tinha passado a sua juventude no Chile, ao pé do irmão mais velho, Jeremy; mas com a morte deste regressou a Inglaterra para envelhecer em terra própria. Morava em Londres, numa casinha a poucos quarteirões dos teatros e da ópera, um bairro um pouco decadente, onde podia viver regaladamente à sua vontade. Agora que já não era a perfeita governanta do irmão Jeremy, podia dar rédea solta à sua veia excêntrica. Costumava vestir-se de actriz em desgraça para ir tomar chá ao Savoy ou de condessa russa para passear o cão, era amiga de mendigos e músicos de rua, gastava o seu dinheiro em bagatelas e caridades. “Não há nada tão libertador como a idade”, dizia contando as suas rugas, feliz. “Não é a idade, irmã, mas a situação económica que lavraste com a tua escrita”, replicava John Sommers. Aquela solteirona venerável de cabelo branco fizera uma pequena fortuna a escrever pornografia. O mais irónico, pensava o capitão, justamente agora que Rose não tinha necessidade de se esconder, como quando vivia à sombra do seu irmão Jeremy, era ter deixado de escrever contos eróticos e dedicar-se a produzir contos românticos a um ritmo sufocante e com um êxito inusitado. Não havia mulher cuja língua materna fosse o inglês, incluindo a rainha Vitória, que não tivesse lido pelo menos um dos romances da Lady Rose Sommers. O título ilustre não fez mais do que legalizar uma situação que Rose tinha tomado de assalto há anos. Se a rainha Vitória tivesse suspeitado que a sua autora preferida, a quem outorgou pessoalmente o título de Lady, era responsável por uma vasta colecção de literatura indecente assinada por Uma Dama Anónima, teria sofrido um

fanico. O capitão era de opinião que a pornografia era deliciosa, mas que aqueles romances de amor eram lixo. Encarregou-se durante anos de publicar e distribuir os contos proibidos que Rose produzia sob o nariz do seu irmão mais velho, que morreu convencido de que ela era uma senhorita virtuosa sem outra missão além de tornar-lhe a vida agradável. "Tem cuidado contigo, John, olha que não podes deixar-me sozinha neste mundo. Estás a emagrecer e tens uma cor esquisita", repetira-lhe Rose diariamente quando o capitão a visitou em Londres. Desde essa altura, uma metamorfose implacável estava a transformá-lo num lagarto.

Tão Chi'en estava a acabar de tirar as suas agulhas de acupunctura das orelhas e dos braços de um paciente, quando o ajudante o avisou de que o seu sogro acabara de chegar. O zhong-yi colocou cuidadosamente as agulhas de ouro em álcool puro, lavou as mãos numa bacia, vestiu o casaco e foi receber o visitante, admirado por Eliza não o ter avisado de que o pai chegaria nesse dia. Cada visita do capitão Sommers provocava um alvoroço. A família esperava-o ansiosa, sobretudo as crianças, que não se cansavam de admirar as ofertas exóticas e de ouvir as histórias de monstros marinhos e piratas malaios daquele avô colossal. Alto, maciço, com a pele curtida pelo sal de todos os mares, barba indomável, vozeirão de trovão e inocentes olhos azuis de bebé, o capitão era uma figura imponente no seu uniforme azul, mas o homem que Tão Chi'en viu sentado numa poltrona da sua clínica estava tão diminuído, que teve dificuldade em reconhecê-lo. Cumprimentou-o respeitosamente, não tinha conseguido superar o hábito de se inclinar diante dele à maneira chinesa. Conhecera John Sommers na juventude, quando trabalhava como cozinheiro no barco dele. "A mim tratas-me por senhor, entendido, chinês?", ordenara-lhe este na primeira vez que falaram. Nessa altura tínhamos ambos o cabelo preto, pensou Tão Chi'en com uma pontada de angústia diante do anúncio da morte. O inglês levantou-se penosamente, estendeu-lhe a mão e apertou-o num breve abraço. O zhong-yi verificou que agora era ele o mais alto e pesado dos dois.

- Eliza sabe que chegava hoje, senhor? - perguntou.

- Não. Nós os dois temos de falar a sós, Tão. Estou a morrer.

O zhong-yi compreendera-o assim que o vira. Sem dizer uma palavra guiou-o até ao consultório, onde o ajudou a despir-se e a estender-se numa maca. O seu sogro despido tinha um aspecto patético: a pele grossa, seca, de uma cor acobreada, as unhas amarelas, os olhos injectados de sangue, o

ventre inchado. Começou por auscultá-lo e depois mediu-lhe a pulsação nos pulsos, no pescoço e nos tornozelos para se certificar do que já sabia.

- Tem o fígado destruído, senhor. Continua a beber?

- Não pode pedir-me que abandone um hábito de toda a vida, Tao. Acha que alguém consegue aguentar o oficio de marinheiro sem um gole de vez em quando?

Tão Chi'en sorriu. O inglês bebia meia garrafa de genebra nos dias normais e uma inteira se havia alguma coisa a lamentar ou a celebrar, sem que isso parecesse afectá-lo minimamente; nem sequer cheirava a bebida, porque o tabaco forte de má qualidade lhe impregnava a roupa e o hálito.

- Além disso, já é tarde para me arrepender, não é verdade? - acrescentou John Sommers.

- Pode viver um pouco mais e em melhores condições se deixar de beber. Porque não faz uma pausa? Venha viver connosco por algum tempo, Eliza e eu cuidaremos de si até se recompor - propôs o zhong-yi sem olhar para ele, para que este não se apercebesse da sua emoção. Como tantas vezes acontecia no seu trabalho de médico, tinha de lutar contra a sensação de terrível impotência que costumava oprimi-lo ao confirmar quão escassos eram os recursos da sua ciência e quão imenso o padecer alheio.

- Como pode passar-lhe pela cabeça que me colocaria voluntariamente nas mãos de Eliza para que me condene à abstinência?! Quanto tempo me resta, Tão? - perguntou John Sommers.

- Não posso dizê-lo com certeza, Deveria consultar outra opinião.

- A sua é a única opinião que me merece respeito. Desde que você me tirou um dente sem dor a meio caminho entre a Indonésia e a costa de África, nenhum outro médico pôs as suas mãos malditas em cima de mim. Foi há quanto tempo?

- Há uns quinze anos. Agradeço a sua confiança, senhor.

- Só há quinze anos? Porque me parece que nos conhecemos durante toda a vida?

- Talvez nos tenhamos conhecido noutra existência.

- A reencarnação apavora-me, Tão. Imagine que na minha próxima vida me calha ser muçulmano. Sabia que essa pobre gente não bebe álcool?

- Esse é certamente o seu karma. Em cada reencarnação devemos resolver o que deixámos por concluir na anterior - troçou Tão.

- Prefiro o inferno cristão, é menos cruel. Bom, não diremos nada disto a Eliza - concluiu John Sommers enquanto se vestia, lutando com os botões que escorregavam dos seus dedos trémulos.

- Como esta pode ser a minha última visita, é justo que ela e os meus netos me recordem alegre e são. Parto tranquilo, Tão, porque ninguém poderia cuidar da minha filha Eliza melhor do que você.

- Ninguém poderia amá-la mais do que eu, senhor.

- Quando eu já não estiver aqui, alguém deverá ocupar-se da minha irmã. Você sabe que Rose foi como uma mãe para Eliza...

- Não se preocupe, Eliza e eu estaremos sempre pendentes dela - garantiu-lhe o genro.

- A morte... quero dizer.. será com rapidez e dignidade? Como saberei quando está a chegar o fim?

- Quando vomitar sangue, senhor - disse Tão Chi'en tristemente.

Aconteceu três semanas mais tarde, a meio do Pacífico, na privacidade do camarote do capitão. Assim que conseguiu levantar-se, o velho navegante limpou os vestígios do vómito, lavou a boca, mudou a camisa ensanguentada, acendeu o cachimbo e dirigiu-se para a proa do barco, onde se instalou a olhar pela última vez para as estrelas que tremelicavam num céu de veludo preto. Vários marinheiros viram-no e esperaram à distância com os barretes na mão. Quando o tabaco acabou, o capitão John Sommers passou as pernas por cima da borda e deixou-se cair sem ruído ao mar.

Severo del Valle conheceu Lynn Sommers durante uma viagem que fez com o pai do Chile à Califórnia, em 1872, para visitar os tios Paulina e Feliciano, que protagonizavam os melhores mexericos da família. Severo tinha visto a tia Paulina algumas vezes durante as suas aparições esporádicas em Valparaíso, mas até conhecê-la no seu ambiente norte-americano, não compreendeu os suspiros de intolerância cristã da família. Longe do meio religioso e conservador do Chile, do avô Agustín preso à sua cadeira de paralítico, da avó Emilia com as suas rendas lúgubres e os seus clisteres de linhaça, do resto dos seus parentes invejosos e tementes, Paulina atingia as suas verdadeiras proporções de amazona. Na primeira viagem, Severo del Valle era demasiado jovem para avaliar o poder ou a fortuna desse casal de tios célebres, mas não lhe escaparam as diferenças entre eles e o resto da tribo Del Valle. Foi ao regressar anos mais tarde que compreendeu que se contavam entre as famílias mais ricas de São Francisco, a par dos magnatas

da prata, dos caminhos-de-ferro, dos bancos e dos transportes. Nessa primeira viagem, aos quinze anos, sentado aos pés da cama policromática da sua tia Paulina, enquanto ela planeava a estratégia das suas guerras mercantis, Severo decidiu o seu próprio futuro.

- Deverias ser advogado, para me ajudares a derrubar os meus inimigos com a força da lei - aconselhou-o Paulina, entre duas dentadinhas no pastel de massa folhada com recheio de doce de leite.

- Sim, tia. Diz o avô Agustín que em todas as famílias respeitáveis é preciso um advogado, um médico e um bispo - replicou o sobrinho.

- Também é preciso um cérebro para os negócios.

- O avô considera que o comércio não é ofício de fidalgos.

- Diz-lhe que a fidalguia não serve para comer, que a meta no rabo.

O jovem só tinha ouvido esse palavreado na boca do cocheiro lá de casa, um madrileno fugido de uma prisão em Tenerife que, por razões incompreensíveis, também se cagava em Deus e no leite (Refere-se a expressões de aborrecimento muito utilizadas pelos castelhanos): “me cago en Dios” ou “me cago en la leche”.

- Deixa-te de melindres, miúdo, olha que rabo todos temos! - exclamou Paulina morta de riso ao ver a expressão do sobrinho.

Nessa mesma tarde levou-o à pastelaria de Eliza Sommers. São Francisco tinha deslumbrado Severo desde que, no barco, este observara a cidade: luminosa, inserida numa paisagem verde de colinas cobertas de árvores que desciam ondulantes até à beira de uma baía de águas calmas- De longe parecia severa, com o seu traçado espanhol de ruas paralelas e transversais, mas de perto tinha o encanto do inesperado. Habituado ao aspecto sonolento do porto de Valparaíso, onde se criara, o rapaz ficou aturdido face à demência de casas e edifícios de variados estilos, luxo e pobreza, tudo misturado, como se tivesse sido construído à pressa. Viu um cavalo morto e coberto de moscas à frente da porta de uma loja elegante de violinos e pianos de cauda. Entre o tráfego ruidoso de animais e carruagens, uma multidão cosmopolita abria caminho: americanos, hispanos, franceses, irlandeses, italianos, alemães, alguns índios e antigos escravos negros, agora livres, mas sempre excluídos e pobres. Deram uma volta por Chinatown e num abrir e fechar de olhos encontraram-se num país povoado de celestiais, como chamavam aos chineses, que o cocheiro afastava com estalidos do seu chicote conduzindo o fiacre em direcção à Praça da União. Parou diante de

uma casa de estilo vitoriano, simples em comparação com os desvarios de molduras, relevos e rosáceas que costumavam ver-se por esses lados.

- Esta é a casa de chá da senhora Sommers, a única por estes lados - esclareceu Paulina. - Podes tomar café onde quiseres, mas para uma chávena de chá tens de cá vir. Os yankees abominam esta nobre beberagem desde a Guerra da Independência, que começou quando os rebeldes queimaram o chá dos ingleses em Bóston.

- Mas isso não aconteceu há um século?

- Já vês, Severo, como pode ser estúpido o patriotismo.

Não era o chá a causa das visitas frequentes de Paulina a essa sala, mas a famosa pastelaria de Eliza Sommers, que impregnava o interior com uma fragrância deliciosa de açúcar e baunilha. A casa, das muitas importadas de Inglaterra nos primeiros tempos de São Francisco, com um manual de instruções para ser montada como um brinquedo, tinha dois andares coroados por uma torre, que lhe dava um ar de igreja campestre. No rés-do-chão tinham juntado dois quartos para ampliar a sala de jantar, havia várias poltronas de pés torcidos e cinco mesinhas redondas com toalhas brancas. No primeiro andar vendiam-se caixas de bombons feitos à mão com o melhor chocolate belga, maçapão de amêndoa e vários tipos de doces crioulos do Chile, os favoritos de Paulina del Valle. Serviam à mesa duas empregadas mexicanas de longas tranças, aventais alvos e coifas gomadas, dirigidas telepaticamente pela pequena senhora Sommers, que dava a impressão de quase nem existir, em contraste com a presença impetuosa de Paulina. A moda cintada e com saias de balão favorecia a primeira, multiplicando pelo contrário o volume da segunda; além disso, Paulina del Valle não poupava nos tecidos, franjas, pompons e plissados. Nesse dia ia ataviada de abelha-rainha, de amarelo e preto da cabeça aos pés, com um chapéu de plumas e um corpete às riscas. Muitas riscas. Invadia a sala, engolia todo o ar e a cada movimento seu as chávenas tilintavam e as frágeis paredes de madeira gemiam. Ao vê-la entrar, as criadas correram a trocar uma das delicadas cadeiras entrançadas por um cadeirão mais sólido, onde a dama se acomodou com graciosidade. Deslocava-se com cuidado, porque considerava que nada é tão feio como a pressa; evitava também os ruídos de velha, nunca deixava escapar em público arquejos, tosses, estalidos ou suspiros de cansaço, mesmo que os pés estivessem a matá-la. “Não quero ter voz de gorda”, dizia, e fazia gargarejos diários de sumo de limão com mel

para manter a voz fina. Eliza Sommers, miúda e direita como um sabre, vestida com uma saia azul-escura e uma camisa cor de melão abotoada nos punhos e no pescoço, com um discreto colar de pérolas como único adorno, parecia espantosamente jovem. Falava um espanhol oxidado pela falta de prática e um inglês com sotaque britânico, saltando de uma língua para outra na mesma frase, tal como Paulina. A fortuna da senhora Del Valle e o seu sangue de aristocrata colocavam-na muito acima do nível social da outra. Uma mulher que trabalhava por gosto só podia ser uma macha, mas Paulina sabia que Eliza já não pertencia ao meio onde fora criada no Chile e não trabalhava por gosto. mas por necessidade. Ouvira dizer também que vivia com um chinês, mas nem a sua indiscrição demolidora fora suficiente para lhe perguntar directamente.

- A senhora Eliza Sommers e eu conhecemo-nos no Chile em 1840; nessa altura ela tinha oito anos e eu dezasseis, mas agora somos da mesma idade - explicou Paulina ao sobrinho.

Enquanto as empregadas serviam o chá, Eliza Sommers ouvia divertida a tagarelice incessante de Paulina, interrompida apenas para devorar outro bocado. Severo esqueceu-se delas ao descobrir noutra mesa uma menina preciosa, colando figuras num álbum à luz dos candeeiros a gás e da claridade suave da janela, que a iluminavam com brilhos dourados. Era Lynn Sommers, filha de Eliza, criatura de tão rara beleza que já nessa altura, aos doze anos, vários fotógrafos da cidade a usavam como modelo; o seu rosto ilustrava postais, cartazes e calendários de anjos tocando lira e ninfas travessas em bosques de papelão. Severo estava ainda na idade em que as raparigas são um mistério bastante repelente para os rapazes, mas ele rendeu-se ao fascínio; de pé ao lado dela contemplou-a boquiaberto sem compreender porque lhe doía o peito e sentia desejos de chorar. Eliza Sommers arrancou-o do transe chamando-os para tomar chocolate. A miúda fechou o álbum sem lhe prestar atenção, como se não o visse, e levantou-se leve, a flutuar. Instalou-se diante da sua chávena de chocolate sem dizer uma palavra ou erguer os olhos, resignada aos olhares impertinentes do jovem, plenamente consciente de que o seu aspecto a separava dos restantes mortais. Carregava a sua beleza como uma deformidade, com a esperança secreta de que lhe passaria com o tempo.

Algumas semanas mais tarde Severo embarcou com o pai de regresso ao Chile, levando na memória a vastidão da Califórnia e a visão de Lynn

Sommers firmemente plantada no coração.

Severo del Valle só voltou a ver Lynn vários anos mais tarde. Regressou à Califórnia em finais de 1876 para viver com a sua tia Paulina, mas só iniciou a sua relação com Lynn numa quarta-feira de Inverno, em 1879, e nessa altura era já demasiado tarde para os dois. Na sua segunda visita a São Francisco, o jovem tinha atingido a sua altura definitiva, mas era ainda ossudo, pálido, desajeitado e sentia-se incómodo na sua pele, como se lhe sobrassem cotovelos e joelhos. Três anos depois, quando se postou sem voz diante de Lynn, já era um homem feito, com as feições nobres dos seus antepassados espanhóis, a figura flexível de um toureiro andaluz e o ar ascético de um seminarista. Muita coisa mudara na sua vida desde a primeira vez que vira Lynn. A imagem dessa menina silenciosa com languidez de gato em repouso, acompanhou-o durante os anos difíceis da adolescência e na dor do luto. O pai, a quem adorava, morreu prematuramente no Chile e a mãe, descon-certada com aquele filho ainda imberbe, mas demasiado lúcido e irreverente, mandou-o terminar os estudos num colégio católico de Santiago. Rapidamente, no entanto, devolveram-no a casa com uma carta explicando em termos secos que uma maçã podre no barril corrompe as restantes, ou alguma coisa do género. Então a mãe abnegada fez uma peregrinação de joelhos a uma gruta milagrosa, onde a Virgem, sempre engenhosa, lhe cochichou a solução: mandá-lo para o serviço militar para que um sargento se encarregasse do problema. Durante um ano Severo marchou com a tropa, suportou o rigor e a estupidez do regimento e saiu com a categoria de oficial na reserva, decidido a nunca mais se aproximar de um quartel na sua vida. Assim que pôs os pés na rua voltou às suas antigas amizades e aos seus erráticos arroubos de humor. Desta vez os seus tios tomaram as rédeas do assunto. Reuniram-se em conselho na austera sala de jantar do avô Agustín, na ausência do jovem e da sua mãe, que careciam de voto na mesa patriarcal. Nesse mesmo quarto, trinta e cinco anos antes Paulina del Valle, com a cabeça rapada e uma tiara de diamantes, tinha desafiado os homens da sua família para se casar com Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, o homem escolhido por ela. Ali se apresentavam agora diante do avô as provas contra Severo: recusava confessar-se e comungar, saía com boémios, tinham sido descobertos em seu poder livros da lista negra; em poucas palavras, suspeitavam que tinha sido recrutado pela maçonaria ou, pior ainda, pelos liberais. O Chile atravessava um período de lutas ideológicas

irreconciliáveis e à medida que os liberais ganhavam lugares no Governo, aumentava a ira dos ultraconservadores imbuídos de fervor messiânico, como os Del Valle, que pretendiam implementar as suas ideias à força de anátemas e de balas, esmagar mações e anticlericais, e acabar de uma vez por todas com os liberais. Os Del Valle não estavam dispostos a tolerar um dissidente do seu próprio sangue mesmo no seio da família. A ideia de o enviar para os Estados Unidos foi do avô Agustín: "os yankees tirar-lhe-ão a vontade de andar por aí a arranjar confusões", prognosticou. Embarcaram-no rumo à Califórnia sem lhe pedirem opinião, vestido de luto, com o relógio de ouro do seu defunto pai no bolso do casaco, uma bagagem simples, que incluía um grande Cristo coroado de espinhos e uma carta selada para os seus tios Feliciano e Paulina.

Os protestos de Severo foram meramente formais, porque aquela viagem ajustava-se aos seus próprios planos. Só lhe custava separar-se de Nívea, a rapariga com quem toda a gente esperava que viesse a casar algum dia, de acordo com o antigo costume da oligarquia chilena de casar os primos. Sufocava no Chile. Tinha crescido preso num emaranhado de dogmas e preconceitos, mas o contacto com outros estudantes no colégio de Santiago abriu-lhe a imaginação e despertou nele um fulgor patriótico. Até essa altura julgava que havia apenas duas classes sociais, a sua e a dos pobres, separadas por uma imprecisa zona cinzenta de funcionários e outros "chilenitos do montão", como os chamava o seu avô Agustín. No quartel apercebeu-se de que os da sua classe, de pele branca e poder económico, eram apenas um punhado; a vasta maioria era mestiça e pobre; mas em Santiago descobriu que existia também uma classe média pujante e numerosa, educada. e com ambições políticas, que era na realidade a coluna vertebral do país, onde se contavam imigrantes fugidos de guerras e misérias, cientistas, educadores, filósofos, livreiros, gente com ideias avançadas. Ficou pasmado com a oratória dos seus novos amigos, como quem se apaixona pela primeira vez. Desejava mudar o Chile, dar-lhe totalmente a volta, purificá-lo. Convenceu-se de que os conservadores - excepto os da sua própria família, que aos seus olhos não agiam por maldade mas por engano - pertenciam às hostes de Satanás, no caso hipotético de Satanás ser mais do que uma invenção pitoresca, e dispôs-se a participar na política assim que conseguisse adquirir independência. Compreendia que faltavam alguns anos para isso, por isso mesmo considerou a viagem aos

Estados Unidos como um sopro de ar fresco; poderia observar a invejável democracia dos norte-americanos e aprender com ela, ler o que tivesse vontade sem ter de se preocupar com a censura católica e inteirar-se dos avanços da modernidade. Enquanto no resto do mundo se destronavam monarquias, nasciam novos estados, colonizavam-se continentes e inventavam-se maravilhas, no Chile o parlamento discutia o direito dos adúlteros serem enterrados em cemitérios consagrados. Diante do seu avô não era permitido mencionar a teoria de Darwin, que estava a revolucionar o conhecimento humano, mas já se podia perder uma tarde a discutir improváveis milagres de santos e mártires. O outro incentivo para a viagem era a lembrança da pequena Lynn Sommers, que se atravessava com uma perseverança angustiante no seu afecto por Nívea, embora ele não o admitisse nem no mais fundo da sua alma.

Severo del Valle não soube quando nem como surgiu a ideia de casar-se com Nívea, talvez eles não o tenham decidido, mas a família, mas nenhum dos dois se revoltou contra esse destino porque se conheciam e amavam desde a infância. Nívea pertencia a um ramo da família que fora endinheirada quando o pai vivia, mas com a sua morte a viúva empobreceu. Um tio com fortuna, que haveria de ser uma figura proeminente no tempo da guerra, dom Francisco José Vergara, ajudou a educar esses sobrinhos. “Não há pior pobreza do que a das pessoas arruinadas, porque são obrigadas a aparentar o que não têm”, tinha confessado Nívea ao primo Severo num desses momentos de súbita lucidez que a caracterizavam. Era quatro anos mais nova, mas muito mais madura; foi ela quem marcou o tom desse carinho de crianças, conduzindo-o com mão firme para a relação romântica que partilhavam quando Severo partiu para os Estados Unidos. Nos casarões enormes onde decorriam as suas vidas sobravam recantos perfeitos para se amarem. Tacteando nas sombras, os primos descobriram com a mesma falta de jeito das crias os segredos dos seus corpos. Acariciavam-se com curiosidade, averiguando as diferenças, sem saber por que tinha ele isto e ela aquilo, aturdidos pelo pudor e pela culpa, sempre calados, porque o que não formulavam em palavras era como se não tivesse acontecido e fosse menos pecado. Exploravam-se à pressa e assustados, conscientes de que não podiam admitir esses jogos de primos nem no confessionário, mesmo que por isso fossem condenados ao inferno. Havia milhares de olhos a espiá-los. As velhas criadas que os viram nascer protegiam esses amores inocentes,

mas as tias solteiras velavam como corvos; nada escapava àqueles olhos secos cuja única função era registar cada instante da vida familiar, àquelas línguas crepusculares que divulgavam os segredos e aguçavam as querelas, embora sempre no seio do clã. Nada passava das paredes dessas casas. O primeiro dever de todos era preservar a honra e o bom nome da família. Nívea desenvolvera-se tarde e aos quinze anos ainda tinha corpo de menina e um rosto inocente, nada no seu aspecto revelava a força do seu carácter: de baixa estatura, gorduchinha, com grandes olhos escuros como único traço memorável, parecia insignificante até abrir a boca. Enquanto as suas irmãs ganhavam o céu lendo livros pios, ela lia às escondidas os artigos e livros que o seu primo Severo lhe passava por baixo da mesa e os clássicos que o seu tio José Francisco Vergara lhe emprestava. Quando quase ninguém falava disso no seu meio social, ela tirou da manga a ideia do sufrágio feminino. A primeira vez que o mencionou num almoço de família, em casa de dom Agustín del Valle, produziu-se uma explosão de horror. “Quando irão poder votar as mulheres e os pobres neste país?”, perguntou Nívea de repente, sem se lembrar que as crianças não abriam a boca na presença dos adultos.

O velho patriarca Del Valle deu um murro na mesa que fez voar os copos e ordenou-lhe que fosse confessar-se imediatamente. Nívea cumpriu silenciosa-mente a penitência imposta pelo padre e anotou no seu diário, com a paixão habitual, que não pensava descansar até conseguir direitos elemen-tares para as mulheres, mesmo que a expulsassem da família. Tivera a sorte de contar com uma professora excepcional, soror María Escapulario, uma freira com coração de leoa escondido sob o hábito, que já reparara na inteligência de Nívea. Diante daquela rapariga que absorvia tudo com avidez, que questionava o que ela nunca perguntara a si própria, que a desafiava com um raciocínio inesperado para a idade, e que parecia prestes a explodir de vitalidade e saúde dentro do seu uniforme horrendo, a freira sentia-se recompensada como professora. Nívea valia por si só o esforço de ter ensinado uma multidão de meninas ricas e pobres de espírito durante anos. Pelo carinho que lhe tinha, soror María Escapulario violava sistematicamente o regulamento do colégio, criado com o propósito específico de converter as alunas em criaturas dóceis. Mantinha com ela conversas que teriam horrorizado a madre superiora e o director espiritual do colégio.

- Quando eu tinha a tua idade só havia duas alternativas: casar ou entrar para um convento - disse soror María Escapulario.

- Por que escolheu a segunda, irmã?

- Porque me dava mais liberdade. Cristo é um marido tolerante...

- As mulheres estão fritas, irmã. Ter filhos e obedecer, mais nada - suspirou Nívea.

- Não é obrigatório ser assim. Tu podes mudar as coisas - replicou a freira.

- Eu sozinha?

- Sozinha não, há outras raparigas como tu, com dois dedos de cabeça. Li num jornal que agora há algumas mulheres que são médicas, imagina.

- Onde?

- Em Inglaterra.

- Isso fica muito longe.

- É verdade, mas se elas podem fazê-lo lá, algum dia será possível fazê-lo no Chile. Não desanimes, Nívea.

- O meu confessor diz que eu penso muito e rezo pouco, irmã.

- Deus deu-te um cérebro para usares; mas aviso-te que o caminho da rebelião está cheio de perigos e de dores, requer-se muita coragem para o percorrer. Não é de mais pedir que a DivinaProvidência te ajude um pouco... - aconselhou-a soror María Escapulario.

Tão firme chegou a ser a determinação de Nívea, que escreveu no seu diário ir renunciar ao casamento para se dedicar por completo à luta pelo sufrágio feminino. Ignorava que esse sacrifício não seria necessário, pois casar-se-ia por amor com um homem que a secundaria nos seus propósitos políticos.

Severo subiu para o barco com um ar ofendido para que os seus parentes não suspeitassem de como estava contente por ir embora do Chile - não fossem mudar de ideias - e dispôs-se a tirar o melhor proveito possível dessa aventura. Despediu-se da sua prima Nívea com um beijo roubado, depois de jurar que lhe enviaria livros interessantes através de um amigo, para evitar a censura da família, e que lhe escreveria todas as semanas. Ela resignara-se a uma separação de um ano, sem suspeitar que ele fizera planos para ficar nos Estados Unidos o máximo tempo possível. Severo não quis amargurar mais a despedida anunciando esses propósitos, depois explicá-lo-ia a Nívea por carta, decidiu. De qualquer forma eram ambos demasiado

jovens para se casarem. Viu-a de pé no molhe de Valparaíso, rodeada pelo resto da família, com o seu vestido e o seu gorro cor de azeitona, acenando-lhe com a mão e sorrindo a muito custo. “Não chora nem se queixa, por isso a amo e amá-la-ei sempre”, disse Severo em voz alta contra o vento, disposto a vencer as veleidades do seu coração e as tentações do mundo à força de tenacidade. “Virgem Santíssima, devolve-mo são e salvo”, suplicou Nívea, mordendo os lábios, vencida pelo amor, sem se lembrar que jurara permanecer celibatária até cumprir o seu dever de sufragista.

O jovem Del Valle manuseou a carta do seu avô Agustín desde Valparaíso até ao Panamá, louco para abri-la, mas sem se atrever a fazê-lo, porque lhe tinham inculcado a sangue e fogo que nenhum cavalheiro põe olho em carta alheia ou mão em dinheiro. Por fim, a curiosidade pôde mais do que o cavalheirismo - tratava-se do seu destino, pensou - e com a navalha da barba quebrou cuidadosamente o selo, depois expôs o sobrescrito ao vapor de uma chaleira e abriu-o com mil precauções. Dessa forma descobriu que os planos do avô incluíam mandá-lo para uma escola militar norte-americana. Era uma pena, acrescentava o avô, que o Chile não estivesse em guerra com algum país vizinho, para que o seu neto se tornasse um homem com as armas na mão, como era devido. Severo atirou a carta ao mar e escreveu outra nos seus próprios termos, colocu-a dentro do mesmo sobrescrito e verteu laca derretida sobre o selo partido. Em São Francisco a sua tia Paulina esperava-o no molhe acompanhada por dois lacaios e por Williams, o seu pomposo mordomo. Ia ataviada com um chapéu disparatado e uma profusão de véus esvoaçando ao vento que, não fosse ela tão pesada, a teriam levado pelos ares. Pôs-se a rir altíssimo quando viu o sobrinho descer pela prancha com o Cristo nos braços, depois apertou-o contra o seu peito de soprano, afogando-o com a montanha dos seus seios e com o seu perfume de gardénias.

- A primeira coisa a fazer é desfazermo-nos desta monstruosidade - disse apontando para o Cristo. - Também será preciso comprar-te roupa, ninguém anda nessa figura por estes lados - acrescentou.

- Este fato era do meu pai - esclareceu Severo, humilhado.

- Nota-se, pareces um coveiro - comentou Paulina e mal acabou de falar lembrou-se que o rapaz perdera o pai há pouco tempo. - Perdoa-me, Severo, não quis ofender-te. O teu pai era o meu irmão preferido, o único da família com quem se podia falar.

- Adaptaram alguns dos fatos dele, para não se estragarem - explicou Severo com um sopro de voz.

- Começámos mal. Desculpas-me?

- Está bem, tia.

À primeira oportunidade surgida, o jovem entregou-lhe a falsa carta do avô Agustín. Ela deu-lhe uma olhadela distraída.

- O que dizia a outra? - perguntou.

Com as orelhas a arder, Severo tentou negar o que fizera, mas ela não lhe deu tempo de se embaraçar em mentiras.

- Eu teria feito o mesmo, sobrinho. Quero saber o que dizia a carta do meu pai para poder responder-lhe, não para fazer-lhe caso.

- Quer que me mande para uma escola militar ou para a guerra, se houver alguma para estes lados.

- Chegas tarde, já houve. Mas agora estão a massacrar os índios, no caso de estares interessado. Não se defendem mal os índios; vê lá tu que acabaram de matar o general Custer e mais de duzentos soldados do Sétimo de Cavalaria em Wyoming. Não se fala de outra coisa. Dizem que um índio chamado Chuva na Cara, repara que nome tão poético, tinha jurado vingar-se do irmão do general Custer e que nessa batalha lhe arrancou o coração e o devorou. Ainda tens vontade de ser soldado? - riu-se entre dentes Paulina del Valle.

- Nunca quis ser militar, essas são ideias do avô Agustín.

- Na carta que falsificaste dizes que queres ser advogado, vejo que o conselho que te dei há anos não caiu em saco roto. Assim é que eu gosto, menino. As leis americanas não são como as chilenas, mas isso é o menos. Serás advogado. Entrarás como aprendiz no melhor escritório de advogados da Califórnia, para alguma coisa hão-de servir as minhas influências - garantiu Paulina.

- Ficarei em dívida para consigo pelo resto da minha vida, tia - disse Severo, impressionado.

- Está bem. Espero que não o esqueças, olha que a vida é longa e nunca se sabe quando terei necessidade de pedir-te um favor.

- Conte comigo, tia.

No dia seguinte, Paulina del Valle apresentou-se com Severo no escritório dos seus advogados, os mesmos que a tinham servido por mais de vinte e cinco anos ganhando enormes comissões, e anunciou-lhes sem preâmbulos

que esperava ver o seu sobrinho a trabalhar com eles a partir da segunda-feira seguinte para aprender o oficio. Não puderam recusar. A tia instalou o jovem em sua casa, num quarto soalheiro do segundo andar, comprou-lhe um bom cavalo, atribuiu-lhe uma mesada, arranjou-lhe um professor de inglês e tratou de apresentá-lo à sociedade, porque segundo ela não havia melhor capital do que os conhecimentos.

- Espero de ti duas coisas, fidelidade e bom humor.

- Não espera também que estude?

- Esse é um problema teu, rapazinho. O que fizeres com a tua vida não me diz respeito.

No entanto, nos meses seguintes Severo comprovou que Paulina seguia de perto os seus progressos na firma de advogados, estava a par das suas amizades, contabilizava os seus gastos e conhecia os seus passos mesmo antes de ele os dar. O que fazia para saber tanto, era um mistério, a menos que Williams, o impenetrável mordomo, tivesse organizado uma rede de vigilância. O homem dirigia um exército de criados, que efectuavam as suas tarefas como sombras silenciosas, viviam num edifício separado no fundo do parque da casa e estavam proibidos de dirigir a palavra aos senhores da família, excepto se fossem chamados. Também não podiam falar com o mordomo sem passar antes pela governanta. Severo teve dificuldades em entender aquelas hierarquias, porque as coisas no Chile eram muito mais simples. Os patrões, mesmo os mais déspotas como o seu avô, tratavam os seus empregados com dureza, mas atendiam às suas necessidades e consideravam-nos parte da família. Nunca viu despedirem uma criada; aquelas mulheres entravam para trabalhar lá em casa na puberdade e ficavam até à morte. O palacete em Nob Hill era muito diferente dos casarões conventuais nos quais decorrera a sua infância, de muros grossos de adobe e lúgubres portas aferrolhadas, com poucos móveis encostados às paredes despidas. Em casa da sua tia Paulina teria sido tarefa impossível fazer um inventário do seu conteúdo, desde as maçanetas e chaves das casas de banho em prata maciça, até às colecções de figurinhas de porcelana, caixas russas lacadas, marfins chineses, e quanto objecto de arte ou cobiça estivesse na moda. Feliciano Rodríguez de Santa Cruz comprava para impressionar as visitas, mas não era um bárbaro, como outros magnatas seus amigos que adquiriam livros a peso e quadros pela cor que combinava com os sofás. Por outro lado, Paulina não sentia qualquer apego por aqueles tesouros; o único

móvel que encomendara na sua vida fora a cama e fizera-o por razões que nada tinham a ver com a estética ou com a ostentação. O que lhe interessava era o dinheiro, pura e simplesmente; o seu desafio consistia em ganhá-lo com astúcia, acumulá-lo com tenacidade e investi-lo com sabedoria. Não prestava atenção às coisas que o seu marido adquiria nem onde as colocava e o resultado era um casarão ostentoso, onde os seus moradores se sentiam estrangeiros. Os quadros eram enormes, as molduras maciças, os temas intrépidos - Carlos Magno à conquista da Pérsia -, mas também havia centenas de quadros menores organizados por temas, que davam nome aos salões: a sala da caça, a das marinas, a das aguarelas. As cortinas eram de veludo pesado com franjas opressivas e os espelhos venezianos reflectiam até ao infinito as colunas de mármore, os altos jarrões de Sèvres, as estátuas de bronze, as urnas transbordantes de flores e frutas. Existiam duas salas de música com finos instrumentos italianos, embora naquela família ninguém soubesse utilizá-los e a Paulina a música provocasse dores de cabeça, e uma biblioteca de dois andares. Em cada canto havia cuspidouros de prata com as iniciais de ouro, porque naquela cidade fronteiriça era perfeitamente aceitável cuspir em público, Feliciano tinha os seus aposentos na ala oriental e a mulher tinha-as no mesmo andar, mas na outra extremidade da mansão. Entre ambas, unidas por um largo corredor, alinhavam-se os quartos dos filhos e dos hóspedes, todos vazios menos o de Severo e outro ocupado por Matías, o filho mais velho, o único que ainda vivia em casa. Severo del Valle, habituado à incomodidade e ao frio, que no Chile era considerado bom para a saúde, demorou várias semanas a acostumar-se ao abraço oprimente do colchão e das almofadas de penas, ao Verão eterno dos aquecedores e à surpresa quotidiana de abrir a torneira da casa de banho e deparar-se-lhe um jorro de água quente. Em casa do seu avô, as retretes eram casinhotos malcheirosos no fundo do pátio e nas madrugadas de Inverno a água para os banhos amanhecia congelada nas bacias.

A hora da sesta costumava surpreender o jovem sobrinho e a sua incomparável tia na cama mitológica, ela a meio dos lençóis, com os seus livros de contabilidade de um lado e os seus pastéis de outro, e ele sentado aos pés entre a náiade e o golfinho, comentando assuntos familiares e negócios. Só com Severo Paulina se permitia um tal grau de intimidade, muito poucos tinham acesso aos seus aposentos privados, mas com ele sentia-se totalmente à vontade em camisa de noite. Aquele sobrinho dava-lhe

alegrias que os seus filhos nunca lhe tinham dado. Os dois mais novos faziam vida de herdeiros, gozando de empregos simbólicos na direcção das empresas do clã, um em Londres e o outro em Bóston. Matías, o primogénito, estava destinado a encabeçar a estirpe dos Rodríguez de Santa Cruz y del Valle, mas não tinha a menor vocação para isso; longe de seguir os passos dos seus esforçados pais, de se interessar pelas suas empresas ou de pôr no mundo filhos varões para continuar o apelido, fizera do hedonismo e do celibato uma forma de arte. "Não passa de um tonto bem vestido", definiu-o Paulina uma vez diante de Severo, mas ao verificar como o filho e o sobrinho se davam bem, tentou com afinco facilitar essa amizade incipiente. "A minha mãe não dá ponto sem nó, deve estar a planear que me salves da dissipação", troçava Matías. Severo não pretendia responsabilizar-se pela tarefa de mudar o primo, pelo contrário, teria gostado de se parecer com ele; em comparação com o primo sentia-se empertigado e fúnebre. Em Matías tudo o assombrava: o seu estilo impecável, a sua ironia glacial, a ligeireza com que gastava dinheiro sem objecções.

- Quero que te familiarizes com os meus negócios. Esta é uma sociedade materialista e vulgar, com muito pouco respeito pelas mulheres. Aqui o que vale é a fortuna e os contactos, por isso preciso de ti: serás os meus olhos e os meus ouvidos - anunciou Paulina ao sobrinho, passados poucos meses sobre a sua chegada.

- Não entendo nada de negócios.

- Mas eu sim. Não te peço que penses, isso é comigo. Tu calas-te, observas, ouves e contas-me. Depois fazes o que eu te disser sem fazer muitas perguntas, fui clara?

- Não me peça que faça falcatruas, tia - replicou Severo com dignidade.

- Vejo que já ouviste alguns mexericos sobre mim... Olha, filho, as leis foram inventadas pelos fortes para dominar os fracos, que são muitos mais. Eu não tenho obrigação de respeitá-las. Preciso de um advogado de total confiança para fazer o que me dá na gana sem meter-me em complicações.

- De forma honrada, espero... - advertiu-a Severo.

- Ai, Menino! Assim não chegamos a lado nenhum. A tua honra estará a salvo, desde que não exageres - replicou Paulina.

Assim selaram um pacto tão forte como os laços de sangue que os uniam. Paulina, que o acolhera sem grandes expectativas, convencida de que era um vadio, única razão para o terem enviado do Chile, apanhou uma agradável

surpresa com aquele sobrinho esperto e de sentimentos nobres. Em poucos anos, Severo aprendeu a falar inglês com uma facilidade que mais ninguém na família tinha demonstrado, acabou por conhecer as empresas da tia como a palma da sua mão, atravessou duas vezes os Estados Unidos de comboio - uma delas amenizada por um ataque de bandoleiros mexicanos - e até teve tempo para se converter em advogado. Com a sua prima Nívea mantinha uma correspondência semanal que, com os anos, se foi definindo mais como intelectual do que romântica. Ela falava-lhe da família e da política chilena; ele comprava-lhe livros e recortava artigos sobre os avanços das sufragistas na Europa e nos Estados Unidos. A notícia de que fora apresentada ao Congresso norte-americano uma emenda para autorizar o voto feminino foi festejada por ambos à distância, embora estivessem de acordo que imaginar alguma coisa semelhante no Chile equivalia à demência. “O que ganho em estudar ou ler tanto, primo, se não há lugar para a acção na vida de uma mulher? Diz a minha mãe que será impossível casar-me porque afugento os homens, que me ponha bonita e feche a boca se quiser um marido. A família aplaude a menor demonstração de conhecimento nos meus irmãos - e digo menor porque já sabes como são brutos -, mas em mim considera-a jactância. O único que me tolera é o meu tio José Francisco, porque comigo tem oportunidade de falar de ciência, astronomia e política, temas sobre os quais gosta de discursar, embora as minhas opiniões não lhe interessem minimamente. Não imaginas como invejo os homens como tu, que têm o mundo por palco”, escrevia a jovem. O amor não ocupava mais de duas linhas nas cartas de Nívea e de duas palavras nas de Severo, como se tivessem o acordo tácito de esquecer as carícias intensas e apressadas pelos cantos. Duas vezes por ano, Nívea enviava-lhe uma fotografia, para que ele visse como se ia transformando em mulher, mas ele prometia fazê-lo e esquecia-se sempre, tal como se esquecia de lhe dizer que nesse Natal também não regressaria a casa. Outra mais apressada do que Nívea em casar-se teria afinado as antenas para descobrir um namorado menos escorregadio, mas ela nunca duvidou de que Severo del Valle seria seu marido. Era tal a sua certeza, que esta separação arrastada durante anos não a preocupava demasiado; estava disposta a esperar até ao fim dos tempos. Pelo seu lado, Severo guardava a lembrança da sua prima como símbolo de tudo o que era bom, nobre e puro.

O aspecto de Matías podia justificar a opinião da mãe de ser apenas um tonto bem-vestido, mas de tonto nada tinha. Tinha visitado todos os museus importantes da Europa, percebia de arte, podia declamar todos os poetas clássicos existentes e era o único que usava a biblioteca de casa. Cultivava o seu próprio estilo, mistura de boémio e de dandy; do primeiro tinha o hábito da vida nocturna e do segundo a mania dos pormenores no vestir. Era considerado o melhor partido de São Francisco, mas professava-se resolutamente solteiro; preferia uma conversa trivial com o pior dos seus inimigos, a um encontro com a mais atraente das suas apaixonadas. Com as mulheres a única coisa que tinha em comum era a procriação, um propósito já de si absurdo, dizia. Face aos estímulos da natureza preferia uma profissional, das muitas que existiam à mão. Não se concebia serão de cavalheiros que não acabasse com um brandy no bar e com uma visita a um bordel; havia mais de duzentas e cinquenta mil prostitutas no país e uma boa percentagem delas ganhava a vida em São Francisco, desde as miseráveis sing-song girls de Chinatown, até finas senhoritas dos estados do sul, lançadas na vida galante pela Guerra Civil. O jovem herdeiro, tão pouco permissivo com as debilidades femininas, fazia gala de paciência com a grosseria dos seus amigos boémios; era outra das suas singularidades, tal como o seu gosto pelos finos cigarros pretos, que encomendava ao Egipto, e pelos crimes literários e reais. Vivia no palacete paterno de Nob Hill e dispunha de um luxuoso andar em pleno centro, rematado por umas águas-furtadas espaçosas, a que chamava garçonnière, onde pintava de vez em quando e fazia festas com frequência. Misturava-se com o meio boémio, uns pobres diabos que sobreviviam mergu-lhados numa escassez estóica e irremediável, poetas, jornalistas, fotógrafos, aspirantes a escritores e artistas, homens sem família que passavam a vida adoentados, tossindo e conversando, viviam a crédito e não usavam relógio, porque o tempo não fora inventado para eles. Nas costas do aristocrata chileno troçavam das suas roupas e modos, mas toleravam-no porque podiam sempre recorrer a ele para alguns dólares, para um copo de whisky ou para um lugar nas águas-furtadas numa noite de neblina.

- Já reparaste que o Matías tem modos de maricas? - perguntou Paulina ao marido.

- Como é possível dizeres semelhante barbaridade do teu próprio filho! Nunca houve um desses na minha família ou na tua - respondeu Feliciano.

- Conheces algum homem normal que combine a cor do cachecol com o papel de parede? - bufou Paulina.

- Está bem, porra! És mãe dele e és tu quem tem de lhe procurar noiva! Esse rapaz já tem trinta anos e continua solteiro. Mais vale conseguires uma rapidamente, antes que se torne alcoólico, tuberculoso ou alguma coisa ainda pior - advertiu Feliciano, sem saber que já era tarde para recursos tíbios de salvação.

Numa dessas noites de borrasca gelada próprias do Verão em São Francisco, Williams, o mordomo de fraque, bateu à porta do quarto de Severo del Valle.

- Desculpe o incómodo, senhor - murmurou, pigarreando discretamente e entrando com um candelabro de três velas seguro pela sua mão enluvada.

- O que se passa, Williams? - perguntou Severo alarmado, porque era a primeira vez que alguém interrompia o seu sono naquela casa.

- Receio que haja um pequeno inconveniente. Trata-se do senhor Matías - disse Williams com aquela pomposa deferência britânica, desconhecida na Califórnia, e que soava sempre mais irónica do que respeitosa.

Explicou que a essa hora tardia tinha chegado lá a casa uma mensagem enviada por uma dama de reputação duvidosa, uma tal Amanda Lowell, que o menino costumava frequentar, gente de “outro ambiente”, como disse. Severo leu o bilhete à luz das velas: três linhas apenas pedindo ajuda imediata para Matías.

- Temos de avisar os meus tios, Matías pode ter sofrido um acidente - alarmou-se Severo del Valle.

- Repare na direcção, senhor, é em pleno Chinatown. Parece-me preferível os senhores não se inteirarem disto - aconselhou o mordomo.

- Olha! Pensei que você não tinha segredos para a minha tia Paulina.

- Tento evitar-lhe incómodos, senhor.

- O que sugere que façamos?

- Se não for pedir muito, que se vista, agarre nas suas armas e me acompanhe.

Williams tinha acordado um criado da cavalariça para que preparasse uma das carruagens, mas desejava manter o assunto o mais secreto possível e ele próprio agarrou nas rédeas dirigindo-se sem vacilar por ruas escuras e vazias rumo ao bairro chinês, guiado pelo instinto dos cavalos, porque o vento apagava a cada instante as lanternas do veículo. Severo teve a

impressão de que não era a primeira vez que o homem andava por aquelas ruelas. Rapida-mente abandonaram a carruagem e continuaram a pé por uma passagem que desembocava num pátio às escuras, onde imperava um cheiro estranho e adocicado, como de nozes tostadas. Não se via vivalma, não se ouvia outro som para além do vento e a única luz existente filtrava-se pelas frinchas de algumas janelinhas ao nível da rua. Williams acendeu um fósforo, leu mais uma vez a direcção no papel e empurrou depois sem cerimónias uma das portas que dava para o pátio. Severo, com a mão na arma, seguiu-o. Entraram num quarto pequeno, sem ventilação, mas limpo e arrumado, onde mal se conseguia respirar devido ao intenso aroma do ópio. Em volta de uma mesa central havia compartimentos de madeira, alinhados contra as paredes, uns por cima dos outros como os beliches de um barco, cobertos por uma esteira e com um pedaço de madeira escavado a fazer de almofada. Estavam ocupados por chineses, às vezes dois por cubículo, recostados de lado diante de pequenas bandejas que continham uma caixa com uma pasta preta e uma lamparina acesa. A noite já ia avançada e a droga já surtira efeito na maior parte dos clientes; os homens jaziam em letargo, deambulando nos seus sonhos, apenas dois ou três tinham ainda forças para untar uma varinha metálica no ópio, aquecê-lo na lamparina, encher o minúsculo dedal do cachimbo e aspirar através de um tubo de bambu.

- Meu Deus! - murmurou Severo, que ouvira falar disto, mas nunca vira de perto.

- É melhor do que o álcool, se me permite dizê-lo - replicou Williams. - Não induz à violência e não faz mal aos outros, só a quem fuma. Repare até que ponto isto é mais tranquilo e limpo do que qualquer bar.

Um chinês velho vestido com uma túnica e com umas calças largas de algodão veio ao encontro deles a coxear. Os olhinhos vermelhos mal conseguiam espreitar entre as rugas profundas da cara, tinha um bigode descaído e cinzento, como a trança frouxa que lhe pendia nas costas, todas as unhas, menos a do polegar e do indicador, eram tão compridas que se enrolavam sobre si próprias, como caudas de algum antigo molusco, a boca parecia um buraco negro e os poucos dentes que lhe restavam estavam escuros do tabaco e do ópio. Aquele bisavô cambaio dirigiu-se aos recém-chegados em chinês e perante um Severo surpreendido, o mordomo inglês respondeu-lhe com alguns latidos na mesma língua. Houve uma pausa bastante longa durante a

qual ninguém se mexeu. O chinês susteve o olhar de Williams, como se estivesse a estudá-lo e por fim estendeu a mão, onde o outro depositou vários dólares, que o velho guardou no peito sob a túnica, depois agarrou num coto de vela e fez-lhes sinais para que o seguissem. Passaram para uma segunda sala, depois para uma terceira e uma quarta, todas idênticas à primeira, andaram ao longo de um corredor sinuoso, desceram por umas escadas pequenas e encontraram-se noutro corredor. O guia fez-lhes sinais para esperarem e desapareceu por alguns minutos, que pareceram intermináveis. Severo, a suar, mantinha o dedo no gatilho da arma engatilhada, alerta e sem se atrever a dizer uma palavra. Por fim o bisavô voltou e conduziu-os por um labirinto até chegarem diante de uma porta fechada, que ficou a contemplar com uma atenção inusitada, como quem decifra um mapa, até Williams lhe passar mais alguns dólares e ele decidir-se a abri-la. Entraram num quarto ainda mais pequeno do que os outros, mais escuro, mais cheio de fumo e mais oprimente, porque estava abaixo do nível da rua e não tinha ventilação, mas idêntico em tudo o resto aos anteriores. Nos beliches de madeira estavam cinco americanos brancos, quatro homens e uma mulher madura, mas ainda esplêndida, com uma cascata de cabelo ruivo espalhado à sua volta como um manto escandaloso. A avaliar pelas roupas finas, eram pessoas de posses, Estavam todos no mesmo estado de feliz estupor, menos um quejazia de costas quase sem respirar, com a camisa rasgada, os braços abertos em cruz, a pele branca como cal e os olhos revirados para cima. Era Matías Rodríguez de Santa Cruz.

- Vamos, senhor, ajude-me - ordenou Williams a Severo del Valle.

Entre os dois levantaram-no com esforço, cada um passou um braço do homem inconsciente sobre o pescoço e dessa forma o levaram, como um crucificado, a cabeça pendente, o corpo lânguido, os pés a arrastar pelo chão de terra batida. Voltaram a fazer O longo caminho de volta pelos corredores estreitos e atravessaram um por um os quartos sufocantes, até se encontrarem de súbito ao ar livre, na pureza inaudita da noite, onde puderam respirar fundo, ansiosos, aturdidos. Instalaram Matías como puderam na carruagem e Williams levou-os à garfonnière cuja existência Severo supunha que o empregado da sua tia ignorava. Maior foi a sua surpresa quando Williams tirou uma chave, abriu a porta principal do edificio e depois, tirando outra, abriu a porta da mansarda.

- Esta não é a primeira vez que você resgata o meu primo, não é verdade, Williams?

- Digamos que não será a última - respondeu. Colocaram Matías em cima da cama que estava a um canto, atrás de um biombojaponês, e Severo começou a molhá-lo com panos húmidos e a sacudi-lo para que regressasse do céu onde estava instalado, enquanto Williams saía à procura do médico da família, depois de advertir que também não seria conveniente informar os tios do que acontecera.

- O meu primo pode morrer! - exclamou Severo, ainda trémulo.

- Nesse caso será preciso dizê-lo aos senhores - admitiu Williams com cortesia.

Matías esteve cinco dias debatendo-se com espasmos de agonia, envenenado até ao tutano. Williams levou um enfermeiro até às águas-furtadas para que cuidasse de Matías e arranjou-se de maneira a que a sua ausência não fosse motivo de alvoroço em casa.

Este incidente criou um vínculo estranho entre Severo e Williams, uma cumplicidade tácita que nunca se traduzia em gestos ou palavras. Com outro indivíduo menos hermético do que o mordomo, Severo teria ficado a pensar que partilhavam uma certa amizade ou que, pelo menos, simpatizavam um com o outro; mas em redor do inglês erguia-se uma impenetrável muralha de reserva. Começou a observá-lo. Tratava os empregados sob as suas ordens com a mesma cortesia impecável com que se dirigia aos patrões e conseguia assim atemorizá-los. Nada escapava à sua vigilância, nem o brilho dos talheres de prata lavrada nem os segredos de cada habitante daquela casa imensa. Era impossível calcular a sua idade ou origens, parecia ter parado eternamente na quarentena da sua vida e, excepto a pronúncia britânica, não havia indícios do seu passado. Trocava as luvas brancas trinta vezes por dia, o seu fato de tecido preto parecia sempre recém-engomado, a sua camisa alva do melhor linho holandês estava gomada como cartolina e os sapatos brilhavam como espelhos. Chupava pastilhas de menta para o hálito e usava água-de-colónia, mas fazia-o com tanta discrição, que a única vez que Severo se apercebeu do cheiro a hortelã e a lavanda foi quando se roçaram ao levantar Matías inconsciente no salão de fumo de ópio. Nesse momento reparou também nos seus músculos duros como madeira sob o casaco, nos tendões tensos do pescoço, na sua força e flexibilidade, nada que se adaptasse à atitude de lorde inglês arruinado desse homem.

Os primos Severo e Matías só tinham em comum as feições patrícias e o gosto pelo desporto e pela literatura, no resto nem pareciam ser do mesmo sangue; tão fidalgo, arrojado e ingénuo era o primeiro, como cínico, indolente e libertino o segundo, mas, apesar dos seus temperamentos opostos e dos anos que os separavam, fizeram amizade. Matías esmerou-se em ensinar esgrima a Severo, que carecia da elegância e da velocidade indispensáveis a essa arte, e em iniciá-lo nos prazeres de São Francisco, mas o jovem era um mau companheiro de borga porque adormecia de pé; passava catorze horas por dia a trabalhar no escritório de advogados e no tempo que lhe sobrava lia e estudava. Costumavam nadar nus na piscina de casa e desafiar-se em tor-neios de luta corpo a corpo. Dançavam um em redor do outro, na expectativa, preparando-se para o salto e agredindo-se por fim, brincando abraçados, rolando, até um deles conseguir submeter o outro, esmagando-o contra o chão. Ficavam molhados de suor, ofegantes, excitados. Severo afastava-se de um empurrão, desconcertado, como se o pugilato fosse um abraço inad-missível. Falavam de livros e comentavam os clássicos. Matías adorava poesia e quando estavam sozinhos declamava de memória, tão comovida pela beleza dos versos que as lágrimas lhe caíam pela cara. Também nessas alturas Severo ficava perturbado, porque a emoção intensa do outro lhe parecia uma forma de intimidade proibida entre homens. Vivia pendente dos avanços científicos e das viagens exploratórias, que comentava com Matías numa tentativa vã de o fazer interessar-se, mas as únicas notícias que conseguiam amolgar a armadura de indiferença do primo eram os crimes locais. Matías mantinha uma curiosa relação, baseada em litros de whisky, com Jacob Freemont, um jornalista velho e sem escrúpulos, sempre com pouco dinheiro, com quem partilhava o mesmo fascínio mórbido pelo delito. Freemont ainda conseguia publicar reportagens policiais nos jornais, mas perdera definitivamente a sua reputação há muitos anos, quando inventou a história de Joaquín Murieta, um suposto bandido mexicano do tempo da febre do ouro. Os seus artigos criaram uma personagem mítica, que exaltou o ódio da população branca contra os hispânicos. Para aplacar os ânimos, as autoridades ofereceram uma recompensa a um tal capitão Harry Love para este caçar Murieta. Depois de três meses percorrendo a Califórnia à sua procura, o capitão optou por uma solução expedita: matou sete mexicanos numa emboscada e regressou com uma cabeça e uma mão. Ninguém conseguiu identificar os despojos, mas a façanha de Love

tranquilizou os brancos. Os troféus macabros ainda estavam expostos num museu, embora por consenso se admitisse que Joaquín Murieta fora uma criação monstruosa da imprensa em geral e de Jacob Freemont em particular. Esse e outros episódios em que a pena falaz do jornalista baralhou a realidade, acabaram por atribuir-lhe ajusta fama de embusteiro e por fechar-lhe as portas. Graças à sua estranha ligação com Freemont, repórter de crimes. Matías conseguia ver as vítimas assassinadas antes de serem transportadas e podia presenciar as autópsias na morgue, espectáculos que repugnavam mas excitavam a sua sensibilidade. Dessas aventuras no submundo do crime saía bêbedo de horror, ia directamente para o banho turco, onde passava horas a suar o cheiro da morte agarrado à sua pele, fechando-se depois na sua garçonnière a pintar cenas desastrosas de gente despedaçada à facada.

- Que significa tudo isto? - perguntou Severo na primeira vez que viu os quadros dantescos.

- Não te fascina a ideia da morte? O homicídio é uma aventura tremenda e o suicídio é uma solução prática. Brinco com a ideia de ambos. Há algumas pessoas que merecem ser assassinadas, não achas? E quanto a mim, bom, primo, não penso morrer decrépito, prefiro pôr fim aos meus dias com o mesmo cuidado com que escolho os meus fatos, por isso estudo os crimes, para me treinar.

- Estás demente e além disso não tens talento - concluiu Severo.

- Não se requer talento para ser artista, só audácia. Ouviste falar dos impressionistas?

- Não, mas se é isto que pintam esses pobres diabos, não irão longe. Não podias encontrar um tema mais agradável? Uma rapariga bonita, por exemplo?

Matías, pôs-se a rir e anunciou-lhe que na quarta-feira estaria uma rapariga verdadeiramente bonita na sua garçonnière, a mais bela de São Francisco, de acordo com a aclamação popular, acrescentou. Era uma modelo que os seus amigos lutavam por imortalizar em barro, telas e fotografias, com a esperança adicional de fazer amor com ela. Faziam-se apostas para ver quem seria o primeiro mas, até ao momento, ninguém conseguira tocá-la sequer com uma mão.

- Sofre de um defeito detestável: a virtude. É a única virgem que resta na Califórnia, embora isso tenha uma cura fácil. Gostavas de a conhecer?

Foi assim que Severo del Valle voltou a ver Lynn Sommers. Até esse dia limitara-se a comprar em segredo postais com a sua imagem nas lojas para turistas e a escondê-los entre as páginas dos seus livros de leis, como um tesouro vergonhoso. Rondou muitas vezes arua da casa de chá na Praça da União para a ver de longe e levou a cabo indagações discretas através do cocheiro, que diariamente ia buscar os doces para a tia Paulina, mas nunca se atreveu a apresentar-se honradamente diante de Eliza Sommers; pedindo-lhe autorização para visitar a filha. Qualquer acção directa parecia-lhe uma traição irreparável a Nívea, a sua doce namorada de toda a vida; mas outra coisa seria encontrar-se com Lynn por acaso, decidiu, uma vez que neste caso seria uma partida da fatalidade e ninguém poderia censurá-lo por isso. Não lhe passou pela cabeça que a veria no estúdio do seu primo Matías em circunstâncias tão estranhas.

Lynn Sommers era o produto feliz de raças misturadas. Devia ter-se chamado Lin Chi'en, mas os pais decidiram anglicizar os nomes dos filhos e dar-lhes o apelido da mãe, Sommers, para lhes facilitar a vida nos Estados Unidos, onde os chineses eram tratados como cães. Ao mais velho chamaram Ebanizer, em honra de um antigo amigo do pai, mas tratavam-no por Lucky - felizardo - porque era o miúdo com mais sorte que se vira em Chinatown. à filha mais nova, nascida seis anos mais tarde, chamaram-na Lin, em homenagem à primeira mulher do pai, enterrada em Hong-Kong há muitos anos, mas ao registá-la fizeram-no com ortografia inglesa: Lynn. A primeira mulher de Tão Chi'en, que legou o nome à menina, foi uma criatura frágil de minúsculos pés vendados, adorada pelo marido e precocemente derrotada pela fraqueza. Eliza Sommers aprendeu a conviver com a lembrança pertinaz de Lin e acabou por considerá-la mais um membro da família, uma espécie de protectora invisível que velava pelo bem-estar da sua casa. Vinte anos antes, quando descobriu que estava grávida mais uma vez, rogou a Lin que a ajudasse a levar a gravidez até ao fim, porque já tinha sofrido várias perdas e não havia muitas esperanças da sua natureza esgotada conseguir reter a criança. Dessa forma o explicou Tão chi'en que, de cada uma das vezes pusera ao serviço da mulher os seus recursos de zhong-yi, além de a levar aos melhores especialistas eM medicina ocidental da Califórnia.

- Desta vez nascerá uma menina saudável - garantiu-lhe Eliza.
- Como sabes? - perguntou o marido.
- Porque o pedi a Lin.

Eliza acreditou sempre que a primeira mulher a apoiou durante a gravidez, lhe deu forças para dar à luz a filha e depois, como uma fada, se inclinou sobre o berço para oferecer ao bebé o dom da beleza. “Chamar-se-á Lin”, anunciou a mãe exausta quando pôde finalmente pegar na filha ao colo; mas Tão Chi’en assustou-se: não era boa ideia dar-lhe o nome de uma mulher que morrera tão jovem. Por fim decidiram mudar a ortografia para não tentar a sorte. “Pronuncia-se da mesma forma, é a única coisa que importa”, concluiu Eliza.

Pelo lado da mãe, Lynn Sommers, tinha sangue inglês e chileno, pelo do pai herdara genes dos chineses altos do norte. O avô de Tão Chi’en, um humilde curandeiro, tinha legado aos seus descendentes varões o seu conhecimento de plantas medicinais e esconjuros mágicos contra diversos males do corpo e do espírito. Tão Chi’en, o último nessa estirpe, enriqueceu a herança paterna treinando-se como zhong-yi ao lado de um sábio de Cantão e, mediante uma vida de estudo, não só da medicina tradicional chinesa, mas de tudo o que lhe vinha bater às mãos sobre a ciência médica do Ocidente. Tinha criado um sólido prestígio em São Francisco, consultavam-no médicos americanos e tinha uma clientela de várias raças, mas não lhe permitiam trabalhar nos hospitais e a sua prática estava limitada ao bairro chinês, onde comprou uma casa grande que servia de clínica no rés-do-chão e de residência no primeiro andar. A sua reputação protegia-o: ninguém interferia na sua actividade com as sing-song girls, como chamavam em Chinatown as patéticas escravas do tráfico sexual, todas meninas de poucos anos. Tao Chi’en tinha assumido a missão de resgatar dos bordéis todas as que conseguisse. Os tongs - bandos que controlavam, vigiavam e vendiam protecção na comunidade chinesa - sabiam que ele comprava as pequenas prostitutas para lhes dar uma nova oportunidade longe da Califórnia. Tinham-no ameaçado algumas vezes, mas não tomaram medidas mais drásticas porque mais cedo ou mais tarde qualquer um deles poderia precisar dos serviços do célebre zhong-yi. Enquanto Tão Chien não recorresse às autoridades americanas, agisse sem barulho e salvasse as raparigas uma a uma, num paciente trabalho de formiga, podiam tolerá-lo, porque não fazia mossa nos enormes lucros do negócio. A única pessoa que tratava Tão Chi’en como um perigo público era Ah Toy, a proxeneta de maior sucesso em São Francisco, dona de vários salões especializados em adolescentes asiáticas. Só ela importava centenas de raparigas por ano,

perante os olhos impassíveis dos funcionários yankees devidamente subornados. Ah Toy odiava Tão Chi'en e, tal como já dissera muitas vezes, preferia morrer a consultá-lo novamente. Fizera-o uma única vez, vencida pela tosse, mas nessa ocasião os dois compreenderam, sem necessidade de o formularem por palavras, que seriam inimigos mortais para sempre. Cada sing-song girl resgatada por Tão Chi'en era um espinho cravado sob as unhas de Ah Toy, mesmo que a rapariga não lhe pertencesse. Para ela, tal como para ele, aquela era uma questão de princípios.

Tão Chi'en levantava-se antes do amanhecer e ia até ao jardim, onde fazia os seus exercícios marciais para manter o corpo em forma e o espírito desanuviado. A seguir meditava durante meia hora e depois acendia o fogo para a chaleira. Acordava Eliza com um beijo e uma chávena de chá verde, que ela sorvia lentamente na cama. Esse momento era sagrado para os dois: a chávena de chá que bebiam juntos selava a noite que tinham partilhado num abraço apertado. O que acontecia entre eles atrás da porta fechada do seu quarto compensava todos os esforços do dia. O amor de ambos começou como uma doce amizade tecida subtilmente a meio de um emaranhado de obstáculos, desde a necessidade de se entenderem em inglês e de saltarem por cima dos preconceitos culturais e raciais, até à diferença de idade entre os dois. Viveram e trabalharam juntos sob o mesmo tecto durante mais de três anos antes de se atreverem a atravessar a fronteira invisível que os separava. Foi necessário que Eliza andasse aos círculos milhares de milhas numa viagem interminável perseguindo um amante hipotético que lhe fugia entre os dedos como uma sombra, que pelo caminho deixasse o seu passado e a sua inocência em farrapos, e que enfrentasse as suas obsessões diante da cabeça decapitada e macerada em genebra do lendário bandido Joaquín Murieta, para compreender que o seu destino estava junto de Tão Chi'en. O zhong-yi, pelo contrário, soube-o muito antes e esperou-a com a tenacidade silenciosa de um amor maduro.

Na noite em que Eliza se atreveu finalmente a percorrer os oito metros de corredor que separavam o seu quarto do de Tão Chi'en, as suas vidas mudaram por completo, como se um machado tivesse cortado o passado de raiz. A partir dessa noite ardente não houve a menor possibilidade ou tentação de voltar atrás, só o desafio de criar um espaço num mundo que não tolerava a mistura de raças. Eliza apareceu descalça, em camisa de noite, tacteando na sombra, empurrou a porta de Tão Chi'en certa de a encontrar

destrancada, porque adivinhava que ele a desejava tanto como ela o desejava a ele, mas apesar dessa certeza ia assustada diante da finalidade irreparável da sua decisão. Tinha hesitado muito em dar aquele passo, Porque o zhong-y- era seu protector, seu pai, seu irmão, seu melhor amigo, a sua única família nessa terra estranha. Receava perder tudo ao converter-se em sua amante; mas já estava diante do umbral e a ansiedade em tocá-lo pôde mais do que as argúcias da razão. Entrou no quarto e à luz de uma vela, que estava em cima da mesa, viu-o sentado com as pernas cruzadas em cima da cama, vestido com uma túnica e umas calças de algodão branco, esperando-a. Eliza não chegou a perguntar-lhe quantas noites ele teria passado assim, atento ao ruído dos seus passos no corredor, porque estava aturdida com a sua própria audácia, estremecendo de timidez e antecipação. Tao Chi'en não lhe deu tempo para retroceder. Foi ao encontro dela, abriu os braços e ela avançou às cegas até se esmagar contra o peito dele, afundando a cara para aspirar o odor tão conhecido daquele homem, um aroma salino de água do mar, com as duas mãos aferradas à sua túnica porque os joelhos lhe fraquejavam, enquanto um rio de explicações lhe brotava imparável dos lábios e se misturava com as palavras de amor em chinês que ele murmurava. Sentiu os braços que a levantavam do chão e a colocavam com suavidade em cima da cama, sentiu o hálito morno no seu pescoço e as mãos que a seguravam, então uma inquietação irreprimível apoderou-se dela e começou a tiritar, arrependida e assustada.

Desde que a sua mulher morrera em Hong-Kong, Tão Chi'en consolara-se de vez em quando com abraços precipitados de mulheres pagas. Não fazia amor, amando, há mais de seis anos, mas não permitiu que a pressa o agitasse. Percorrera tantas vezes o corpo de Eliza com o pensamento e conhecia-a tão bem, que foi como andar pelas suas depressões e pequenas colinas com um mapa. Ela julgava ter conhecido o amor nos braços do seu primeiro amante, mas a intimidade com Tão Chi'en pôs em evidência o tamanho da sua ignorância. A paixão que a transtornara aos dezasseis anos, pela qual atravessou meio mundo e arriscou várias vezes a vida, fora uma miragem que agora lhe parecia absurda; nessa altura apaixonara-se pelo amor, conformando-se com as migalhas que lhe dava um homem mais interessado em partir do que em ficar com ela.

Procurou-o durante quatro anos, convencida de que o jovem idealista que conhecera no Chile, se tinha convertido na Califórnia no bandido fantástico

chamado Joaquín Murieta. Durante esse tempo Tao Chi'en esperou-a com a sua proverbial tranquilidade, certo de que mais cedo ou mais tarde ela atravessaria o umbral que os separava. Calhou-lhe acompanhá-la quando exibiram a cabeça de Joaquín Murieta para diversão de americanos e escarmento de latinos. Julgou que Eliza não resistiria à visão daquele troféu repulsivo, mas ela postou-se diante do frasco onde repousava o suposto criminoso e olhou-o impassível, como se de uma couve de escabeche se tratasse, até ter a certeza absoluta de que não era o homem que perseguira durante anos. Na verdade a sua identidade era indiferente, porque na longa viagem seguindo a pista de um romance impossível, Eliza adquirira uma coisa tão preciosa como o amor: liberdade. "Já sou livre", foi tudo o que disse diante da cabeça. Tão Chi'en compreendeu que ela finalmente se desembaraçara do antigo amante, que lhe era indiferente este estar vivo ou ter morrido à procura de ouro nas franjas da Serra Nevada; em qualquer caso já não o procuraria mais e se o homem aparecesse algum dia, ela seria capaz de o ver na sua verdadeira dimensão. Tão Chi'en deu-lhe a mão e saíram da sinistra exposição. Lá fora respiraram o ar fresco e começaram a andar, dispostos a começar outra etapa das suas vidas.

A noite em que Eliza entrou no quarto de Tão Chi'en foi muito diferente dos abraços clandestinos e precipitados com o seu primeiro amante no Chile. Nessa noite descobriu algumas das múltiplas possibilidades do prazer e iniciou-se na profundidade de um amor que haveria de ser o único para o resto da sua vida. Com toda a calma Tão Chi'en foi despojando-a de camadas de receios acumulados e de recordações inúteis, foi acariciando-a com uma perseverança infatigável até ela ter deixado de tremer e abrir os olhos, até ter descontraído sob os seus dedos sábios, até a sentir ondular, abrir-se, iluminar-se; ouviu-a gemer, chamá-lo, rogar; viu-a rendida e húmida, disposta a entregar-se e a recebê-lo plenamente; até nenhum dos dois saber já onde estavam, nem quem eram, nem onde acabava ele e começava ela. Tão Chi'en conduziu-a para além do orgasmo, a uma dimensão misteriosa onde o amor e a morte são similares. Sentiram que os seus espíritos se expandiam, que os desejos e a memória desapareciam, que se abandonavam numa única imensa claridade. Abraçaram-se nesse espaço extraordinário reconhecendo-se, porque talvez tenham estado ali juntos em vidas anteriores e estariam novamente muito mais vezes em vidas futuras, como sugeriu Tão Chi'en. Eram amantes eternos, procurar-se e encontrar-se

sucessivamente era o seu karma, disse emocionado; mas Eliza replicou a rir que não era nada tão solene como o karma, mas simples vontade de fornicar, que em honra da verdade há uns quantos anos morria de vontade de o fazer com ele e esperava que de agora em diante a Tão não lhe faltasse o entusiasmo, porque esta seria a sua prioridade na vida. Retouçaram nessa noite e durante boa parte do dia seguinte, até a fome e a sede os obrigarem a sair do quarto a tropeçar, ébrios e felizes, sem soltarem as mãos com medo de acordarem de súbito e descobrirem que tinham andado perdidos numa alucinação.

A paixão que os unia desde aquela noite, e que alimentavam com um cuidado extraordinário, amparou-os e protegeu-os nos momentos inevitáveis de adversidade. Com o tempo essa paixão foi-se acomodando na ternura e no riso, deixaram de explorar as duzentas e vinte e duas maneiras de fazer amor porque três ou quatro eram suficientes e já não era necessário surpreende-rem-se mutuamente. Quanto mais se conheciam, mais simpatia partilhavam. Desde aquela primeira noite de amor dormiram num nó apertado, respirando o mesmo ar e sonhando os mesmos sonhos; mas as suas vidas não eram fáceis, tinham estado juntos durante quase trinta anos num mundo onde não havia lugar para um casal como eles. No decurso dos anos aquela pequena mulher branca e aquele chinês alto chegaram a ser uma visão familiar em Chinatown, mas nunca foram totalmente aceites. Aprenderam a não se tocar em público, a sentar-se separados no teatro e a andar pela rua com vários passos de distância. Em certos restaurantes e hotéis não podiam entrar juntos e quando foram a Inglaterra, ela para visitar a sua mãe adoptiva, Rose Sommers, e ele para fazer algumas conferências sobre acupunctura na Clínica Hobbs, não puderam fazê-lo na primeira classe do navio nem partilhar o camarote, embora ela escapulisse sigilosamente durante a noite para dormir com ele. Casaram-se discretamente pelo rito budista, mas a sua união carecia de valor legal. Lucky e Lynn foram registados como filhos ilegítimos reconhe-cidos pelo pai. Tão Chi'en tinha conseguido adquirir a cidadania depois de procedimentos infinitos e subornos, era um dos poucos que conseguiram dar a volta à Acta de Exclusão dos Chineses, outra das leis discriminatórias da Califórnia. A sua admiração e lealdade pela pátria adoptiva eram incondicionais, tal como o demonstrou na Guerra Civil, quando atravessou o continente para se apresentar como voluntário na frente e trabalhar como ajudante dos médicos yankees durante os quatro anos do

conflito, mas sentia-se profundamente estrangeiro e desejava que, embora toda a sua vida decorresse na América, o seu corpo fosse enterrado em Hong-Kong,

A família de Eliza Sommers e de Tão Chi'en morava numa casa espaçosa e confortável, mais sólida e mais bem construída do que as restantes casas de Chinatown. à sua volta falava-se principalmente cantonês e tudo, da comida aos jornais, era chinês. A vários quarteirões de distância ficava La Misión, o bairro hispânico, onde Eliza Sommers costumava deambular pelo prazer de falar castelhano, mas o seu dia decorria entre americanos nas imediações da Praça da União onde ficava a sua elegante casa de chá. Com os seus bolos ela contribuíra desde o início para o sustento da família, porque uma boa parte das receitas de Tão Chi'en acabavam em mãos alheias: o que não se destinava a ajudar os pobres peões chineses em tempos de doença ou desgraça, podia acabar nos leilões clandestinos de meninas escravas. Salvar aquelas criaturas de uma vida de ignomínia passara a ser a missão sagrada de Tão Chi'en, assim o entendeu Eliza Sommers desde o começo e aceitou isso como outra característica do seu marido, outra das muitas razões pelas quais o amava. Montou o seu negócio de bolos para não o afligir com pedidos de dinheiro; precisava de independência para dar aos seus filhos a melhor educação americana, pois desejava que se integrassem totalmente nos Estados Unidos e vivessem sem as limitações impostas aos chineses ou aos hispanos. Com Lynn conseguiu-o, mas com Lucky os seus planos fracassaram, porque o rapaz tinha orgulho na sua origem e não pretendia sair de Chinatown.

Lynn adorava o pai - impossível não amar aquele homem doce e generoso -, mas envergonhava-se da sua raça. Apercebeu-se muito jovem de que o único lugar para os chineses era o seu bairro, no resto da cidade eram detestados. O desporto favorito dos rapazes brancos era apedrejar celestiais ou cortar-lhes a trança depois de os moerem de pancada. Tal como a mãe, Lynn vivia com um pé na China e outro nos Estados Unidos, as duas falavam apenas em inglês e penteavam-se e vestiam-se à moda americana, embora dentro de casa costumassem usar túnica e calças de seda. Lynn pouco tinha do pai, excepto os ossos compridos e os olhos orientais, e menos ainda da mãe; ninguém sabia de onde surgira a sua rara beleza. Nunca a deixaram brincar na rua, como fazia o seu irmão Lucky, porque em Chinatown as mulheres e as meninas de famílias abastadas viviam totalmente reclusas. Nas

raras ocasiões em que andava pelo bairro, ia de mão dada com o pai e com os olhos cravados no chão, para não provocar a multidão quase inteiramente masculina. Ambos chamavam a atenção, ela pela sua beleza e ele Porque se vestia como Yankee. Tão Chi'en tinha renunciado há anos à típica trança da sua raça e usava o cabelo curto puxado para trás com fixador, um fato preto impecável, camisa de colarinho duro e cartola. Fora de Chinatown, no entanto, Lynn circulava completamente livre, como qualquer rapariga branca. Educou-se numa escola presbiteriana, onde aprendeu os rudimentos do cristianismo, que unidos às práticas budistas do pai, acabaram por convencê-la de que Cristo era a reencarnação de Buda. Ia sozinha às compras, às suas aulas de piano e visitar as suas amigas do colégio, à tarde instalava-se na casa de chá da mãe, onde fazia os trabalhos escolares e se entretinha relendo os romances românticos que comprava por dez centavos ou que a sua tia-avó Rose lhe enviava de Londres. Foram inúteis os esforços de Eliza Sommers em fazê-la interessar-se pela cozinha ou por qualquer outra tarefa doméstica: a sua filha não parecia feita para os trabalhos quotidianos.

Com o crescimento, Lynn manteve o seu rosto de anjo forasteiro e o corpo encheu-se-lhe de curvas perturbadoras. Durante anos tinham circulado fotografias suas sem grandes consequências, mas tudo mudou quando aos quinze anos lhe apareceram as suas formas definitivas e adquiriu consciência da atracção devastadora que exercia sobre os homens. A mãe, aterrada com as consequências desse poder tremendo, tentou dominar o impulso de sedução da filha, repisando normas de modéstia e ensinando-a a andar como um soldado, sem mexer os ombros nem as ancas, mas foi tudo inútil: os varões de qualquer idade, raça e condição voltavam-se para admirá-la. Ao compreender as vantagens da sua beleza, Lynn deixou de amaldiçoá-la, como fazia em pequena e decidiu que seria modelo de artistas por algum tempo, até aparecer um príncipe sobre um cavalo alado para a levar à dita matrimonial. Os pais tinham tolerado durante a infância as fotografias de fadas e baloiços como um capricho inocente, mas consideravam um risco enorme mostrar diante das câmaras o seu novo porte de mulher. "Isso de posar não é um ofício decente, mas pura perdição", determinou Eliza Sommers tristemente, porque se deu conta de que não conseguiria dissuadir a filha das suas fantasias nem protegê-la da armadilha da beleza. Falou das suas inquietações a Tão Chi'en, num daqueles momentos perfeitos em que

descansavam depois de fazerem amor, e ele explicou-lhe que cada um tem o seu karma, não é possível dirigir as vidas alheias, só emendar às vezes o rumo da própria; mas Eliza não estava disposta a permitir que a desgraça a apanhasse distraída. Acompanhara sempre Lynn quando esta posava para os fotógrafos, cuidando da decência - nada de pernas nuas com pretextos artísticos -, e agora que a rapariga tinha dezanove anos, estava disposta a duplicar o seu zelo.

- Há um pintor que anda atrás de Lynn. Quer que ela pose para um quadro de Salomé - anunciou um dia ao marido.

- De quem? - perguntou Tão Chi'en quase sem erguer a vista da Enciclopédia de Medicina.

- Salomé, a dos sete véus, Tão. Lê a Bíblia.

- Se é da Bíblia deve estar bem, suponho - murmurou ele distraído.

- Sabes como era a moda nos tempos de São João Baptista? Se me descuidar pintarão a tua filha com os seios de fora!

- Então não te descuides - sorriu Tão abraçando a mulher pela cintura, sentando-a sobre o calhamaço que tinha sobre os joelhos e advertindo-a que não se deixasse amedrontar pelas partidas da imaginação.

- Ai, Tão! O que vamos fazer com Lynn?

- Nada, Eliza, depressa se casará e nos dará netos.

- É ainda uma menina!

- Na China já estaria velha para arranjar noivo.

- Estamos na América e não se casará com um chinês - determinou ela.

- Porquê? Não gostas dos chineses? - troçou o zhong-yi.

- Não há outro homem como tu neste mundo, Tão, mas acho que Lynn se casará com um branco.

- Os americanos não sabem fazer amor, segundo me contam.

- Talvez tu possas ensinar-lhes - ruborizou-se Eliza, com o nariz no pescoço do marido.

Lynn posou para o quadro de Salomé com uma malha de seda cor de carne debaixo dos véus, diante do olhar infatigável da mãe, mas Eliza Sommers não pôde bater o pé com a mesma firmeza quando ofereceram à sua filha a honra enorme de servir de modelo para a estátua da República, que se erigiria no centro da Praça da União. A campanha de angariação de fundos durara meses, as pessoas contribuíam com o que podiam, os estudantes com

alguns centavos, as viúvas com alguns dólares e os magnatas como Feliciano Rodríguez de Santa Cruz com cheques suculentos. Os jornais publicavam diariamente a soma atingida no dia anterior, até se ter conseguido juntar o suficiente para encomendar o monumento a um famoso escultor trazido especialmente de Filadélfia para aquele projecto ambicioso. As famílias mais distintas da cidade competiam em festas e bailes para dar ao artista oportuni-dade de escolher as suas filhas; já se sabia que a modelo da República seria o símbolo de São Francisco e todas as jovens aspiravam a semelhante distinção. O escultor, homem moderno e de ideias atrevidas, procurou a rapariga ideal durante semanas, mas nenhuma o satisfez. Para representar a pujante nação americana, formada por imigrantes corajosos vindos dos quatro pontos cardeais, desejava alguém de raças misturadas, anunciou. Os financiadores do projecto e as autoridades da cidade horrorizaram-se; os brancos não conseguiam imaginar que gente de outra cor fosse totalmente humana e ninguém quis ouvir falar de uma mulata presidindo à cidade empoleirada no obelisco da Praça da União, como pretendia aquele homem. A Califórnia estava na vanguarda em matéria de arte, consideravam os jornais, mas isso da mulata era exigir de mais. O escultor estava prestes a sucumbir à pressão e optar por uma descendente de dinamarqueses, quando entrou por acaso na pastelaria de Eliza Sommers, disposto a consolar-se com um éclair de chocolate, e viu Lynn. Era a mulher que tanto procurara para a sua estátua: alta, bem feita, de ossos perfeitos, não tinha apenas a dignidade de uma impe-ratriz e um rosto de feições clássicas, tinha também a marca exótica que ele desejava. Nela havia mais do que harmonia, algo singular, uma mistura de oriente e ocidente, de sensualidade e de inocência, de força e de delicadeza, que o seduziu completamente. Quando informou a mãe que elegera a sua filha para modelo, convencido de que estaria a dar uma honra enorme àquela modesta família de pasteleiros, deparou-se-lhe uma firme resistência. Eliza Sommers estava farta de perder o seu tempo a vigiar Lynn nos estúdios dos fotógrafos, cuja única tarefa consistia em apertar um botão com o dedo. A ideia de o fazer perante aquele homenzinho que planeava uma estátua em bronze de vários metros de altura era-lhe desesperante; mas Lynn estava tão orgulhosa diante da perspectiva de ser A República, que não teve coragem de recusar. O escultor viu-se num aperto para convencer a mãe que uma túnica leve era a roupa apropriada neste caso, porque ela não via a relação entre a república norte-americana e o vestuário

dos gregos, mas finalmente acorda-ram que Lynn posaria com pernas e braços nus, mas com os seios cobertos.

Lynn vivia alheia às preocupações da mãe para cuidar da sua virtude, perdida no seu mundo de fantasias românticas. Excepto pelo seu aspecto físico inquietante, não sobressaía em nada; era uma jovem comum e corrente, que copiava versos em cadernos de páginas cor-de-rosa e coleccionava miniaturas de porcelana. A sua languidez não era elegância, mas preguiça e a sua melancolia não era mistério, mas vacuidade. “Deixem-na em paz, enquanto eu viver, nada faltará a Lynn”, prometera Lucky muitas vezes porque, de facto, fora o único a perceber até que ponto a sua irmã era tonta.

Lucky, vários anos mais velho do que Lynn, era um chinês puro. Excepto nas raras ocasiões em que tinha de tratar de alguma questão legal ou que tinha de tirar fotografias, vestia-se com uma túnica, calças largas, uma faixa na cintura e chinelas de sola de madeira, mas sempre com chapéu de cowboy. Não tinha a figura distinta do pai, a delicadeza da mãe ou a beleza da irmã; era baixo, de pernas curtas, com a cabeça quadrada e a pele esverdeada, no entanto tornava-se atraente devido ao seu sorriso, irresistível e ao seu optimismo contagioso, que provinha da certeza de estar marcado pela sorte. Nada de mau poderia acontecer-lhe, pensava, tinha a felicidade e a fortuna garantidas por nascimento. Tinha descoberto este dom aos nove anos, jogando fan-tan na rua com outros rapazes; nesse dia chegou a casa anunciando que a partir desse momento o seu nome seria Lucky - em vez de Ebanizer - e não voltou a responder a quem o chamasse por outro nome. A sorte seguiu-o por toda a parte, ganhava em todos os jogos de azar que existiam e embora fosse traquinas e atrevido, nunca teve problemas com os tongs ou com as autori-dades dos brancos. Até os polícias irlandeses sucumbiam à sua simpatia e enquanto os seus amigos recebiam pauladas, ele escapava das confusões com uma piada ou com um truque de magia, dos muitos que conseguia efectuar com as suas prodigiosas mãos de malabarista. Tão Chi’en não conseguia resignar-se à cabeça de vento do seu único filho e amaldiçoava aquela boa estrela que o permitia fugir aos esforços do comum dos mortais. Não era felicidade o que desejava para ele mas transcendência. Angustiava-o vê-lo passar por este mundo como um pássaro contente, porque com aquela atitude o seu karma ia estragar-se - Acreditava que a alma avança em direcção ao céu através da compaixão e do sofrimento, vencendo

com nobreza e generosidade os obstáculos, mas se o caminho de Lucky fosse sempre fácil, como iria superar-se? Receava que no futuro reencarnasse nalgum animal imundo. Tão Chi'en pretendia que o seu primogénito, que deveria ajudá-lo na velhice e honrar a sua memória depois da sua morte, continuasse a nobre tradição familiar de curar, sonhava mesmo, vê-lo convertido no primeiro médico sino-americano com diploma; mas Lucky sentia horror Pelos xaropes malcheirosos e pelas agulhas de acupunctura, nada o repugnava tanto como as doenças alheias e não conseguia entender o prazer do seu pai diante de uma bexiga inflamada ou de uma cara salpicada de pústulas. Até fazer dezasseis anos e lançar-se à rua, teve de assistir a Tão Chi'en no consultório, onde este lhe repisava os nomes dos remédios e as suas aplicações e tentava ensinar-lhe a arte indefinível de medir o pulso, equilibrar a energia e identificar humores, subtilezas que ao jovem entravam por um ouvido e saíam por outro, mas que pelo menos não o traumatizavam, como os textos científicos de medicina oci-dental que o pai estudava com afinco. As ilustrações de corpos sem pele, com músculos, veias e ossos à vista, mas com cuecas, bem como as operações cirúrgicas descritas com os pormenores mais cruéis, horrorizavam-no. Não lhe faltavam pretextos para se afastar do consultório, mas estava sempre dispo-nível quando se tratava de esconder alguma das desgraçadas sing-song girls, que o pai costumava levar para casa. Essa actividade secreta e perigosa fora feita à sua medida. Ninguém melhor do que ele para transportar as rapariguinhas exânimes debaixo do nariz dos tongs, ninguém mais hábil para as fazer escapar do bairro assim que recuperavam um pouco, ninguém mais engenhoso para as fazer desaparecer para sempre nos quatro ventos da liber-dade. Não o fazia vencido pela compaixão, como Tão Chi'en, mas exaltado pelo afã de tourear o risco e pôr à prova a sua sorte.

Antes de completar os dezanove anos Lynn Sommers já tinha recusado vários pretendentes e estava habituada às homenagens masculinas, que recebia com desdém de rainha, pois nenhum dos seus admiradores correspondia à sua imagem do príncipe romântico, nenhum dizia as palavras que a sua tia-avó Rose Sommers escrevia nos seus romances, a todos os julgava vulgares, indignos dela. Julgou encontrar o destino sublime a que tinha direito quando conheceu o único homem que não olhou para ela duas vezes, Matías Rodríguez de Santa Cruz. Vira-o de longe algumas vezes, na rua ou na carruagem com Paulina del Valle, mas não tinham trocado uma

palavra, ele era bastante mais velho, vivia em círculos onde Lynn não tinha acesso e se não fosse pela estátua da República talvez nunca se tivessem encontrado.

Com o pretexto de fiscalizar o dispendioso projecto, marcavam encontro no estúdio do escultor os políticos e magnatas que contribuíram para financiar a estátua. O artista era amante da glória e da boa vida; enquanto trabalhava, aparentemente absorto na base do molde para onde seria vazado o bronze, desfrutava da vigorosa companhia masculina, das garrafas de champanhe, das ostras frescas e dos bons charutos trazidos pelas visitas. Em cima de um estrado, iluminada por uma clarabóia no tecto por onde entrava a luz natural, Lynn Sommers equilibrava-se na ponta dos pés com os braços ao alto, numa posição impossível de manter por mais de alguns minutos, com uma coroa de louro numa mão e um pergaminho com a constituição americana na outra, vestida com uma ligeira túnica plissada que lhe pendia de um ombro até aos joelhos, revelando o corpo tanto como o cobria. São Francisco era um bom mercado para o nu feminino; todos os bares expunham quadros de rotundas odaliscas, fotografias de cortesãs com o traseiro de fora e frescos de gesso com ninfas perseguidas por sátiros incansáveis; uma modelo totalmente nua teria provocado menos curiosidade do que aquela rapariga que recusava tirar a roupa e não se separava do olhar atento da mãe, Eliza Sommers que, vestida de escuro, sentada muito tesa numa cadeira ao pé do estrado onde a filha posava, vigiava sem aceitar nem as ostras nem o champanhe com que tentavam distraí-la. Aqueles velhadas apareciam motivados pela luxúria, não por amor à arte, isso era claro como água. Não dispunha de poder para impedir a sua presença mas, pelo menos, podia certificar-se de que a sua filha não aceitava convites e, dentro do possível, não ria das graças nem respondia às perguntas desatinadas. “Não há nada grátis neste mundo. Por essas bagatelas pagarás um preço muito caro”, avisava-a quando a filha amuava por ser obrigada a recusar uma oferta. Posar para a estátua acabou por ser um processo eterno e maçador que deixava Lynn com cãibras nas pernas e entumecida de frio. Estávamos nos primeiros dias de Janeiro e os aquecedores nos cantos não conseguiam aquecer aquele recinto de tectos altos, atravessado por correntes de ar. O escultor trabalhava de sobretudo vestido e com uma lentidão desesperante, desfazendo hoje o que fizera no dia anterior, como se não tivesse uma ideia concreta, apesar das centenas de esboços da República colados nas paredes.

Numa terça-feira aziaga apareceu Feliciano Rodríguez de Santa Cruz com o filho Matías. Soubera da notícia da modelo exótica, queria conhecê-la antes de erigirem o monumento na praça, antes que o nome dela saísse no diário e a rapariga se convertesse numa presa inacessível, no caso hipotético de o monumento chegar a ser inaugurado. Ao passo a que ia, podia acontecer que antes de o vazarem em bronze os opositores do projecto ganhassem a batalha e tudo se desfizesse em nada; havia muita gente inconformada com a ideia de uma república que não fosse anglo-saxã. O velho coração de trapaceiro de Feliciano ainda se agitava com o cheiro da conquista, por isso estava ali. Tinha mais de sessenta anos, mas o facto de a modelo ainda não ter vinte não lhe parecia um obstáculo intransponível; estava convencido de que havia muito poucas coisas que o dinheiro não comprasse. Bastou-lhe um instante para avaliar a situação ao ver Lynn sobre o estrado, tão jovem e vulnerável, tiritando sob a sua túnica indecente, e o estúdio cheio de machos dispostos a devorá-la; mas não foi compaixão pela rapariga ou receio da concorrência entre antropófagos o que deteve o seu impulso inicial de conquistá-la, mas Eliza Sommers. Reconheceu-a imediatamente, apesar de a ter visto muito poucas vezes. Não suspeitava de que a modelo de quem ouvira tantos comentários, fosse filha de uma amiga da sua mulher.

Lynn Sommers não reparou na presença de Matías até meia hora mais tarde, quando o escultor deu por terminada a sessão e ela pôde livrar-se da coroa de louros e do pergaminho e descer do estrado. A mãe colocou-lhe uma manta nos ombros e serviu-lhe uma chávena de chocolate, conduzindo-a para trás do biombo onde devia vestir-se. Matías estava ao pé da janela a observar a rua, ensimesmado; os seus olhos eram os únicos que nesse momento não estavam cravados nela. Lynn reparou imediatamente na beleza viril, na juventude e na boa cepa daquele homem, na sua roupa requintada, no seu porte altivo, na madeixa de cabelo castanho caindo-lhe num desalinho estudado sobre a testa, nas mãos perfeitas com anéis de ouro nos dedos mindinhos. Espantada por se ver assim ignorada, fingiu tropeçar para chamar a sua atenção. Várias mãos se apressaram a segurá-la, menos as do dandy da janela, que apenas a varreu com o olhar, totalmente indiferente, como se ela fizesse parte do mobiliário. E então Lynn, com a imaginação a galope, decidiu, sem ter qualquer razão à qual aferrar-se, que aquele homem era o galã anunciado durante anos nos romances de amor: tinha encontrado

finalmente o seu destino. Ao vestir-se atrás do biombo tinha os mamilos duros como pedrinhas.

A indiferença de Matías não era simulada, de facto não reparou na jovem, estava ali por motivos muito distantes da concupiscência: tinha de falar de dinheiro com o pai e não arranjou outra ocasião para o fazer. Estava com a água pelo pescoço e precisava de imediato de um cheque para cobrir as suas dívidas numa casa de jogo de Chinatown. O pai avisara-o de que não pensava continuar a financiar essas diversões e, se não fosse um assunto de vida ou de morte, como lhe tinham dado claramente a entender os seus credores, tinha-se arranjado de maneira a ir arrancando aos poucos o necessário à sua mãe. Nesta altura, no entanto, os celestiais não estavam dispostos a esperar e Matías supôs acertadamente que a visita ao escultor poria o seu pai de bom humor e seria fácil obter o que pretendia dele. Foi vários dias mais tarde, numa pândega com os amigos boémios, que se inteirou ter estado na presença de Lynn Sommers, a jovem mais cobiçada do momento. Teve de fazer um esforço para se lembrar dela e chegou a perguntar a si próprio se seria capaz de a reconhecer caso a visse na rua. Quando surgiram as apostas sobre quem seria o primeiro a seduzi-la, inscreveu-se por inércia e depois, com a sua insolência habitual, anunciou que o faria em três etapas. A primeira, disse, seria conseguir que fosse à garçonnière sozinha para apresentá-la aos seus compinchas, a segunda seria convencê-la a posar nua diante deles, e a terceira fazer amor com ela, tudo no prazo de um mês. Quando convidou o seu primo Severo del Valle a conhecer a mulher mais bonita de São Francisco na tarde de quarta-feira, estava a cumprir a primeira parte da aposta. Tinha sido fácil chamar Lynn com um sinal discreto pela janela da casa de chá da mãe, esperá-la na esquina quando ela saiu com algum pretexto inventado, andar ao seu lado alguns quarteirões, dizer-lhe alguns piropos, que teriam provocado a hilaridade de uma mulher com mais experiência, e marcar encontro com ela no seu estúdio pedindo-lhe que comparecesse sozinha. Sentiu-se frustrado porque supôs que o desafio seria mais interessante. Antes da quarta-feira do encontro nem sequer teve de esmerar-se demasiado em seduzi-la, bastaram alguns olhares lânguidos, um roçar de lábios na face, uns murmúrios e frases batidas ao ouvido, para desarmar a rapariguinha que estremecia à sua frente, pronta para o amor. Para Matías aquele desejo feminino de entregar-se e de sofrer era patético, justamente o que mais detestava nas mulheres, por isso se

dava tão bem com Amanda Lowell, que partilhava da sua mesma atitude de desfaçatez face aos sentimentos e de reverência face ao prazer. Lynn, hipnotizada como um rato diante de uma cobra, tinha por fim um destinatário para a arte florida dos bilhetes de amor e para as suas imagens de donzelas melancólicas e galãs de cabelo esticado. Não suspeitava que Matías partilhava essas missivas românticas com os seus amigalhaços. Quando Matías as quis mostrar a Severo del Valle, este recusou. Ignorava ainda que eram enviadas por Lynn Sommers, mas a ideia de estarem a troçar do enamoramento de uma jovem ingénua repugnava-o. “Pelos vistos continuas a ser um cavalheiro, primo, mas não te preocupes, isso cura-se tão facilmente como a virgindade”, comentou Matías.

Severo del Valle aceitou o convite do primo nessa quarta-feira memorável para conhecer a mulher mais bonita de São Francisco, como este lhe anunciara, e viu-se perante o facto de não ser o único convocado para a ocasião; havia pelo menos meia dúzia de boémios bebendo e fumando na garçonnière e a mesma mulher de cabelo ruivo que vira por alguns segundos há alguns anos atrás, quando fora com Williams resgatar Matías a um fumadouro de ópio. Sabia de quem se tratava, porque o primo lhe falara dela e o nome dela circulava no mundo dos espectáculos frívolos e da vida nocturna. Era Amanda Lowell, grande amiga de Matías, com quem costumava troçar em coro do escândalo que desencadeara nos tempos em que era a amante de Feliciano Rodríguez de Santa Cruz. Matías prometera-lhe que à morte dos pais lhe ofereceria a cama de Neptuno que Paulina del Valle encomendara de Florença por despeito. Da vocação de cortesã pouco restava à Lowell, na sua maturidade descobrira quão petulante e maçadora é a maior parte dos homens, mas com Matías sentia uma afinidade profunda, apesar das suas diferenças fundamentais. Nessa quarta-feira manteve-se afastada, reclinada num sofá, bebendo champanhe, consciente de que por uma vez o centro das atenções não era ela. Tinha sido convidada para que Lynn Sommers não se encontrasse só entre homens no primeiro encontro, porque poderia retroceder intimidada.

Passados poucos minutos bateram à porta e apareceu a famosa modelo da República envolta numa pesada capa de lã com um capuz na cabeça. Ao tirar o manto viram um rosto virginal coroado por um cabelo preto partido ao meio e penteado para trás num carrapito simples. Severo del Valle sentiu que o coração lhe dava um salto e todo o sangue se concentrava na cabeça,

retumbando-lhe nas fontes como um tambor de regimento. Nunca imaginou que a vítima da aposta do primo fosse Lynn Sommers. Não conseguiu dizer uma palavra, nem sequer cumprimentá-la como faziam os restantes; retrocedeu até a um canto e permaneceu aí durante a hora que durou a visita da jovem, com o olhar fixo nela, paralisado de angústia. Não tinha quaisquer dúvidas sobre o desfecho da aposta daquele grupo de homens. Viu Lynn Sommers como um cordeiro sobre a pedra do sacrifício, ignorante da sua sorte. Uma vaga de ódio contra Matías e os seus sequazes subiu-lhe desde os pés, misturada com uma raiva surda contra Lynn. Não conseguia compreender como a rapariga não se apercebia do que estava a acontecer, como não via a armadilha daqueles elogios de sentido duplo, do copo de champanhe que lhe enchiam sem parar, da perfeita rosa vermelha que Matías lhe prendia no cabelo, tudo tão previsível e vulgar que dava náuseas. "Deve ser uma tonta irremediável", pensou enojado com ela tanto como com os restantes, mas derrotado por um amor incontestável que durante anos estivera à espera da oportunidade de germinar e que agora explodia, aturdindo-o.

- Aconteceu-te alguma coisa, primo? - perguntou Matías trocista, entregando-lhe um copo.

Não conseguiu responder e teve de voltar a cara para disfarçar os seus instintos assassinos, mas o outro adivinhara os seus sentimentos e dispôs-se a levar a troça mais longe. Quando Lynn Sommers anunciou que tinha de se ir embora, depois de prometer que regressaria na semana seguinte para posar diante das câmaras daqueles "artistas", Matías pediu ao primo que a acompa-nhasse. E foi assim que Severo del Valle se encontrou a sós com a mulher que tinha conseguido conter o obstinado amor de Nívea. Acompanhou Lynn os poucos quarteirões que separavam o estúdio de Matías da casa de chá de Eliza Sommers, tão transtornado que não soube como iniciar uma conversa banal. Era tarde para lhe revelar a aposta, sabia que Lynn estava apaixonada por Matías com a mesma cegueira terrível que ele próprio tinha por ela. Não acreditaria nele, sentir-se-ia insultada e, mesmo que lhe explicasse que para Matías ela não passava de um divertimento, iria na mesma direita ao mata-douro, cega de amor. Foi ela quem quebrou o silêncio incómodo perguntando-lhe se ele era o primo chileno de quem Matías falara. Severo compreendeu perfeitamente que aquela jovem não tinha a mais leve lembrança do primeiro encontro há anos, quando colava figuras num álbum à luz dos vitrais de uma janela, não suspeitava que a amava desde essa altura

com a tenacidade do primeiro amor, também não reparara que ele rondava a pastelaria e que se cruzavam com frequência na rua. Os olhos dela simplesmente não tinham dado por ele. Ao despedir-se deu-lhe o seu cartão de visita, inclinou-se no gesto de beijar-lhe a mão e balbuciou que se alguma vez precisasse dele por favor não hesitasse em contactá-lo. A partir desse dia evitou Matías e mergulhou no estudo e no trabalho para afastar Lynn Sommers e a aposta humilhante do seu espírito. Quando, na quarta-feira seguinte, o primo o convidou para a segunda sessão, na qual estava previsto que a rapariga se despisse, insultou-o. Durante várias semanas não conseguiu escrever uma única linha a Nívea e também não conseguia ler as cartas dela, que guardava sem abrir, consumido pela culpa. Sentia-se imundo, como se participasse também na bravata de macular Lynn Sommers.

Matías Rodríguez de Santa Cruz ganhou a aposta sem esforço, mas pelo caminho o cinismo fraquejou-lhe e sem querer viu-se apanhado naquilo que mais receava neste mundo: uma embrulhada sentimental. Não chegou a apaixonar-se pela bela Lynn Sommers, mas o amor incondicional e a inocência com que ela se entregou, conseguiram comovê-lo. A jovem entregou-se nas suas mãos com uma confiança total, disposta a fazer o que ele lhe pedisse, sem julgar os seus propósitos nem calcular as consequências. Matías avaliou o poder absoluto que exercia sobre ela, quando a viu despida nas suas águas-furtadas, vermelha de consternação, cobrindo o púbis e os seios com os braços, no centro do círculo dos seus amigalhaços, que fingiam fotografá-la sem dissimular a excitação de cachorros no cio que aquela brincadeira cruel lhes provocava. O corpo de Lynn não tinha a forma de relógio de areia tão na moda nessa altura, nada de ancas e seios opulentos separados por uma cintura impossível. era magra e sinuosa, de pernas compridas e peitos redondos de mamilos escuros, tinha a pele cor de fruta estival e um manto de cabelo preto e liso que lhe caía até meio das costas. Matías admirou-a como qualquer outro dos muitos objectos de arte que coleccionava, pareceu-lhe exótica, mas verificou satisfeito que não exercia sobre ele qualquer atracção. Sem pensar nela, só para se exibir diante dos seus amigos e num exercício de crueldade, disse-lhe para afastar os braços. Lynn olhou-o por alguns segundos e depois obedeceu lentamente, enquanto lágrimas de vergonha lhe corriam pela face. Diante daquele choro inesperado fez-se um silêncio gelado no quarto, os homens afastaram os olhos e aguardaram com as máquinas fotográficas na mão, sem saber o que

fazer, por um tempo que pareceu muito longo. Então Matías, envergonhado pela primeira vez na sua vida, agarrou num sobretudo e cobriu Lynn com ele, rodeando-a com os braços. “Vão embora! Isto acabou”, ordenou aos seus hóspedes que, desconcertados, começaram a retirar-se um por um.

Sozinho com ela, Matías sentou-a nos seus joelhos e começou a embalá-la como a uma criança, pedindo-lhe perdão com o pensamento, mas incapaz de formular as palavras, enquanto a jovem continuava a chorar em silêncio. Finalmente levou-a suavemente para trás do biombo, para a cama, e deitou-se com ela abraçando-a como um irmão, acariciando-lhe a cabeça, beijando-lhe a testa, perturbado por um sentimento desconhecido e omnipotente que não sabia descrever. Não a desejava, queria apenas protegê-la e devolver-lhe intacta a sua inocência, mas a suavidade incrível da pele de Lynn, o seu cabelo vivo envolvendo-o e o seu perfume de maçã derrotaram-no. A entrega sem reservas daquele corpo núbil que se abria em contacto com as suas mãos conseguiu surpreendê-lo e sem saber como viu-se explorando-a, beijando-a com uma ansiedade que nenhuma mulher lhe provocara antes, metendo-lhe a língua na boca, nas orelhas, em todo o lado, esmagando-a, penetrando-a numa voragem de paixão incontrolável, cavalgando-a sem misericórdia, cego, desenfreado, até explodir dentro dela num orgasmo devastador. Durante um brevíssimo instante encontraram-se noutra dimensão, sem defesas, nus no corpo e no espírito. Matías chegou a ter a revelação de uma intimidade que até essa altura tinha evitado sem sequer saber que existia, atravessou uma última fronteira e viu-se no outro lado, desprovido de vontade. Tivera mais amantes - mulheres e homens - do que convinha recordar, mas nunca perdera assim o controlo, a ironia, a distância, a noção da sua própria intocável individua-lidade, para fundir-se simplesmente com outro ser humano. De certa forma, ele também entregou a virgindade nesse abraço. A viagem durou apenas uma milésima fracção de tempo, mas foi suficiente para aterrorizá-lo; regressou ao seu corpo exausto e imediatamente se entrincheirou na armadura do seu sarcasmo habitual. Quando Lynn abriu os olhos ele já não era o mesmo homem com quem fizera amor, era o de antes, mas ela carecia de experiência para o saber. Dorida, ensanguentada e ditosa, abandonou-se à miragem de um amor ilusório, enquanto Matías a mantinha abraçada, embora o seu espírito já estivesse longe. Estiveram assim até desaparecer por completo a luz na janela e ela compreender que tinha de voltar para junto da mãe. Matías ajudou-a a vestir-se e acompanhou-

a até às proximidades da casa de chá. “Espera por mim, amanhã virei à mesma hora”, sussurrou ela ao despedir-se.

Severo del Valle nada soube do que acontecera nesse dia nem dos factos que se seguiram, até três meses mais tarde. Em Abril de 1879, o Chile declarou guerra aos seus vizinhos, Peru e Bolívia, por um assunto de terras, salitre e soberba. Rebentara a Guerra do Pacífico. Quando a notícia chegou a São Francisco, Severo apresentou-se diante dos tios anunciando que partia para lutar.

- Não combinámos que nunca mais voltarias a pisar um quartel? - lembrou-lhe a sua tia Paulina.

- Isto é diferente, a minha pátria está em perigo.

- Tu és um civil.

- Sou sargento na reserva - explicou ele.

- A guerra terá acabado antes de conseguires chegar ao Chile, Vejamos o que dizem os jornais e o que opina a família. Não te precipites - aconselhou a tia.

- É o meu dever - replicou Severo, pensando no avô, o patriarca Agustín del Valle, que morrera recentemente reduzido ao tamanho de um chimpanzé, mas com o mau feitio intacto.

- O teu dever é aqui, comigo. A guerra é boa para os negócios. Este é o momento de especular com açúcar - replicou Paulina.

- Açúcar?

- Nenhum desses três países o produz e em tempos maus as pessoas comem mais doces - garantiu Paulina.

- Como sabe, tia?

- Por experiência própria, rapaz.

Severo foi fazer as suas malas, mas não partiu no barco que zarpou para o sul alguns dias mais tarde, conforme planeava, mas no fim de Outubro. Nessa noite a tia anunciou-lhe que deviam receber uma visita inesperada e que gostaria que ele estivesse presente, porque o marido estava de viagem e aquele assunto podia requerer os bons conselhos de um advogado. às sete da tarde Williams, com o ar desdenhoso que punha quando se via obrigado a servir gente de condição social inferior, fez entrar um chinês alto, de cabelo grisalho, vestido rigorosamente de preto, e uma mulherzinha de aspecto juvenil e anódino, mas tão altiva como o próprio Williams. Tao Chi’en e Eliza Sommers viram-se na sala das feras, como era chamada, rodeados de

leões, elefantes e outras bestas africanas que os observavam das suas molduras douradas nas paredes. Paulina via Eliza com frequência na pastelaria, mas nunca se tinham encontrado noutro lado, pertenciam a mundos separados. Também não conhecia aquele celestial que, a avaliar pela forma como lhe segurava no braço, devia ser o marido ou o amante. Sentiu-se ridícula no seu palacete de quarenta e cinco assoalhadas, vestida de cetim preto e coberta de diamantes, diante daquele casal modesto que a cumprimentava com simplicidade, mantendo a distância. Reparou que o seu filho Matías os recebia perturbado, com uma inclinação de cabeça sem estender a mão, e que se mantinha separado do grupo atrás de uma secretária de jacarandá, aparentemente absorto na limpeza do seu cachimbo. Por outro lado, Severo del Valle adivinhou sem sombra de dúvida a razão da presença dos pais de Lynn Sommers em casa e desejou estar a milhares de quilómetros dali. Intrigada e com as antenas alerta, Paulina não perdeu tempo convidando-os a beber alguma coisa; fez um gesto a Williams para se retirar e fechar as portas.

- Em que vos posso ser útil? - perguntou. Então Tao Chi'en tratou de explicar, sem se alterar, que a sua filha Lynn estava grávida, que o autor da ofensa era Matías e que esperava a única reparação possível. Por uma vez na sua vida a matriarca Del Valle perdeu a fala. Permaneceu sentada, abrindo a boca como uma baleia encalhada, quando finalmente a voz lhe saiu foi para emitir um grasnido.

- Mãe, não tenho nada a ver com esta gente. Não os conheço e não sei do que estão a falar - disse Matías da secretária de jacarandá, com o seu cachimbo de marfim entalhado na mão.

- Lynn contou-nos tudo - interrompeu-o Eliza levantando-se, com a voz quebrada, mas sem lágrimas.

- Se é dinheiro o que querem... - começou Matías a dizer, mas a mãe deteve-o com um olhar feroz.

- Peço-lhes que o desculpem - disse dirigindo-se a Tao Chi'en e a Eliza Sommers. - O meu filho está tão surpreendido como eu. Tenho a certeza de que poderemos resolver isto com decência, como convém...

- Lynn deseja casar-se, evidentemente. Disse-nos que vocês se amam - disse Tao Chi'en, também de pé, dirigindo-se a Matías, que respondeu com uma gargalhada curta, que soou como um latido de um cão.

- Vocês parecem ser pessoas respeitáveis - disse Matías. - No entanto, a vossa filha não o é, como qualquer um dos meus amigos pode testemunhar. Não sei qual deles é responsável pela sua desgraça, mas certamente não sou eu.

Eliza Sommers perdera a cor por completo, tinha uma palidez de gesso e tremia, prestes a cair. Tao Chi'en agarrou-a com firmeza pelo braço e segurando-a como a uma inválida, conduziu-a até à porta. Severo del Valle julgou morrer de angústia e de vergonha, como se fosse ele o único culpado pelo que acontecera. Apressou-se a abrir-lhes a porta e acompanhou-os até à saída, onde os esperava uma carruagem de aluguer. Não lhe ocorreu nada para dizer-lhes. Quando voltou à sala conseguiu ouvir o fim da discussão.

- Não penso tolerar bastardos do meu sangue espalhados por aí! - gritou Paulina.

- Defina as suas lealdades, mãe. Vai acreditar em quem? No seu próprio filho ou numa pasteleira e num chinês? - replicou Matías saindo e batendo com a porta.

Nessa noite Severo del Valle enfrentou Matías. Possuía informações suficientes para deduzir os factos e pretendia desarmar o primo recorrendo a um interrogatório tenaz, mas não foi necessário porque este despejou tudo de imediato. Sentia-se apanhado numa situação absurda da qual não era responsável, disse; Lynn Sommers perseguira-o e entregara-se a ele de bandeja; ele nunca teve realmente a intenção de seduzi-la, a aposta fora apenas uma fanfarronada. Andava há dois meses tentando libertar-se dela sem a destruir, receava que fizesse um disparate, era uma dessas jovens histéricas capazes de se atirarem ao mar por amor, explicou. Admitiu que Lynn era apenas uma criança e que chegara virgem aos seus braços, com a cabeça cheia de poemas açucarados e ignorando totalmente os rudimentos do sexo, mas repetiu que não tinha qualquer obrigação para com ela, que nunca lhe falara de amor e muito menos de casamento. As raparigas como ela traziam sempre complicações, acrescentou, por isso as evitava como à peste. Nunca imaginou que o breve encontro com Lynn trouxesse tais consequências. Tinham estado juntos em pouquíssimas ocasiões, disse, e recomendara-lhe que fizesse depois lavagens com vinagre e mostarda, não podia imaginar que fosse tão assombrosamente fértil. De qualquer forma, estava disposto a encarregar-se dos gastos da criança, o custo era o menos,

mas não pensava dar-lhe o seu apelido, porque não havia prova nenhuma de que fosse sua.

- Não me casarei nem agora nem nunca, Severo. Conheces alguém com menos vocação burguesa que eu? - concluiu.

Uma semana mais tarde Severo del Valle apresentou-se na clínica de Tão Chi'en, depois de ter dado milhares de voltas à cabeça pensando na missão escabrosa que o primo lhe encarregara. O zhong-yi acabara de atender o último paciente do dia e recebeu-o em particular na salinha de espera do seu consultório, no primeiro andar. Ouviu impassível a oferta de Severo.

- Lynn não precisa de dinheiro, para isso tem os pais - disse sem reflectir qualquer emoção. - De qualquer forma agradeço a sua preocupação, senhor Del Valle.

- Como está a menina Sommers? - perguntou Severo, humilhado com a dignidade do outro.

- A minha filha ainda acredita num mal-entendido. Tem a certeza de que o senhor Rodríguez de Santa Cruz virá rapidamente pedi-la em casamento, não por dever, mas por amor.

- Senhor Chi'en, não sei o que daria para mudar as circunstâncias. A verdade é que o meu primo não tem boa saúde, não pode casar-se, Lamento-o profundamente... - murmurou Severo del Valle.

- Nós lamentamos mais. Para o seu primo Lynn é apenas uma diversão; para Lynn ele é a sua vida - disse suavemente Tão Chi'en.

- Gostaria de dar uma explicação à sua filha, senhor Chien. Posso vê-la, por favor?

- Tenho de perguntar a Lynn. De momento não quer ver ninguém, mas fá-lo-ei saber se mudar de opinião - replicou o zhong-yi, acompanhando-o à porta.

Severo del Valle esperou durante três semanas sem saber uma palavra de Lynn, até não conseguir aguentar mais a impaciência e ir à casa de chá suplicar a Eliza Sommers que lhe permitisse falar com a filha. Esperava encontrar uma resistência impenetrável, mas ela recebeu-o envolta no seu aroma de açúcar e baunilha com a mesma serenidade com que Tao Chi'en o tinha recebido. Ao princípio, Eliza culpou-se pelo que acontecera: tinha-se descuidado, não fora capaz de proteger a filha e agora a vida dela estava arruinada. Chorou nos braços do marido, até ele lhe recordar que aos

dezasseis anos ela tinha sofrido uma experiência semelhante: o mesmo amor desmesurado, o abandono do amante, a gravidez e o terror; a diferença era que Lynn não estava só, não teria de fugir de casa e de atravessar meio mundo no porão de um barco atrás de um homem indigno, como ela fizera. Lynn tinha recorrido aos pais e eles tinham a sorte enorme de poder ajudá-la, dissera Tao Chi'en. Na China ou no Chile a filha deles estaria perdida, a sociedade não a perdoaria, mas na Califórnia, terra sem tradição, havia lugar para todos. O zhong-yi reuniu a sua pequena família e explicou que o bebé era uma oferta do céu e tinham de esperá-lo com alegria; as lágrimas eram más para o karma, prejudicavam a criança no ventre da mãe e destinavam-lhe uma vida de incertezas. Aquele menino ou menina seria bem-vindo; o seu tio Lucky e ele próprio, seu avô, seriam dignos substitutos do pai ausente. E quanto ao amor frustrado de Lynn, bom, pensariam nisso mais tarde, disse. Parecia tão entusiasmado com a perspectiva de ser avô, que Eliza se envergonhou das suas considerações hipócritas, secou as lágrimas e não voltou a recriminar-se. Se para Tão Chi'en a compaixão pela filha valia mais do que a honra familiar, ela devia fazer o mesmo, decidiu; o seu dever era proteger Lynn e o resto carecia de importância. Assim o manifestou amavelmente a Severo del Valle nesse dia na casa de chá. Não entendia as razões do chileno para insistir em falar com a sua filha, mas intercedeu a seu favor e por fim a jovem aceitou vê-lo. Lynn mal se lembrava dele, mas recebeu-o com a esperança de que viesse como emissário de Matías.

Nos meses seguintes as visitas de Severo del Valle a casa dos Chi'en converteram-se num hábito. Chegava ao anoitecer, depois do trabalho, amarrava o cavalo à porta e apresentava-se com o chapéu numa mão e alguma oferta na outra; desta forma, o quarto de Lynn foi-se enchendo com brinquedos e roupa de bebé. Tão Chi'en ensinou-o a jogar mah-jong e passavam horas com Eliza e Lynn movendo as bonitas peças de marfim. Lucky não participava, porque lhe parecia uma perda de tempo jogar sem apostar, Tao Chi'en pelo contrário só jogava no seio da família, porque na juventude renunciara fazê-lo por dinheiro e tinha a certeza de que se quebrasse essa promessa, aconteceria uma desgraça. Os Chi'en habituaram-se tanto à presença de Severo que, quando este se atrasava, consultavam o relógio, perplexos. Eliza Sommers aproveitava para praticar com ele o castelhano e avivar as lembranças do Chile, esse longínquo país onde não voltara a pôr os pés há mais de trinta anos, mas que continuava a considerar

a sua pátria. Comentavam os pormenores da guerra e as transformações políticas: após várias décadas de governos conservadores, os liberais tinham triunfado e a luta para vergar o poder do clero e obter reformas tinha dividido cada família chilena. A maior parte dos homens, por mais católicos que fossem, desejavam modernizar o país, mas as mulheres, muito mais religiosas, voltavam-se contra os seus pais e maridos para defender a Igreja. Conforme explicava Nívea nas suas cartas, por mais liberal que fosse o governo, a sorte dos pobres continuava a ser a mesma, e acrescentava que, tal como sempre, as mulheres da classe alta e o clero manipulavam os cordelinhos do poder. Separar a Igreja do Estado era sem dúvida um grande passo em frente, escrevia a rapariga nas costas do clã Del Valle, que não tolerava esse tipo de ideias, mas eram sempre as mesmas famílias que controlavam a situação. "Fundemos outro partido, Severo, um que queira justiça e igualdade", escrevia, animada pelas suas conversas clandestinas com soror María Escapulario.

No sul do continente a Guerra do Pacífico continuava, cada vez mais sanguinária, enquanto os exércitos chilenos se preparavam para iniciar a campanha no deserto do norte, um território tão agreste e inóspito como a Lua, onde abastecer as tropas era uma tarefa titânica. A única maneira de transportar os soldados até aos sítios onde as batalhas teriam lugar era por mar, mas a esquadra peruana não estava disposta a permiti-lo. Severo del Valle pensava que a guerra se ia decidindo a favor do Chile, cuja organização e ferocidade pareciam imbatíveis. Não era só o armamento e o carácter guerreiro que determinariam o resultado do conflito, explicava a Eliza Sommers, mas o exemplo de um punhado de homens heróicos que conseguira inflamar a alma da nação.

- Julgo que a guerra se decidiu em Maio, senhora, num combate naval diante do porto de Iquique. Aí uma vetusta fragata chilena lutou contra uma força peruana muito superior. Ao comando estava Arturo Prat, um jovem capitão bastante religioso e muito tímido, que não participava nas farras e libertinagens do ambiente militar, tão pouco destacado que os seus superiores não confiavam na sua coragem. Nesse dia converteu-se no herói que galvanizou o espírito de todos os chilenos.

Eliza conhecia os pormenores, lera-os num exemplar atrasado do Times de Londres, onde o episódio foi descrito como "...um dos combates mais gloriosos que jamais se deram; um velho navio de madeira, quase a cair aos

pedaços, aguentou-se durante três horas e meia contra uma bataria de terra e um poderoso couraçado e terminou com a sua bandeira no cimo do mastro". O navio peruano sob as ordens do almirante Miguel Grau, também um herói do seu país, investiu a toda a velocidade contra a fragata chilena atravessando-a com o seu esporão, momento que o capitão Prat aproveitou para efectuar a abordagem seguido por um dos seus homens. Ambos morreram minutos depois, baleados na coberta inimiga. Com o segundo ataque de esporão saltaram vários chilenos mais, imitando o seu chefe, e perecendo também crivados de balas; no fim, três quartos da tripulação sucumbiu antes de a fragata se afundar. Um heroísmo tão disparatado transmitiu coragem aos seus compatriotas e impressionou tanto os seus inimigos, que o almirante Grau repetia atónito: "Como lutam estes chilenos!"

- Grau é um cavalheiro. Apanhou pessoalmente a espada e os pertences de Prat e devolveu-os à viúva - contou Severo e acrescentou que, a partir dessa batalha, a palavra de ordem sagrada no Chile era "lutar até vencer ou morrer", como aqueles valentes.

- E você, Severo, não pensa ir à guerra? - perguntou-lhe Eliza.

- Sim, fá-lo-ei muito em breve - replicou o jovem envergonhado, sem saber por que esperava para cumprir o seu dever. Entretanto Lynn foi engordando sem perder um pedacinho da sua graça e beleza. Deixou de usar os vestidos que já não conseguia apertar e acomodou-se às garridas túnicas de seda compradas em Chinatown. Saía muito pouco apesar da insistência do pai para que andasse. Ás vezes Severo del Valle ia buscá-la de carruagem e levava-a a passear ao Parque Presídio ou à praia, instalando-se numa manta onde lanchavam e liam, ele os seus jornais e livros de leis, ela os romances românticos em cujos argumentos já não acreditava, mas que ainda lhe serviam de refúgio. Severo vivia dia a dia, de visita em visita a casa dos Chi'en, sem outro objectivo além de ver Lynn. já não escrevia para Nívea. Muitas vezes agarrara na caneta para confessar-lhe que amava outra, mas destruía as cartas sem as enviar porque não encontrava as palavras para terminar com a sua noiva sem a ferir de morte. Além disso, Lynn nunca lhe dera indícios que pudessem servir-lhe de ponto de partida para imaginar um futuro com ela. Não falavam de Matías, tal como este jamais se referia a Lynn, mas a pergunta estava sempre suspensa no ar. Severo tratou de não mencionar em casa dos tios a sua nova amizade com os Chi'en e supôs que ninguém suspeitava, excepto o emproado mordomo Williams, a quem não

teve de dizer, porque ele soube tal como sabia tudo o que acontecia naquele palacete. Há dois meses que Severo chegava tarde e com um sorriso idiota colado à cara, quando Williams o levou ao sótão e à luz de uma lamparina de álcool lhe mostrou um pacote embrulhado em lençóis. Ao destapá-lo viu-se que era um berço resplandecente.

- É de prata lavrada, prata das minas dos senhores, no Chile. Aqui dormiram todos os bebés desta família. Se quiser, leve-o - foi a única coisa que disse.

Envergonhada, Paulina del Valle não apareceu mais na casa de chá, incapaz de colar os pedaços da sua longa amizade com Eliza Sommers, feita em fanicos. Teve de renunciar aos doces chilenos, que durante anos tinham sido a sua fraqueza, e de resignar-se à pastelaria francesa do seu cozinheiro. A sua força avassaladora, tão útil para afastar os obstáculos e conseguir os seus propósitos, voltava-se agora contra si; condenada à imobilidade, consumia-se de impaciência, o coração dava-lhe pulos no peito. "Os nervos estão a matar-me, Williams", queixava-se, convertida pela primeira vez numa mulher adoentada. Achava que com um marido infiel e três filhos doidivanas o mais prová-vel era haver um bom número de crianças ilegítimas do seu sangue espalha-dos aqui e além, não servindo de nada atormentar-se tanto; no entanto, esses bastardos hipotéticos careciam de nome e rosto; este, pelo contrário, tinha-o diante do nariz. Se ao menos não tivesse sido Lynn Sommers! Não conseguia esquecer a visita de Eliza e daquele chinês cujo nome não conseguia recordar; a visão daquele casal digno na sua sala afligia-a. Matías seduzira a rapariga, nenhuma argúcia da lógica ou da conveniência podia rebater essa verdade que a sua intuição aceitara desde o primeiro momento. As negativas do seu filho e os seus comentários sarcásticos sobre a escassa virtude de Lynn só tinham vindo reforçar a sua convicção. A criança que aquela jovem trazia no ventre provocava nela um vendaval de sentimentos ambivalentes: por um lado uma ira surda contra Matías e por outro uma ternura inevitável por esse primeiro neto ou neta. Mal Feliciano regressou da sua viagem, contou-lhe o sucedido.

- Essas coisas acontecem a toda a hora, Paulina, não é preciso uma tragédia. Metade dos miúdos da Califórnia são bastardos. O importante é evitar o escândalo e cerrar fileiras em torno de Matías. A família está primeiro - foi a opinião de Feliciano.

- Essa criança é da nossa família - disse ela com orgulho.

- Ainda não nasceu e já a incluis! Conheço essa tal Lynn Sommers. Vi-a a posar quase nua no atelier de um escultor, exibindo-se no centro de uma roda de homens, qualquer um deles pode ter sido amante dela. Será que não vês isso?

- És tu quem não vê, Feliciano.

- Isto pode converter-se numa chantagem interminável. Proíbo-te que tenhas o menor contacto com essa gente e, caso se aproximem daqui, eu próprio me encarregarei do assunto - decidiu Feliciano num ápice.

A partir desse dia Paulina não voltou a mencionar o tema diante do filho ou do marido, mas não conseguiu conter-se e acabou por confiar no fiel Williams, que possuía a virtude de ouvi-la até ao fim e de não dar a sua opinião, a menos que ela a solicitasse. Se pudesse ajudar Lynn Sommers sentir-se-ia um pouco melhor, pensava, mas por uma vez a sua fortuna não servia de nada.Aqueles meses foram desastrosos para Matías, não só a embrulhada com Lynn lhe alvoroçava a bílis, como o sofrimento nas articulações se acentuou de tal forma, que deixou de poder praticar esgrima e teve de renunciar também a outros desportos. Costumava acordar com tantas dores que perguntava a si próprio se não teria chegado já o momento de encarar o suicídio, ideia que alimentava desde que soubera o nome do seu mal, mas quando saía da cama e começava a mover-se sentia-se melhor, e o seu gosto pela vida regressava com novos brios. Inchavam-lhe os pulsos e os joelhos, tremiam-lhe as mãos e o ópio deixou de ser uma diversão em Chinatown para se converter numa necessidade. Foi Amanda Lowell, a sua boa companheira de farra e única confidente, quem lhe ensinou as vantagens de se injectar com morfina, mais eficaz, limpa e elegante que um cachimbo de ópio: uma dose mínima e imediatamente a angústia desaparecia para dar lugar à paz. o escândalo do bastardo a caminho acabou por lhe arruinar o estado de espírito e em meados do Verão anunciou de repente que partia para a Europa nos próximos dias, para ver se uma mudança de ares, as águas termais de Itália e os médicos ingleses conseguiam aliviar os seus sintomas. Não acrescentou que pensava encontrar-se com Amanda Lowell em Nova Iorque para continuarem a travessia juntos, porque o nome dela nunca se pronunciava em família, onde a lembrança da escocesa ruiva provocava indigestão a Feliciano e uma raiva surda a Paulina. Não só os seus achaques e o desejo de se afastar de Lynn Sommers motivaram a viagem precipitada

de Matías. Também novas dívidas de jogo, conforme se soube pouco depois da sua partida, quando dois chineses circunspectos apareceram no escritório de Feliciano para o advertirem com a maior cortesia que, ou pagava o montante que o filho devia, com os juros do caso, ou alguma coisa francamente desagradável aconteceria a algum membro da sua venerável família. Por única resposta, o magnata fê-los sair pelo ar do seu escritório e mandou atirá-los à rua, depois chamou Jacob Freemont, o jornalista conhecedor do bas-fond da cidade. O homem ouviu-o com simpatia, porque era um bom amigo de Matías, e acompanhou-o seguidamente a falar com o chefe da Polícia, um australiano de fama duvidosa que lhe devia certos favores, pedindo-lhe que resolvesse o assunto à sua maneira. "A única maneira que conheço é pagando" replicou o oficial, e propôs-se explicar como com os tongs de Chinatown ninguém se metia. já tivera de ir buscar corpos abertos de cima a baixo, com as vísceras nitidamente empacotadas num caixão ao lado. Eram vinganças entre celestiais, evidentemente, acrescentou; com os brancos ao menos tentavam fazer com que parecesse um acidente. Nunca reparara quanta gente morria queimada em incêndios inexplicáveis, despedaçada por patas de cavalos em ruas solitárias, afogada nas águas tranquilas da baía ou esmagada por tijolos que caíam de forma inexplicável de um edifício em construção? Feliciano Rodríguez de Santa Cruz pagou.

Quando Severo del Valle informou Lynn Sommers que Matías partira para a Europa sem planos de regressar num futuro próximo, ela pôs-se a chorar e continuou a fazê-lo durante cinco dias, apesar dos tranquilizantes administrados por Tao Chi'en, até a mãe lhe dar dois bofetões na cara e a obrigar a enfrentar a realidade. Cometera uma imprudência e agora não tinha outro remédio senão pagar as consequências; já não era uma miúda, ia ser mãe e tinha de estar agradecida por ter uma família disposta a ajudá-la, porque outras nas mesmas circunstâncias acabavam atiradas à rua ganhando a vida da pior maneira, enquanto os bastardos iam parar a um orfanato; tinha chegado a altura de aceitar que o seu amante se desvanecera em fumo, que teria de ser pai e mãe para aquela criança e de amadurecer de uma vez por todas, porque naquela casa já estavam fartos de suportar os seus caprichos; estava há vinte anos a receber às mancheias; não julgasse que ia passar a vida deitada numa cama a queixar-se; tratasse de limpar o nariz e de vestir-se, porque iam sair para andar e fariam isso duas vezes por dia sem falta,

chovesse ou trovejasse, ouvira? Sim, Lynn ouvira até ao fim com os olhos esbugalhados pela surpresa e a cara a arder pelas únicas bofetadas que levara na vida. Vestiu-se e obedeceu muda. A partir desse momento, o bom-senso caiu-lhe em cima de chofre, assumiu o seu destino com uma serenidade espantosa, não voltou a queixar-se, engoliu os remédios de Tao Chi'en, dava longas caminhadas com a mãe e foi até capaz de rir-se às gargalhadas quando soube que o projecto da estátua da República fora por água abaixo, conforme explicou o seu irmão Lucky, não por falta de modelo, mas por o escultor ter fugido para o Brasil com o dinheiro.

No fim de Agosto Severo del Valle atreveu-se finalmente a falar dos seus sentimentos a Lynn Sommers. Nessa altura ela sentia-se Pesada como um elefante e não reconhecia a sua própria cara no espelho, mas aos olhos de Severo estava mais bonita do que nunca.

Voltavam acalorados de um passeio e ele tirou o seu lenço para lhe secar a testa e o pescoço, mas não conseguiu terminar o gesto. sem saber como estava inclinado, agarrando-a com firmeza pelos ombros e beijando-a na boca em plena rua. Pediu-lhe que se casassem e ela explicou-lhe com toda a simplicidade que nunca amaria outro homem, só Matías Rodríguez de Santa Cruz.

- Não lhe peço que me ame, Lynn, o carinho que eu sinto por si chega para os dois - replicou Severo na forma algo cerimoniosa com que sempre a tratava. - O bebé precisa de um pai. Dê-me a oportunidade de protegê-los a ambos e prometo-lhe que, com o tempo, chegarei a ser digno do seu carinho.

- O meu pai diz que na China os casais se casam sem se conhecerem e aprendem a amar-se depois, mas eu tenho a certeza de que não seria o meu caso, Severo. Lamento muito... - respondeu ela.

- Não terá de viver comigo, Lynn. Mal dê à luz, irei para o Chile. O meu país está em guerra e já adiei demasiado o meu dever.- E se não voltar da guerra?

- Ao menos o seu filho terá o meu apelido e a herança do meu pai, que ainda tenho. Não é grande, mas será suficiente para educá-lo. E você, querida Lynn, terá respeitabilidade...

Nessa mesma noite Severo del Valle escreveu a Nívea a carta que não conseguira escrever-lhe antes. Disse-o em quatro frases, sem preâmbulos nem desculpas, porque compreendeu que ela não o toleraria de outra forma. Nem sequer se atreveu a pedir-lhe perdão pelo desgaste de amor e de tempo

que esses quatro anos de noivado epistolar significavam para ela, porque aquelas contas mesquinhas eram indignas do coração generoso da sua prima. Chamou um criado para pôr a carta no dia seguinte no correio e depois deitou-se vesti-do em cima da cama, extenuado. Dormiu sem sonhos pela primeira vez em muito tempo. Um mês mais tarde Severo del Valle e Lynn Sommers casaram-se numa curta cerimónia, a presença da família dela e de Williams, único membro da sua casa que Severo convidou. Sabia que o mordomo contaria à sua tia Paulina e decidiu esperar que ela desse o primeiro passo interrogando-o. Não o anunciou a ninguém, porque Lynn lhe pedira a maior discrição até ao nascimento da criança e à recuperação do seu aspecto normal; não se atrevia a apresentar-se com aquele ventre de abóbora e com a cara salpicada de manchas, disse. Nessa noite Severo despediu-se da sua nova mulher com um beijo na testa e foi como sempre dormir para o seu quarto de solteiro.

Nessa mesma semana decorreu nas águas do Pacífico outra batalha naval e a esquadra chilena inutilizou dois couraçados inimigos. O almirante peruano, Miguel Grau, o mesmo cavalheiro que meses antes devolvera a espada do capitão Prat à viúva, morreu tão heroicamente como aquele. Para o Peru foi um desastre porque, ao perder o controlo marítimo, as comunicações foram cortadas e os seus exércitos fraccionados e isolados. Os chilenos apoderaram-se do mar, puderam transportar as suas tropas até aos pontos nevrál-gicos do norte e cumprir o plano de avançar por território inimigo até ocupa-rem Lima. Severo del Valle seguia as notícias com a mesma paixão do resto dos seus compatriotas nos Estados Unidos, mas o seu amor por Lynn superava sobejamente o seu patriotismo, e não antecipou a sua viagem de regresso.

Na madrugada da segunda segunda-feira de Outubro, Lynn amanheceu com a camisa empapada e deu um grito de horror, porque julgou ter-se urinado. “Má coisa, a bolsa rompeu-se demasiado cedo”, disse Tao Chi’en para a mulher, mas diante da filha apareceu sorridente e tranquilo. Dez horas depois, quando as contracções eram quase imperceptíveis e a família estava cansada de jogar mah-jong para distrair Lynn, Tao Chi’en decidiu deitar mão às suas ervas. A futura mãe troçava desafiante: eram estas as dores de parto sobre as quais tanto lhe tinham falado? Eram mais suportáveis do que as cólicas provocadas pela comida chinesa, disse. Estava mais aborrecida do que incomodada e tinha fome, mas o pai só lhe permitiu beber água e as

infusões de ervas medicinais, enquanto lhe aplicava acupunctura para acelerar o parto. A combinação de drogas e agulhas de ouro fez efeito e ao anoitecer, quando Severo del Valle apareceu para a sua visita diária, encontrou Lucky à porta, desfigurado, e a casa sacudida pelos gemidos de Lynn e pelo alvoroço da parteira chinesa, que falava aos gritos e corria com trapos e jarros de água. Tao Chi'en tolerava a parteira porque, nesse campo, ela tinha mais experiência do que ele, mas não permitiu que,, torturasse Lynn sentando-se em cima ou dando-lhe socos no ventre, como pretendia. Severo del Valle ficou na sala, esmagado contra a parede, tentando passar despercebido. Cada gemido de Lynn perfurava-lhe a alma; queria fugir para o mais longe possível, mas, não conseguia mexer-se do seu canto nem articular uma palavra. Nisso viu aparecer Tão Chi'en, impassível, vestido com o seu esmero habitual.

- Posso esperar aqui? Não incomodo? Como posso ajudar? - balbuciou Severo, limpando a transpiração que lhe escorria pelo pescoço.

- Não incomoda em absoluto, jovem, mas não pode ajudar Lynn, ela tem de fazer o trabalho sozinha. Pode no entanto ajudar Eliza que está um pouco alterada.

Eliza Sommers passara pela fadiga de dar à luz e sabia, como qualquer mulher, que esse era o umbral da morte. Conhecia a viagem esforçada e misteriosa na qual o corpo se abre para dar passagem a outra vida; recordava o momento em que se começa a descer sem travões por uma ladeira, pulsando e fazendo força descontroladamente, o terror, o sofrimento e o assombro inaudito quando por fim a criança se liberta e surge à luz. Tao Chi'en, com toda a sua sabedoria de zhong-yi, demorou mais do que ela a perceber que alguma coisa estava a correr muito mal no caso de Lynn.

Os recursos da medicina chinesa tinham provocado fortes contracções, mas a criança estava mal posicionada e era travada pelos ossos da mãe. Era um parto seco e difícil, conforme explicou Tao Chi'en, mas a sua filha era forte e era tudo uma questão de Lynn manter a calma e não se cansar mais do que era necessário; era uma corrida de resistência, não de velocidade, acrescentou. Numa pausa, Eliza Sommers, tão esgotada como a própria Lynn, saiu do quarto e encontrou-se com Severo num corredor. Fez-lhe um gesto e ele seguiu-a, desconcertado, até ao quartinho do altar, onde antes nunca estivera. Em cima de uma mesa baixa havia uma simples cruz, uma pequena estátua de Kuan Yin, deusa chinesa da compaixão, e ao centro um vulgar

desenho a tinta de uma mulher com uma túnica verde e duas flores nas orelhas. Viu algumas velas acesas e pratinhos com água, arroz e pétalas de flores. Eliza ajoelhou-se diante do altar sobre uma almofada de seda cor de laranja e pediu a Cristo, a Buda e ao espírito de Lin, a primeira mulher, que viessem ajudar a sua filha no parto. Severo ficou atrás de pé, murmurando sem pensar as orações católicas aprendidas na infância. Estiveram assim um bom bocado, unidos pelo medo e pelo amor a Lynn, até Tao Chi'en chamar a sua mulher para o ajudar, porque mandara embora a parteira e se preparava para dar a volta ao bebé e tirá-lo à mão. Severo ficou a fumar com Lucky à porta, enquanto Chinatown despertava pouco a pouco.

Na madrugada de terça-feira nasceu a criança. A mãe, molhada em suor e tremendo, lutava para dar à luz, mas já não gritava, limitava-se a ofegar, atenta às indicações do pai. Por fim apertou os dentes, aferrou-se aos barrotes da cama e fez força com uma decisão brutal, Nessa altura uma madeixa de cabelo escuro espreitou. Tao Chi'en agarrou na cabeça e puxou com firmeza e suavidade até saírem Os ombros, rodou o corpinho e puxou-o rapidamente com um só movimento, enquanto com a outra mão desenrolava a tripa arroxeada em redor do pescoço. Eliza Sommers recebeu um pequeno embrulho ensanguentado, uma menina minúscula, com a cara achatada e a pele azul. Enquanto Tao Chi'en cortava o cordão e se ocupava com a segunda parte do parto, a avó limpou a neta com uma esponja e bateu-lhe nas costas até ela começar a respirar. Quando ouviu o grito que anunciava o ingresso no mundo e comprovou que adquiria uma cor normal, colocou-a sobre o ventre de Lynn. Exausta, a mãe ergueu-se sobre um cotovelo para a receber, enquanto o seu corpo continuava a pulsar e colocou-a ao peito, beijando-a e dando-lhe as boas-vindas numa mistura de inglês, espanhol, chinês e palavras inventadas. Uma hora mais tarde, Eliza chamou Severo e Lucky para conhecerem a menina. Encontraram-na a dormir placidamente no berço de prata lavrada que pertencera aos Rodríguez de Santa Cruz, vestida de seda amarela, com um gorro vermelho, que lhe dava o aspecto de um minúsculo duende. Lynn dormitava, pálida e tranquila, em lençóis limpos, e Tao Chi'en, sentado ao seu lado, vigiava-lhe o pulso.

- Que nome lhe darão? - perguntou Severo del Valle, comovido.
- Você e Lynn devem decidi-lo - replicou Eliza.
- Eu?
- Não é você o pai? - perguntou Tao Chi'en piscando-lhe o olho, trocista.

- Chamar-se-á Aurora porque nasceu ao amanhecer - murmurou Lynn sem abrir os olhos.

- O seu nome em chinês é Lai-Ming, que quer dizer amanhecer - disse Tao Chi'en.

- Bem-vinda ao mundo Lai-Ming, Aurora del Valle... - sorriu Severo, beijando a pequenina na testa, certo de que esse era o dia mais feliz da sua vida e de que essa criança enrugada vestida de boneca chinesa era tão sua filha como se na verdade tivesse o seu sangue. Lucky pegou na sua sobrinha ao colo e soprou-lhe o seu hálito de tabaco e molho de soja na cara.

- O que fazes?! - exclamou a avó, tratando de arrebatá-la das mãos.

- Sopro-lhe para lhe transmitir a minha boa sorte. Que outro presente que valha a pena posso dar a Lai-Ming? - riu-se o tio.

À hora do jantar, quando Severo del Valle chegou à mansão de Nob Hill com a notícia de que se tinha casado com Lynn Sommers há uma semana e que nesse dia nascera a sua filha, a perplexidade dos seus tios foi como se tivesse acabado de depositar um cão morto em cima da mesa da sala de jantar.

- E todos culpando Matías! Soube sempre que ele não era o pai, mas nunca imaginei que fosses tu - escarneceu Feliciano mal se recompôs um pouco da surpresa.

- Não sou o pai biológico, mas sou o pai legal. A menina chama-se Aurora del Valle - esclareceu Severo.

- Isto é um atrevimento imperdoável! Traíste esta família, que te recebeu como um filho! - bramou o tio.

- Não traí ninguém. Casei-me por amor.

- Mas, essa mulher não estava apaixonada por Matías?

- Essa mulher chama-se Lynn e é minha mulher, exijo-lhe que a trate com o respeito devido - disse Severo secamente, levantando-se.

- És um idiota, Severo, um completo idiota! - insultou-o Feliciano, saindo da sala de jantar, furioso, com grandes passadas.

O impenetrável Williams, que entrava nesse momento para supervisionar o serviço das sobremesas, não conseguiu evitar um breve sorriso de cumplicidade antes de se retirar discretamente. Paulina ouviu incrédula a explicação de Severo de que dentro de alguns dias partiria para a guerra no Chile, Lynn ficaria a viver com os pais em Chinatown e, se as coisas corressem bem, regressaria no futuro para assumir o seu papel de marido e de pai.

- Senta-te, sobrinho, falemos como gente. Matías é o pai dessa menina, não é verdade?

- Pergunte-o a ele, tia.

- Estou a ver. Casaste-te para dar a cara por Matías. O meu filho é um cínico e tu és um romântico... Olha que arruinar a tua vida por uma quixotada! - exclamou Paulina.

- Engana-se, tia. Não arruinei a minha vida, pelo contrário, julgo que esta é a minha única oportunidade de ser feliz.

- Com uma mulher que ama outro? Com uma filha que não é tua?

- O tempo ajudará. Se regressar da guerra, Lynn aprenderá a amar-me e a menina julgará que eu sou o seu pai.

- Matías pode regressar antes de ti - fez notar ela.

- Isso não mudaria nada.

- A Matías bastaria uma palavra para Lynn Sommers o seguir até ao fim do mundo.

- É um risco inevitável - replicou Severo.

- Perdeste a cabeça, sobrinho. Essa gente não é do nosso meio social - decretou Paulina del Valle.

- É a família mais decente que conheço, tia - garantiu-lhe Severo.

- Vejo que não aprendeste nada comigo. Para triunfar neste mundo é preciso fazer contas antes de agir. És um advogado com um futuro brilhante e usas um dos apelidos mais antigos do Chile.

Julgas que a sociedade aceitará a tua mulher? E a tua prima Nívea por acaso não está à tua espera? - perguntou Paulina.

- Isso acabou - disse Severo.

- Bom, já meteste a pata a fundo, Severo, suponho que é de para arrependimentos. Vamos tratar de compor as coisas até onde pudermos. O dinheiro e a posição social contam muito aqui e no Chile. Ajudar-te-ei como puder, por alguma razão sou avó dessa menina, como disseste que se chamava?

- Aurora, mas os avós chamam-na Lai-Ming.

- Tem o apelido Del Valle, é meu dever ajudá-la, visto Matías ter lavado as mãos deste lamentável assunto.

- Não será necessário, tia. Já preparei tudo para que Lynn receba o dinheiro da minha herança.

- O dinheiro nunca é de mais. Ao menos poderei ver a minha neta, não é verdade?

- Perguntá-lo-emos a Lynn e aos seus pais - prometeu Severo del Valle

Estavam ainda na sala de jantar quando apareceu Williams com uma mensagem urgente anunciando que Lynn sofrera uma hemorragia e que receavam pela sua vida, que viesse de imediato. Severo saiu disparado rumo a Chinatown. Ao chegar a casa dos Chi'en encontrou a pequena família reunida em redor da cama de Lynn, tão quietos que pareciam estar a posar para um quadro trágico. Por um instante foi sacudido por uma esperança louca ao ver tudo limpo e ordenado, sem vestígios do parto, nada de panos sujos nem de cheiro a sangue, mas depois viu a expressão de dor nos rostos de Tao, de Eliza e de Lucky. No quarto o ar tornara-se leve; Severo inspirou profundamente, com falta de ar, como se estivesse no cume de uma montanha. Aproximou-se a tremer da cama e viu Lynn estendida com as mãos sobre o peito, as pálpebras fechadas e as feições transparentes: uma bela escultura em alabastro cinzento. Agarrou-lhe numa mão, dura e fria como gelo, inclinou-se para ela e reparou que a sua respiração era quase imperceptível e que tinha os lábios e os dedos azuis, beijou-lhe a palma da mão num gesto interminável, molhando-a com as suas lágrimas, vencido pela tristeza. Ela conseguiu balbuciar o nome de Matías e depois suspirou algumas vezes e partiu com a mesma ligeireza com que passara a flutuar por este mundo. Um silêncio absoluto acolheu o mistério da morte e durante um tempo impossível de medir esperaram imóveis, enquanto o espírito de Lynn acabava de elevar-se. Severo sentiu um longo grito de dor que surgia do fundo da terra e o trespassava dos pés à boca, mas que não conseguia sair-lhe dos lábios. O grito invadiu-o por dentro, ocupou-o por completo e explodiu na sua cabeça numa explosão silen-ciosa. Ficou ali, ajoelhado ao pé da cama chamando por Lynn sem voz, incré-dulo diante do destino que lhe arrebatara de chofre a mulher com a qual sonhara durante o ano, levando-a justamente quando julgava tê-la conse-guido, Uma eternidade mais tarde sentiu que lhe tocavam no ombro e depararam-se-lhe os olhos transtornados de Tao Chi'en, "está bem, está bem", pareceu-lhe ouvi-lo murmurar, e viu mais atrás Eliza Sommers e Lucky, soluçando abraçados, e compreendeu que era um intruso na dor daquela família. Nessa altura lembrou-se da menina. Foi até ao berço de prata a cambalear como um bêbedo, pegou na pequena Aurora ao colo,

levou-a até à cama e aproximou-a do rosto de Lynn, para dizer adeus à sua mãe. Depois sentou-se com ela ao colo, embalando-a desconsolado.

Paulina del Valle ao inteirar-se que Lynn Sommers morrera, sentiu uma vaga de alegria e chegou a dar um grito de triunfo, antes de a vergonha por tão ruim sentimento a fazer aterrar. Sempre tinha desejado uma filha. Desde a sua primeira gravidez sonhara com uma menina que tivesse o seu nome, Paulina, e fosse a sua melhor amiga e companheira, Com cada um dos três varões que deu à luz sentiu-se vigarizada, mas agora, na maturidade da sua existência, caía-lhe este presente no regaço: uma neta que ela podia criar como filha, alguém a quem oferecer todas as oportunidades que o carinho e o dinheiro podiam oferecer, pensava, alguém que a acompanhasse na sua velhice. Com Lynn Sommers fora do horizonte, ela podia conseguir a criança em nome de Matías. Estava a festejar aquele imprevisível golpe de sorte com uma chávena de chocolate e três pastéis de creme, quando Williams lhe recordou que legalmente a criança figurava como filha de Severo del Valle, única pessoa com direito a decidir o seu futuro. Melhor ainda, concluiu ela, porque o seu sobrinho, Pelo menos, estava ali mesmo, ao passo que trazer Matías da Europa e convencê-lo a reclamar a filha seria uma tarefa a longo prazo. Nunca previu a reacção de Severo quando lhe explicou os seus planos.

- Para efeitos legais tu és o pai, de modo que podes trazer a menina amanhã mesmo para esta casa - disse Paulina.

- Não o farei, tia. Os pais de Lynn ficarão com a neta enquanto eu for para a guerra; querem criá-la e eu estou de acordo - replicou o sobrinho num tom categórico, que ela nunca ouvira.- Estás louco? Não podemos deixar a minha neta nas mãos de Eliza Sommers e desse chinês! - exclamou Paulina.

- Porque não? São seus avós.

- Queres que se crie em Chinatown? Nós podemos dar-lhe educação, oportunidades, luxo, um apelido respeitável. Eles não podem dar-lhe nada disto.

- Dar-lhe-ão amor - replicou Severo.

- Eu também! Lembra-te que me deves muito, sobrinho. Esta é a tua oportunidade de pagar-me e de fazer alguma coisa por essa criança.

- Sinto muito, tia, já está decidido. Aurora ficará com os seus avós maternos.

Paulina del Valle teve uma das muitas brecas da sua vida, Não conseguia acreditar que aquele sobrinho que supunha ser seu aliado incondicional, que se convertera noutro filho para ela, pudesse traí-la de uma forma tão vil. Tanto gritou, insultou, argumentou em vão e sufocou, que Williams teve de chamar um médico que lhe administrasse uma dose de tranquilizantes apropriada ao seu tamanho e a pusesse a dormir por um bom bocado. Quando acordou, trinta horas mais tarde, o sobrinho já estava a bordo do vapor que o levaria ao Chile. Entre o marido e o fiel Williams conseguiram convencê-la de que não era caso de recorrer à violência, conforme pensava, Porque por mais corrupta que fosse a justiça em São Francisco, não havia pretexto legal para arrebatar o bebé aos avós maternos, tendo em conta que o suposto pai assim o determinara Por escrito. Sugeriram-lhe que também não recorresse ao recurso tão batido de oferecer dinheiro pela miúda, porque podia voltar-se contra si e atingi-la com uma pedrada nos dentes. O único caminho possível era a diplomacia, até Severo del Valle voltar e poderem nessa altura chegar a algum acordo, aconselharam-na, mas ela não quis ouvir razões e dois dias mais tarde apresentou-se na casa de chá de Eliza Sommers com uma proposta que, tinha a certeza, a outra avó não poderia recusar. Eliza recebeu-a de luto pela filha, mas iluminada pelo consolo dessa neta, que dormia placidamente ao seu lado. Ao ver o berço de prata que fora dos seus filhos instalado junto da janela, Paulina teve um sobressalto, mas imediatamente se lembrou que dera autorização a Williams para o entregar a Severo e mordeu os lábios, pois não estava ali para brigar por um berço, por mais valioso que fosse, mas para negociar pela sua neta. “Não ganha quem tem razão, mas quem regateia melhor”, costumava dizer. E neste caso não só lhe parecia evidente a razão estar do seu lado, como ninguém a vencer na arte de regatear.

Eliza tirou o bebé do berço e entregou-lho. Paulina segurou naquele pacotinho minúsculo, tão leve que parecia só um embrulho de trapos, e julgou que o coração lhe explodia com um sentimento completamente novo. “Meu Deus, meu Deus”, repetiu aterrada diante desta vulnerabilidade desconhecida que lhe enfraquecia os joelhos e lhe criava um soluço no peito. Sentou-se numa poltrona com a neta meio perdida no seu enorme regaço, embalando-a, enquanto Eliza Sommers dispunha o chá e os doces que lhe servia antes, nos tempos em que era a cliente mais assídua da sua pastelaria. Nesses minutos Paulina del Valle conseguiu recuperar-se da emoção e

colocar a sua artilharia em posição de ataque. Começou por dar os pêsames pela morte de Lynn e passou a admitir que o seu filho Matías era sem dúvida o pai de Aurora, bastava ver a criança para o saber: era igual a todos os Rodríguez de Santa Cruz e del Valle. Lamentava muito, disse, que Matías estivesse na Europa por motivos de saúde e não pudesse ainda reclamar a menina. Depois demonstrou o desejo de ficar com a neta, uma vez que Eliza trabalhava tanto, dispunha de pouco tempo e de menos recursos, ser-lhe-ia impossível sem dúvida dar a Aurora o mesmo nível de vida que esta teria na sua casa de Nob Hill. Disse-o num tom de quem outorga um favor, dissimulando a ansiedade que lhe apertava a garganta e o tremor das mãos. Eliza Sommers respondeu que agradecia tão generosa proposta, mas tinha a certeza de que ela e Tao Chi'en podiam encarregar-se de Lai-Ming, tal como Lynn lhes pedira antes de morrer. Evidentemente, acrescentou, Paulina seria sempre bem-vinda na vida da menina.

- Não devemos criar confusões a respeito da paternidade de Lai-Ming - acrescentou Eliza Sommers. - Tal como você e o seu filho garantiram há alguns meses atrás, ele nada teve a ver com Lynn. Recordar-se-á que o seu filho manifestou claramente que o pai da menina podia ser qualquer um dos seus amigos.

- São coisas que se dizem no calor da discórdia, Eliza.

Matías disse-o sem pensar... - balbuciou Paulina.

- O facto de Lynn se ter casado com o senhor Severo del Valle prova que o seu filho dizia a verdade, Paulina. A minha neta não tem laços de sangue consigo, mas repito-lhe que pode vê-la quando desejar. Quanto mais pessoas lhe tiverem carinho, melhor para ela.

Na meia hora seguinte as duas mulheres defrontaram-se como gladiadores, cada uma ao seu estilo. Paulina del Valle passou da lisonja à perseguição, da súplica ao recurso desesperado do suborno e quando tudo lhe falhou, à ameaça, sem que a outra avó cedesse um milímetro da sua posição, excepto para pegar suavemente na pequena e devolvê-la ao berço. Paulina não soube em que momento a raiva lhe subiu à cabeça, perdeu por completo o controlo da situação e acabou guinchando que Eliza Sommers ia ver quem eram os Rodríguez de Santa Cruz, o poder que tinham nesta cidade e como podiam arruiná-la, ao seu estúpido negócio de bolos e ao seu chinês também, que não era conveniente converter-se em inimiga de Paulina del Valle e que mais

cedo ou mais tarde lhe tiraria a miúda, que disso podia estar certa, porque ainda não tinha nascido quem lhe fizesse frente. Com uma patada varreu as finas chávenas de porcelana e os doces chilenos, que aterraram no chão numa nuvem de açúcar impalpável, e saiu resfolegando como um touro de lide. Já na carruagem, com o sangue pulsando-lhe nas fontes e o coração aos coices sob as camadas de gordura presas no espartilho, pôs-se a chorar convulsivamente, como já não chorava desde que colocara a tranca na porta do seu quarto e ficara sozinha na grande cama mitológica. Tal como nessa altura, falhara-lhe a sua melhor ferramenta: a habilidade para regatear como um mercador árabe, que tanto êxito lhe trouxera noutros aspectos da sua vida. Por ambicionar demasiado, acabou por perder tudo.

## SEGUNDA PARTE
## 1880-1896

Existe um retrato meu aos três ou quatro anos, o único daquela época que sobreviveu aos avatares do destino e à decisão de Paulina del Valle de apagar as minhas origens. É um cartão gasto numa moldura de viagem, um daqueles antigos estojos de veludo e metal, tão na moda no século dezanove e que já ninguém usa. Na fotografia pode ver-se uma criança muito pequena, ataviada ao estilo das noivas chinesas, com uma túnica comprida de cetim bordado e por baixo umas calças noutro tom; está calçada com delicadas sapatilhas assentes sobre feltro branco, protegidas por uma fina lâmina de madeira; leva o cabelo subido num carrapito demasiado alto para o seu tamanho e preso por duas agulhas grossas, talvez de ouro ou prata, unidas por uma pequena grinalda de flores. A miúda segura um leque aberto na mão e podia estar a rir, mas as feições mal se distinguem, a cara é apenas uma lua clara e os olhos duas manchinhas pretas. Atrás da menina vislumbra-se a grande cabeça de um dragão de papel e as estrelas reluzentes do fogo de artifício. A fotografia foi tirada durante a comemoração do Ano Novo chinês em São Francisco. Não me lembro desse momento e não reconheço a menina desse único retrato.

A minha mãe, Lynn Sommers, pelo contrário, aparece em várias fotografias que resgatei do esquecimento com tenacidade e bons contactos. Fui a São Francisco há alguns anos conhecer o meu tio Lucky e dediquei-me a percorrer velhas livrarias e estúdios de fotógrafos à procura dos calendários e dos postais para os quais posava; ainda me chegam alguns quando o meu tio Lucky os encontra. A minha mãe era muito bonita, é tudo o que posso dizer dela, porque também não a reconheço nesses retratos. Não me lembro dela, evidentemente, visto que morreu quando eu nasci, mas a mulher dos calendários é uma estranha, não tenho nada dela, não consigo visualizá-la como minha mãe, só como um jogo de luz e de sombra no papel. Também não parece ser irmã do meu tio Lucky, ele é um chinês baixo e cabeçudo, de aspecto vulgar mas muito boa pessoa. Pareço-me mais com o meu pai, tenho o seu tipo espanhol; infelizmente fui buscar muito pouco da raça do meu extraordinário avô Tao Chi'en. Se não fosse por esse avô ser a memória mais nítida e perseverante da minha vida, o amor mais antigo contra o qual se estilhaçam todos os homens que conheci porque nenhum

consegue igualá-lo, não acreditaria ter sangue chinês nas minhas veias. Tao Chi'en vive sempre comigo. Consigo vê-lo, espigado, galhardo, vestido sempre com uma correcção impecável, o cabelo grisalho, óculos redondos e um olhar de bondade irremediável nos seus olhos amendoados. Nas minhas evocações está sempre a sorrir, às vezes oiço-o cantando-me em chinês. Ronda-me, acompanha-me, guia-me, tal como disse à minha avó Eliza que o faria depois da sua morte. Há um daguerreótipo desses dois avós quando eram jovens, antes de se casarem: ela sentada numa cadeira de espaldar alto e ele atrás, de pé, ambos vestidos à moda americana da altura, olhando para a câmara de frente com uma vaga expressão de pavor. Esse retrato, finalmente resgatado, está sobre a minha mesa-de-cabeceira e é a última coisa que vejo antes de apagar o candeeiro todas as noites, mas teria gostado de tê-lo comigo na infância, quando necessitava tanto da presença desses avós.

Fui, desde que me consigo recordar, atormentada pelo mesmo pesadelo. As imagens desse sonho pertinaz ficam comigo durante horas, desgraçando-me o dia e a alma. É sempre a mesma sequência: caminho pelas ruas vazias de uma cidade desconhecida e exótica, vou de mão dada com alguém cujo rosto nunca consigo vislumbrar, vejo apenas as suas pernas e as pontas de uns sapatos reluzentes. De súbito somos rodeados por meninos de pijamas pretos que dançam uma ronda feroz. Uma mancha escura, sangue talvez, espalha-se sobre o empedrado, enquanto o círculo dos meninos se fecha inexorável, cada vez mais ameaçador, em redor da pessoa que me leva pela mão. Encurralam-nos, empurram-nos, puxam por nós, separam-nos; procuro a mão amiga e encontro o vazio. Grito sem voz, caio sem ruído e nessa altura acordo com o coração desenfreado. às vezes passo vários dias calada, consumida pela memória do sonho, tentando penetrar nas camadas de mistério que o envolvem, para ver se descubro algum pormenor, até esse momento despercebido, que me dê a chave do seu significado. Nesses dias sofro uma forma de febre fria em que o corpo se me fecha e o meu espírito fica preso num território gelado. Estive nesse estado de paralisia durante as primeiras semanas em casa de Paulina del Valle. Tinha cinco anos quando me levaram para o palacete de Nob Hill e ninguém se deu ao trabalho de explicar-me por que de repente a minha vida dava uma reviravolta dramática, onde estavam os meus avós Eliza e Tao, quem era aquela senhora monumental coberta de jóias que me observava de um trono com os olhos

cheios de lágrimas. Corri a esconder-me debaixo de uma mesa e aí permaneci como um cão espancado, segundo me contaram. Nessa época Williams era o mordomo dos Rodríguez de Santa Cruz - custa imaginá-lo, na verdade - e foi ele que se lembrou, no dia seguinte, da solução de colocar a minha comida numa bandeja amarrada com um cordel; foram puxando pelo cordel aos poucos e eu fui-me arrastando atrás da bandeja quando já não aguentava mais a fome, até conseguirem tirar-me do meu refúgio, mas cada vez que amanhecia com o pesadelo voltava a esconder-me debaixo da mesa. Isso durou um ano, até virmos para o Chile e, com o atordoamento da viagem e da instalação em Santiago, ter-me passado essa mania.

O meu pesadelo é a preto e branco, silencioso e inapelável, tem uma qualidade eterna. Suponho que já possuo informações suficientes para conhecer as chaves do seu significado, mas nem por isso deixou de atormentar-me. Por causa dos meus sonhos, sou diferente, como essa gente que por causa de um mal à nascença ou de uma deformidade tem de realizar um esforço constante para levar uma existência normal. Eles ostentam marcas visíveis, a minha não se vê, mas existe, posso compará-la com ataques de epilepsia, que assaltam de repente e deixam um rasto de confusão. à noite deito-me com receio, não sei o que acontecerá enquanto durmo nem como acordarei. Experimentei vários recursos contra os meus demónios nocturnos, desde licor de laranja com algumas gotas de ópio, até ao transe hipnótico e outras formas de necromancia, mas nada me garante um sono aprazível, excepto a boa companhia. Dormir abraçada é, até agora, o único remédio seguro. Deveria casar-me, como me aconselha toda a gente, mas já o fiz uma vez e foi uma calamidade, não posso tentar o destino novamente. Aos trinta anos e sem marido sou pouco menos do que uma aberração, as minhas amigas olham-me com pena, embora talvez algumas delas invejem a minha independência. Não estou sozinha, tenho um amor secreto, sem amarras nem condições, motivo de escândalo em qualquer parte, mas sobretudo aqui onde nos calhou viver. Não sou solteira nem viúva nem divorciada, vivo no limbo das “separadas”, onde vão parar as infelizes que preferem o escárnio público a viver com um homem que não amam. De que outro modo poderia ser no Chile, onde o casamento é eterno e inexorável? Num ou noutro amanhecer extraordinário, quando os corpos do meu amante e o meu, húmidos de suor e lânguidos de sonhos partilhados ainda jazem nesse estado semi-inconsciente de ternura absoluta, felizes e

confiantes como crianças adormecidas, caímos na tentação de falar em casamento, em irmos para outro lugar, para os Estados Unidos, por exemplo, onde há muito espaço e ninguém nos conhece, para vivermos juntos como qualquer casal normal, mas depois acordamos com o sol a espreitar à janela e não voltamos a mencioná-lo, porque ambos sabemos que não conseguiríamos viver noutro lado, só neste Chile de cataclismos geológicos e mesquinhices humanas, mas também de ásperos vulcões e cumes nevados, de lagos imemoriais semeados de esmeraldas, de rios espumosos e bosques fragrantes, país estreito como uma fita, pátria de gente pobre e no entanto inocente, apesar de tantos e tão variados abusos. Nem ele poderia partir, nem eu me cansarei de o fotografar. Gostaria de ter filhos, isso sim, mas acabei por aceitar que nunca serei mãe; não sou estéril, sou fértil noutros aspectos. Nívea del Valle diz que um ser humano não se define pela sua capacidade reprodutora, o que não deixa de ser uma ironia vindo dela, que deu à luz mais de uma dúzia de garotos. Mas este não é o lugar adequado para falar dos filhos que não terei ou do meu amante, mas para falar dos eventos que determinaram quem sou. Compreendo que na escrita destas memórias tenha de trair outros, é inevitável. “Lembra-te que a roupa suja se lava em casa”, repete-me Severo del Valle, que se criou, como todos nós, sob esse lema. “Escreve com honestidade e não te preocupes com os sentimentos alheios, porque digas o que disseres, de qualquer forma vão odiar-te”, aconselha-me, pelo contrário, Nívea. Continuemos, então.

Face à impossibilidade de eliminar os meus pesadelos, pelo menos tento extrair deles algum proveito. Verifiquei que depois de uma noite tormentosa fico alucinada e em carne viva, um estado óptimo para criar. As minhas melhores fotografias foram tiradas em dias como esses, quando a única coisa que desejo é meter-me debaixo da mesa, tal como fazia nos primeiros tempos em casa da minha avó Paulina. O sonho dos meninos em pijamas pretos levou-me à fotografia, tenho a certeza disso. Quando Severo del Valle me ofereceu uma máquina fotográfica, a primeira coisa de que me lembrei foi que, se conseguisse fotografar esses demónios, os derrotaria. Aos treze anos tentei-o muitas vezes. Inventei complicados sistemas de rodinhas e de cordas para activar uma máquina fixa enquanto dormia, até se tornar evidente que aquelas criaturas eram invulneráveis ao assalto da tecnologia. Ao ser observado com verdadeira atenção, um objecto ou um corpo de aparência comum transforma-se em algo sagrado. A máquina fotográfica

pode revelar os segredos que o olho nu ou o espírito não captam, tudo desaparece excepto o que focámos no quadrado. A fotografia é um exercício de observação e o resultado é sempre um golpe de sorte; entre os milhares e milhares de negativos que enchem vários caixotes no meu estúdio há muito poucos excepcionais. O meu tio Lucky Chi'en sentir-se-ia defraudado se soubesse o pouco efeito que teve o seu bafo de boa sorte no meu trabalho. A máquina fotográfica é um aparelho simples, mesmo o mais inepto consegue usá-la, o desafio consiste em criar com ela essa combinação de verdade e beleza que se chama arte. Essa procura é sobretudo espiritual. Procuro verdade e beleza na transparência de uma folha no Outono, na forma perfeita de um caracol na praia, na curva de umas costas femininas, na textura de um antigo tronco de árvore, mas também noutras formas escorregadias da realidade. Algumas vezes, ao trabalhar com uma imagem no meu quarto escuro, aparece a alma de uma pessoa, a emoção de um evento ou a essência vital de um objecto, nessa altura a gratidão explode no meu peito e ponho-me a chorar, não consigo evitá-lo. É para essa revelação que aponta o meu ofício.

Severo del Valle dispôs de várias semanas de navegação para chorar Lynn Sommers e meditar no que seria o resto da sua vida. Sentia-se responsável pela bebé Aurora e redigira um testamento antes de embarcar para que a pequena herança que recebera do pai e as suas poupanças fossem directamente para ela no caso de ele faltar. Entretanto ela receberia os juros todos os meses. Sabia que os pais de Lynn cuidariam dela melhor do que ninguém e supunha que por maior que fosse a sua prepotência, a sua tia Paulina não tentaria tirá-la à força, porque o marido não permitiria que transformasse aquele assunto num escândalo público.

Sentado na proa do barco com o olhar perdido no mar infinito, Severo concluiu que nunca se recomporia pela perda de Lynn. Não desejava viver sem ela. Perecer em combate era o melhor que o futuro poderia deparar-lhe: morrer depressa e rapidamente, era tudo o que pedia. Durante meses o amor por Lynn e a sua decisão de ajudá-la tinham-lhe ocupado o tempo e a atenção, por isso foi adiando diariamente o regresso, enquanto todos os chilenos da sua idade se alistavam em massa para lutar. A bordo iam vários jovens com o mesmo propósito de se incorporarem às fileiras - vestir o uniforme era uma questão de honra -, com quem se juntava para analisar as notícias da guerra transmitidas pelo telégrafo. Nos quatro anos que passou na

Califórnia, Severo acabou por desenraizar-se do seu país, tinha respondido ao chamamento da guerra como uma forma de abandonar-se ao luto, mas não sentia o menor fervor bélico. No entanto, à medida que o barco navegava para Sul, foi-se deixando contagiar pelo entusiasmo dos restantes. Voltou a pensar em servir o Chile como tinha desejado fazê-lo na época da escola, quando discutia política nos cafés com outros estudantes. Supunha que os seus antigos colegas estariam a combater há meses, enquanto ele andava às voltas em São Francisco fazendo horas para visitar Lynn Sommers e jogar mah-jong. Como poderia justificar semelhante cobardia aos amigos e parentes? A imagem de Nívea assaltava-o durante estas reflexões. A prima não entenderia a demora em regressar para defender a pátria, porque, tinha a certeza, se fosse homem, teria sido a primeira a partir para a frente. Felizmente que com ela não haveriam explicações, esperava morrer crivado antes de voltar a vê-la; era preciso muito mais coragem para enfrentar Nívea, depois da forma como se comportara com ela, do que para combater o mais feroz inimigo. O navio avançava com uma lentidão desesperante, a este ritmo chegaria ao Chile depois de a guerra ter terminado, calculava ansioso. Tinha a certeza de que a vitória seria para os seus, apesar da vantagem numérica do adversário e da incompetência arrogante do alto comando chileno. O comandante chefe do exército e o almirante da esquadra eram dois velhadas que não conseguiam pôr-se de acordo na estratégia mais elementar, mas os chilenos tinham uma maior disciplina militar do que os peruanos e bolivianos. “Foi necessário Lynn morrer para eu decidir voltar ao Chile e cumprir com o meu dever patriótico, sou um piolho”, resmungava para si próprio, envergonhado.

O porto de Valparaíso brilhava na luz radiante de Dezembro quando o vapor ancorou na baía. Ao entrar nas águas territoriais do Peru e do Chile tinham avistado alguns navios das esquadras dos dois países em manobras, mas só ao atracarem em Valparaíso tiveram a evidência da guerra. O aspecto do porto era muito diferente do que Severo recordava. A cidade estava militarizada, havia tropas acantonadas à espera de transporte, a bandeira chilena ondulava nos edifícios e notava-se uma grande agitação de botes e rebocadores ao redor de vários navios da armada, escasseando, pelo contrário, os barcos de passageiros. O jovem avisara a mãe da data da sua chegada, mas não esperava vê-la no porto, porque há já alguns anos que esta vivia em Santiago com os filhos mais novos e a viagem desde a capital era

bastante fatigante. Pela mesma razão não se deu ao trabalho de esquadrinhar o molhe à procura de pessoas conhecidas, como fazia a maior parte dos passageiros. Agarrou na sua mala, entregou algumas moedas a um marinheiro para que se encarregasse dos seus baús e desceu a prancha respirando a plenos pulmões o ar salino da cidade onde nascera. Ao pisar terra cambaleava como um bêbedo; durante as semanas de navegação tinha-se habituado ao vaivém das ondas e agora custava-lhe andar em terra firme. Chamou um carregador com um assobio, para que o ajudasse com a bagagem, e dispôs-se a procurar uma carruagem que o levasse a casa da sua avó Emilia, onde pensava ficar algumas noites até poder incorporar-se ao exército. Nesse momento sentiu que lhe tocavam no braço. Voltou-se surpreendido e encontrou-se cara a cara com a última pessoa que desejava ver neste mundo: a sua prima Nívea. Precisou de alguns segundos para a reconhecer e se recompor da comoção. A rapariga que deixara quatro anos antes transformara-se numa mulher desconhecida, sempre baixa, mas muito mais magra e de corpo bem feito. A única coisa que permanecia intacta era a expressão inteligente e concentrada do seu rosto. Trazia um vestido de Verão em tafetá azul e um chapéu de palhinha com um grande laço de organdi branco amarrado sob o queixo, emoldurando a sua cara ovalada, de feições finas, onde os olhos pretos brilhavam inquietos e divertidos. Estava sozinha. Severo não conseguiu cumprimentá-la, ficou a olhar para ela com a boca aberta até recuperar a lucidez e conseguir perguntar-lhe, perturbado, se tinha recebido a última carta dele, referindo-se àquela em que a informava do seu casamento com Lynn Sommers. Como não lhe escrevera desde essa altura, calculou que nada sabia sobre a morte de Lynn ou o nascimento de Aurora, a sua prima não podia adivinhar que se convertera em viúvo e pai sem nunca ter sido marido.

- Disso falaremos depois, por agora deixa-me dar-te as boas-vindas. Tenho uma carruagem à espera - interrompeu-o ela.

Assim que os baús foram colocados na carruagem, Nívea ordenou ao cocheiro que os levasse em andamento lento pela beira-mar; isso dava-lhes tempo de falar antes de chegarem a casa, onde o resto da família o esperava.

- Portei-me contigo como um desalmado, Nívea. A única coisa que posso dizer a meu favor é que nunca quis magoar-te - murmurou Severo sem se atrever a olhá-la.

- Reconheço que estava furiosa contigo, Severo, tinha de morder a língua para não te amaldiçoar, mas já não guardo rancor. Julgo que sofreste mais do que eu. Sinceramente sinto muito o que aconteceu à tua mulher.

- Como sabes o que aconteceu?

- Recebi um telegrama com a notícia, vinha assinado por um tal Williams.

A primeira reacção de Severo foi de ira, como se atrevia o mordomo a imiscuir-se daquela maneira na sua vida privada, mas depois não conseguiu evitar um impulso de gratidão porque aquele telegrama lhe evitava explicações dolorosas.

- Não espero que me perdoes, apenas que me esqueças, Nívea. Tu, mais do que ninguém, mereces ser feliz...

- Quem te disse que desejo ser feliz, Severo? É o último adjectivo que utilizaria para definir o futuro que aspiro. Quero uma vida interessante, aventureira, diferente, apaixonada, enfim, qualquer coisa antes do que feliz.

- Ai, prima, é maravilhoso verificar como mudaste pouco! De qualquer forma, dentro de alguns dias estarei a marchar com o exército para o Peru e francamente espero morrer com as botas calçadas, porque a minha vida já não tem qualquer sentido.

- E a tua filha?

- Vejo que Williams te deu todos os pormenores. Disse-te também que não sou o pai dessa menina? - perguntou Severo.

- Quem é?

- Não importa. Para efeitos legais é minha filha. Está nas mãos dos avós e não lhe faltará dinheiro, deixei-a bem amparada.

- Como se chama?

- Aurora.

- Aurora del Valle... bonito nome. Trata de regressar inteiro da guerra, Severo, porque quando nos casarmos essa menina será certamente a nossa primeira filha - disse Nívea corando.

- O que disseste?

- Esperei por ti toda a minha vida, posso bem continuar esperando. Não há pressa, tenho muitas coisas para fazer antes de me casar. Estou a trabalhar.

- A trabalhar! Porquê? - exclamou Severo, escandalizado, pois nenhuma mulher na sua família ou em qualquer outra família que conhecesse trabalhava.

- Para aprender. O meu tio José Francisco contratou-me para organizar a biblioteca dele e dá-me autorização para ler tudo o que quiser. Lembras-te dele?

- Conheço-o muito mal, não é aquele que se casou com uma herdeira e tem um palácio em Viña del Mar?

- Esse mesmo, é parente da minha mãe. Não conheço homem mais sábio nem melhor e além disso bem parecido, embora não tanto como tu - riu-se ela.

- Não troces, Nívea.

- Era bonita a tua mulher? - perguntou a rapariga.

- Muito bonita.

- Terás de passar pelo teu luto, Severo. Talvez a guerra sirva para isso. Dizem que as mulheres muito belas são inesquecíveis, espero que aprendas a viver sem ela, embora não a esqueças. Rezarei para que voltes a apaixonar-te e oxalá seja por mim... - murmurou Nívea agarrando-lhe na mão.

E então Severo del Valle sentiu uma dor terrível no tórax, como se uma lança lhe atravessasse as costelas, e um soluço saiu-lhe dos lábios seguido por um choro incontrolável que o sacudia todo, enquanto repetia soluçando o nome de Lynn, Lynn, mil vezes Lynn. Nívea puxou-o para si e abraçou-o com os seus braços magros, dando-lhe palmadinhas de consolo nas costas, como se ele fosse uma criança.

A Guerra do Pacífico começou no mar e continuou por terra, combatendo corpo a corpo de baionetas em riste e cimitarras nos desertos mais áridos e inclementes do mundo, nas províncias que hoje formam o norte do Chile, mas que antes da guerra pertenciam ao Peru e à Bolívia. Os exércitos peruano e boliviano estavam mal preparados para a contenda, eram pouco numerosos, mal armados e o sistema de abastecimento falhava tanto que algumas batalhas e escaramuças se decidiram por falta de água para beber ou porque as rodas das carroças carregadas com caixotes de balas se enterravam na areia. O Chile era um país expansionista, com uma economia sólida, detentor da melhor esquadra da América do Sul e de um exército de mais de setenta mil homens. Tinha reputação de civismo num continente de caudilhos rústicos, corrupção sistemática e revoluções sangrentas; a austeridade do carácter chileno e a solidez das suas instituições eram a inveja das nações vizinhas, as suas escolas e universidades atraíam professores e estudantes estrangeiros. A influência de imigrantes ingleses,

alemães e espanhóis tinha conseguido impor uma certa temperança no arrebatado temperamento crioulo. O exército recebia instrução prussiana e não conhecia a paz, pois durante os anos que antecederam a Guerra do Pacífico mantivera-se de armas na mão a combater os índios no sul do país, na zona chamada La Frontera, porque até aí chegara o braço civilizador e para lá começava o imprevisível território indígena onde até há pouco tempo atrás só se tinham aventurado os missionários jesuítas. Os formidáveis guerreiros araucanos, que lutavam sem tréguas desde os tempos da conquista, não se vergavam diante das balas nem das piores atrocidades, mas iam caindo um por um à força de álcool. Lutando contra eles os soldados treinaram-se em ferocidade. Depressa peruanos e bolivianos aprenderam a recear os chilenos, inimigos sanguinários capazes de matar à faca e à bala feridos e prisioneiros. à sua passagem, os chilenos despertavam tanto ódio e temor, que provocaram uma violenta antipatia internacional, com a consequente série interminável de reclamações e litígios diplomáticos, exacerbando nos seus adversários a decisão de lutar até à morte, uma vez que de pouco lhes servia renderem-se. As tropas peruanas e bolivianas eram compostas por um punhado de oficiais, contingentes de soldados regulares mal apetrechados e massas de indígenas recrutados à força, que mal sabiam por que combatiam e que desertavam à primeira oportunidade. As fileiras chilenas, pelo contrário, contavam com uma maioria de civis, tão encarniçados em combate como os militares, que lutavam por paixão patriótica e não se rendiam. As condições eram, com frequência, infernais. Durante a marcha pelo deserto arrastavam-se numa nuvem de pó salobro, mortos de sede, com a areia até meia coxa, um sol impiedoso resplandecendo sobre as cabeças, e o peso das mochilas e munições ao ombro, aferrados às espingardas, desesperados. A varíola, o tifo e o paludismo dizimavam-nos; nos hospitais militares havia mais doentes do que feridos em combate. Quando Severo del Valle se juntou ao exército, os seus compatriotas ocupavam Antofagasta - única província marítima da Bolívia - e as províncias peruanas de Tarapacá, Arica e Tacna. Em meados de 1880 morreu vítima de um ataque cerebral em plena campanha do deserto o ministro da Guerra e da Marinha, mergulhando o Governo numa perplexidade total. Finalmente, o presidente nomeou em seu lugar um civil, dom José Francisco Vergara, o tio de Nívea, viajante incansável e leitor voraz, a quem coube empunhar o sabre aos quarenta e

seis anos para dirigir a guerra. Foi dos primeiros a observar que enquanto o Chile avançava à conquista do norte, a Argentina silenciosamente lhes ia arrebatando a Patagónia ao sul, mas ninguém lhe deu importância, porque consideravam esse território tão inútil como a Lua. Vergara era brilhante, tinha modos finos e uma grande memória, tudo lhe interessava, da botânica à poesia, era incorruptível e totalmente destituído de ambições políticas. Planeou a estratégia bélica com a mesma minúcia tranquila com que organizava os seus negócios. Apesar da desconfiança dos militares e perante a surpresa de toda a gente, conduziu as tropas chilenas directamente até Lima. Tal como disse a sua sobrinha Nívea: "A guerra é um assunto demasiado sério para ser entregue aos militares." A frase saiu do seio da família e converteu-se numa daquelas opiniões lapidares que passam a fazer parte do anedotário de um país.

Ao finalizar o ano, os chilenos preparavam-se para o assalto final a Lima. Severo del Valle estava a combater há onze meses, mergulhado na porcaria, no sangue, e na mais impiedosa barbárie. Nesse tempo a lembrança de Lynn Sommers ficou feita em pedaços, já não sonhava com ela, mas com os corpos destroçados dos homens com quem partilhara o rancho no dia anterior. A guerra era acima de tudo marcha forçada e paciência; os momentos de combate eram quase um alívio no tédio de mobilizar-se e de esperar. Quando conseguia sentar-se e fumar um cigarro, aproveitava para escrever algumas linhas para Nívea no mesmo tom de camaradagem que sempre utilizou com ela. Não falava de amor, mas pouco a pouco ia compreendendo que ela seria a única mulher da sua vida e que Lynn Sommers fora apenas uma prolongada fantasia. Nívea escrevia-lhe com regularidade, embora nem todas as suas cartas chegassem ao destino, falando-lhe da família, da vida na cidade, dos seus raros encontros com o tio José Francisco e dos livros que ele lhe aconselhava. Comentava também a transformação espiritual que a sacudia, de como se ia afastando de alguns ritos católicos que lhe pareciam demonstrações de paganismo, para procurar as raízes de um cristianismo mais filosófico do que dogmático. Preocupava-se que Severo, imerso num mundo tosco e cruel, perdesse o contacto com a sua alma e se transformasse num ser desconhecido. A ideia de que fosse obrigado a matar era-lhe intolerável. Tentava não pensar nisso, mas os relatos dos soldados esfaqueados, dos corpos decapitados, das mulheres violadas e das crianças trespassadas por baionetas eram impossíveis de

ignorar. Tomaria Severo parte nessas atrocidades? Conseguiria um homem que é testemunha desses feitos reintegrar-se à paz, converter-se em marido e pai de família? Conseguiria ela amá-lo apesar de tudo? Severo del Valle fazia a si próprio as mesmas perguntas enquanto o seu regimento se preparava para atacar, a poucos quilómetros da capital do Peru. No fim de Dezembro o contingente chileno estava preparado para a acção num vale a sul de Lima. Tinham-se preparado com esmero, dispunham de um exército numeroso, de mulas e de cavalos, de munições, víveres e água, de vários barcos à vela para transporte das tropas, além de quatro hospitais ambulatórios de seiscentas camas e de dois barcos convertidos em hospitais sob a bandeira da Cruz Vermelha.

Um dos comandantes chegou a pé com a sua brigada intacta, depois de atravessar pântanos e montes infinitos, e apresentou-se como um príncipe mongol com um séquito de mil e quinhentos chineses com as suas mulheres, crianças e animais. Quando os viu, Severo del Valle julgou ser vítima de uma alucinação na qual toda Chinatown tinha desertado de São Francisco para desaparecer na mesma guerra que ele. O pitoresco comandante tinha recrutado todos os chineses pelo caminho; eram imigrantes que trabalhavam em condições de escravidão e que, apanhados entre dois fogos, e sem lealdades particulares por nenhum bando, decidiram juntar-se às forças chilenas. Enquanto os cristãos ouviam missa antes de entrarem em combate, os asiáticos organizaram a sua própria cerimónia, depois os capelães militares espargiram toda a gente com água benta.

"Isto parece um circo", escreveu Severo nesse dia a Nívea, sem suspeitar que seria a sua última carta. Incitando os soldados e dirigindo o embarque de milhares e milhares de homens, animais, canhões e provisões, estava o ministro Vergara em pessoa, de pé desde as seis da manhã sob um sol abrasador, até bem entrada a noite.

Os peruanos tinham organizado duas linhas de defesa a poucos quilómetros da cidade em lugares de difícil acesso para os assaltantes. Aos montes escarpados e arenosos juntavam-se fortes, barreiras, batarias e trincheiras protegidas por sacos de areia para os atiradores. Além disso tinham instalado minas escondidas na areia, que explodiam ao contacto com os detonadores. Uma via férrea unia entre si as duas linhas de defesa e a cidade de Lima, para garantir o transporte de tropas, feridos e provisões. Tal como Severo del Valle e os seus camaradas sabiam antes de iniciar o ataque

em meados de Janeiro de 1881, a vitória - a acontecer - seria à custa de muitas vidas.

Naquela tarde de janeiro as tropas estavam prontas para a marcha sobre a capital do Peru. Depois de servir comida e desmontar o acampamento, queimaram os barracões de madeira que lhes tinham servido de morada e dividiram-se em três grupos com a intenção de assaltar as defesas inimigas de surpresa, amparados pela espessa neblina. Iam em silêncio, cada um com o seu pesado equipamento às costas e as espingardas prontas, dispostos a atacar "de frente e à chilena", conforme tinham decidido os generais, conscientes de que a arma mais poderosa que tinham a seu favor era a temeridade e a ferocidade dos soldados embriagados pela violência. Severo del Valle tinha visto circular os cantis com aguardente e pólvora, uma mistura incendiária que deixava as tripas em chamas, mas dava uma coragem indomável. Experimentara-a uma vez, mas depois passou dois dias aflito com vómitos e dores de cabeça, de modo que preferia suportar o combate a frio. A marcha no silêncio e no negrume da pampa pareceu-lhe interminável, apesar dos breves momentos de pausa. Passada já a meia-noite a imensa multidão de soldados deteve-se para descansar por uma hora.

Pensavam cair sobre uma estância balnear próxima de Lima antes do dia clarear, mas as ordens contraditórias e a confusão dos comandantes arruinou o plano. Pouco se sabia sobre a situação das fileiras da vanguarda, onde aparentemente já se tinha iniciado a batalha; isso obrigou a tropa esgotada a continuar sem parar para respirar. Seguindo o exemplo dos restantes, Severo livrou-se da mochila, da manta e do resto dos seus apetrechos, preparou a arma com a baioneta e começou a correr às cegas para a frente gritando a plenos pulmões como uma fera enraivecida, pois já não se tratava de apanhar o inimigo de surpresa, mas de aterrorizá-lo. Os peruanos estavam à espera deles e mal os tiveram à distância das armas fizeram cair sobre eles uma descarga cerrada de chumbo. Ao nevoeiro juntou-se o fumo e o pó, cobrindo o horizonte com um manto impenetrável, enquanto o ar se enchia de pavor com as cornetas chamando à carga, a gritaria e os alaridos do combate, os uivos dos feridos, os relinchos dos cavalos e o rugido dos tiros de canhão. O chão estava minado, mas os chilenos avançavam de qualquer maneira com o grito selvagem "ao assalto!" nos lábios.

Severo del Valle viu voar aos pedaços dois dos seus companheiros, que pisaram um detonador a poucos metros de distância. Não chegou a pensar

que a próxima explosão lhe poderia estar destinada, não havia tempo para pensar em nada porque os primeiros hussardos já saltavam sobre as trincheiras inimigas, caíam nas fossas com as cimitarras nos dentes e as baionetas em riste, massacrando e morrendo entre jorros de sangue. Os peruanos sobreviventes retrocederam e os atacantes começaram a escalar as colinas, forçando as defesas escalonadas nas encostas. Sem saber o que fazia, Severo del Valle viu-se de sabre na mão despedaçando um homem, disparando depois à queima-roupa na nuca de outro que fugia. A fúria e o horror tinham-se apoderado dele por completo; como todos os restantes, transformara-se numa besta. Tinha o uniforme roto e coberto de sangue, um pedaço das vísceras de alguém pendia-lhe de uma manga, já não tinha voz de tanto gritar e praguejar, tinha perdido o medo e a identidade, era só uma máquina de matar, repartindo golpes sem ver onde caíam, com a única meta de chegar ao cimo do monte.

Às sete da manhã, depois de duas horas de batalha, a primeira bandeira chilena ondulava sobre um dos cumes e Severo, de joelhos em cima da colina, viu uma multidão de soldados peruanos que se retiravam em debandada para depois se reunirem no pátio de uma fazenda, onde receberam em formação a carga frontal da cavalaria chilena. Em poucos minutos aquilo era um inferno. Severo del Valle, que se aproximava a correr, via o brilho dos sabres no ar e ouvia o tiroteio e os alaridos de dor. Quando chegou à fazenda já os inimigos corriam perseguidos novamente pelas tropas chilenas. Nisso chegou-lhe a voz do seu comandante indicando-lhe que agrupasse os homens do seu destacamento para atacar a povoação. A curta pausa, enquanto se organizavam as fileiras, deu-lhe um momento de descanso; deixou-se cair no chão, com a testa na terra, arquejando, trémulo, as mãos fincadas na sua arma. Calculou que o avanço era uma loucura, porque o seu regimento sozinho não podia fazer frente às numerosas tropas inimigas entrincheiradas nas casas e edifícios, seria preciso combater casa a casa; mas a sua missão não era pensar, era obedecer às ordens do seu superior e reduzir a povoação peruana a escombros, cinza e morte. Minutos mais tarde ia a trote à cabeça dos seus companheiros, enquanto os projécteis passavam silvando à sua volta. Entraram em duas colunas, uma de cada lado da rua principal. A maior parte dos habitantes tinha fugido ao grito de “vêm aí os chilenos!”, mas os que ficaram estavam decididos a combater com o que tivessem à mão, desde facas de cozinha até panelas com azeite a ferver

que atiravam das varandas. O regimento de Severo tinha instruções para ir de casa em casa até desocupar a povoação, tarefa nada fácil porque estava cheia de soldados peruanos empoleirados nos tectos, nas árvores, nas janelas, e nos umbrais das portas. Severo tinha a garganta seca e os olhos inflamados, só conseguia ver a um metro de distância; o ar, denso de fumo e de pó, tornara-se irrespirável, era tal a confusão que ninguém sabia o que fazer, imitavam simplesmente aquele que ia à frente. De súbito sentiu à sua volta uma saraivada de balas e compreendeu que não podia continuar a avançar, tinha de procurar refúgio. Com uma coronhada abriu a porta mais próxima e irrompeu pela casa dentro com o sabre em riste, cego pelo contraste entre o sol abrasador de fora e a penumbra interior. Precisava de alguns minutos para carregar o seu fuzil, mas não os teve: um grito dilacerante paralisou-o de surpresa e avistou uma figura que estivera agachada a um canto e que agora se erguia à sua frente brandindo um machado. Conseguiu proteger a cabeça com os braços e jogar o corpo para trás. O machado caiu como um relâmpago sobre o seu pé esquerdo, pregando-o ao chão. Severo del Valle não soube o que tinha acontecido, reagiu por puro instinto, Com todo o peso do seu corpo empurrou a espingarda com a baioneta em riste, enfiou-a no ventre do seu atacante e depois levantou-a com um esforço brutal. Um jorro de sangue atingiu-o em plena cara. E nessa altura apercebeu-se de que o inimigo era uma rapariga. Abrira-a de cima a baixo e ela, de joelhos, segurava os intestinos que começavam a escorrer para o soalho. Os olhos de ambos cruzaram-se num olhar interminável, surpreendidos, perguntando-se no silêncio eterno desse instante quem eram, por que se defrontavam dessa forma, por que se esvaíam, por que tinham de morrer. Severo quis segurá-la, mas não conseguiu mexer-se e sentiu pela primeira vez a dor terrível no pé, que subia como uma língua de fogo pela perna até ao peito. Nesse instante outro soldado chileno irrompeu pela casa, avaliou com um olhar a situação e sem vacilar disparou para a mulher à queima-roupa, que de qualquer forma já estava morta, agarrou depois no machado e com um puxão formidável libertou Severo. “Vamos, tenente, é preciso sair daqui, a artilharia vai começar a disparar!”, exigiu-lhe, mas Severo perdia sangue aos borbotões, desvanecia, voltava a recuperar o conhecimento por alguns instantes mas depressa a escuridão voltava a rodeá-lo. O soldado colocou-lhe o seu cantil na boca e obrigou-o a beber um grande gole de aguardente, depois

improvisou um torniquete com um lenço amarrado abaixo do joelho, colocou o ferido às costas e levou-o aos arrastões. Lá fora outras mãos o ajudaram e quarenta minutos mais tarde, enquanto a artilharia chilena varria a tiros de canhão aquele povoado, deixando escombros e ferros torcidos onde antes existira uma aprazível estância balnear, Severo esperava no pátio do hospital junto a centenas de cadáveres despedaçados e milhares de feridos atirados em charcos e fustigados pelas moscas, que a morte viesse ou um milagre o salvasse. O sofrimento e o medo aturdiam-no, de vez em quando mergulhava num desmaio misericordioso e quando ressuscitava via o céu tornar-se negro. Ao calor abrasador do dia seguiu-se o frio húmido da camanchaca (nevoeiro denso, muito baixo e húmido, vindo da costa e que aparece sobretudo durante a noite ou a madrugada), que envolveu a noite no seu manto de espesso nevoeiro. Nos momentos de lucidez lembrava-se das orações aprendidas na infância e suplicava uma morte rápida, enquanto a imagem de Nívea lhe aparecia como um anjo, julgava vê-la inclinada sobre si, segurando-o, limpando-lhe a testa com um lenço molhado, dizendo-lhe palavras de amor.

Repetia o nome de Nívea, clamando sem voz por um copo de água.

A batalha para conquistar Lima terminou às seis da tarde. Nos dias seguintes, quando puderam contabilizar os mortos e feridos, calcularam que cerca de vinte por cento dos combatentes de ambos os exércitos pereceram nessas horas. Muitos mais morreriam depois em consequência das feridas infectadas. Improvisaram os hospitais de campanha numa escola e em tendas disseminadas pelas proximidades. O vento arrastava o fedor de carniça a quilómetros de distância. Os médicos e enfermeiros, exaustos, atendiam os que chegavam na medida das suas possibilidades, mas havia mais de dois mil e quinhentos feridos nas fileiras chilenas e calculava-se pelo menos sete mil entre os sobreviventes das tropas peruanas. Os feridos acumulavam-se nos corredores e nos pátios, atirados pelo chão, até chegar a sua vez. Os mais graves eram atendidos primeiro e Severo del Valle ainda não estava a agonizar, apesar da enorme perda de força, sangue e esperança, de modo que os maqueiros deixavam-no sistematicamente para trás para dar lugar a outros. O mesmo soldado que o pôs às costas para o levar até ao hospital, rasgou-lhe a bota com a sua faca, tirou-lhe a camisa ensopada e com ela improvisou um penso para o pé destroçado porque não havia à mão nem ligaduras, nem medicamentos, nem fenol para desinfectar, nem ópio, nem

clorofórmio, tudo se esgotara ou perdera na desordem da contenda. “Afrouxe o torniquete de vez em quando, para a perna não gangrenar, tenente”, recomendou-lhe o soldado. Antes de se despedir desejou-lhe boa sorte e ofereceu-lhe as suas posses mais preciosas: um maço de cigarros e o seu cantil com os restos da aguardente. Severo del Valle não soube quanto tempo esteve naquele pátio, talvez um dia, talvez dois. Quando finalmente foram buscá-lo para o levar ao médico, estava inconsciente e desidratado, mas ao mexê-lo a dor foi tão forte que acordou com um uivo. Aguente, tenente, olhe que lhe falta o pior”, disse um dos maqueiros. Viu-se numa sala grande, com o chão coberto de areia, onde de quando em vez dois ordenanças despejavam novos baldes de areia para absorver o sangue e levavam nos mesmos baldes os membros amputados para os queimarem lá fora numa pira enorme, que impregnava o vale de um cheiro a carne chamuscada. Em quatro mesas de madeira cobertas por pranchas metálicas operavam os desgraçados soldados, pelo chão havia bacias com água avermelhada onde enxaguavam as esponjas para estancar os cortes e montes de trapos rasgados em tiras para usar como ligaduras, tudo sujo e salpicado de areia e serradura. Em cima de uma mesa lateral estavam espalhados pavorosos instrumentos de tortura - tenazes, tesouras, serras, agulhas - manchados de sangue seco. Os gritos dos operados enchiam o ambiente e o cheiro a decomposição, vómitos e excremento era irrespirável. O médico acabou por ser um imigrante dos Balcãs com o ar de dureza, segurança e rapidez de um cirurgião experiente. Tinha uma barba de dois dias, os olhos vermelhos de fadiga e vestia um grosso avental de couro coberto de sangue fresco. Tirou o penso improvisado do pé de Severo, alargou o torniquete e bastou-lhe um olhar para ver que a infecção começara e decidir-se pela amputação. Não havia dúvidas de que nesses dias tinha cortado muitos membros, porque nem pestanejou.

- Tem alguma bebida alcoólica, soldado? - perguntou com uma evidente pronúncia estrangeira.

- Água... - suplicou Severo del Valle com a língua ressequida.

- Depois beberá água. Agora precisa de alguma coisa que o atordoe um pouco, mas aqui já não temos nem uma gota de álcool - disse o médico.

Severo apontou para o cantil. O médico obrigou-o a beber três grandes goles, explicando-lhe que não dispunham de anestesia, e usou o resto para embeber alguns trapos e limpar os seus instrumentos; fez depois um sinal aos

seus ordenanças, que se colocaram de ambos os lados da mesa para prender o paciente. Esta é a minha hora da verdade, ainda chegou Severo a pensar e tentou imaginar Nívea para não morrer com a imagem da rapariga, que tinha esventrado a golpe de baioneta, no coração. Um enfermeiro colocou um novo torniquete e agarrou firmemente na perna à altura da coxa.

O cirurgião agarrou num bisturi, afundou-o vinte centímetros abaixo do joelho e, com um gesto hábil e circular, cortou a carne até à tíbia e o perónio. Severo del Valle bramiu de dor perdendo depois o conhecimento, mas os ordenanças não o largaram; mantiveram-no pregado à mesa ainda com maior determinação, enquanto o médico afastava com os dedos a pele e os músculos, pondo os ossos a descoberto; a seguir pegou numa serra e com três passagens certeiras cortou-os. O enfermeiro puxou os vasos cortados do coto e o médico foi-os ligando com uma destreza incrível, depois alargou pouco a pouco o torniquete enquanto ia cobrindo com carne e pele o osso amputado e ia cosendo. Depois ligaram-no rapidamente e levaram-no no ar para um canto da sala para dar lugar a outro ferido que chegou a uivar à mesa do cirurgião. Toda a operação durara menos de seis minutos.

Nos dias que se seguiram a essa batalha as tropas chilenas entraram em Lima. Segundo os comunicados oficiais publicados nos jornais chilenos, fizeram-no ordenadamente; segundo consta na memória dos habitantes de Lima, foi uma carnificina, que se juntou aos excessos dos soldados peruanos derrotados e furiosos, porque se sentiam traídos pelos seus chefes. Uma parte da população civil fugira e as famílias abastadas procuraram segurança nos barcos do porto, nos consulados e numa praia protegida por marinheiros estrangeiros, onde o corpo diplomático tinha instalado tendas para acolher os refugiados sob bandeiras neutrais. Os que ficaram para defender as suas posses haveriam de recordar para o resto das suas vidas as cenas infernais da soldadesca bêbeda e enlouquecida de violência. Saquearam e queimaram as casas, violaram, bateram e assassinaram todos os que encontraram pela frente, incluindo mulheres, crianças e velhos. Por fim, uma parte dos regimentos peruanos depôs as armas e rendeu-se, mas muitos soldados dispersaram-se em debandada em direcção à serra. Dois dias depois o general peruano Andrés Cáceres saía da cidade ocupada com uma perna destroçada, ajudado pela mulher e por alguns oficiais fiéis, para desaparecer

nos despenhadeiros das montanhas. jurara que enquanto lhe restasse um sopro de vida continuaria a combater.

No porto de Callao os capitães peruanos ordenaram às tripulações que abandonassem os navios e incendiaram o paiol, afundando a totalidade da sua frota. As explosões acordaram Severo del Valle que deu por si num canto, sobre a areia imunda da sala de operações, juntamente com outros homens que, tal como ele, acabavam de passar pelo suplício da amputação. Alguém os cobrira com uma manta e pusera ao lado um cantil com água. Estendeu a mão mas tremia tanto que não conseguiu destapá-lo e ficou com ele apertado contra o peito, gemendo, até uma jovem vivandeira se aproximar, abrir o cantil e ajudá-lo a levá-lo aos lábios ressequidos. Bebeu todo o conteúdo de uma vez e depois, instruído pela mulher, que tinha combatido junto aos homens durante meses e sabia cuidar dos feridos tanto como os médicos, colocou na boca um punhado de tabaco e mascou-o avidamente para minorar os espasmos do choque operatório. “Matar custa pouco, sobreviver é o que mais custa, filhinho. Se te descuidas, a morte leva-te à traição”, advertiu-o a vivandeira. “Tenho medo”, tentou dizer Severo e ela talvez não tenha ouvido o seu murmúrio mas adivinhou o seu terror, porque tirou uma medalhinha de prata que trazia ao pescoço e colocou-a nas mãos dele. “Que a Virgem te ajude”, murmurou e, inclinando-se, beijou-o, levemente nos lábios antes de ir embora.

Severo ficou com o contacto daqueles lábios e com a medalha apertada na palma da mão. Tiritava, os dentes batiam uns nos outros e ardia de febre; dormia e desmaiava de vez em quando e assim que recuperava a consciência a dor atordoava-o. Horas depois voltou a mesma vivandeira de tranças morenas e entregou-lhe alguns trapos molhados para ele limpar o suor e o sangue seco e um prato de lata com uma papa de milho, um pedaço de pão duro e uma malga de café de chicória, um líquido morno e escuro que nem sequer tentou tocar, porque a fraqueza e as náuseas o impediram. Escondeu a cabeça debaixo do cobertor, abandonado ao sofrimento e ao desespero, gemendo e chorando como uma criança até adormecer novamente. “Perdeste muito sangue, meu filho, se não comeres, morres”, acordou-o um capelão que andava por ali repartindo consolo aos feridos e a extrema-unção aos moribundos. Então Severo del Valle lembrou-se que fora para a guerra para morrer. Esse fora o seu objectivo quando perdera Lynn Sommers, mas agora que a morte estava ali, inclinada sobre ele como um abutre, esperando a sua

oportunidade para lhe dar o golpe final, o instinto, de sobrevivência abanou-o. A vontade de salvar-se era superior ao tormento ardente que o trespassava da perna até à última fibra do corpo, mais forte do que a angústia, a incerteza e o terror.

Compreendeu que, longe de se deixar morrer, desejava desesperadamente permanecer no mundo, viver em qualquer estado e condição, de qualquer maneira, coxo, derrotado, nada importava desde que continuasse neste mundo. Como qualquer soldado, sabia que só um em cada dez amputados conseguia superar a perda de sangue e a gangrena, não havia maneira de o evitar, era tudo uma questão de sorte. Decidiu ser um daqueles sobreviventes- Pensou que a sua maravilhosa prima Nívea merecia um homem inteiro e não um mutilado, não desejava que ela o visse convertido num farrapo, não conseguiria suportar a sua compaixão. No entanto, ao fechar os olhos voltou a surgir a rapariga ao seu lado, viu Nívea, incontaminada pela violência da guerra ou pela fealdade do mundo, inclinada sobre ele com o seu rosto inteligente, os seus olhos negros e o seu sorriso travesso, e o orgulho dissolveu-se-lhe como sal na água. Não teve a menor dúvida de que ela o amaria com meia perna a menos, tanto como o amara antes. Agarrou na colher com os dedos rígidos, tentou controlar os arrepios, obrigou-se a abrir a boca e engoliu um bocado daquela papa de milho asquerosa, já fria e coberta de moscas.

Os regimentos chilenos entraram triunfantes em Lima em Janeiro de 1881 e, daí, tentaram impor ao Peru a paz forçada da derrota. Depois de acalmada a enorme confusão das primeiras semanas, os soberbos vencedores deixaram um contingente de dez mil homens para controlar a nação ocupada e os restantes empreenderam viagem para o sul para receberem os seus louros bem ganhos, ignorando olimpicamente os milhares de soldados vencidos que conseguiram fugir para a serra e que, daí, pretendiam continuar a combater. A vitória tinha sido tão esmagadora que os generais não podiam imaginar que os peruanos continuariam a fustigá-los durante três longos anos. A alma daquela resistência obstinada foi o lendário general Cáceres, que escapou por milagre à morte e partiu com uma ferida enorme para as montanhas para ressuscitar a semente pertinaz da coragem num exército andrajoso de soldados fantasmas e levas de índios, com o qual levou a cabo uma sangrenta guerra de guerrilhas, emboscadas e escaramuças. Os soldados de

Cáceres, com os uniformes em farrapos, frequentemente descalços, subnutridos e desesperados, lutavam com facas, lanças, garrotes, pedras e algumas espingardas antiquadas, mas contavam com a vantagem de conhecer o terreno. Tinham escolhido bem o campo de batalha para enfrentar um inimigo disciplinado e armado, embora nem sempre com provisões suficientes, porque o acesso àqueles montes era tarefa de condores. Escondiam-se nos cumes nevados, em covas e ribanceiras, em altas nevadas, onde a atmosfera era tão ténue e a solidão tão imensa, que só eles, homens da serra, conseguiam sobreviver. às tropas chilenas, os ouvidos rebentavam em sangue, caíam desmaiados pela falta de oxigénio e congelavam nas gargantas geladas dos Andes. Enquanto eles mal conseguiam subir porque o coração não lhes chegava para tanto esforço, os índios do planalto trepavam como lamas com uma carga equivalente ao seu próprio peso nas costas, sem outro alimento além da carne amarga das águias e uma bola verde de folhas de coca que faziam rolar na boca. Foram três anos de guerra sem tréguas e sem prisioneiros, com milhares de mortos. A e forças peruanas ganharam apenas uma batalha frontal numa aldeia sem valor estratégico, protegida por setenta e sete soldados chilenos, vários deles doentes de tifo. Os defensores tinham apenas cem balas por homem, mas lutaram toda a noite com tanta bravura contra centenas de soldados e de índios, que no amanhecer desolador, quando já não restavam mais de três atiradores, os oficiais peruanos suplicaram-lhes que se rendessem porque matá-los lhes parecia uma ignomínia. Não o fizeram, continuaram a combater e morreram de baioneta na mão gritando o nome da sua pátria. Havia três mulheres com eles, que as turbas indígenas arrastaram para o centro da praça ensanguentada, violaram e despedaçaram. Uma delas tinha dado à luz durante a noite na igreja, enquanto o marido combatia lá fora, e despedaçaram também o recém-nascido. Mutilaram os cadáveres, abriram-lhes o ventre e esvaziaram-lhes as entranhas e, segundo contavam em Santiago, os índios comeram as vísceras assadas no espeto. Aquela bestialidade não foi excepcional, a barbárie correu a par em ambos os lados naquela guerra de montoneras (grupo ou pelotão de gente armada, geralmente a cavalo, que intervém como força irregular numa guerra civil). A rendição final e a assinatura do tratado de paz foi conseguida em Outubro de 1883, depois das tropas de Cáceres serem vencidas numa última batalha, um

massacre com navalhas e baionetas, que deixou mais de mil mortos estendidos no campo. O Chile tirou ao Peru três províncias.

A Bolívia perdeu a sua única saída para o mar e foi obrigada a assinar uma trégua indefinida, que haveria de prolongar-se por vinte anos, até à assinatura de um tratado de paz.

Severo del Valle, juntamente com milhares de outros feridos, foi levado de barco para o Chile. Enquanto muitos morriam gangrenados ou infectados com tifo e disenteria nos improvisados hospitais militares, ele conseguiu recuperar-se graças a Nívea que, mal se inteirou do que acontecera, se pôs em contacto com o tio, o ministro Vergara, e não o deixou em paz até este mandar buscar Severo, resgatando-o de um hospital, onde era mais um número entre os milhares de doentes em condições fatídicas, e o enviou no primeiro transporte disponível para Valparaíso. Também concedeu uma autorização especial à sua sobrinha para que esta pudesse entrar no recinto militar do porto e designou um tenente para ajudá-la. Quando desembarcaram Severo del Valle numa padiola ela não o reconheceu; tinha perdido vinte quilos, estava imundo, parecia um cadáver amarelo e hirsuto, com uma barba de várias semanas e os olhos apavorados e delirantes de um louco. Nívea sobrepôs-se à consternação com a mesma vontade de amazona que a mantinha em todos os restantes aspectos da vida e cumprimentou-o com um alegre “olá, primo, que bom ver-te!” ao qual Severo não conseguiu responder. Ao vê-la foi tal o seu alívio que cobriu a cara, com as mãos para que ela não o visse chorar. O tenente tinha Preparado o transporte e, de acordo com as ordens recebidas, conduziu o ferido e Nívea directamente para o palácio do ministro em Viña del Mar, onde a sua mulher tinha preparado um quarto.

“Disse-me o meu marido que ficarias aqui até conseguires andar, filho”, participou-lhe. O médico da família Vergara usou todos os recursos da ciência para o curar mas quando, um mês mais tarde, a ferida ainda não cicatrizara e Severo continuava a debater-se com assomos de febre, Nívea compreendeu que ele tinha a alma doente pelos horrores da guerra e que o único remédio contra tantos remorsos era o amor. Decidiu recorrer então a medidas extremas.

- Vou pedir autorização aos meus pais para me casar contigo - participou a Severo.

- Eu estou a morrer, Nívea - suspirou ele.

- Arranjas sempre alguma desculpa, Severo! A agonia nunca foi um impedimento ao casamento.

- Queres ser viúva sem ter sido mulher? Não quero que te aconteça o que me aconteceu com Lynn.

- Não serei viúva porque não vais morrer. Poderias pedir-me humildemente que me case contigo, primo? Dizer-me, por exemplo, que sou a mulher da tua vida, o teu anjo, a tua musa ou alguma coisa do estilo. Inventa alguma coisa, homem! Diz-me que não podes viver sem mim, isso ao menos é verdade, não é? Admito que não me agrada ser a única romântica nesta relação.

- Estás louca, Nívea. Nem sequer sou um homem inteiro, sou um inválido miserável.

- Falta-te mais alguma coisa além de um pedaço de perna? - perguntou ela, alarmada.

- Parece-te pouco?

- Se tiveres o resto no sítio, parece-me que perdeste pouco, Severo - riu-se ela.

- Então casa-te comigo, por favor - murmurou ele, com um alívio profundo e um soluço atravessado na garganta, demasiado fraco para abraçá-la.

- Não chores, primo, beija-me; para isso não te faz falta a perna - respondeu ela inclinando-se sobre a cama com o mesmo gesto que ele vira muitas vezes no seu delírio.

Três dias mais tarde casaram-se numa cerimónia breve num dos bonitos salões da residência do ministro, na presença das duas famílias. Dadas as circunstâncias, foi um casamento privado, mas só entre os familiares mais íntimos reuniram-se noventa e quatro pessoas. Severo apareceu pálido e magro, com o cabelo cortado à Byron, a cara barbeada e vestido de gala, com camisa de colarinho duro, botões de punho de ouro e gravata de seda, numa cadeira de rodas. Não houve tempo para Nívea fazer um vestido de noiva nem um enxoval apropriado, mas as suas irmãs e primas encheram-lhe baús com a roupa de casa que tinham bordado durante anos para os seus próprios enxovais. Usou um vestido de cetim branco e uma tiara de pérolas e diamantes, emprestados pela mulher do seu tio. Na fotografia do casamento aparece radiante, de pé, junto da cadeira do marido. Nessa noite houve um jantar em família ao qual Severo del Valle não compareceu, porque as emoções do dia o tinham esgotado. Depois dos convidados se retirarem,

Nívea foi levada pela tia até ao quarto que lhe tinham preparado. “Lamento muito que a tua primeira noite de casada seja assim...”, balbuciou a boa senhora, corando. “Não se preocupe, tia, consolar-me-ei rezando o terço”, respondeu a jovem. Esperou que a casa adormecesse e quando teve a certeza de que não havia vida para além do vento salino do mar entre as árvores do jardim, Nívea levantou-se em camisa de dormir, percorreu os longos corredores daquele palácio alheio e entrou no quarto de Severo. A freira contratada para velar o sono do doente jazia escarranchada numa poltrona profundamente adormecida, mas Severo estava acordado, à espera dela. Ela levou um dedo aos lábios pedindo-lhe silêncio, apagou os candeeiros a gás e meteu-se na cama.

Nívea fora educada nas freiras e era oriunda de uma família à antiga, onde jamais se mencionavam as funções do corpo, muito menos aquelas relacionadas com a reprodução, mas tinha vinte anos, um coração apaixonado e boa memória. Lembrava-se muito bem dos jogos clandestinos com o primo nos cantos escuros, da forma do corpo de Severo, da ansiedade do prazer sempre insatisfeito, do fascínio do pecado. Nessa época o pudor e a culpa inibiam-nos e ambos saíam dos recantos proibidos a tremer, extenuados e com a pele em chamas. Durante os anos que tinham passado separados, teve tempo de rever cada instante partilhado com o primo e de transformar a curiosidade da infância num amor profundo. Além disso, aproveitara a fundo a biblioteca do tio José Francisco Vergara, homem de pensamento liberal e moderno, que não aceitava quaisquer limitações à sua inquietação intelectual e muito menos tolerava a censura religiosa. Enquanto Nívea classificava os livros de ciência, arte e guerra, descobriu por acaso a forma de abrir uma prateleira secreta e deparou-se-lhe um conjunto nada desprezível de romances da lista negra da Igreja e de textos eróticos, incluindo uma divertida colecção de desenhos japoneses e chineses com casais às avessas, em posturas anatomicamente impossíveis, mas capazes de inspirar o mais ascético e com maioria de razão uma pessoa tão imaginativa como ela. No entanto, os textos mais didácticos foram os romances pornográficos de uma tal Dama Anónima, muito mal traduzidos do inglês para o espanhol, que a jovem levou um por um escondidos na sua carteira, leu cuidadosamente e, sigilosamente, voltou a colocar no mesmo lugar, precaução inútil porque o tio andava na campanha da guerra e mais ninguém no palácio frequentava a biblioteca. Guiada por aqueles livros explorou o

seu próprio corpo, aprendeu os rudimentos da arte mais antiga da humanidade e preparou-se para o dia em que pudesse aplicar a teoria à prática. Sabia, evidentemente, que estava a cometer um pecado horrendo - o prazer é sempre pecado -, mas absteve-se de discutir o assunto com o seu confessor porque lhe pareceu que o gosto que tinha e que daria a si própria no futuro valia bem o risco do inferno. Rezava para que a morte não a apanhasse de surpresa de modo a conseguir, antes de exalar o último suspiro, confessar as horas de deleite que os livros lhe proporcionavam. Nunca imaginou que aquele treino solitário lhe serviria para devolver a vida ao homem que amava e muito menos que teria de fazê-lo a três metros de uma freira adormecida. A partir da primeira noite com Severo, Nívea arranjava as coisas de maneira a levar uma chávena de chocolate quente e umas bolachinhas à religiosa quando ia despedir-se do marido, antes de ir para o seu quarto. o chocolate continha uma dose de valeriana capaz de adormecer um camelo. Severo del Valle nunca imaginou que a sua casta prima fosse capaz de tantas e tão extraordinárias proezas. A ferida na perna, que lhe provocava dores lancinantes, a febre e a fraqueza, limitavam-no a um papel passivo, mas o que lhe faltava em força, tinha ela em iniciativa e sabedoria. Severo não fazia ideia de que aquelas acrobacias eram possíveis e tinha a certeza de que não eram cristãs, mas isso não o impediu de gozá-las plenamente. Se não fosse por conhecer Nívea desde a infância, teria pensado que a prima se treinara num harém turco, mas se o inquietava a forma como esta donzela aprendera tão variados truques de meretriz, teve a inteligência de não a interrogar.

Seguiu-a docilmente na viagem dos sentidos até onde o corpo lhe permitiu, entregando pelo caminho o último resquício da alma. Procuravam-se sob os lençóis nas formas descritas pelos pornógrafos da biblioteca do honrado ministro da Guerra e noutras que iam inventando espicaçados pelo desejo e pelo amor, mas limitados pelo coto envolto em ligaduras e pela freira que roncava na poltrona. O amanhecer surpreendia-os palpitando num nó de braços, com as bocas unidas respirando em uníssono e assim que a primeira claridade do dia se insinuava na janela, ela deslizava como uma sombra de regresso ao seu quarto. Os jogos de antigamente converteram-se em verdadeiras maratonas de concupiscência, acariciavam-se com um apetite voraz, beijavam-se, lambiam-se e penetravam-se por toda a parte, tudo isto na escuridão e no mais absoluto silêncio, engolindo os suspiros e mordendo

as almofadas para sufocar a alegre luxúria que os elevava à glória vezes sem conta durante aquelas noites demasiado curtas. O relógio voava: mal Nívea surgia no quarto como um fantasma para se meter na cama de Severo já era manhã. Nenhum dos dois pregava olho, não podiam perder nem um minuto daqueles encontros abençoados. No dia seguinte ele dormia como um recém-nascido até ao meio-dia, mas ela levantava-se cedo com o ar confuso de uma sonâmbula e cumpria a sua rotina normal. à tarde Severo del Valle repousava na sua cadeira de rodas na varanda vendo o pôr do Sol no mar, enquanto a mulher dormia bordando napperons ao seu lado. Diante dos outros comportavam-se como irmãos, não se tocavam e quase não se olhavam, mas o ambiente à sua volta estava carregado de ansiedade. Passavam o dia contando as horas, esperando com uma veemência delirante a hora de voltar a abraçar-se na cama, O que faziam à noite teria horrorizado o médico, as duas famílias, a sociedade inteira, sem falar da freira. Entretanto os familiares e amigos comentavam a abnegação de Nívea, aquela jovem tão pura e tão católica condenada a um amor platónico, e a força moral de Severo, que tinha perdido uma perna e arruinado a sua vida para defender a pátria. As intrigas de comadres propagavam o mexerico de que não era só a perna que Severo perdera no campo de batalha, mas também os atributos viris. Coitadinhos, murmuravam entre suspiros, sem suspeitar o que gozava aquele casal de depravados. Uma semana depois de começarem a anestesiar a religiosa com chocolate e de fazerem amor como egípcios, a ferida da amputação tinha cicatrizado e a febre tinha desaparecido. Antes de passarem dois meses, Severo del Valle andava de muletas e começava a falar de uma perna de pau, enquanto Nívea vomitava as entranhas escondida em qualquer uma das vinte e três casas de banho do palácio do tio.

Quando já não havia outro remédio senão admitir perante a família a gravidez de Nívea, a surpresa geral foi de tais proporções que chegou a dizer-se que aquela gravidez era um milagre. A mais escandalizada foi sem dúvida a freira, mas Severo e Nívea suspeitaram sempre que, apesar das doses superlativas de valeriana, a santa mulher teve oportunidade de aprender bastante; fingia-se adormecida para não se privar do prazer de os espiar. O único que conseguiu imaginar como o tinham feito e que comemorou a perícia do casal às gargalhadas foi o ministro Vergara. Quando Severo conseguiu dar os primeiros passos com a sua perna artificial e o ventre de Nívea era indisfarçável, ajudou-os a instalarem-se noutra casa e

deu trabalho a Severo del Valle. “O país e o Partido Liberal precisam de homens com a tua audácia”, disse, embora em honra da verdade a audaz fosse Nívea.

Não conheci o meu avô Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, morreu alguns meses antes de eu ir viver para a sua casa. Deu-lhe uma apoplexia quando estava sentado à cabeceira da mesa durante um banquete na sua mansão de Nob Hill, engasgado com uma empada de veado e vinho tinto francês. Entre vários, levantaram-no do chão e deitaram-no moribundo num sofá, com a sua bonita cabeça de príncipe árabe no regaço de Paulina del Valle que, para o animar, lhe repetia: “Não morras, Feliciano, olha que ninguém convida viúvas... Respira, homem! Se respirares, prometo que hoje sem falta retiro a tranca da porta do meu quarto.” Contam que Feliciano chegou a sorrir antes de o coração lhe rebentar em sangue. Existem inúmeros retratos daquele chileno robusto e alegre; é fácil imaginá-lo vivo, porque em nenhum está a posar para o pintor ou para o fotógrafo, em todos dá a impressão de ter sido surpreendido num gesto espontâneo. Ria-se com dentes de tubarão, gesticulava ao falar, movia-se com a segurança e a petulância de um pirata. Com a sua morte, Paulina del Valle desmoronou; foi tal a sua depressão que não conseguiu assistir ao funeral nem a nenhuma das múltiplas homenagens que a cidade lhe prestou. Como os seus três filhos estavam ausentes, foi o mordomo Williams e os advogados da família que se encarregaram das exéquias. Os dois filhos mais novos chegaram algumas semanas mais tarde, mas Matías andava pela Alemanha e, com a desculpa do seu estado de saúde, não apareceu para consolar a mãe. Pela primeira vez na sua vida, Paulina perdeu a vaidade, o apetite e o interesse pelos livros de contabilidade, recusava sair e passava os dias na cama. Não permitiu que ninguém a visse naquelas condições, as únicas pessoas que souberam do seu pranto foram as suas mucamas e Williams, que fingia não dar conta, limitando-se a vigiar a uma distância prudente, para ajudá-la se ela pedisse. Uma tarde Paulina parou por acaso diante do grande espelho dourado que ocupava meia parede da sua casa de banho e viu no que se transformara: numa bruxa gorda e desleixada, com uma cabecinha de tartaruga coroada por um matagal de guedelhas cinzentas. Deu um grito de horror. Nenhum homem no mundo - e Feliciano muito menos - merecia tanta abnegação, concluiu. Tinha batido no fundo, era altura de bater com os pés no chão e subir outra vez à superfície.

Tocou a campainha para chamar as suas mucamas e ordenou-lhes que a ajudassem a lavar-se e lhe trouxessem o seu cabeleireiro. A partir desse dia recompôs-se do luto com vontade de ferro, sem outra ajuda além de uma montanha de doces e de longos banhos de imersão. A noite costumava surpreendê-la com a boca cheia, mergulhada na banheira, mas não voltou a chorar. No Natal, emergiu da sua reclusão com vários quilos a mais e totalmente recomposta, mas nessa altura comprovou surpreendida que na sua ausência o mundo continuara a girar e que ninguém sentira a sua falta, o que foi mais um incentivo para a pôr definitivamente de pé. Não permitiria que a ignorassem, decidiu. Acabara de fazer sessenta anos e pretendia viver mais uns trinta, mesmo que fosse só para mortificar os seus semelhantes. Usaria luto alguns meses, era o mínimo que podia fazer por respeito a Feliciano, mas ele não gostaria de a ver convertida numa dessas viúvas gregas que se enterram em panos pretos o resto da sua vida. Dispôs-se a planear um novo guarda-roupa de cores pastel para o ano seguinte e uma viagem de recreio à Europa. Sempre quis ir ao Egipto, mas Feliciano era de opinião que esse era um país de areia e múmias onde tudo o que interessava acontecera há três mil anos. Agora que estava só podia realizar esse sonho. Rapidamente se apercebeu, no entanto, como mudara a sua vida e como era pouco apreciada pela sociedade de São Francisco; toda a sua fortuna não era suficiente para se fazer perdoar pela sua origem hispânica e pelo seu acento de cozinheira. Tal como dissera a brincar, ninguém a convidava, já não era a primeira a receber convites para as festas, não lhe pediam que inaugurasse hospitais ou monumentos, o seu nome deixou de ser mencionado nas colunas sociais e mal a cumprimentavam na ópera. Fora excluída. Por outro lado era muito difícil incrementar os seus negócios, porque sem o marido não tinha quem a representasse nos meios financeiros. Fez um cálculo minucioso aos seus haveres e apercebeu-se de que os seus três filhos esbanjavam o dinheiro mais rapidamente do que ela o conseguia ganhar, tinha dívidas em toda a parte e, antes de morrer, Feliciano fizera uns investimentos desastrosos sem a consultar. Não era tão rica como pensava, mas estava longe de sentir-se derrotada. Chamou Williams e ordenou-lhe que contratasse um decorador para remodelar os salões, um chef para planear uma série de banquetes que ofereceria por motivo do Ano Novo, um agente de viagens para falar do Egipto e um costureiro para planear os seus novos vestidos. Andava nisso, recuperando-se do susto da viuvez com medidas de emergência, quando

apareceu na sua casa uma menina vestida de popelina branca, com um barrete de renda e botinhas de verniz, pela mão de uma mulher de luto. Eram Eliza Sommers e a neta Aurora, a quem Paulina del Valle não via há cinco anos.

- Aqui lhe trago a menina, tal como você queria, Paulina - disse Eliza tristemente.

- Santo Deus, o que aconteceu? - perguntou Paulina del Valle apanhada de surpresa.

- O meu marido morreu.

- Vejo que ambas somos viúvas... - murmurou Paulina.

Eliza Sommers explicou-lhe que não podia cuidar da neta, porque tinha de levar o cadáver de Tao Chi'en para a China, tal como sempre lhe prometera. Paulina del Valle chamou Williams e ordenou-lhe que acompanhasse a menina ao jardim para lhe mostrar os pavões, enquanto elas conversavam.

- Quando pensa regressar, Eliza? - perguntou Paulina.

- Pode ser uma viagem muito longa.

- Não quero afeiçoar-me à garota e dentro de alguns meses ter de devolvê-la. Partir-me-ia o coração.

- Prometo-lhe que isso não acontecerá, Paulina. Você pode oferecer à minha neta uma vida muito melhor da que eu posso dar-lhe. Não pertenço a lugar nenhum. Sem Tao, não faz sentido viver em Chinatown, também não me encaixo entre americanos e não tenho nada que fazer no Chile. Sou estrangeira em todo o lado, mas desejo que Lai-Ming tenha raízes, uma família e uma boa educação. Cabe a Severo del Valle, seu pai legal, tomar conta dela, mas ele está muito longe e tem outros filhos. Como você sempre quis ficar com a menina pensei que...

- Fez muito bem, Eliza! - interrompeu-a Paulina. Paulina del Valle ouviu até ao fim a tragédia que se abatera sobre Eliza Sommers e averiguou todos os pormenores sobre Aurora, incluindo o papel jogado por Severo del Valle no seu destino. Sem saber como, pelo caminho evaporaram-se o rancor e o orgulho e deu por si comovida a abraçar aquela mulher a quem momentos antes considerava a sua pior inimiga, agradecendo-lhe a generosidade incrível de lhe entregar a neta e jurando-lhe que seria uma verdadeira avó, não tão boa como certamente ela e Tao Chi'en tinham sido, mas disposta a dedicar o resto da sua vida a cuidar de Aurora e a torná-la feliz. Essa seria a sua primeira missão neste mundo.

- Lai-Ming é uma garota esperta. Depressa quererá saber quem é o pai. Até há pouco tempo julgava que o pai, o avô, o seu melhor amigo e Deus eram a mesma pessoa: Tao Chi'en - disse Eliza.

- Que quer que lhe diga, se perguntar? - quis saber Paulina.

- Diga-lhe a verdade, é sempre mais fácil de entender - aconselhou-a Eliza.

- Que o meu filho Matías é o seu pai biológico e o meu sobrinho Severo é o seu pai legal?

- Por que não? E diga-lhe que a mãe se chamava Lynn Sommers e era uma jovem boa e bela - murmurou Eliza com a voz sumida.

As duas avós combinaram ali mesmo que, para evitar confundir ainda mais a neta, convinha separá-la definitivamente da sua família materna, que não voltaria a falar chinês nem ter qualquer contacto com o seu passado. Aos cinco anos não há uso da razão, concluíram; com o tempo a pequena Lai-Ming esqueceria as suas origens e o trauma dos acontecimentos recentes. Eliza Sommers comprometeu-se a não tentar nenhuma forma de comunicação com a menina e Paulina del Valle a adorá-la como o teria feito com aquela filha que tanto desejou e nunca teve. Despediram-se com um curto abraço e Eliza saiu por uma porta de serviço, para que a neta não a visse afastar-se.

Lamento muito que aquelas duas boas senhoras, as minhas avós Eliza Sommers e Paulina del Valle, tenham decidido o meu destino sem me permitirem qualquer participação. Com a mesma colossal determinação com que aos dezoito anos fugiu de um convento com a cabeça rapada para se juntar ao noivo e aos vinte e dois acumulou uma fortuna transportando gelos pré-históricos de barco, a minha avó Paulina empenhou-se em apagar a minha procedência. E se não fosse por uma rasteira do destino, que à última hora lhe deu a volta aos planos, tê-lo-ia conseguido. Lembro-me muito bem da primeira impressão que tive dela. Vejo-me a entrar num palacete empoleirado numa colina, atravessando jardins com espelhos de água e arbustos recortados, vejo os degraus de mármore, cada um deles com leões de bronze em tamanho natural de cada lado, a porta dupla de madeira escura e o vestíbulo enorme iluminado pelos vitrais coloridos de uma cúpula majestosa que coroava o tecto. Nunca tinha estado num lugar assim, sentia tanto fascínio como medo. Depressa me vi diante de um cadeirão dourado de espaldar onde estava Paulina del Valle, rainha no seu trono. Como voltei a vê-la muitas vezes instalada nesse mesmo cadeirão, não me é difícil

imaginar o seu aspecto nesse primeiro dia: ataviada com uma profusão de jóias e tecido suficiente para fazer cortinas, imponente. Ao seu lado o resto do mundo desaparecia. Tinha uma voz bonita, uma grande elegância natural e os dentes brancos e idênticos, resultado de uma perfeita dentadura de porcelana. Nesse tempo já tinha com certeza o cabelo grisalho, mas pintava-o da mesma cor castanha da sua juventude e aumentava-o com uma série de postiços dispostos habilidosamente de forma que o carrapito parecia uma torre. Eu nunca vira anteriormente uma pessoa com tais dimensões, perfeitamente adequada ao tamanho e sumptuosidade da sua mansão.

Agora, que sei finalmente o que aconteceu nos dias anteriores a esse momento, compreendo que não é justo atribuir o meu pavor apenas a essa avó formidável; quando me levaram para a sua casa, o terror fazia parte da minha bagagem, tal como a malinha e a boneca chinesa que levava bem agarradas. Depois de passear pelo jardim e de me sentar numa imensa sala de jantar vazia diante de uma taça de gelado, Williams levou-me para a sala das aguarelas, onde eu julgava que a minha avó Eliza estaria à minha espera, mas em seu lugar deparou-se-me Paulina del Valle, que se aproximou de mim com cautela, como se tentasse apanhar um gato esquivo, e disse-me que gostava muito de mim e que, de agora em diante, eu viveria naquela casa grande e teria muitas bonecas, um pónei e uma carruagem pequenina.

- Eu sou tua avó - esclareceu.

- Onde está a minha avó verdadeira? - dizem que perguntei.

- Sou tua avó verdadeira, Aurora. A outra avó partiu numa longa viagem - explicou-me Paulina.

Comecei a correr, atravessei o vestíbulo da cúpula, desapareci na biblioteca, encontrei a sala de jantar e meti-me debaixo da mesa, onde me acocorei, muda de assombro. Era um móvel enorme com o tampo de mármore verde e as pernas talhadas com figuras de cáriátides, impossível de deslocar. Depressa apareceram Paulina del Valle, Williams e alguns dos criados decididos a conquistar-me, mas eu escapava como uma doninha assim que alguma mão conseguia aproximar-se. “Deixe-a, senhora, já sairá sozinha”, sugeriu Williams, mas como decorreram várias horas e eu continuava entrincheirada debaixo da mesa, trouxeram-me outro prato de gelados, uma almofada e um cobertor. “Quando adormecer, tiramo-la”, dissera Paulina del Valle, mas não adormeci, em vez disso urinei de cócoras plenamente consciente da falta que cometia, mas demasiado assustada para

procurar uma casa de banho. Permaneci debaixo da mesa mesmo enquanto Paulina jantava. Da minha trincheira via as suas pernas grossas, os seus sapatinhos de cetim a transbordar com os rolos dos pés, e as calças pretas dos criados que vinham servir. Ela agachou-se algumas vezes com imensa dificuldade para piscar-me o olho, e eu respondi escondendo a cara contra os joelhos. Morria de fome, de cansaço e de vontade de ir à casa de banho, mas era tão soberba como a própria Paulina del Valle e não me rendi com facilidade. Pouco depois Williams deslizou para baixo da mesa uma bandeja com o terceiro gelado, bolachas e um grande bocado de bolo de chocolate. Esperei que se afastasse e quando me senti segura quis comer, mas quanto mais estendia a mão, mais longe estava a bandeja, que o mordomo ia puxando com um cordel. Quando finalmente consegui agarrar numa bolacha, já estava fora do meu refúgio, mas como não estava ninguém na sala de jantar, pude devorar as guloseimas em paz e regressar a voar para baixo da mesa assim que ouvi um ruído. A mesma coisa repetiu-se horas depois, ao clarear o dia, até que, seguindo a bandeja movediça cheguei à porta, onde me esperava Paulina del Valle com um cachorrinho amarelado, que me colocou nos braços.

- Toma, é para ti, Aurora. Este cãozinho também se sente só e assustado - disse.

- O meu nome é Lai-Ming.

- O teu nome é Aurora del Valle - replicou ela, categórica.

- Onde é a casa de banho? - murmurei com as pernas cruzadas.

E assim se iniciou a minha relação com aquela avó colossal que o destino me tinha deparado. Instalou-me num quarto perto do seu e autorizou-me a dormir com o cãozinho, a quem chamei Caramelo porque era dessa cor. A meio da noite acordei com o pesadelo dos meninos de pijamas pretos e sem pensar duas vezes fui a voar para a lendária cama de Paulina del Valle, tal como antes me metia todas as madrugadas na do meu avô, para que me mimasse. Estava habituada a ser recebida pelos braços firmes de Tao Chi'en, nada me confortava tanto como o seu odor a mar e a litania de palavras doces em chinês que me dizia meio a dormir. Ignorava que as crianças normais não atravessavam o umbral do quarto dos adultos e muito menos entram nas suas camas; criara-me com um estreito contacto físico, beijocada e embalada até ao infinito pelos meus avós maternos, não conhecia outra forma de consolo ou descanso além de um abraço. Ao ver-

me, Paulina del Valle rejeitou-me escandalizada e eu pus-me a gemer devagarinho em coro com o pobre cão e tão lastimável devia ser o nosso estado, que nos fez sinal para nos aproximarmos. Saltei para a cama dela e tapei a cabeça com os lençóis. Suponho que adormeci de imediato, de qualquer forma amanheci aninhada nos seus grandes seios que cheiravam a gardénia, com o cãozinho aos pés. A primeira coisa que fiz ao acordar entre os golfinhos e as ninfas florentinas foi perguntar pelos meus avós, Eliza e Tao. Procurei-os por toda a casa e pelos jardins e instalei-me depois junto à porta à espera que me viessem buscar. O mesmo se repetiu no resto da semana, apesar dos presentes, dos passeios e dos mimos de Paulina. No sábado fugi.

Nunca tinha estado sozinha na rua e não era capaz de orientar-me, mas o instinto indicou-me que devia descer a colina, e assim cheguei ao centro de Francisco, onde deambulei por várias horas, aterrada, até avistar alguns chineses com um carrinho carregado de roupa para lavar e segui-os a uma distância prudente porque se pareciam com o meu tio Lucky. Dirigiam-se para Chinatown - ali estavam localizadas todas as lavandarias da cidade - e assim que entrei nesse bairro tão conhecido senti-me segura, embora desconhecesse os nomes das ruas ou a direcção dos meus avós. Era tímida e estava demasiado assustada para pedir ajuda, de modo que continuei a andar sem rumo fixo, guiada pelos cheiros da comida, pelo som da língua e pelo aspecto das centenas de lojinhas que tantas vezes percorrera pela mão do meu avô Tao Chi'en. A certa altura venceu-me o cansaço, sentei-me no umbral de um edifício vetusto e adormeci. Fui acordada por um safanão e pelos grunhidos de uma mulher velha com as sobrancelhas finas pintadas a carvão a meio da testa, que lhe davam um ar de máscara. Dei um grito de pavor, mas já era tarde para escapulir, porque me mantinha agarrada com as duas mãos. Levou-me pelo ar a espernear para um tugúrio infecto onde me trancou. O quarto cheirava muito mal e entre o medo e a fome suponho que adoeci, porque comecei a vomitar. Não fazia ideia de onde estava. Assim que me recompus das náuseas pus-me a chamar pelo meu avô com toda a força e nessa altura a mulher voltou e deu-me umas bofetadas que me cortaram a respiração; nunca me tinham batido e julgo que a surpresa foi maior do que a dor. Ordenou-me em cantonês que calasse a boca ou açoitar-me-ia com uma vara de bambu, depois despiu-me, examinou-me toda, com especial atenção a boca, as orelhas e os genitais, vestiu-me uma camisa

limpa e levou a minha roupa manchada. Fiquei outra vez sozinha no quartinho que ia mergulhando na penumbra à medida que diminuía a luz no único orifício de ventilação.

Julgo que aquela aventura me marcou, porque passaram vinte cinco anos e ainda tremo quando me lembro daquelas horas intermináveis. Nunca se viam meninas sós em Chinatown naquela altura; as famílias protegiam-nas zelosamente porque qualquer descuido podia fazê-las desaparecer nos meandros da prostituição infantil. Eu era demasiado jovem para isso, mas frequentemente raptavam ou compravam crianças da minha idade para treiná-las desde a infância em todo o tipo de depravações. A mulher voltou horas depois, quando já estava totalmente escuro, acompanhada por um homem mais jovem. Observaram-me à luz de um candeeiro e começaram a discutir acaloradamente na sua língua, que eu conhecia, mas entendi pouco porque estava extenuada e morta de medo. Pareceu-me ouvir várias vezes o nome do meu avô Tao Chi'en.

Foram embora e voltei a ficar sozinha, tiritando de frio e de terror, não sei por quanto tempo. Quando a porta voltou a abrir-se, a luz do candeeiro cegou-me, ouvi o meu nome em chinês, Lai-Ming, e reconheci a voz inconfundível do meu tio Lucky. Pegou-me ao colo e não sei nada mais, porque o alívio me aturdiu. Não me lembro da viagem de carruagem nem do momento em que me vi de novo no palacete de Nob Hill diante da minha avó Paulina. Também não me lembro do que aconteceu nas semanas seguintes, porque tive varicela e estive bastante doente; foi uma época confusa, de muitas mudanças e contradições.

Agora, atando as pontas soltas do meu passado, posso garantir sem sombra de dúvida que me salvou a sorte do meu tio Lucky. A mulher que me raptou na rua foi ter com um representante do seu tong, porque nada acontecia em Chinatown sem o conhecimento e a aprovação desses bandos. Toda a comunidade pertencia aos diferentes tongs. Irmandades fechadas e zelosas que agrupavam os seus membros exigindo lealdade e comissões a troco de protecção, de contactos para trabalhar e da promessa de devolver os corpos dos seus membros à China, se morressem em solo americano. O homem virame muitas vezes pela mão do meu avô e, por um acaso feliz, pertencia ao mesmo tong de Tao Chi'en. Foi ele quem chamou o meu tio. O primeiro impulso de Lucky foi levar-me para a sua casa para que a sua nova mulher, recém-encomendada à China por catálogo, se encarregasse de mim, mas

depois compreendeu que as instruções dos seus pais deviam ser respeitadas. Depois de me entregar nas mãos de Paulina del Valle, a minha avó Eliza tinha partido com o corpo do marido para o enterrar em Hong-Kong. Tanto ela como Tao Chi'en sempre acharam que o bairro chinês de São Francisco era um mundo muito pequeno para mim, desejavam que eu fizesse parte dos Estados Unidos. Embora não estivesse de acordo com este princípio, Lucky Chi'en não podia desobedecer à vontade dos seus pais, por isso pagou aos meus raptores a soma acordada e levou-me de volta para casa de Paulina del Valle. Só voltaria a vê-lo vinte anos mais tarde, quando fui procurá-lo para averiguar os últimos pormenores da minha história.

A orgulhosa família dos meus avós paternos viveu em São Francisco durante trinta e seis anos sem deixar muito rasto. Fui à procura dos seus vestígios. O palacete de Nob Hill é hoje um hotel e ninguém se lembra dos seus primeiros donos. Revendo jornais antigos na biblioteca, descobri as inúmeras menções à família nas colunas sociais, também a história da estátua da República e o nome da minha mãe. Existe também uma curta referência à morte do meu avô Tao Chi'en, um obituário bastante elogioso escrito por um tal Jacob Freemont, e uma nota de condolências da Sociedade Médica agradecendo as contribuições do zhong-yi Tão Chi'en à medicina ocidental. É uma raridade, porque a população chinesa era nessa altura quase invisível, nascia, vivia e morria à margem da realidade americana, mas o prestígio de Tao Chi'en ultrapassou os limites de Chinatown e da Califórnia, chegou mesmo a ser conhecido em Inglaterra, onde deu várias conferências sobre acupunctura. Sem esses testemunhos impressos, a maior parte dos protagonistas desta história teria desaparecido arrastados pelo vento do esquecimento.

A minha fuga para Chinatown à procura dos meus avós maternos juntou-se a outros motivos que levaram Paulina del Valle a regressar ao Chile. Compreendeu que não haveria festas sumptuosas nem outros esbanjamentos capazes de lhe devolverem a situação social que tivera enquanto o marido era vivo. Estava a envelhecer sozinha, longe dos seus filhos, dos seus parentes, da sua língua e da sua terra. O dinheiro que lhe restava não chegava para manter o nível de vida habitual na sua mansão de quarenta e cinco quartos, mas era uma fortuna imensa no Chile, onde tudo era bastante mais barato. Além disso caíra-lhe no regaço uma neta estranha a quem

considerou necessário desenraizar por completo do seu passado chinês, se pretendia fazer dela uma menina chilena. Paulina não podia suportar a ideia de eu fugir novamente e contratou uma ama inglesa para me vigiar dia e noite. Cancelou os seus planos de viagem ao Egipto e os banquetes de Ano Novo, mas apressou a confecção do seu novo guarda-roupa e começou depois metodicamente a dividir o seu dinheiro entre os Estados Unidos e a Inglaterra, enviando para o Chile apenas o indispensável para a sua instalação, porque a situação política lhe pareceu instável.

Escreveu uma longa carta ao seu sobrinho Severo del Valle para se reconciliar com ele, contar-lhe o que acontecera a Tão Chi'en e a decisão de Eliza Sommers de entregar-lhe a menina, explicando-lhe em pormenor as vantagens de ser ela a criar a garota. Severo del Valle compreendeu as suas razões e aceitou a proposta, porque ele já tinha dois filhos e a mulher esperava o terceiro, mas recusou dar-lhe a tutela legal, como ela pretendia.

Os advogados de Paulina ajudaram-na a destrinçar o estado das suas finanças e a vender a mansão, enquanto o mordomo Williams se encarregou dos aspectos práticos da transferência da família para o sul do mundo e do empacotamento de todas as posses da sua patroa, porque ela não quis vender nada, não fossem dizer as más-línguas que o fazia por necessidade. De acordo com o programado, Paulina apanharia um navio de cruzeiro comigo, a ama inglesa e outros empregados de confiança, enquanto Williams enviava para o Chile a bagagem, ficando livre depois disso, recebendo ainda uma suculenta gratificação em libras esterlinas. Essa seria a última função ao serviço da sua patroa. Uma semana antes dela o mordomo pediu autorização para lhe falar em privado.

- Desculpe, senhora, posso perguntar-lhe porque decaí na sua estima?

- Do que está a falar, Williams! Você sabe quanto o aprecio e como lhe estou agradecida pelos seus serviços.

- No entanto, não deseja levar-me para o Chile...

- Pelo amor de Deus, homem! A ideia nem me passou pela cabeça! O que faria um mordomo britânico no Chile? Ninguém tem um. Rir-se-iam de você e de mim. Já olhou para um mapa? Aquele país fica muito longe e ninguém fala inglês, a sua vida lá seria muito pouco agradável. Não tenho o direito de pedir-lhe semelhante sacrifício, Williams.

- Se me permite dizê-lo, senhora, separar-me de si seria um sacrifício maior.

Paulina del Valle ficou a olhar para o seu empregado com os olhos esbugalhados de surpresa. Apercebeu-se pela primeira vez de que Williams era mais do que um autómato de casaca preta e luvas brancas. Viu um homem dos seus cinquenta anos, largo de ombros e de rosto agradável, com uma abundante cabeleira cor de pimenta e olhos penetrantes; tinha umas mãos toscas de estivador e os dentes amarelos de nicotina, embora nunca o tivesse visto a fumar nem a cuspir tabaco. Ficaram calados por um momento interminável, ela observando-o e ele suportando o seu olhar sem dar mostras de incomodidade.

- Senhora, não pude deixar de notar as dificuldades que a viuvez lhe trouxe - disse finalmente Williams na linguagem indirecta que utilizava sempre.

- Você está a troçar? - perguntou Paulina a sorrir.

- Nada mais longe do meu pensamento, senhora. Paulina pigarreou dada a longa pausa que se seguiu à resposta do seu mordomo.

- Estará a interrogar-se a que propósito vem tudo isto - continuou ele.

- Digamos que você conseguiu intrigar-me, Williams.

- Passou-me pela cabeça que, uma vez que não posso ir para o Chile como seu mordomo, talvez não fosse de todo má ideia ir como seu marido.

Paulina del Valle julgou que o chão se abria, engolindo-a com cadeira e tudo até ao centro da terra. O seu primeiro pensamento foi que no cérebro daquele homem se tinha soltado um parafuso, não havia outra explicação, mas ao verificar a dignidade e a calma do mordomo, engoliu os insultos que já tinha na ponta da língua.

- Permita-me explicar-lhe o meu ponto de vista, senhora - acrescentou Williams. - Não pretendo, evidentemente, exercer a função de marido no aspecto sentimental. Também não aspiro à sua fortuna, que estaria totalmente a salvo, para isso a senhora tomaria as medidas legais pertinentes. O meu papel ao seu lado seria praticamente o mesmo: ajudá-la em tudo o que pudesse com a máxima discrição. Suponho que no Chile, tal como no resto do mundo, uma mulher só enfrenta muitos inconvenientes. Para mim seria uma honra dar a cara por si.

- E o que ganha você com este curioso acordo? - inquiriu Paulina sem conseguir dissimular o tom mordaz.

- Por um lado, ganharia respeitabilidade. Por outro, admito que a ideia de não voltar a vê-la me atormenta desde que começou a planear ir embora.

Estive ao seu lado metade da minha vida, habituei-me.

Paulina ficou muda durante outra trégua eterna, dando voltas à cabeça e à estranha proposta do seu empregado. Tal como fora colocada, era um bom negócio, com vantagens para os dois: ele desfrutaria de um elevado nível de vida que jamais teria de outra forma, e ela andaria de braço dado com um tipo que, vendo bem, era distintíssimo. Na verdade, parecia membro da nobreza britânica. Só de imaginar a cara dos seus familiares no Chile e a inveja das suas irmãs, deu uma gargalhada.

- Você tem, no mínimo, menos dez anos e trinta quilos do que Não teme o ridículo? - perguntou trémula de riso.

- Eu não. E a senhora, não receia que a vejam com alguém da minha condição?

- Eu não receio nada nesta vida e adoro escandalizar o próximo. Como é o seu nome, Williams?

- Frederick.

- Frederick Williams... Bom nome, do mais aristocrático...

- Lamento dizer-lhe que é a única coisa aristocrática que tenho, senhora - disse Williams, sorrindo.

E foi assim que, uma semana mais tarde, a minha avó Paulina del Valle, o seu recém-estreado marido, o cabeleireiro, a ama, duas mucamas, um criado pessoal, um criado e eu partimos de comboio para Nova Iorque com um carregamento de baús e daí apanhámos um navio de cruzeiro inglês para a Europa. Levávamos também Caramelo, que estava na fase do seu crescimento em que os cães fornicam com tudo o que encontram, neste caso com a capa de pele de raposa da minha avó. A capa tinha caudas inteiras a toda a volta e Caramelo, confuso com a passividade com que as mesmas receberam os seus avanços amorosos, destruiu-as à dentada.

Furiosa, Paulina del Valle esteve prestes a atirar o cão e a capa pela borda, mas diante da birra pavorosa que me deu, ambos salvaram a pele. A minha avó ocupava uma suite com três quartos e Frederick Williams uma do mesmo tamanho do outro lado do corredor.

Ela entretinha-se durante o dia comendo a toda a hora, trocando de roupa para cada actividade, ensinando-me aritmética, para que no futuro me encarregasse dos seus livros de contabilidade, e contando-me a história da família para eu saber de onde vinha, sem esclarecer a identidade do meu pai, como se eu tivesse surgido no clã Del Valle por geração espontânea. Se eu

perguntava pela minha mãe ou pelo meu pai, dizia-me que tinham morrido e não interessava porque, tendo uma avó como ela, dava e sobrava. Entretanto Frederick Williams jogava bridge e lia jornais ingleses, como os restantes passageiros da primeira classe. Deixara crescer as patilhas e um frondoso bigode com as pontas engomadas, que lhe davam um ar de importância, e fumava cachimbo e charutos cubanos. Confessou à minha avó que era um fumador empedernido e que a maior dificuldade do seu trabalho de mordomo tinha sido abster-se de o fazer em público. Agora podia finalmente saborear o seu tabaco e deitar para o lixo as pastilhas de hortelã que comprava por atacado e já lhe tinham perfurado o estômago. Nesses tempos em que os homens de boa posição ostentavam barriga e duplo queixo, a figura elegante e atlética de Williams era uma raridade na alta sociedade, embora os seus modos impecáveis fossem muito mais convincentes do que os da minha avó. à noite, antes de descerem juntos para o salão de baile, passavam pelo camarote que a ama e eu partilhávamos para se despedirem. Eram um espectáculo: ela penteada e maquilhada pelo seu cabeleireiro, vestida de gala e resplandecente de jóias como um ídolo gordo, e ele convertido no distinto príncipe consorte. às vezes ia espreitar ao salão para espiá-los maravilhada: Frederick Williams conseguia manobrar Paulina del Valle pela pista de dança com a segurança de alguém habituado a mudar objectos pesados.

Chegámos ao Chile um ano mais tarde, quando a cambaleante fortuna da minha avó tinha voltado a erguer-se graças à especulação com açúcar que fez durante a Guerra do Pacífico. A sua teoria revelou-se acertada: as pessoas comem mais doces em épocas más. A nossa chegada coincidiu com a apresentação no teatro da incomparável Sarah Bernhardt no seu papel mais célebre, A Dama das Camélias. A célebre actriz não conseguiu comover o público como acontecera no restante universo civilizado, porque a hipócrita sociedade chilena não simpatizou com a cortesã tuberculosa, toda a gente achou normal que se sacrificasse pelo amante para evitar falatórios, não viram motivo para tanto drama nem para tanta camélia murcha. A famosa actriz foi embora convencida de que tinha visitado um país de mentecaptos, opinião que Paulina del Valle partilhava totalmente. A minha avó passeara-se com o seu séquito por várias cidades da Europa, mas não realizou o seu sonho de ir ao Egipto porque imaginou que lá não haveria camelos capazes

de suportar o seu peso e teria de visitar as pirâmides a pé sob um sol de lava ardente. Em 1886 eu tinha seis anos, falava uma mistura de chinês, inglês e espanhol, mas conseguia efectuar as quatro operações básicas de aritmética e sabia converter com incrível destreza francos franceses em libras esterlinas e estas em marcos alemães ou liras italianas. Tinha deixado de chorar a toda a hora pelo meu avô Tão e pela minha avó Eliza, mas os mesmos pesadelos inexplicáveis continuavam regularmente a afligir-me.

Havia um vazio negro na minha memória, algo sempre presente e perigoso que não conseguia concretizar, alguma coisa desconhecida que me aterrorizava, sobretudo no escuro ou a meio de uma multidão. Não suportava ver-me rodeada de gente, começava a gritar como uma endemoninhada e a minha avó Paulina tinha de rodear-me num abraço de urso para me acalmar. Habituara-me a refugiar-me na sua cama quando acordava assustada e assim cresceu entre nós uma intimidade que, tenho a certeza, me salvou da demência e do terror em que teria mergulhado de outra forma. Perante a necessidade de consolar-me, Paulina del Valle mudou de maneira imperceptível para todos, menos para Frederick Williams. Foi ficando mais tolerante e carinhosa e até diminuiu um pouco de peso, porque andava corricando atrás de mim e tão ocupada que se esquecia dos doces.

Julgo que me adorava. Digo isto sem falsa modéstia, uma vez que me deu muitas provas disso, ajudou-me a crescer com toda a liberdade possível naqueles tempos, espicaçando a minha curiosidade e mostrando-me o mundo. Não me permitia sentimentalismos nem queixumes, “não se deve olhar para trás”, era um dos seus lemas.

Pregava-me partidas, algumas bastante fortes, até eu aprender a responder à letra; isso marcou o tom da nossa relação. Uma vez encontrei no quintal uma lagartixa esmagada por uma roda da carruagem, que permanecera ao sol vários dias e já estava fossilizada, fixa para sempre no seu triste aspecto de réptil estripado. Apanhei-a e guardei-a, sem saber para quê, até descobrir como dar-lhe uma utilização perfeita. Estava sentada diante de uma secretária fazendo os meus trabalhos de matemática e a minha avó acabara de entrar distraidamente no quarto, quando fingi um ataque incontrolável de tosse e ela se aproximou para me bater nas costas. Curvei-me, com a cara entre as mãos e perante o horror da pobre senhora “cuspi” a lagartixa, que aterrou na minha saia. Foi tal o susto da minha avó ao ver o bicho que aparentemente os meus pulmões tinham expelido, que caiu sentada, mas

depois riu-se tanto como eu e guardou o animal ressequido entre as páginas de um livro. Custa a entender por que razão essa mulher tão forte receava contar-me a verdade sobre o meu passado.

Penso que apesar da sua postura desafiadora face às convenções, nunca conseguiu superar os preconceitos da sua classe. Para me proteger da rejeição escondeu cuidadosamente a existência do meu quarto de sangue chinês, o modesto ambiente social da minha mãe e o facto de eu, na verdade, ser uma bastarda. É a única coisa que posso censurar ao gigante que foi a minha avó.

Na Europa conheci Matías Rodríguez de Santa Cruz e del Valle.

Paulina não respeitou o acordo que fizera com a minha avó Eliza Sommers de dizer-me a verdade e, em vez de apresentá-lo como meu pai, disse que era outro tio, dos muitos que qualquer criança chilena tem, uma vez que qualquer parente ou amigo de família com idade suficiente para usar o título com alguma dignidade, passa automaticamente a chamar-se tio ou tia, por isso chamei sempre tio Frederick ao bom Williams. Soube que Matías era meu pai vários anos mais tarde, quando regressou ao Chile para morrer e ele próprio me disse. O homem não me deixou uma impressão memorável, era magro, pálido e bem-parecido; parecia jovem quando estava sentado, mas muito mais velho quando tentava mexer-se. Andava de bengala e estava sempre acompanhado por um criado que lhe abria as portas, lhe vestia o sobretudo, lhe acendia os cigarros, lhe passava o copo de água que estava em cima de uma mesa ao lado, porque o esforço de estender o braço era excessivo para ele. A minha avó Paulina explicou-me que aquele tio sofria de artrite, uma situação bastante dolorosa que o tornava frágil como vidro, disse, por isso eu tinha de aproximar-me dele com muito cuidado. A minha avó morreria anos depois sem saber que o seu filho mais velho não sofria de artrite mas de sífilis.

O estupor da família Del Valle quando a minha avó chegou a Santiago foi monumental. De Buenos Aires atravessámos a Argentina por terra até chegarmos ao Chile, um verdadeiro safari, tendo em conta o volume da bagagem que vinha da Europa mais as onze malas com as compras feitas em Buenos Aires. Viajámos de carruagem, com a carga numa récua de mulas e acompanhados por guardas armados sob o comando do tio Frederick, porque havia bandoleiros em ambos os lados da fronteira, mas infelizmente não nos atacaram e chegámos ao Chile sem nada interessante para contar sobre a

passagem dos Andes. Pelo caminho tínhamos perdido a ama, que se apaixonou por um argentino e preferiu ficar, e uma criada vencida pelo tifo, mas o meu tio Frederick arranjava as coisas de forma a contratar ajuda doméstica em cada etapa da nossa peregrinação. Paulina tinha decidido instalar-se em Santiago, a capital, porque depois de viver tantos anos nos Estados Unidos achou que o pequeno porto de Valparaíso, onde tinha nascido, era demasiado tacanho. Além disso habituara-se a estar longe do seu clã e a perspectiva de ver os seus familiares todos os dias, temível costume de qualquer sofredora família chilena, aterrorizava-a. No entanto, em Santiago também não estava livre deles, uma vez que tinha várias irmãs casadas com "gente bem" como se chamavam entre si os membros da classe alta, assumindo, suponho, que o resto do mundo entrava na categoria de "gente mal". O seu sobrinho Severo del Valle, que também vivia na capital, apareceu com a mulher para nos cumprimentar assim que chegámos. Do primeiro encontro entre eles guardo uma lembrança mais nítida do que do meu pai na Europa, porque me receberam com tão exageradas demonstrações de afecto que me assustei. O mais notável em Severo era que apesar do seu coxear e da sua bengala parecia um príncipe das ilustrações de contos - poucas vezes vi um homem tão bonito - e em Nívea era o enorme ventre redondo que ostentava. Nesses tempos a procriação era considerada indecente e entre a burguesia as mulheres grávidas fechavam-se em casa, mas ela não tentava dissimular o seu estado, exibindo-o indiferente à perturbação que causava. Na rua as pessoas evitavam olhar para ela, como se tivesse alguma deformidade ou andasse nua. Eu nunca tinha visto uma coisa assim e quando perguntei o que tinha aquela senhora, a minha avó Paulina explicou-me que a coitadinha tinha engolido um melão. Em contraste com o seu galhardo marido, Nívea parecia um rato, mas bastava falar com ela alguns minutos para cair presa do seu encanto e da sua tremenda energia.

Santiago era uma cidade bonita situada num vale fértil, rodeada de altas montanhas, vermelhas no Verão e cobertas de neve no Inverno, cidade tranquila, sonolenta e cheirando a uma mistura de jardins floridos e bosta de cavalo. Tinha um ar afrancesado, com as suas velhas árvores, as suas praças, fontes mouriscas, pórticos e passadiços, com as suas mulheres elegantes, as suas lojas requintadas onde vendiam o que de mais fino era trazido da Europa e do Oriente, as suas alamedas e passeios onde os ricos ostentavam as suas carruagens e belíssimos cavalos. Pelas ruas passavam vendedores

apregoando a mercadoria humilde que levavam em canastros, corriam matilhas de cães vadios e nos telhados pombas e pardais faziam ninho. Os sinos das igrejas marcavam uma a uma a passagem das horas, excepto durante a sesta, em que as ruas permaneciam vazias e as pessoas descansavam. Era uma cidade senhorial, muito diferente de São Francisco, com a sua marca inconfundível de lugar fronteiriço e o seu ar cosmopolita e colorido. Paulina del Valle comprou uma mansão na Ejército Libertador, a rua mais aristocrática, perto da Alameda de las Delicias, por onde passava todas as primaveras a carruagem napoleónica com cavalos enfeitados com penachos e a guarda de honra do presidente da República a caminho do desfile militar das festas pátrias no Parque de Marte. A casa não podia comparar-se em esplendor ao palacete de São Francisco, mas para Santiago era de uma opulência irritante. No entanto, não foi a demonstração da prosperidade e a falta de tacto que deixou boquiaberta a pequena sociedade da capital, mas o marido com pedigree que Paulina del Valle "tinha comprado", conforme diziam, e as bisbilhotices que circulavam sobre a enorme cama dourada com figuras mitológicas marinhas, onde quem sabe que pecados aquele casal de velhos cometia. A Williams atribuíram-lhe títulos de nobreza e más intenções. Que razões levariam um lorde britânico, tão fino e bonito, a casar-se com uma mulher de reconhecido mau feitio e bastante mais velha do que ele? Só podia ser um conde arruinado, um caçador de fortuna disposto a despojá-la do seu dinheiro para depois abandoná-la. No fundo todos desejavam que assim fosse, para baixar a crista à minha arrogante avó, no entanto ninguém menosprezou o seu marido, fiéis à tradição chilena de hospitalidade com os estrangeiros. Além disso, Frederick Williams ganhou o respeito de mouros e cristãos com os seus excelentes modos, a sua maneira prosaica de enfrentar a vida e as suas ideias monárquicas, achando que todos os males da sociedade se deviam à indisciplina e à falta de respeito pelas hierarquias. O lema de quem tinha sido criado durante tantos anos era "cada um no seu lugar e um lugar para cada um". Ao converter-se em marido da minha avó assumiu o seu papel de oligarca com a mesma naturalidade com que antes cumpria o seu destino de criado; antes nunca tentou misturar-se com os de cima e depois não tinha contacto com os de baixo; a separação de classes parecia-lhe indispensável para evitar o caos e a vulgaridade. Naquela família de bárbaros apaixonados, como eram os Del Valle, Williams provocava estupor e

admiração com a sua exagerada cortesia e a sua calma impassível, produtos dos seus anos de mordomo. Falava quatro palavras de castelhano e o seu silêncio forçado era confundido com sabedoria, orgulho e mistério. O único que podia desmascarar o suposto nobre britânico era Severo del Valle, mas nunca o fez porque apreciava o antigo criado e admirava aquela tia que troçava de toda a gente pavoneando-se com o seu airoso marido.

A minha avó Paulina atirou-se a uma campanha de caridade pública para calar a inveja e a maledicência que a sua fortuna provocava.

Sabia fazê-o porque fora criada nos primeiros anos da sua vida naquele país, onde socorrer os indigentes era tarefa obrigatória das mulheres de posses. Quanto mais se sacrificam pelos pobres percorrendo hospitais, asilos, orfanatos e cortiços, mais alto se colocavam na estima geral, por isso apregoavam as suas esmolas aos quatro ventos. Ignorar este dever acarretava tantos olhares turvos e admoestações sacerdotais, que nem sequer Paulina del Valle teria podido evitar o sentimento de culpa e o receio da condenação.

Treinou-me nesses trabalhos de compaixão, mas confesso que sempre foi incómodo para mim chegar a um bairro miserável na nossa carruagem luxuosa carregada de vitualhas, com dois lacaios para distribuírem as ofertas a alguns seres esfarrapados que nos agradeciam com grandes demonstrações de humildade, mas com um ódio vivo a brilhar-lhes nas pupilas.

A minha avó teve de educar-me em casa, porque fugi de todos os estabelecimentos religiosos onde me matriculou. A família Del Valle tentou convencê-la vezes sem conta que um internato era a única maneira de me converter numa criatura normal; argumentavam que eu precisava da companhia de outras crianças para superar a minha timidez patológica e da mão firme das freiras para submeter-me. “Estragaste demasiado esta garota, Paulina, estás a convertê-la num monstro”, diziam, e a minha avó acabou por acreditar no que era óbvio. Eu dormia com Caramelo na cama, comia e lia o que me dava na gana, passava o dia entretida em jogos de imaginação, sem muita disciplina porque não havia ninguém ao meu redor disposto a impô-la; por outras palavras: tinha uma infância bastante feliz.

Não suportei os internatos com as suas freiras de bigode e a sua multidão de colegiais, que me fazia lembrar o meu pesadelo angustiante dos meninos de pijamas pretos; também não suportava o rigor das regras, a monotonia dos horários e o frio daqueles conventos coloniais. Não sei quantas vezes se

repetiu a mesma rotina; Paulina del Valle vestia-me de ponto em branco, recitava-me as instruções num tom ameaçador, levava-me praticamente pelo ar e deixava-me com os meus baús nas mãos de alguma robusta noviça, fugindo o mais depressa que o seu peso permitia, acossada pelos remorsos. Eram colégios para meninas ricas onde a submissão e a fealdade imperavam e o objectivo final consistia em dar-nos alguma instrução para que não fôssemos totalmente ignorantes, uma vez que um verniz de cultura tinha valor no mercado matrimonial, mas não suficiente que nos levasse a fazer perguntas. Tratava-se de vergar a vontade pessoal em beneficio do bem colectivo, de fazer de nós boas católicas, mães abnegadas e mulheres obedientes. As freiras tinham de começar por nos dominar o corpo, fonte de vaidade e de outros pecados; não nos deixavam rir, correr, brincar ao ar livre.

Tomávamos banho uma vez por mês, cobertas com longas camisas de noite para não expor as nossas vergonhas aos olhos de Deus, que está em toda a parte. Partia-se do princípio que a letra entrava com sangue, por isso não poupavam em severidade. Ficávamos com medo de Deus, do diabo, de todos os adultos, da palmatória com que nos batiam nos dedos, dos seixos sobre os quais tínhamos de ajoelhar em penitência, dos nossos próprios pensamentos e desejos, medo do medo. Nunca recebíamos uma palavra de elogio por receio de cultivar em nós a jactância, mas sobravam os castigos para nos temperarem o carácter. Entre os muros grossos sobreviviam as minhas companheiras fardadas, com as tranças tão esticadas que às vezes lhes sangrava o couro cabeludo e as mãos com frieiras pelo frio eterno. O contraste com os seus lares, onde as mimavam como princesas durante as férias, devia ser suficiente para enlouquecer a mais ajuizada. Eu não consegui suportar. Uma vez consegui a cumplicidade de um jardineiro para saltar a grade e fugir. Não sei como cheguei sozinha à Rua Exército Libertador, onde Caramelo me recebeu histérico de prazer, mas Paulina del Valle teve quase um enfarte ao ver-me aparecer com a roupa enlameada e os olhos inchados. Passei alguns meses em casa até as pressões externas obrigarem a minha avó a repetir a experiência. Da segunda vez escondi-me nuns arbustos do pátio durante toda a noite com o objectivo de morrer de frio e de fome. Imaginava a cara das freiras e da minha família ao descobrir o meu cadáver e chorava de pena de mim própria, pobre menina, mártir numa idade tão precoce.

No dia seguinte o colégio avisou Paulina del Valle do meu desaparecimento, e ela apareceu como uma tromba de água a exigir explicações. Enquanto ela e Frederick Williams eram levados por uma noviça corada ao gabinete da madre superiora, eu escapuli dos arbustos onde me escondera até à carruagem que esperava no pátio, entrei sem que o cocheiro me visse e escondi-me debaixo do assento. Frederick Williams, o cocheiro e a madre superiora tiveram de ajudar a minha avó, que ia guinchando que se eu não aparecesse rapidamente iam ver quem era Paulina del Valle, a subir para a carruagem. Quando surgi do meu refúgio antes de chegar a casa, esqueceu-se das suas lágrimas de desconsolo, agarrou-me pelo pescoço e deu-me uma surra que durou alguns quarteirões, até o tio Frederick conseguir acalmá-la, mas a disciplina não era o forte da boa senhora, e ao saber que eu não comia nada desde o dia anterior e que passara a noite à intempérie, cobriu-me de beijos e levou-me a comer gelados. Na terceira instituição onde quis matricular-me rejeitaram-me completamente porque na entrevista com a directora garanti que tinha visto o diabo e que este tinha as patas verdes.

Por fim a minha avó deu-se por vencida. Severo del Valle convenceu-a de que não havia razão para torturar-me, uma vez que podia aprender o que fosse necessário em casa com professores privados. Pela minha infância passou uma série de preceptoras inglesas, francesas e alemãs que sucumbiram sucessivamente à água contaminada do Chile e às fúrias de Paulina del Valle. As desgraçadas mulheres regressavam aos países de origem com diarreia crónica e más lembranças. A minha educação foi bastante acidentada até ter chegado à minha vida uma professora chilena excepcional, a menina Matilde Pineda, que me ensinou quase tudo o que de importante sei, excepto bom-senso, porque ela própria não o tinha.

Era apaixonada e idealista, escrevia poesia filosófica que nunca conseguiu publicar, sofria de uma fome insaciável de conhecimento e tinha a intransigência para com as debilidades alheias própria dos seres demasiado inteligentes. Não tolerava a preguiça. Na sua presença a frase “não consigo” era proibida. A minha avó contratou-a porque se proclamava agnóstica, socialista e partidária do sufrágio feminino, três razões de sobra para que não a empregassem em nenhuma instituição educativa. “Vamos a ver se você contraria um pouco a hipocrisia conservadora e patriarcal desta família”, disse-lhe Paulina del Valle na primeira entrevista, apoiada por Frederick

Williams e Severo del Valle, os únicos que vislumbraram o talento da menina Pineda, todos os outros asseguraram que aquela mulher alimentaria o monstro que já crescia em mim. As tias classificaram-na de imediato de "pindérica trepadora" e preveniram a minha avó contra aquela mulher de classe inferior "armada em gente", conforme diziam. Williams, pelo contrário, o homem mais classista que conheci, simpatizou com ela.

Seis dias por semana, sem nunca falhar, aparecia a professora às sete da manhã na mansão da minha avó, onde eu a esperava de ponto em branco, engomada, com as unhas limpas e as tranças acabadas de fazer. Tomávamos o pequeno-almoço numa pequena copa de uso diário enquanto comentávamos as notícias importantes dos jornais, depois dava-me algumas horas de aulas normais e passávamos o resto do dia num museu e na livraria Siglo de Oro comprando livros e tomando chá com o livreiro, dom Pedro Tey, visitávamos artistas, saíamos para observar a natureza, fazíamos experiências químicas, líamos histórias, escrevíamos poesia e encenávamos obras de teatro clássico com figuras recortadas em cartolina. Foi ela quem sugeriu à minha avó a ideia de formar um clube de senhoras que canalizasse a caridade e em vez de oferecer aos pobres roupa usada ou comida que sobrava das suas cozinhas, criasse um fundo, administrado como num banco, que concedesse empréstimos às mulheres de modo a estas poderem iniciar algum pequeno negócio: uma capoeira, um atelier de costura, umas tinas para lavar roupa para fora, uma carroça Para fazer transportes, enfim, o que fosse necessário para sair da indigência absoluta em que sobreviviam com os seus filhos. Aos homens não, disse a menina Pineda, porque usariam o empréstimo para comprar vinho e, de qualquer forma, os planos sociais do governo encarregavam-se de os socorrer, das mulheres e das crianças, pelo contrário, ninguém se ocupava a sério. "As pessoas não querem ofertas, querem ganhar a vida com dignidade", explicou a minha professora a Paulina del Valle, que compreendeu imediatamente e se atirou a esse projecto com o mesmo entusiasmo com que abraçava os planos mais ambiciosos para fazer dinheiro.

"Com uma mão agarro o que posso e com a outra dou, assim mato dois pássaros de um tiro: divirto-me e ganho o céu", ria-se às gargalhadas a minha original avó. Levou a iniciativa mais longe e não só fundou o Clube das Damas, que dirigia com a sua eficiência habitual - as outras senhoras tinham-lhe pavor -, mas também financiou escolas, consultórios médicos

ambulantes e organizou um sistema para recolher o que não se conseguia vender nos postos do mercado e nas padarias, ainda em bom estado, e distribuir por orfanatos e asilos.

Quando Nívea vinha visitar-nos, sempre grávida e com vários filhos pequenos nos braços das respectivas amas, a menina Matilde Pineda abandonava o quadro e, enquanto as empregadas se encarregavam da manada de crianças, nós íamos tomar chá e as duas dedicavam-se a planear uma sociedade mais justa e nobre. Apesar de a Nívea não lhe sobrar tempo nem recursos económicos, era a mais jovem e activa das senhoras do clube da minha avó. às vezes íamos visitar a sua antiga professora, soror María Escapulario, que dirigia um asilo para freiras idosas porque já não lhe permitiam exercer a sua paixão de educadora; a congregação tinha decidido que as suas ideias avançadas não eram recomendáveis para colegiais e que os danos eram menores cuidando de velhinhas chochas do que semeando rebeldia nos espíritos infantis. Soror María Escapulario dispunha de uma pequena cela num edifício decrépito, mas com um jardim encantado, onde nos recebia sempre agradecida porque gostava das conversas intelectuais, prazer inatingível naquele asilo. Levávamos-lhe livros que ela encomendava e que comprávamos na poeirenta livraria Siglo de Oro. Também lhe oferecíamos bolachas ou um bolo para acompanhar o chá que ela preparava num fogareiro de parafina e que servia em chávenas desbeiçadas. No Inverno ficávamos na cela, a freira sentada na única cadeira disponível, Nívea e a menina Matilde Pineda em cima do catre e eu pelo chão, mas se o tempo o permitisse, passeávamos pelo maravilhoso jardim. entre árvores centenárias, trepadeiras de jasmins, rosas, camélias e tantas outras variedades de flores numa desordem admirável, que a mistura de perfumes costumava atordoar-me. Não perdia pitada daquelas conversas, embora certamente entendesse Muito Pouco; nunca mais voltei a ouvir discursos tão apaixonados. Cochichavam segredos, fartavam-se de rir e falavam de tudo menos de religião, por respeito às ideias da menina Matilde Pineda, que defendia ser Deus uma invenção dos homens para controlar outros homens e sobretudo para controlar as mulheres.

Soror María Escapulario e Nívea eram católicas, mas nenhuma das duas parecia fanática, ao contrário da maior parte das pessoas que me rodeavam nessa altura. Nos Estados Unidos ninguém mencionava a religião; no Chile, pelo contrário, era tema de sobremesa. A minha avó e o tio Frederick

levavam-me à missa de vez em quando para que nos vissem, porque nem Paulina del Valle, com toda a sua audácia e fortuna, podia dar-se ao luxo de não assistir. A família e a sociedade não lhe tolerariam.

- És católica, avó? - perguntava-lhe, cada vez que tinha de adiar um passeio ou um livro para ir à missa.

- Achas que se pode deixar de o ser, no Chile? - respondia.

- A menina Pineda não vai à missa.

- Olha como tudo corre mal à pobrezinha. Inteligente como é podia ser - directora de uma escola, se fosse à missa...

Contra toda a lógica, Frederick Williams adaptou-se bastante bem à enorme família Del Valle e ao Chile. Devia ter um estômago de aço, porque foi o único cuja barriga não se encheu de vermes com a água potável, conseguindo ainda comer várias empanadas (espécie de empada, geralmente frita, com recheio de cebola, carne, passas, azeitonas, ovo cozido e muito cominho, também chamado pino) sem que o estômago se lhe incendiasse. Nenhum chileno dos que conhecíamos, excepto Severo del Valle e dom José Francisco Vergara, falava inglês, a segunda língua das pessoas educadas era o francês, apesar da numerosa população britânica no porto de Valparaíso, de modo que Williams não teve outro remédio senão aprender castelhano. A menina Pineda dava-lhe aulas e passados poucos meses ele já conseguia fazer-se entender com esforço num espanhol maltratado mas funcional, conseguia ler os jornais e fazer vida social no Clube da União, onde costumava jogar bridge na companhia de Patrick Egan, o diplomata norte-americano encarregado da Legação. A minha avó conseguiu que o aceitassem no clube insinuando a sua origem aristocrática na corte inglesa, que ninguém se deu ao trabalho de verificar, uma vez que os títulos de nobreza tinham sido abolidos desde os tempos da Independência e, por outro lado, bastava olhar para o homem para acreditar. Por definição, membros do Clube da União pertenciam a “famílias conhecidas” e eram “homens de bem” - as mulheres não podiam passar do umbral - e se tivessem descoberto a identidade de Frederick Williams, qualquer um daqueles senhores se teria batido em duelo pela vergonha de ter sido enganado por um antigo mordomo da Califórnia convertido no mais fino, elegante e culto dos seus membros, o melhor jogador de bridge e, sem dúvida, um dos mais ricos. Williams mantinha-se a par dos negócios para poder aconselhar a minha avó Paulina, e da política, tema obrigatório nas conversas sociais. Declarava-se

decididamente conservador, como todos na nossa família e lamentava o facto de no Chile não existir uma monarquia como na Grã-Bretanha, porque a democracia lhe parecia vulgar e pouco eficaz. Nos obrigatórios almoços dominicais em casa da minha avó, discutia com Nívea e Severo, os únicos liberais do clã. As suas ideias divergiam, mas os três apreciavam-se e julgo que troçavam secretamente dos restantes membros da primitiva tribo Del Valle. Nas raras ocasiões em que estávamos na presença de dom José Francisco Vergara, com quem teria podido conversar em inglês, Frederick Williams mantinha uma distância respeitosa; era o único que conseguia intimidá-lo com a sua superioridade intelectual, possivelmente o único que teria detectado de imediato a sua condição de antigo criado. Suponho que muitos se interrogariam sobre quem era eu e por que razão Paulina me adoptara, mas esse assunto não era mencionado à minha frente; nos almoços familiares dos domingos juntavam-se uma vintena de primos de diversas idades e nunca nenhum deles me perguntou pelos meus pais. Bastava-lhes saber que eu tinha o mesmo apelido para me aceitarem.

A minha avó teve mais dificuldade em adaptar-se ao Chile do que o marido, apesar de o seu apelido e fortuna lhe abrirem todas as portas. Asfixiava com as mesquinhices e a hipocrisia daquele ambiente, sentia falta da liberdade de outrora; não vivera em vão mais de trinta anos na Califórnia, mas assim que abriu as portas da sua mansão, passou a encabeçar a vida social de Santiago, porque o fez com muita classe e bom-senso, sabendo como no Chile odeiam os ricos, mais ainda se forem presumidos. Nada de lacaios de libré como os que empregava em São Francisco, mas discretas criadas com vestidos pretos e aventais brancos; nada de esbanjar alegremente com saraus faraónicos, mas festas recatadas e em ambiente familiar, para que não a acusassem de pretensiosa ou nova-rica, o pior epíteto possível. Possuía, evidentemente, as suas carruagens opulentas, os seus cavalos invejáveis e o seu camarote privado no Teatro Municipal, com salinha e buffet, onde servia gelados e champanhe aos seus convidados. Apesar da sua idade e da sua gordura, Paulina del Valle impunha a moda, porque acabava de chegar da Europa e supunha-se que estava a par do estilo e da realidade modernas. Naquela sociedade austera e pacata transformou-se no farol das influências estrangeiras, a única senhora do seu círculo que falava inglês, recebia revistas e livros de Nova Iorque e de Paris, encomendava tecidos, sapatos e chapéus directamente a Londres e fumava

em público os mesmos cigarros egípcios que o seu filho Matías. Comprava arte e à sua mesa servia pratos nunca vistos, porque até as famílias mais presumidas comiam ainda como os rudes capitães da época da Conquista: sopas, guisados, assados, feijões e pesadas sobremesas coloniais. A primeira vez que a minha avó serviu foie gras e uma variedade de queijos importados de França, só os cavalheiros que tinham estado na Europa conseguiram comê-los. Ao cheirar o camembert e os Port-Salut uma senhora sentiu vómitos e teve de sair disparada para a casa de banho. A casa da minha avó era o centro de reunião de artistas e jovens literatos de ambos os sexos, que se juntavam para dar a conhecer as suas obras, dentro do padrão classista habitual; se o interessado não era branco e de apelido conhecido precisava de ter muito talento para ser aceite, e nisso Paulina não diferia do resto da alta sociedade chilena. Em Santiago, as tertúlias de intelectuais efectuavam-se em cafés e clubes, com uma assistência exclusivamente masculina, porque se partia do princípio que as mulheres estariam melhor a mexer a sopa do que a escrever versos. A iniciativa da minha avó de incorporar artistas femininas no seu salão foi uma novidade um pouco licenciosa.

A minha vida mudou na mansão da Rua Exército Libertador. Pela primeira vez desde a morte do meu avô Tao Chi'en tive uma sensação de estabilidade, de viver em algo que não se movia e não mudava, uma espécie de fortaleza com raízes bem assentes em terra firme.

Tomei de assalto a casa inteira, não deixei meandro por explorar nem recanto por conquistar, até o telhado, onde costumava passar horas a observar as pombas, e os quartos de serviço, embora me tivessem proibido de pôr aí os pés. A enorme propriedade confinava com duas ruas e tinha duas entradas: uma principal pela Rua Exército Libertador e a dos empregados pela rua de trás; tinha dúzias de salas, quartos, jardins, varandas, esconderijos, sótãos, escadas. Existia um salão vermelho, outro azul e outro dourado, utilizados apenas nas grandes ocasiões, e uma maravilhosa galeria envidraçada onde decorria a vida familiar entre vasos de loiça chinesa, fetos e gaiolas de canários. Na sala de jantar principal havia um fresco de Pompeia que dava a volta à sala ocupando as quatro paredes, vários chandelier com lágrimas de cristal e uma vidraça enfeitada por uma fonte mourisca que jorrava água eternamente.

Desde que a minha avó desistiu de me mandar para a escola e as aulas com a menina Pineda se tornaram rotineiras, passei a ser bastante feliz. Cada vez que fazia uma pergunta, aquela professora magnífica, em vez de responder, indicava-me o caminho para que eu pudesse encontrar a resposta. Ensinou-me a organizar o pensamento, a investigar, a ler e a ouvir, a procurar alternativas, a resolver velhos problemas com novas soluções, a discutir com lógica.

Ensinou-me, sobretudo, a não acreditar às cegas, a duvidar e a perguntar mesmo aquilo que parecia ser uma verdade irrefutável, como a superioridade do homem sobre a mulher ou a superioridade de uma raça ou classe social sobre outra, ideias inovadoras num país patriarcal onde os índios nunca eram mencionados e onde bastava descer um degrau na hierarquia das classes sociais para desaparecer da memória colectiva. Foi a primeira mulher intelectual que se cruzou na minha vida. Nívea, com toda a sua inteligência e educação, não podia competir com a minha professora; ela sobressaía pela intuição e pela enorme generosidade da sua alma, estava meio século adiantada ao seu tempo, mas nunca armou em intelectual, nem sequer nas famosas tertúlias da minha avó onde brilhava com os seus apaixonados discursos sufragistas e as suas dúvidas teológicas. De aspecto, a menina Pineda não podia ser mais chilena, essa mistura de espanhol e índio que produz mulheres baixas, de ancas largas, olhos e cabelo escuro, pómulos altos e uma forma de andar pesada, como se estivessem pregadas à terra. O seu espírito era inusual para o seu tempo e condição, provinha de uma esforçada família do sul, o pai trabalhava como empregado dos caminhos de ferro e, dos seus oito irmãos, ela foi a única que conseguiu terminar os estudos. Era discípula e amiga de dom Pedro Tey, o dono da livraria Siglo de Oro, um catalão de maneiras toscas, mas de coração mole, que orientava as suas leituras e lhe emprestava ou oferecia livros, porque ela não podia comprá-los. Em qualquer troca de opiniões, por banal que fosse, Tey contradizia-a. Ouvi-o garantir, por exemplo, que os sul-americanos eram uns macacos com tendência para o esbanjamento, a borga e a preguiça, mas bastou que a menina Pineda concordasse, para ele mudar imediatamente de bando e acrescentar que, pelo menos, são melhores do que os seus compatriotas, que andam sempre aborrecidos e por qualquer ninharia se batem em duelo. Embora fosse impossível estarem de acordo no que quer que fosse, aqueles dois davam-se bastante bem. Dom Pedro Tey devia ser

pelo menos vinte anos mais velho do que a minha professora, mas quando começava a falar, a diferença de idades esfumava-se: ele rejuvenescia de entusiasmo e ela crescia em excelência e maturidade.

Em dez anos Severo e Nívea del Valle tiveram seis filhos e continuaram a procriar até chegarem aos quinze. Conheço Nívea há vinte e tal anos e vi-a sempre com um bebé ao colo; a sua fertilidade seria uma maldição se ela não gostasse tanto de crianças. “O que eu não daria para você educar os meus filhos!”, suspirava Nívea quando se encontrava com a menina Matilde Pineda.

“São muitos, senhora Nívea, e com Aurora já não tenho mãos a medir”, respondia a minha professora. Severo convertera-se num advogado de renome, num dos pilares mais jovens da sociedade e membro conspícuo do Partido Liberal. Não estava de acordo com muitos pontos da política do presidente, também liberal, e como era incapaz de dissimular as suas críticas, nunca o chamaram para fazer parte do governo. Aquelas opiniões levá-lo-iam pouco tempo depois a formar um grupo dissidente que passou para a oposição quando estalou a Guerra Civil, tal como fez Matilde Pineda e o seu amigo da livraria Siglo de Oro. O meu tio Severo diferenciava-me entre as dúzias de sobrinhos que o rodeavam, chamava-me sua “afilhada” e contou-me que fora ele quem me dera o apelido Del Valle, mas cada vez que lhe perguntava se conhecia a identidade do meu pai verdadeiro, respondia-me com evasivas: “façamos de conta que sou eu”, dizia. à minha avó o assunto provocava enxaqueca e se assediava Nívea, esta mandava-me falar com Severo. Era um círculo vicioso...

- Avó, não posso viver com tantos mistérios - disse uma vez a Paulina del Valle.

- Por que não? As pessoas que têm uma infância difícil são mais criativas - replicou.

- Ou acabam transtornadas... - sugeri.

- Entre os Del Valle não há loucos furiosos, Aurora, só excêntricos, como em qualquer família que se preze - garantiu-me.

A menina Matilde Pineda jurou-me que desconhecia as minhas origens e acrescentou que não era preciso preocupar-me, porque nesta vida não importava de onde viemos, mas para onde vamos, mas quando me ensinou a teoria genética de Mendel teve de admitir que existiam boas razões para

averiguar quem são os nossos antepassados. E se o meu pai fosse um demente que andava por aí a degolar donzelas?

A revolução começou no mesmo dia em que entrei na puberdade.

Acordei com a camisa de noite manchada com uma matéria parecida ao chocolate, escondi-me na casa de banho para me lavar, envergonhada, e descobri nessa altura que não era caca, como julgara: tinha sangue entre as pernas. Fui aterrorizada comunicá-lo à minha avó e por uma vez não a encontrei na sua grande cama imperial, o que era inusitado em alguém que se levantava sempre ao meio-dia. Corri pelas escadas abaixo seguida por Caramelo que ia ladrando, irrompi como um cavalo assustado no escritório e dei de caras com Severo e Paulina del Valle, ele em traje de viagem e ela com o roupão de cetim roxo que lhe dava um ar de bispo na Semana Santa.

- Vou morrer! - gritei, atirando-me para cima dela.

- Este não é o momento apropriado - replicou a minha avó secamente.

Há anos que as pessoas se queixavam do Governo e há muitos meses que ouvíamos dizer que o presidente Balmaceda tentava converter-se num ditador, interrompendo desta forma cinquenta e sete anos de respeito à constituição. Essa constituição, redigida pela aristocracia com o objectivo de governar para sempre, concedia poderes bastante amplos ao executivo; quando o poder caiu nas mãos de alguém com ideias contrárias, a classe alta revoltou-se. Balmaceda, homem brilhante e de ideias modernas, não governara mal, na realidade. Impulsionara a educação mais do que qualquer outro governante anterior, defendera o salitre chileno das companhias estrangeiras, criara hospitais e numerosas obras públicas, sobretudo caminhos de ferro, embora começasse mais do que conseguia acabar; o Chile tinha poderio militar e naval, era um país próspero e a sua moeda a mais sólida da América Latina. No entanto, a aristocracia não lhe perdoava ter elevado a classe média e ter tentado governar com ela, assim como o clero não tolerava a separação entre a Igreja e o Estado, o casamento civil, que substituiu o religioso, e a lei que permitiu enterrar nos cemitérios mortos de qualquer credo. Antes era um problema o destino dos corpos daqueles que em vida não tinham sido católicos, bem como dos ateus e dos suicidas, que iam parar frequentemente aos barrancos ou ao mar. Devido a estas medidas, as mulheres abandonaram em massa o presidente. Embora não tivessem poder político, reinavam nas suas casas e exerciam uma enorme influência. A classe média, que Balmaceda tinha apoiado, também lhe virou as costas e

ele respondeu com soberba, porque estava habituado a mandar e a ser obedecido, como qualquer poderoso desse tempo. A sua família possuía imensas extensões de terra, uma província com as suas estações, caminho de ferro, povoações e centenas de camponeses; os homens do seu clã não tinham fama de patrões benevolentes, mas de tiranos rudes que dormiam com a arma debaixo da almofada e esperavam um respeito cego por parte dos seus inquilinos, Talvez por isso tenha pretendido governar o país como se fosse o seu próprio feudo. Era um homem alto, galhardo, viril, de rosto claro e porte nobre, filho de amores romanescos, criado no lombo de um cavalo, com o chicote numa mão e a pistola na outra. Tinha sido seminarista, mas não tinha vocação para vestir sotaina; era apaixonado e vaidoso. Chamavam-no El Chascón (guedelhudo) devido à sua tendência para mudar o penteado, o bigode e as patilhas; as suas roupas demasiado elegantes encomendadas a Londres eram motivo de comentários. Ridicularizavam a sua oratória grandiloquente e as suas declarações de amor fervoroso ao Chile, diziam que se identificava tanto com a sua pátria que não conseguia concebê-la sem ele à cabeça, “minha ou de ninguém! “ era a frase que lhe atribuíam. Os anos de governação isolaram-no e no fim manifestava um comportamento errático que ia da mania à depressão, mas mesmo entre os seus mais ferozes adversários tinha fama de bom estadista, de uma honestidade irrepreensível, como quase todos os presidentes do Chile que, ao contrário dos caudilhos dos outros países da América Latina, saíam do governo mais pobres do que eram quando para lá entravam. Tinha visão de futuro, sonhava criar uma grande nação, mas calhou-lhe viver no final de uma época e de um partido que tinha estado demasiado tempo no poder. O país e o mundo estavam a mudar e o regime liberal corrompera-se. Os presidentes designavam o seu sucessor e as autoridades civis e militares faziam fraudes nas eleições; ganhava sempre o partido do Governo graças à força tão bem chamada bruta: votavam até os mortos e os ausentes a favor do candidato oficial, compravam-se votos e aos hesitantes metiam-lhes medo à pancada. O presidente enfrentava a oposição implacável dos conservadores, de alguns grupos de liberais dissidentes, do clero na sua totalidade e da maior parte da imprensa. Pela primeira vez aglutinavam-se os extremos do espectro político numa só causa: derrubar o Governo. Diariamente, manifestantes da oposição reuniam-se na Plaza de Armas, que a polícia a cavalo dispersava à pancada, e na última ronda do presidente às províncias, os soldados tiveram de

defendê-lo a golpes de sabre contra multidões excitadas que o vaiavam e lhe atiravam verduras. Aquelas demonstrações de descontentamento deixavam-no imperturbável, como se não se apercebesse de que a nação mergulhava no caos. Segundo Severo del Valle e a menina Matilde Pineda, cerca de oitenta por cento das pessoas detestavam o Governo e o mais decente seria o presidente renunciar, porque o clima de tensão se tornara insuportável e a qualquer momento explodiria como um vulcão. E foi isso que aconteceu nessa manhã de janeiro de 1891, quando a marinha se sublevou e o Congresso destituiu o presidente.

- Vai desencadear-se uma repressão terrível, tia - ouvi Severo del Valle dizer. - Vou para o norte lutar. Peço-lhe que ampare Nívea e as crianças, porque eu não poderei fazê-lo, quem sabe Por quanto tempo...

- Já perdeste uma perna na guerra, Severo, se perderes a outra parecerás um anão.

- Não tenho alternativa. Em Santiago matar-me-iam da mesma forma.

- Não sejas melodramático, não estamos na ópera!

Mas Severo del Valle estava mais bem informado do que a tia, conforme se viu passados poucos dias, quando se desencadeou o terror. A reacção do presidente foi dissolver o Congresso, designar-se ditador e nomear um tal Joaquín Godoy para organizar a repressão, um sádico que achava que "os ricos devem pagar por ser ricos, os pobres por ser pobres e aos clérigos é preciso fuzilá-los a todos!". O exército manteve-se fiel ao Governo e aquilo que começara por ser uma revolta política transformou-se numa guerra civil pavorosa, com a luta entre os dois ramos das forças armadas.

Godoy, com o apoio decidido dos chefes do exército, começou a prender os congressistas opositores a que pôde deitar a mão.

Acabaram as garantias dos cidadãos, iniciaram-se as devassas das casas e a tortura sistemática, enquanto o presidente se fechava no seu palácio enojado com estes métodos, mas achando que não havia outros para fazer vergar os seus inimigos políticos. "Preferia não ter conhecimento destas medidas", ouviram-no dizer mais de uma vez. Na rua da livraria Siglo de Oro não se conseguia dormir de noite nem andar de dia devido aos uivos dos flagelados. Nada disto se comentava diante das crianças, evidentemente, mas eu inteirava-me de tudo porque conhecia cada resquício da casa e entretinha-me a espiar as conversas dos adultos, visto não haver muito mais que fazer durante esses meses. Enquanto lá fora fervilhava a guerra, lá dentro

vivíamos como num luxuoso convento de clausura. A minha avó Paulina acolheu Nívea com o seu regimento de miúdos, amas de leite e criadas e aferrolhou a casa, certa de que ninguém se atreveria a atacar uma dama da sua posição social, casada com um cidadão britânico. Por via das dúvidas, Frederick Williams hasteou uma bandeira inglesa no telhado e manteve as armas oleadas.

Severo del Valle foi para o norte lutar mesmo a tempo, porque no dia seguinte devassaram-lhe a casa e, se o tivessem encontrado, teria ido parar aos calabouços da polícia política, onde se torturava ricos e pobres da mesma forma. Nívea fora partidária do regime liberal, tal como Severo del Valle, mas transformou-se em acérrima opositora quando o presidente quis impor o seu sucessor através de fraudes e quando tentou esmagar o Congresso. Durante os meses da Revolução, enquanto gerava um par de gémeos e criava seis filhos, teve tempo e disposição para trabalhar na oposição de forma tal que, se tivesse sido surpreendida, ter-lhe-ia custado a vida. Fazia-o nas costas da minha avó Paulina, que dera ordens categóricas para nos mantermos invisíveis de modo a não chamar a atenção das autoridades, mas com pleno conhecimento de Williams. A menina Matilde Pineda estava exactamente no lado contrário ao de Frederick Williams, tão socialista a primeira como monárquico o segundo, mas o ódio ao Governo unia-os. Num dos quartos das traseiras, onde a minha avó nunca entrava, instalaram uma pequena impressora com a ajuda de dom Pedro Tey e aí imprimiam libelos e panfletos revolucionários, que depois a menina Matilde Pineda levava escondidos sob a capa para distribuir de casa em casa.

Fizeram-me jurar que não diria uma palavra a ninguém do que acontecia naquele quarto e não o fiz porque o segredo me pareceu um jogo fascinante, embora não suspeitasse do perigo que espreitava a minha família. No fim da Guerra Civil compreendi que esse perigo era real, pois apesar da posição de Paulina del Valle, ninguém estava a salvo do longo braço da polícia política. A casa da minha avó não era o santuário que imaginávamos, o facto de ela ser uma viúva com fortuna, relações e apelido não a teria salvo de uma devassa à casa nem talvez da prisão. A nosso favor estavam a confusão daqueles meses e o facto de a maior parte da população se ter virado contra o Governo, sendo impossível controlar tanta gente. Mesmo no seio da polícia havia partidários da Revolução que ajudavam a fugir aqueles a quem

tinham de prender. Em cada casa onde a menina Pineda batia à porta para entregar os libelos, recebiam-na de braços abertos.

Por uma vez, Severo e os seus familiares estavam do mesmo lado, porque no conflito uniram-se os conservadores com uma parte dos liberais. O resto da família Del Valle recolheu-se nas suas herdades, o mais longe possível de Santiago, e os homens mais novos foram lutar para o norte, onde se juntou um contingente de voluntários apoiados pela marinha sublevada. O exército, fiel ao Governo, que planeava derrotar aquele monte de civis conjurados numa questão de dias, nunca imaginou a resistência que encontraria. A esquadra e os revolucionários dirigiram-se para norte para se apoderarem das salitreiras, a maior fonte de receitas do país, onde se acantonavam os regimentos do exército regular. No primeiro combate sério triunfaram as tropas do Governo e depois da batalha executaram os feridos e os prisioneiros, tal como tinham feito frequentemente durante a Guerra do Pacífico há dez anos atrás. A brutalidade daquela matança exacerbou de tal forma os revolucionários que quando voltaram a encontrar-se frente a frente obtiveram uma vitória esmagadora. Foi então a sua vez de massacrar os vencidos. Em meados de Março, os congressistas, como eram denominados os sublevados, controlavam cinco províncias do norte e tinham formado uma junta Governativa, enquanto no sul o presidente Balmaceda perdia adeptos minuto a minuto. As restantes tropas leais no norte tiveram de retroceder para o sul, tentando juntar-se ao grosso do exército; quinze mil homens atravessaram a pé a cordilheira, entraram na Bolívia, passaram pela Argentina e atravessaram novamente as montanhas para chegar a Santiago.

Apareceram na capital mortos de fadiga, barbudos e esfarrapados, tinham andado milhares de quilómetros numa natureza inclemente de vales e alturas, de calores infernais e de gelos eternos, juntando pelo caminho lamas e vicunhas do planalto, cabaças e tatus das pampas, pássaros dos cumes mais altos. Foram recebidos como heróis. Não se via uma façanha daquelas desde os tempos remotos dos ferozes conquistadores espanhóis, mas nem todos participaram na recepção porque a oposição tinha aumentado como uma avalancha impossível de conter. A nossa casa permaneceu com os postigos fechados e as ordens da minha avó foram que ninguém pusesse o nariz fora da porta, mas eu não resisti à curiosidade e empoleirei-me no telhado a ver o desfile.

As detenções, saques, torturas e rusgas mantinham os opositores sobre brasas, não havia família sem divisões, ninguém estava livre do medo. As tropas efectuavam arrebanhos para recrutar jovens, apareciam de surpresa em funerais, casamentos, campos e fábricas para deter os homens em idade de empunhar armas e levá-los à força. A agricultura e a indústria paralisaram por falta de mão-de-obra. A prepotência dos militares tornou-se insuportável e o presidente compreendeu que tinha de lhes pôr cobro mas, quando finalmente quis fazê-lo, já era tarde, os soldados estavam ensoberbecidos e receava-se que o depusessem para instaurar uma ditadura militar, muito mais temível do que a repressão imposta pela polícia política de Godoy. “Não há nada tão perigoso como o poder com impunidade”, advertia-nos Nívea.

Perguntei à menina Matilde Pineda qual era a diferença entre os do governo e os revolucionários e a resposta foi que ambos lutavam pela legitimidade. Quando perguntei o mesmo à minha avó, ela respondeu-me “nenhuma, são todos uns canalhas”.

O terror tocou à nossa porta quando os esbirros detiveram dom Pedro Tey para o levar até aos calabouços horrendos de Godoy suspeitavam, e com razão, que era ele o responsável pelos libelos políticos contra o Governo que circulavam por toda a parte. Numa noite de junho, numa dessas noites de chuva enfadonha e de borrasca traiçoeira, quando jantávamos na sala de jantar de todos os dias, abriu-se de súbito a porta e irrompeu sem se anunciar a menina Matilde Pineda, que vinha aturdida, lívida e com a capa empapada.

- O que aconteceu? - perguntou a minha avó, incomodada com a descortesia da professora.

A menina Pineda pespegou-nos à queima-roupa que os rufiões de Godoy tinham feito uma rusga à livraria Siglo de Oro, espancado quem lá se encontrava e levado dom Pedro Tey numa carruagem fechada. A minha avó ficou com o garfo no ar esperando mais alguma coisa que justificasse o aparecimento escandaloso da mulher; mal conhecia o senhor Tey e não entendia a razão da notícia ser tão urgente. Não fazia ideia que o livreiro ia lá a casa quase diariamente, entrava pela rua de trás e imprimia os seus panfletos revolucionários numa impressora escondida sob o seu próprio tecto.

Nívea, Williams e a menina Pineda, pelo contrário, podiam adivinhar as consequências assim que o infeliz Tey fosse obrigado a confessar e sabiam que mais cedo ou mais tarde o faria, pois os métodos de Godoy não davam margem para dúvidas. Vi que os três trocavam olhares de desespero e embora não tenha percebido o alcance do que estava a acontecer, adivinhei a causa.

- É por causa da máquina que temos no quarto das traseiras? - perguntei.

- Que máquina? - exclamou a minha avó.

- Máquina nenhuma - repliquei, lembrando-me do pacto secreto, mas Paulina del Valle não me deixou continuar, agarrou-me por uma orelha e sacudiu-me com um assanhamento inusitado nela.

- Perguntei-te que máquina, fedelha do diabo! - gritou-me.

- Deixe a miúda, Paulina. Ela não tem nada a ver com isto. Trata-se de uma impressora... - disse Frederick Williams.

- Uma impressora? Aqui? Na minha casa? - bramou a minha avó.

- Receio que sim, tia - murmurou Nívea.

- Maldição! O que vamos fazer agora? - e a matriarca deixou-se cair na sua cadeira com a cabeça entre as mãos murmurando que a sua própria família a tinha traído, que íamos pagar o preço de tamanha imprudência, que éramos uns imbecis, que tinha acolhido Nívea com os braços abertos e vejam só como lhe pagava, se por acaso Frederick não sabia que isto podia custar-lhes a pele, que não estávamos em Inglaterra nem na Califórnia, quando iria ele entender como eram as coisas no Chile, e que nunca mais na vida queria voltar a ver a menina Pineda e a proibia de voltar a pisar a sua casa ou de dirigir uma palavra à sua neta.

Frederick Williams pediu a carruagem e anunciou que ia sair para "solucionar o problema", o que, longe de tranquilizar a minha avó, não fez mais do que aumentar o seu pavor. A menina Matilde Pineda fez-me um gesto de despedida, saiu e só voltei a vê-la muitos anos mais tarde. Williams foi directamente para a Legação norte-americana e pediu para falar com mister Patrick Egon, o seu amigo e companheiro de bridge que, a essa hora, encabeçava um banquete oficial com outros membros do corpo diplomático. Egon apoiava o Governo, mas também era profundamente democrático, como quase todos os yankees, e detestava os métodos de Godoy. Ouviu em privado o que Frederick Williams dizia e pôs-se imediatamente em campo para falar com o ministro do Interior, que o recebeu nessa mesma noite, mas

lhe explicou que não estava na sua mão interceder pelo preso. Conseguiu, no entanto, uma entrevista com o presidente logo na manhã seguinte. Essa foi a noite mais longa vivida na casa da minha avó. Ninguém se deitou. Eu passei-a aninhada com Caramelo numa poltrona do vestíbulo enquanto empregadas e criados transportavam malas e baús, amas e amas de leite levavam as crianças de Nívea adormecidas ao colo e as cozinheiras arranjavam cestos de comestíveis. Até algumas gaiolas com os pássaros favoritos da minha avó foram parar às carruagens. Williams e o jardineiro, um homem de confiança, desarmaram a impressora, enterraram as peças no fundo do pátio traseiro e queimaram todos os papéis comprometedores. Ao amanhecer estavam as duas carruagens da família e quatro criados armados e a cavalo prontos para nos levarem para fora de Santiago. O resto do pessoal de serviço tinha ido refugiar-se na igreja mais próxima, onde outras carruagens iriam buscá-los mais tarde. Frederick Williams não quis acompanhar-nos.

- Sou o responsável pelo sucedido e ficarei para proteger a casa - disse.

- A sua vida é muito mais valiosa do que esta casa e tudo o resto que tenho, por favor, venha connosco - implorou-lhe Paulina del Valle.

- Não se atreverão a tocar-me, sou cidadão britânico.

- Não seja ingénuo, Frederick, acredite em mim, ninguém está a salvo nestes tempos.

Mas não houve maneira de o convencer. Pespegou-me dois beijos na cara, cobriu demoradamente as mãos da minha avó com as suas e despediu-se de Nívea, que respirava como um safio fora de água, não sei se de medo se da gravidez. Partimos quando um sol tímido começava a iluminar os cumes nevados da cordilheira, a chuva tinha cessado e o céu se anunciava limpo, mas soprava um vento frio que se metia pelas frinchas da carruagem. A minha avó levava-me bem encaixada no regaço, coberta pela sua capa de pele de raposa, a mesma cujas caudas tinham sido devoradas por Caramelo num arrebatamento de luxúria. Ia com a boca contraída de fúria e de medo mas não se esquecera dos cestos com a merenda e mal saímos de Santiago a caminho do Sul, abriu-os para dar lugar à comezaina de frangos assados, ovos cozidos, pastéis de massa folhada, queijos, pães amassados, vinho e horchata (bebida refrescante à base de água, açúcar e junça), que haveria de prolongar-se o resto da viagem. Os tios Del Valle, que se tinham refugiado no campo quando começou a sublevação em janeiro, receberam-nos

encantados porque vínhamos interromper sete meses de tédio irremediável e trazíamos notícias. As notícias eram péssimas, mas pior era não as ter.

Reencontrei-me com os meus primos e esses dias, que foram de tanta tensão para os adultos, foram de férias para as crianças; fartámo-nos de leite recém-ordenhado, de queijo fresco e de conservas que se guardavam desde o Verão, montávamos a cavalo, chapinhávamos na lama sob a chuva, brincávamos nos estábulos e águas-furtadas, fazíamos representações teatrais e formámos um coro deprimente, porque nenhum tinha inclinação musical. Chegava-se à casa por um caminho de curvas ladeado de álamos altos num vale agreste, onde o arado tinha deixado poucas marcas e os pastos pareciam abandonados; de vez em quando víamos filas de paus secos e carunchosos que, segundo a minha avó, eram vinhas. Se algum camponês se cruzava connosco no caminho, tirava o chapéu de palha e, com os olhos no chão, cumprimentava os patrões, "vossa mercê", dizia-nos. A minha avó chegou cansada e de mau humor ao campo, mas passados poucos dias abriu um guarda-chuva e, com Caramelo na peugada, percorreu os arredores com imensa curiosidade. Vi-a examinar os paus torcidos das parras e recolher amostras de terra, que guardava nuns saquinhos misteriosos. A casa, em forma de U, era de adobe e telhas, de aspecto pesado e sólido, sem a menor elegância, mas com o encanto das paredes que presenciaram muita história. No Verão era um paraíso de árvores grávidas de frutos doces, aromas de flores, trinados de pássaros alvoroçados e zumbido de abelhas diligentes, mas no Inverno parecia uma velha senhora rezingona sob a chuvinha invernosa e os céus encobertos. O dia começava muito cedo e terminava com o pôr do Sol, hora em que nos recolhíamos nos enormes aposentos mal iluminados por velas e candeeiros de querosene. Fazia frio, mas sentávamo-nos em redor de mesas redondas cobertas com grossos panos sob os quais colocavam braseiros acesos, que nos aqueciam os pés; bebíamos vinho tinto fervido com açúcar, casca de laranja e canela, única forma de o engolir. Os tios Del Valle produziam esse vinho rude para consumo da família, mas a minha avó defendia que não era feito para gargantas humanas mas para diluir tintas. Toda a herdade que se prezasse cultivava parras e fazia o seu próprio vinho, alguns melhores do que outros, mas aquele era particularmente áspero. Nos barrotes de madeira as aranhas teciam as suas delicadas toalhas de renda e os ratos corriam com o coração tranquilo, porque os gatos da casa não conseguiam trepar tão alto. As paredes caiadas de branco ou de

azul-anil, mostravam-se despidas, mas por toda a parte havia bustos de santos e imagens de Cristo crucificado. À entrada erguia-se um manequim com cabeça, mãos e pés de madeira, olhos de vidro azul e cabelo humano, que representava a Virgem Maria e estava permanentemente enfeitada de flores frescas e um velório aceso diante do qual todos nos benzíamos ao passar; não se entrava nem saía sem cumprimentar a Virgem. Uma vez por semana trocavam-lhe de roupa, tinha um armário cheio de vestidos renascentistas e, para as procissões, punham-lhe jóias e colocavam-lhe uma capa de arminho desbotada pelos anos. Comíamos quatro vezes por dia em longas cerimónias que não chegavam a terminar antes de se iniciar a seguinte, de modo que a minha avó se levantava só para dormir e para ir à capela. às sete da manhã assistíamos à missa e comunhão a cargo do padre Teodoro Riesco, que vivia com os meus tios, um sacerdote bastante idoso que possuía a virtude da tolerância; aos seus olhos não havia pecado imperdoável, salvo a traição de Judas; até o horrível Godoy, segundo ele, podia encontrar consolo no seio do Senhor. “Isso é que não, padre, olhe que se houver perdão para Godoy eu prefiro ir para o inferno com Judas e todos os meus filhos”, rebateu Nívea.

Depois do pôr do Sol a família juntava-se com as crianças, empregados e inquilinos da herdade para rezar. Cada um pegava numa vela acesa e marchávamos em fila até à capela rústica, na extremidade sul da casa. Tomei o gosto a esses ritos diários que marcavam o calendário, as estações e as vidas, entretinha-me arranjando as flores do altar e limpando os cálices de ouro. As palavras sagradas eram poesia:

Não me leva, meu Deus, a amar-te
o céu que me tens prometido,
nem me leva o inferno tão temido
a deixar por isso de ofender-te.

Levas-me Tu, Senhor; leva-me o ver-te
cravado numa Cruz e escarnecido;
leva-me o ver o teu corpo tão ferido;
levam-me as tuas afrontas e a tua morte.

Leva-me enfim o teu amor, de tal forma,
que mesmo não havendo céu, te amaria

e mesmo não havendo inferno, te temeria.
Não me tens de dar por te querer,
porque, mesmo sem esperar o que espero,
tal como te amo, te amaria.

Julgo que mais alguma coisa se suavizou também no áspero coração da minha avó, porque a partir dessa estada no campo se aproximou aos poucos da religião, começou a ir à igreja por prazer e não apenas para ser vista, deixou de amaldiçoar o clero por hábito, como fazia anteriormente, e quando regressámos a Santiago mandou construir uma bonita capela com vitrais coloridos na sua casa da Rua Exército Libertador, onde rezava à sua maneira. O catolicismo não se lhe adequava, por isso adaptava-o à sua medida.

Depois da oração da noite, voltávamos com as nossas velas à sala grande para tomar café com leite, enquanto as mulheres tricotavam ou bordavam e as crianças ouviam aterrorizadas as histórias de aparições que nos contavam os tios. Nada nos apavorava tanto como o imbunche, uma criatura maléfica da mitologia indígena. Diziam que os índios roubavam os recém-nascidos para os transformar em imbunches: cosiam-lhes as pálpebras e o ânus, criavam-nos em covas, alimentavam-nos de sangue, partiam-lhes as pernas, voltavam-lhes a cabeça para trás e passavam-lhes um braço sob a pele das costas; dessa forma adquiriam toda a espécie de poderes sobrenaturais. Com medo de acabarem transformados em imbunches, as crianças não punham o nariz fora de casa depois do pôr do Sol e alguns, como eu, dormiam com a cabeça debaixo dos cobertores acossados por pesadelos arrepiantes. “Como és supersticiosa, Aurora! O imbunche não existe. Achas que uma criança consegue sobreviver a semelhantes torturas?”, tratava de raciocinar comigo a minha avó, mas não havia argumentação capaz de parar o tremor dos meus dentes.

Como passava a vida grávida, Nívea pouco se preocupava em fazer as suas contas e calculava a proximidade do nascimento pelo número de vezes que usava o bacio. Quando se levantou treze vezes durante duas noites seguidas, anunciou à hora do pequeno-almoço que já era altura de procurar um médico e, efectivamente, nesse mesmo dia começaram as contracções. Não havia médicos por aquelas bandas, de modo que alguém sugeriu que se chamasse a parteira da aldeia mais próxima, que era uma pitoresca meica, uma índia mapuche de idade indefinida, toda da mesma cor parda: pele,

tranças e até as suas roupas tingidas com cores vegetais. Chegou a cavalo, com um saco de plantas, óleos e xaropes medicinais, coberta com um manto preso ao peito por um enorme pregador de prata feito com antigas moedas coloniais. As tias assustaram-se porque a meica parecia recém-saída da Araucania mais densa, mas Nívea recebeu-a sem demonstrações de desconfiança; a situação não a assustava, já passara por ela seis vezes. A índia falava muito pouco castelhano, mas parecia saber do seu oficio e quando tirou o manto pudemos ver que era limpa. Por tradição, não entravam no quarto da parturiente aqueles que não tivessem concebido, de modo que as mulheres jovens saíram com as crianças para a outra extremidade da casa e os homens juntaram-se na sala de bilhar a jogar, beber e fumar. Levaram Nívea para o quarto principal acompanhada pela índia e por algumas mulheres mais velhas da família, que se revezavam para rezar e ajudar. Puseram a cozinhar duas galinhas pretas para preparar um caldo nutritivo capaz de fortalecer a mãe antes e depois do nascimento, ferveram também borragem para infusões, prevenindo estertores ou fadiga do coração. A curiosidade pôde mais do que a ameaça da minha avó de dar-me uma sova se me apanhasse a rondar as proximidades de Nívea e escapuli-me pelos quartos das traseiras para espiar. Vi passar empregadas com panos brancos, bacias com água quente e óleo de macela para massajar o ventre, cobertores e carvão para os braseiros, pois nada era tão temido como o gelo da barriga, o arrefecimento durante o parto. Ouvia-se o rumor contínuo de conversas e de risos; não me pareceu que no outro lado da porta houvesse um ambiente de angústia ou sofrimento, pelo contrário, soava a mulheres divertidas. Como não via nada do meu esconderijo e o hálito espectral dos corredores escuros me eriçava os pelos da nuca, depressa me aborreci e fui brincar com os meus primos, mas ao anoitecer, quando a família se reunira na capela, voltei a aproximar-me. Nessa altura as vozes tinham-se calado e ouviam-se nitidamente os gemidos esforçados de Nívea, o murmúrio de orações e o ruído da chuva nas telhas do telhado. Permaneci agachada numa curva do corredor, tremendo de medo porque tinha a certeza de que podiam chegar os índios para roubar o bebé de Nívea... e se a meica fosse uma daquelas bruxas que fabricam imbunches com os recém-nascidos? Como não pensara Nívea nessa possibilidade pavorosa? Estava prestes a desatar a correr de volta à capela, onde havia luz e gente, mas nesse momento saiu uma das mulheres para ir buscar qualquer coisa, deixou a porta entreaberta e

consegui vislumbrar o que acontecia no quarto. Ninguém me viu porque o corredor estava mergulhado nas trevas; lá dentro, pelo contrário, reinava a claridade de dois candeeiros de sebo e velas distribuídas por todo o lado. Três braseiros acesos nos cantos mantinham o ar muito mais quente do que no resto da casa e uma panela onde ferviam folhas de eucalipto impregnava o ar de um aroma fresco a bosque. Nívea, vestida com uma camisa curta, um casaco e meias grossas de lã, estava de cócoras em cima de um cobertor, aferrada com ambas as mãos a duas cordas grossas que pendiam das vigas do tecto e apoiada por trás pela meica, que murmurava baixinho palavras noutra língua. O ventre avultado e coberto de veias azuis da mãe parecia, à luz trémula das velas, uma monstruosidade, como se fosse alheio ao seu corpo e nem sequer fosse humano. Nívea fazia força empapada em suor, o cabelo colado à testa, os olhos fechados e rodeados de círculos arroxeados, os lábios inchados. Uma das minhas tias rezava de joelhos junto de uma mesinha onde tinham colocado uma pequena imagem de São Ramóri Nonato, patrono das parturientes, único santo que não nasceu por via normal, pois foi tirado com um corte no ventre da mãe; outra estava perto da índia com uma bacia de água quente e um monte de panos limpos. Houve uma breve pausa em que Nívea respirou e a meica se colocou à frente dela massajando-lhe o ventre com as suas mãos pesadas, como se ajeitasse a criança no seu interior. De repente, um jorro de um líquido sanguinolento empapou o cobertor.

A meica aparou-o com um pano, que ficou também imediatamente ensopado, depois com outro e mais outro. “Bênção, bênção, bênção”, ouvi a índia dizer em espanhol. Nívea aferrou-se às cordas e fez tanta força que os tendões do pescoço e as veias das fontes pareciam prestes a rebentar. Um grito surdo saiu-lhe dos lábios e nessa altura alguma coisa surgiu entre as suas pernas, alguma coisa que a meica agarrou suavemente e amparou por um instante, até Nívea respirar, fazer força novamente e acabar de sair a criança. Julguei que ia desmaiar de terror e de asco e retrocedi a cambalear pelo longo e sinistro corredor.

Uma hora mais tarde, enquanto as criadas recolhiam os trapos sujos e tudo o resto usado no parto para queimar - acreditava-se que assim se evitavam hemorragias - e a meica embrulhava a placenta e o cordão umbilical para enterrá-los sob uma figueira, como era costume por aqueles lados, o resto da família reunira-se na sala em volta do padre Teodoro Riesco para dar graças

a Deus pelo nascimento de dois gémeos, dois varões que usariam com honradez o apelido Del Valle, como disse o sacerdote. Duas das tias tinham os recém-nascidos ao colo, bem embrulhados em mantinhas de lã, com gorrinhos de tricot na cabeça, enquanto cada membro da família se aproximava e os beijava na testa dizendo "Deus o guarde", para evitar o involuntário mau-olhado. Eu não pude dar as boas-vindas aos meus primos tal como os outros, porque me pareceram uns vermes feiíssimos e a visão do ventre azulado de Nívea expulsando-os como uma massa ensanguentada haveria de atormentar-me para sempre.

Na segunda semana de Agosto, Frederick Williams veio buscar-nos, elegantíssimo, como sempre, e bastante tranquilo, como se o risco de cair nas mãos da polícia política tivesse sido apenas uma alucinação colectiva. A minha avó recebeu o marido como uma noiva, com os olhos brilhantes e as faces coradas de emoção, estendeu-lhe as mãos e ele beijou-as com algo mais do que respeito; apercebi-me pela primeira vez que aquele estranho casal estava unido por laços muito semelhantes ao carinho. Por essa altura ela tinha à volta de sessenta e cinco anos, idade em que as outras mulheres eram velhotas derrotadas pelos lutos sobrepostos e pelas desventuras da existência, mas Paulina del Valle parecia invencível. Tingia o cabelo, vaidade que nenhuma senhora do seu meio se permitia, e aumentava o penteado com postiços; vestia com a mesma afectação de sempre, apesar da sua gordura, e pintava-se com tanta delicadeza que ninguém suspeitava do rubor das suas faces ou do negrume das suas pestanas. Frederick Williams era visivelmente mais novo e parece que as mulheres o achavam bastante atraente, porque abanavam sempre os leques e deixavam cair lenços na sua presença.

Nunca o vi retribuir essas atenções, parecendo em vez disso absolutamente dedicado à sua mulher. Interroguei-me muitas vezes se a relação de Frederick Williams e Paulina del Valle terá sido apenas um acordo de conveniência, se terá sido tão platónica como todos crêem ou se houve entre eles uma certa atracção. Chegaram a amar-se? Ninguém poderá sabê-lo porque ele nunca abordou o assunto e a minha avó que, no fim de contas, foi capaz de contar-me as coisas mais privadas, levou a resposta para o outro mundo.

Soubemos pelo tio Frederick que através da intervenção do próprio presidente tinham libertado dom Pedro Tey antes que Godoy tivesse

conseguido arrancar-lhe uma confissão, de modo que podíamos voltar à casa de Santiago, porque na verdade o nome da nossa família nunca fez parte das listas da polícia. Nove anos mais tarde, quando a minha avó Paulina morreu e voltei a ver a menina Matilde Pineda e dom Pedro Tey, soube os pormenores do que acontecera, que o bondoso Frederick Williams quis poupar-nos.

Depois de entrarem pela livraria, espancarem os empregados e amontoarem os livros às centenas para lhes deitar fogo, levaram o livreiro catalão para o sinistro quartel, onde lhe aplicaram o tratamento habitual. No fim do castigo, Tey tinha perdido a consciência sem ter dito uma única palavra; nessa altura despejaram para cima dele um balde de água com excrementos, amarraram-no a uma cadeira onde permaneceu o resto da noite. No dia seguinte, quando o levavam novamente à presença dos seus torturadores, chegou o diplomata norte-americano Patrick Egon com um ajudante de campo do presidente para exigir a libertação do preso. Deixaram-no ir depois de o advertirem que, se dissesse uma palavra que fosse sobre o que acontecera, enfrentaria um pelotão de fuzilamento. Levaram-no, a pingar sangue e merda, para a carruagem do diplomata onde o esperavam Frederick Williams e um médico, e conduziram-no à Legação dos Estados Unidos na qualidade de asilado. Um mês mais tarde caiu o Governo e dom Pedro Tey saiu da Legação para dar lugar à família do presidente deposto, que encontrou refúgio sob a mesma bandeira. O livreiro passou vários meses chateado até lhe sararem as feridas das chicotadas, os ossos dos ombros recuperarem a mobilidade e poder voltar a pôr de pé o seu negócio de livros. As atrocidades sofridas não o amedrontaram, não lhe passou pela cabeça regressar à Catalunha e continuou sempre na oposição, fosse qual fosse o governo de turno. Quando, muitos anos mais tarde, lhe agradeci o suplício terrível que suportou para proteger a minha família, respondeu-me que não o fizera por nós, mas pela menina Matilde Pineda.

A minha avó Paulina queria ficar no campo até acabar a Revolução, mas Frederick Williams convenceu-a de que o conflito podia durar anos e não devíamos abandonar a posição que tínhamos em Santiago. A verdade é que a herdade com os seus camponeses humildes, sestas eternas e estábulos cheios de caca e moscas lhe parecia um destino muito pior do que o calabouço.

- A Guerra Civil durou quatro anos nos Estados Unidos, pode durar o mesmo aqui - disse.

- Quatro anos? Nessa altura já não haveria um único chileno vivo. Diz o meu sobrinho Severo que em poucos meses já somam dez mil mortos em combate e mais de mil assassinados pelas costas - replicou a minha avó.

Nívea quis regressar connosco a Santiago, apesar de ainda não estar recuperada do duplo parto, e tanto insistiu que a minha avó acabou por ceder. Inicialmente não falava com Nívea devido ao assunto da impressora, mas perdoou-a totalmente quando viu os gémeos. Depressa nos encontrámos todos em direcção à capital com a mesma bagagem que tínhamos levado semanas antes, mais dois recém-nascidos e menos os pássaros que morreram embuchados de susto pelo caminho. Levávamos inúmeras cestas com vitualhas e um jarro com uma beberagem que Nívea tinha de tomar para prevenir a anemia, uma mistura nauseabunda de vinho velho e sangue fresco de novilho.

Nívea tinha passado meses sem saber do marido e, tal como me confessou num momento de fraqueza, começava a ficar deprimida. Nunca duvidou que Severo del Valle voltaria para o seu lado são e salvo da guerra, tem uma espécie de clarividência para ver o seu próprio destino. Tal como sempre soube que seria sua mulher, mesmo quando ele lhe comunicou que tinha casado com outra em São Francisco, sabe também que morrerão juntos num acidente. Ouvi-a dizê-lo muitas vezes, a frase passou a ser uma anedota familiar. Receava permanecer no campo porque ali seria difícil o marido entrar em contacto com ela, uma vez que na confusão da Revolução o correio costumava perder-se, sobretudo nas zonas rurais.

Desde o início do seu amor com Severo, quando se tornou evidente a sua desenfreada fertilidade, Nívea compreendeu que se cumprisse com as normas habituais de decoro e se recolhesse em casa em cada gravidez e nascimento, ia passar o resto da sua vida fechada; decidiu então não fazer da maternidade um mistério e tal como se pavoneava com a barriga espetada com a desfaçatez de uma camponesa, perante o horror da sociedade “bem”, tal como dava à luz sem alarde, recolhia-se só por três dias - em vez da quarentena que o médico exigia - e ia para todo o lado, até para as suas reuniões de sufragistas, com o seu séquito de crianças e de amas. Estas últimas eram adolescentes recrutadas no campo e destinadas a servir pelo resto das suas vidas, a menos que engravidassem ou se casassem, o que era pouco provável. Aquelas raparigas abnegadas cresciam, secavam e morriam nas casas onde serviam, dormiam em quartos sujos e sem janelas e comiam

as sobras da mesa principal; adoravam as crianças que criavam, sobretudo os rapazes, e quando as filhas da família se casavam levavam-nas consigo como parte do enxoval, para continuar a servir a segunda geração, Numa altura em que tudo o que se referia à maternidade era mantido oculto, a convivência com Nívea instruiu-me aos onze anos em assuntos que qualquer rapariga do meu meio ignorava. No campo, quando os animais acasalavam ou pariam, obrigavam as meninas a ficar em casa com as persianas fechadas, porque se partia do princípio que aquelas funções ofendiam as nossas almas sensíveis e nos colocavam ideias perversas na cabeça. Tinham razão, porque o espectáculo luxurioso de um potro bravo a montar uma égua, que vi por acaso na herdade dos meus primos, ainda me excita o sangue. Hoje, em pleno ano de 1910, quando os vinte anos de diferença de idade entre Nívea e eu desapareceram e, mais do que minha tia, ela é minha amiga, soube que os nascimentos anuais nunca foram um obstáculo sério para ela; grávida ou não, fazia na mesma cabriolas impúdicas com o marido. Numa dessas conversas confidenciais perguntei-lhe porque teve tantos filhos - quinze, dos quais estão onze vivos - e respondeu-me que não conseguiu evitá-los, nenhum dos sábios recursos das comadres francesas lhe deu resultados. Salvou-a do enorme desgaste uma força física indomável e o coração leve para não se deixar envolver em enredos sentimentais. Criava os filhos com o mesmo método com que se ocupava dos assuntos domésticos: delegando. Assim que dava à luz, cobria os seios com uma venda apertada e entregava a criança a uma ama; na sua casa havia quase tantas amas como filhos. A facilidade de Nívea para parir, a sua boa saúde e o seu desprendimento em relação aos filhos salvou a sua relação íntima com Severo; é fácil apercebermo-nos do carinho apaixonado que os une. Contou-me que os livros proibidos que estudou minuciosamente na biblioteca do seu tio lhe ensinaram as possibilidades fantásticas do amor, mesmo algumas bastante tranquilas para amantes limitados nas suas capacidades acrobáticas, como foi o caso de ambos: ele devido à perna amputada e ela devido à gravidez. Não sei quais são as contorções favoritas daqueles dois, mas imagino que os momentos de maior deleite são ainda aqueles em que brincam às escuras, sem fazer o menor ruído como se no quarto houvesse uma freira debatendo-se entre o dormitar do chocolate com valeriana e a vontade de pecar.

As notícias da Revolução eram estritamente censuradas pelo Governo, mas tudo se sabia antes mesmo que acontecesse. Soubemos da conspiração porque a revelou um dos meus primos mais velhos, que apareceu sigilosamente lá em casa na companhia de um inquilino da herdade, criado e guarda-costas. Depois do jantar fechou-se durante muito tempo no escritório com Frederick Williams e com a minha avó, enquanto eu fingia ler a um canto, mas não perdia pitada do que diziam. O meu primo era um rapazote louro, bem-parecido, com o cabelo aos caracóis e olhos de mulher, impulsivo e simpático; criara-se no campo e tinha bom pulso para domar cavalos, é a única coisa a seu respeito de que me recordo.

Explicou que alguns jovens, entre os quais ele se encontrava, pretendiam fazer explodir algumas pontes para zurzir o Governo.

- E a quem ocorreu esta ideia tão brilhante? Têm algum chefe? - perguntou, sarcástica, a minha avó.

- Não há chefe ainda, elegê-lo-emos quando nos reunirmos.

- Quantos são, meu filho?

- Somos cerca de cem, mas não sei quantos virão. Nem todos sabem a razão por que os convocámos, di-lo-emos depois, por razões de segurança, percebe, tia?

- Percebo. São todos filhos-família como tu? - quis saber a minha avó, cada vez mais alterada.

- Há artesãos, operários, gente do campo e alguns dos meus amigos também.

- Que armas têm? - perguntou Frederick Williams.

- Sabres, punhais e julgo que haverá algumas carabinas. Teremos de conseguir pólvora, claro.

- Parece-me um tremendo disparate! - explodiu a minha avó.

Tentaram dissuadi-lo e ele ouviu-os simulando paciência, mas era evidente que a decisão estava tomada e não era o momento para mudar de opinião. Quando saiu levava num saco de cabedal algumas das armas de fogo da colecção de Frederick Williams. Dois dias mais tarde soubemos o que aconteceu na herdade da conspiração, a poucos quilómetros de Santiago. Os rebeldes foram chegando durante o dia a uma casinha de pastores onde se julgavam seguros, passaram horas a discutir, mas tendo em vista as poucas armas de que dispunham e a debilidade do plano que metia água por todos os lados, decidiram adiá-lo, passar ali a noite em alegre camaradagem e

dispersar-se no dia seguinte. Não suspeitavam que tinham sido denunciados. às quatro da manhã caíram-lhes em cima noventa cavaleiros e quarenta infantes das tropas do Governo numa manobra tão rápida e certeira, que os sitiados nem chegaram a defender-se e renderam-se, convencidos de que estavam a salvo, uma vez que ainda não tinham cometido qualquer crime, excepto reunirem-se sem autorização. O tenente-coronel encarregado do destacamento perdeu a cabeça na altercação do momento e cego de fúria arrastou o primeiro prisioneiro para a frente e fê-lo despedaçar à bala e à baioneta, depois escolheu mais oito e fuzilou-os pelas costas e assim continuou a pancadaria e a matança até que, ao clarear o dia, havia dezasseis corpos despedaçados. O coronel abriu as adegas de vinho da herdade e entregou as mulheres dos camponeses à tropa ébria e encorajada pela impunidade. Incendiaram a casa e torturaram o administrador tão selvaticamente que tiveram de fuzilá-lo sentado. Entretanto, iam e vinham as ordens de Santiago, mas a espera não apaziguou o estado de espírito da soldadesca, aumentou antes o delírio da violência. No dia seguinte, depois de muitas horas de inferno, chegaram as instruções escritas pelo punho de um general: “Que sejam todos executados imediatamente”.

Assim o fizeram. Depois, levaram os cadáveres em cinco carroças para os atirarem numa vala comum, mas o clamor foi tanto que tiveram de os entregar às famílias.

Ao crepúsculo trouxeram o corpo do meu primo, que a minha avó tinha reclamado valendo-se da sua posição social e das suas influências; vinha embrulhado num cobertor ensanguentado e meteram-no discretamente num quarto para o arranjar um pouco antes que a mãe e as irmãs o vissem. Espiando das escadas, vi aparecer um cavalheiro com sobrecasaca preta e uma pasta, que se fechou com o cadáver, enquanto as criadas comentavam que se tratava de um mestre embalsamador capaz de eliminar as marcas do fuzilamento com maquilhagem, recheio e uma agulha de estofador. Frederick Williams e a minha avó tinham transformado o salão dourado em câmara ardente com um altar improvisado e círios amarelos em candelabros altos. Quando ao amanhecer começaram a chegar as carruagens com a família e os amigos, a casa estava cheia de flores e o meu primo, limpo, bem vestido e sem traços do seu martírio, repousava num magnífico ataúde de caoba com rebites de prata. As mulheres, de luto rigoroso, estavam sentadas numa fila dupla de cadeiras, chorando e rezando; os homens planeavam a vingança no

salão dourado, as empregadas serviam sanduíches como se fosse um piquenique e nós, as crianças, também vestidas de preto, fingíamos, sufocadas de riso, fuzilar-nos mutuamente. O meu primo e vários dos seus companheiros foram velados durante três dias nas suas casas, enquanto os sinos das igrejas repicavam sem parar pelos rapazes mortos. As autoridades não se atreveram a intervir.

Apesar da estrita censura, não houve ninguém no país que não tivesse ficado a par do sucedido, a notícia correu como um rastilho de pólvora e o horror estremeceu igualmente os partidários do Governo e os revolucionários. O presidente não quis ouvir os pormenores e declinou toda a responsabilidade, tal como já fizera relativamente às ignomínias cometidas por outros militares e pelo temível Godoy.

- Mataram-nos gratuitamente, com raiva, como bestas. Não se pode esperar outra coisa, somos um país sanguinário - sublinhou Nívea, mais furiosa do que triste, e pôs-se a explicar que tivéramos cinco guerras desde o início do século; os chilenos parecem inofensivos e têm reputação de pacatos; falam por diminutivos (por favorzinho, dê-me um copinho de aguinha), mas à primeira oportunidade transformam-se em canibais. É preciso saber de onde viemos para entender a nossa veia brutal, disse. Os nossos antepassados eram os mais aguerridos e cruéis conquistadores espanhóis, os únicos que se atreveram a descer a pé até ao Chile, com as armaduras aquecidas ao rubro pelo sol do deserto, vencendo os piores obstáculos da natureza. Misturaram-se com os araucanos, tão ferozes como eles, o único povo do continente que nunca foi subjugado. Os índios comiam os prisioneiros e os seus chefes, os toquis, usavam máscaras cerimoniais feitas com as peles secas dos seus opressores, de preferência as daqueles com barba e bigode, porque eles eram imberbes, vingando-se assim dos brancos, que por sua vez os queimavam vivos, os empalavam, lhes cortavam os braços e lhes arrancavam os olhos. “Basta! Proíbo-te de dizeres essas barbaridades diante da minha neta!”, interrompeu-a a minha avó.

A carnificina dos jovens conspiradores foi o detonador para as batalhas finais da Guerra Civil. Nos dias seguintes, os revolucionários desembarcaram um exército de nove mil homens apoiado pela artilharia naval, avançaram até ao porto de Valparaíso em marcha acelerada e numa desordem aparente, como uma horda de hunos, mas havia um plano

claríssimo naquele caos, porque em poucas horas esmagaram os seus inimigos. As reservas do Governo perderam três homens em cada dez, o exército revolucionário ocupou Valparaíso e aí se preparou para avançar até Santiago e dominar o resto do país. Entretanto o presidente dirigia a guerra do seu gabinete por telégrafo e telefone, mas as informações que lhe chegavam eram falsas e as suas ordens perdiam-se na nebulosa das ondas hertzianas, pois a maior parte das telefonistas pertencia ao bando revolucionário. O presidente ouviu a notícia da derrota à hora do jantar. Acabou de comer, impassível, ordenou depois à família que se refugiasse na Legação norte-americana, agarrou no cachecol, no sobretudo e no chapéu e dirigiu-se a pé, acompanhado por um amigo, até à Legação da Argentina, que ficava a poucos quarteirões de distância do palácio presidencial. Estava aí asilado um dos congressistas opositores ao seu governo e estiveram prestes a encontrar-se à porta, um entrando derrotado e o outro saindo triunfante. O perseguidor convertera-se em perseguido.

Os revolucionários marcharam sobre a capital por entre as aclamações da mesma população que, meses antes, aplaudia as tropas do Governo; em poucas horas os habitantes de Santiago saíram para as ruas com fitas vermelhas amarradas ao braço, a maior parte para comemorar e outros tentando esconder-se por recearem o pior da soldadesca e da populaça ensoberbecida. As novas autoridades fizeram um apelo à ordem e à paz, que a turba interpretou à sua maneira. Formaram-se bandos com um chefe à cabeça que percorreram a cidade com listas de casas para saquear, cada uma delas identificada num mapa e com a direcção exacta. Disse-se depois que as listas foram feitas com maldade e espírito de vingança por senhoras da alta sociedade. Pode ser, mas creio que Paulina del Valle e Nívea eram incapazes de tal baixeza, apesar do seu ódio ao governo derrubado; em vez disso, esconderam lá em casa algumas das famílias perseguidas enquanto não arrefecia o furor popular e regressava a calma monótona do tempo anterior à Revolução, de que todos sentíamos a falta. O saque de Santiago foi uma acção metódica e até divertida, olhada à distância, claro. à frente da "comissão", eufemismo para designar os bandos, ia o chefe tocando o seu sininho e dando instruções: "aqui podem roubar, mas não me partam nada, meninos", "aqui entregam-me os documentos e depois incendeiam a casa", "aqui podem levar o que quiserem e simplesmente partir tudo". A "comissão" cumpria escrupulosamente as instruções e se os donos estavam

presentes, cumprimentavam-nos com bons modos passando depois a saquear em alegre folguedo, como rapazinhos divertidos. Abriam as secretárias, tiravam, os papéis e documentos privados que entregavam ao chefe, depois partiam os móveis à machadada, levavam o que queriam e por fim, atiravam parafina para as paredes e ateavam-lhes fogo. Do quarto que ocupava na Legação argentina, o deposto presidente Balmaceda ouviu o fragor dos motins de rua e, depois de redigir o seu testamento político e receando que a sua família pagasse o preço do ódio, disparou um tiro na cabeça. A empregada que lhe levou o jantar à noite foi a última a vê-lo com vida; às oito da manhã encontraram-no em cima da cama, correctamente vestido, com a cabeça sobre a almofada ensanguentada. Aquele balázio converteu-o imediatamente em mártir e nos anos vindouros passaria a ser o símbolo da liberdade e da democracia, respeitado até pelos seus inimigos mais encarniçados. Como disse a minha avó, o Chile é um país com a memória curta. Nos poucos meses que durou a Revolução, morreram mais chilenos do que nos quatro anos da Guerra do Pacífico.

A meio daquela desordem, apareceu lá em casa Severo del Valle, barbudo e enlameado à procura da mulher, a quem não via desde Janeiro. Teve uma surpresa enorme ao encontrá-la com mais dois filhos, porque no tumulto da Revolução ela esquecera-se de dizer-lhe que estava grávida quando ele partira. Os gémeos começavam a engordar e nalgumas semanas tinham adquirido um aspecto mais ou menos humano, já não eram os murganhos enrugados e azuis que tinham sido ao nascer. Nívea saltou para o pescoço do marido e nessa altura presenciei pela primeira vez na minha vida um longo beijo na boca. A minha avó, ofuscada, quis distrair-me, mas não conseguiu e ainda me lembro do efeito tremendo que aquele beijo teve em mim, marcando o início da transformação vulcânica da adolescência. Em poucos meses tornei-me uma estranha, não conseguia reconhecer a rapariga ensimesmada em que me estava a transformar, sentia-me prisioneira num corpo rebelde e exigente, que crescia e se afirmava, sofria e palpitava. Parecia-me ser apenas uma extensão do meu ventre, essa caverna que imaginava como um buraco ensanguentado onde fermentavam humores e se desenvolvia uma flora alheia e terrível. Não conseguia esquecer a cena alucinante de Nívea dando à luz de cócoras à luz das velas, da sua barriga enorme coroada por um umbigo protuberante, dos seus braços magros aferrados às cordas que pendiam do tecto. Punha-me a chorar de repente sem

nenhuma causa aparente, tinha também birras incontroláveis ou amanhecia tão cansada que não conseguia levantar-me. Os sonhos dos meninos de pijamas pretos regressavam com maior intensidade e frequência; também sonhava com um homem suave e cheirando a mar que me abraçava, acordava agarrada à almofada desejando com desespero que alguém me beijasse como Severo del Valle beijara a mulher. Explodia de calor por fora e por dentro gelava, já não tinha paz para ler ou estudar, punha-me a correr pelo jardim dando voltas como uma endemoninhada para controlar a vontade de uivar, metia-me vestida no lago pisando nenúfares e assustando os peixinhos vermelhos, orgulho da minha avó. Rapidamente descobri os pontos mais sensíveis do meu corpo e acariciava-me às escondidas, sem compreender por que aquilo que deveria ser pecado me acalmava. Estou a enlouquecer, como tantas raparigas que acabam histéricas, concluí aterrada, mas não me atrevi a falar disso com a minha avó. Paulina del Valle também estava a mudar, enquanto o meu corpo florescia o dela secava, afligido por males misteriosos que não discutia com ninguém, nem sequer com o médico, fiel à sua teoria de que bastava andar direita e não fazer barulhos de velha para manter a decrepitude à distância. A gordura pesava-lhe, tinha varizes nas pernas, doíam-lhe os ossos, faltava-lhe o ar e urinava-se às gotinhas, misérias que adivinhei por pequenos sinais, mas que ela mantinha em rigoroso segredo. A menina Matilde Pineda ter-me-ia ajudado muito no transe da adolescência, mas tinha desaparecido por completo da minha vida, expulsa pela minha avó. Nívea também foi embora levando o marido, os filhos e as amas, tão despreocupada e alegre como viera, deixando um vazio tremendo em casa. Sobravam quartos e faltava ruído; sem ela e as crianças, a mansão da minha avó converteu-se num mausoléu.

Santiago comemorou a queda do Governo com uma quantidade interminável de desfiles, festas, bailes e banquetes; a minha avó não ficou atrás, voltou a abrir a casa e tratou de reatar a sua vida social e as suas tertúlias, mas havia uma atmosfera opressiva que o mês de Setembro, com a sua esplêndida Primavera, não conseguiu dissipar. Os milhares de mortos, as traições e os saques pesavam da mesma forma na alma de vencedores e vencidos. Estávamos envergonhados: a Guerra Civil tinha sido uma orgia de sangue.

Aquela foi uma época estranha na minha vida. O meu corpo mudou, a minha alma expandiu-se e comecei a interrogar-me a sério sobre quem era e de onde vinha. O detonador foi a chegada de Matías Rodríguez de Santa Cruz, meu pai, embora eu não soubesse ainda que o era. Recebi-o como o tio Matías que conhecera há anos na Europa. já nessa altura me parecera frágil, mas ao vê-lo novamente não o reconheci, era apenas uma ave subnutrida no seu cadeirão de inválido. Trouxe-o uma bela mulher madura, opulenta, de pele leitosa, vestida com um simples fato de popelina cor de mostarda e um xaile pastel nos ombros, cujo traço mais visível era uma mata indómita de cabelo frisado, emaranhado e grisalho, apanhado na nuca por uma fita estreita. Parecia uma antiga rainha escandinava no exílio, não custava nada imaginá-la na popa de um navio viking navegando entre timbales.

Paulina del Valle recebeu um telegrama informando-a que o seu filho mais velho desembarcaria em Valparaíso e pôs-se de imediato em acção para ir comigo, com o tio Frederick e com o resto do cortejo habitual até ao porto. Fizemos a viagem para recebê-lo numa carruagem especial que o gerente inglês dos caminhos de ferro pôs à nossa disposição. Era forrada numa madeira encerada com rebites de bronze polido e assentos de veludo cor de sangue de touro, e servida por dois empregados fardados que nos atenderam como se fôssemos da realeza. Instalámo-nos num hotel em frente ao mar e esperámos pelo barco, que devia chegar no dia seguinte.

Chegámos ao cais tão elegantes como se fôssemos para um casamento; posso garanti-lo com esta desenvoltura porque tenho em meu poder uma fotografia tirada na praça pouco antes de o barco atracar.

Paulina del Valle está vestida de seda clara com muitos folhos, drapeados e colares de pérolas, leva um chapéu monumental de abas largas coroado por um montão de plumas que lhe caem em cascata para a testa e uma sombrinha aberta para se proteger da luz. O marido, Frederick Williams veste fato preto, cartola e bengala; eu estou toda de branco com uma fita de organdi na cabeça, como um presente de aniversário. Estenderam a passadeira do navio e o capitão em pessoa convidou-nos para subir a bordo e escoltou-nos com grandes cerimónias para o camarote de dom Matías Rodríguez de Santa Cruz.

A última coisa que a minha avó esperava era encontrar-se frente a frente com Amanda Lowell. A surpresa ao vê-la quase a mata de desgosto; a presença da sua antiga rival impressionou-a muito mais do que o aspecto

lastimoso do seu filho. Naquela época, evidentemente, eu não dispunha de informação suficiente para poder interpretar a reacção da minha avó; julguei que lhe tinha dado um chilique devido ao calor. O fleumático Frederick Williams, pelo contrário, ficou imperturbável ao ver a Lowell, cumprimentou-a com um gesto rápido, mas amável, e ocupou-se depois em acomodar a minha avó num cadeirão e em dar-lhe água, enquanto Matías observava a cena divertido.

- O que faz esta mulher aqui? - balbuciou a minha avó quando conseguiu respirar.

- Suponho que desejam conversar em família; irei apanhar ar - disse a rainha viking e saiu com a dignidade intacta.

- A menina Lowell é minha amiga, digamos que é a minha única amiga, mãe. Acompanhou-me até aqui, sem ela eu não teria conseguido viajar. Foi ela quem insistiu no meu regresso ao Chile, considera que é melhor para mim morrer em família do que jogado num hospital de Paris - disse Matías num espanhol arrevesado e com uma estranha pronúncia franco-saxónica.

Então Paulina del Valle olhou-o pela primeira vez e apercebeu-se de que do seu filho restava apenas um esqueleto coberto por uma pele de cobra, tinha os olhos vidrados afundados nas órbitas e a cara tão magra que se adivinhavam os dentes por baixo da pele. Estava recostado num cadeirão, apoiado por almofadas, com as pernas cobertas por um xaile. Parecia um velhinho desconjuntado e triste, embora na realidade não devesse ter mais de quarenta anos.

- Meu Deus, Matías, o que tens? - perguntou a minha avó horrorizada.

- Nada que possa curar-se, mãe. Compreenderá que devo ter razões muito fortes para regressar aqui.

- Essa mulher..

- Conheço toda a história de Amanda Lowell com o meu pai; aconteceu há trinta anos no outro lado do mundo. Não pode esquecer o seu despeito? já estamos todos com idade para atirar pela borda fora os sentimentos que não servem para nada e ficarmos apenas com aqueles que nos ajudam a viver. A tolerância é um deles, mãe. Devo muito à menina Lowell, tem sido a minha companheira há mais de quinze anos...

- Companheira? O que significa isso?

- O que ouve: companheira. Não é minha enfermeira, nem minha mulher, nem é já minha amante. Acompanha-me nas viagens, na vida e agora, como

pode ver, acompanha-me na morte.

- Não fales assim! Não vais morrer, filho, aqui cuidaremos de ti como deve ser e depressa ficarás bom e saudável... - garantiu Paulina del Valle, mas a voz apagou-se-lhe e não conseguiu continuar.

Tinham decorrido três décadas desde que o meu avô Feliciano Rodríguez de Santa Cruz teve amores com Amanda Lowell e a minha avó vira-a apenas algumas vezes e de longe, mas reconheceu-a imediatamente. Não era em vão que dormia todas as noites na cama teatral que encomendara em Florença para a desafiar, isso deve ter-lhe recordado a toda a hora a raiva que sentira pela querida escandalosa do seu marido. Quando lhe apareceu diante dos olhos aquela mulher envelhecida e sem vaidade, que em nada se parecia à potra estupenda que fazia parar o trânsito em São Francisco quando passava pela rua balançando o traseiro, Paulina não a viu como quem era, mas como a perigosa rival que fora antes. A raiva contra Amanda Lowell tinha permanecido adormecida aguardando a hora de aflorar, mas perante as palavras do filho procurou-a pelos recantos da sua alma e não conseguiu encontrá-la. Em vez disso encontrou o instinto maternal, que nela nunca fora um traço mportante, e que a invadia agora com uma total e insuportável compaixão. A compaixão não chegava apenas para o filho moribundo, mas também para a mulher que o tinha acompanhado durante anos, o amara com lealdade, cuidara dele na desgraça da doença e atravessava agora o mundo para o trazer à hora da morte. Paulina del Valle ficou na sua poltrona com a vista fixa no seu pobre filho, enquanto as lágrimas lhe caíam silenciosas pela cara, subitamente minguada, velhinha e frágil, enquanto eu lhe dava pancadinhas de consolo nas costas sem entender muito bem o que estava a acontecer. Frederick Williams devia conhecer muito bem a minha avó porque saiu sem ruído, foi buscar Amanda Lowell e levou-a de volta para a salinha.

- Perdoe-me, menina Lowell - murmurou a minha avó, da sua poltrona.

- Perdoe-me a senhora - respondeu a outra aproximando-se timidamente até ficar diante de Paulina del Valle.

Deram as mãos, uma de pé e a outra sentada, as duas com os olhos marejados de lágrimas, por um tempo que me pareceu eterno, até reparar, de súbito, que os ombros da minha avó estremeciam e aperceber-me de que se estava a rir baixinho. A outra também sorria, primeiro tapando a boca, desconcertada, e depois, vendo a sua rival a rir-se, soltando uma gargalhada

alegre que se enredou à da minha avó e assim, em poucos instantes, estavam as duas perdidas de riso, contagiando-se mutuamente de uma alegria desenfreada e histérica, varrendo à gargalhada os anos de ciúmes inúteis, os rancores aos fanicos, o engano do marido e outras recordações abomináveis.

A casa da Rua Exército Libertador albergou muita gente nos anos turbulentos da Revolução, mas nada foi tão complicado e excitante para mim como a chegada do meu pai para esperar a morte. A situação política acalmara-se depois da Guerra Civil, que pôs fim a muitos anos de governos liberais. Os revolucionários obtiveram as mudanças pelas quais tanto sangue tinha corrido: anteriormente o Governo impunha o seu candidato recorrendo ao suborno e à intimidação, com o apoio das autoridades civis e militares; agora a corrupção faziam-na os patrões, os padres e os partidos indistintamente; o sistema era mais justo, porque o suborno de um lado era compensado com o do outro e a corrupção não era paga com fundos públicos. A isto chamou-se liberdade eleitoral. Os revolucionários implantaram também um regime parlamentar como o da Grã-Bretanha, que não iria durar muito tempo. “Somos os ingleses da América”, disse uma vez a minha avó e Nívea replicou imediatamente que os ingleses eram os chilenos da Europa. De qualquer forma, a experiência parlamentar não podia durar numa terra de caudilhos; os ministros mudavam tão frequentemente que era impossível seguir-lhes a pista; no fim, a dança de São Vito da política perdeu interesse para todos na nossa família, menos para Nívea que, querendo chamar a atenção para o sufrágio feminino, costumava acorrentar-se às grades do Congresso com duas ou três senhoras tão entusiastas como ela, perante a troça dos transeuntes, a fúria da polícia e a vergonha dos maridos.

- Quando as mulheres puderem votar, fá-lo-ão em uníssono.

Teremos tanta força que poderemos inclinar a balança do poder e mudar este país - dizia.

- Enganas-te, Nívea, votarão em quem o marido ordenar, ou o padre. As mulheres são muito mais tontas do que imaginas. Por outro lado, algumas de nós reinamos atrás do trono, podes ver como derrubámos o governo anterior. Eu não preciso do sufrágio para fazer o que me dá na gana - rebatia a minha avó.

- Porque tem fortuna e educação, tia. Quantas há como a senhora? Temos de lutar pelo voto, é a primeira coisa a fazer.

- Perdeste a cabeça, Nívea.

- Ainda não, tia, ainda não...

Instalaram o meu pai no rés-do-chão, num dos salões transformado em quarto de dormir, porque ele não conseguia subir a escada, e designaram-lhe uma empregada de plantão, como uma sombra, para o atender dia e noite. O médico da família presenteou-nos com um diagnóstico poético, "turbulência inveterada do sangue", disse à minha avó, porque preferiu não a confrontar com a verdade, mas suponho que para o resto do mundo era evidente que o meu pai estava a consumir-se com um mal venéreo. Estava na última etapa, quando já não havia cataplasmas, emplastros nem sublimado corrosivo capaz de ajudá-lo, na etapa que ele se propusera evitar a qualquer custo; mas teve de passar por ela porque não teve coragem suficiente para se suicidar antes, como tinha planeado durante anos. Mal podia mexer-se por causa das dores nos ossos; não conseguia andar e o pensamento enfraquecia-lhe. Nalguns dias permanecia enredado nos pesadelos sem acordar totalmente, murmurando histórias incompreensíveis, mas tinha momentos de grande lucidez e quando a morfina atenuava a sua fadiga conseguia rir-se e recordar. Então chamava-me para me sentar ao seu lado.

Passava o dia numa poltrona diante da janela olhando para o jardim, apoiado em almofadões e rodeado de livros, jornais e bandejas com remédios. A empregada sentava-se a tricotar a curta distância, sempre atenta às suas necessidades, silenciosa e carrancuda como um inimigo, a única que ele tolerava ao seu lado porque não o tratava com piedade. A minha avó tinha procurado que o seu filho estivesse num ambiente alegre, tinha colocado cortinas de chintz e papel de parede em tons de amarelo, mantinha ramos de flores recém-cortadas do jardim em cima das mesas e contratara um quarteto de cordas que vinha várias vezes por semana tocar as suas melodias clássicas favoritas, mas nada conseguia dissimular o cheiro dos medicamentos e a certeza de que naquele quarto alguém estava a apodrecer. No início, aquele cadáver vivente inspirava-me repugnância, mas quando consegui ultrapassar o medo e, obrigada pela minha avó, comecei a visitá-lo, a minha existência mudou.

Matías Rodríguez de Santa Cruz chegou lá a casa justamente quando eu despertava para a adolescência e deu-me o que eu mais precisava: memória. Numa das suas ocasiões de lucidez, ainda sobre o consolo das drogas,

anunciou que era meu pai e a revelação foi tão casual que não chegou a surpreender-me.

- Lynn Sommers, a tua mãe, foi a mulher mais bonita que vi. Fico contente por não teres herdado a sua beleza - disse.

- Porquê, tio?

- Não me chames tio, Aurora. Sou teu pai. A beleza pode ser uma maldição porque desperta as piores paixões nos homens. Uma mulher demasiado bonita não consegue fugir do desejo que provoca.

- É verdade que é meu pai?

- É verdade.

- Não me diga! Eu julgava que o meu pai era o tio Severo.

- Severo deveria ter sido o teu pai, é um homem muito melhor do que eu. A tua mãe merecia um marido como ele. Eu sempre fui um doidivanas, por isso estou desta maneira, convertido num espantalho. De qualquer forma, ele pode falar-te dela muito mais do que eu - explicou-me.

- A minha mãe amava-o a si?

- Sim, mas eu não soube o que fazer com aquele amor e fugi.

És muito nova para entender essas coisas, filha. Basta saberes que a tua mãe era maravilhosa e que é uma pena ter morrido tão jovem.

Eu estava de acordo, teria gostado de conhecer a minha mãe, mas tinha mais curiosidade sobre outras personagens da minha primeira infância que me apareciam em sonhos ou em vagas lembranças impossíveis de precisar. Nas conversas com o meu pai foi aparecendo a silhueta do meu avô Tao Chi'en, a quem Matías só Viu uma vez. Bastou mencionar o seu nome completo e dizer-me que era um chinês alto e bonito, para as minhas recordações se desencadearem, gota a gota, como chuva. Ao dar um nome àquela presença invisível que me acompanhava sempre, o meu avô deixou de ser uma invenção da minha fantasia para se transformar num fantasma tão real como uma pessoa de carne e osso. Senti um alívio enorme ao comprovar que aquele homem meigo e com cheiro a mar que eu imaginava, não apenas existiu, como me amou e se desapareceu de súbito não foi por vontade de me abandonar.

- Julgo que Tao Chi'en morreu - esclareceu o meu pai.

- Morreu como?

- Parece-me que terá sido um acidente mas não tenho a certeza.

- E o que aconteceu com a minha avó Eliza Sommers?

- Foi para a China. Achou que tu ficarias melhor com a minha família e não se enganou. A minha mãe sempre quis ter uma filha e criou-te com muito mais carinho do que aos meus irmãos e a mim - garantiu-me.

- O que quer dizer Lai-Ming?

- Não faço ideia, porquê?

- Porque às vezes parece-me ouvir esta palavra...

Matías tinha os ossos desfeitos pela doença, cansava-se rapidamente e não era fácil arrancar-lhe informações; costumava perder-se em eternas divagações que nada tinham a ver com o que me interessava, mas pouco a pouco fui cosendo os remendos do passado, ponto a ponto, sempre nas costas da minha avó, que ficava agradecida por eu visitar o doente porque ela não sentia coragem suficiente para o fazer; entrava no quarto do filho algumas vezes por dia, dava-lhe um beijo rápido na testa e saia aos tropeções com os olhos cheios de lágrimas. Nunca perguntou do que falávamos e, evidentemente, eu não lho disse. Também não me atrevi a mencionar o tema diante de Severo e de Nivea del Valle; receava que a menor indiscrição da minha parte pusesse um ponto final nas conversas com o meu pai. Sem nos termos posto de acordo, sabíamos que as nossas conversas deveriam permanecer secretas, isso uniu-nos numa estranha cumplicidade. Não posso dizer que tenha amado o meu pai, porque não houve tempo para isso, mas nos curtos meses em que pudemos conviver, pôs-me um tesouro nas mãos ao dar-me pormenores da minha história, sobretudo da minha mãe, Lynn Sommers. Repetiu-me muitas vezes que eu tinha sangue legítimo dos Del Valle, isso parecia ser muito importante para ele. Soube mais tarde que, por sugestão de Frederick Williams, que exercia uma grande influência sobre cada um dos membros daquela família, me legou em vida a parte que lhe correspondia da herança familiar, a salvo em várias contas bancárias e acções da Bolsa, perante a frustração de um sacerdote que o visitava diariamente com a esperança de obter alguma coisa para a Igreja. Tratava-se de um homem rezingão e com cheiro a santidade - não tomava banho ou trocava de sotaina há anos -, famoso pela sua intolerância religiosa e pelo seu talento para farejar os moribundos endinheirados e convencê-los a deixar as suas fortunas para obras de caridade. As famílias abastadas viam-no aparecer com verdadeiro terror, porque anunciava a morte, mas ninguém se atrevia a bater-lhe com a porta na cara. Quando o meu pai compreendeu que o fim estava a chegar, mandou

chamar Severo del Valle, que praticamente não lhe falava, para se porem de acordo a meu respeito. Trouxeram um notário público lá a casa e assinaram ambos um documento no qual Severo renunciou à paternidade e Matías - Rodríguez de Santa Cruz me reconheceu como filha. Desta forma protegeu-me dos outros dois filhos de Paulina, seus irmãos mais novos que, à morte da minha avó, nove anos mais tarde, se apoderaram de tudo o que puderam.

A minha avó agarrou-se a Amanda Lowell com um afecto supersticioso, julgava que enquanto ela estivesse por perto, Matías viveria. Paulina não se dava intimamente com ninguém, excepto comigo às vezes, considerava que a maior parte das pessoas é irremediavelmente bruta e dizia-o a quem a quisesse ouvir, o que não era o melhor método para arranjar amigos, mas aquela cortesã escocesa conseguiu trespassar a armadura com que a minha avó se protegia. Não era possível conceber-se duas mulheres tão diferentes uma da outra: a Lowell não ambicionava nada, vivia o dia-a-dia, desapegada, livre, sem medo; não receava a pobreza, a solidão ou a decrepitude, aceitando tudo com boa cara; a existência era para ela uma viagem divertida que conduzia inevitavelmente à velhice e à morte; não havia motivos para acumular bens, uma vez que, de qualquer forma, iria para a tumba despida, defendia. Atrás ficara a jovem sedutora que tantos amores semeara em São Francisco, atrás a beldade que conquistara Paris; agora era uma cinquentona, sem qualquer vaidade ou arrependimentos. A minha avó não se cansava de ouvi-la falar do seu passado, falar das pessoas famosas que conhecera e folhear os álbuns de recortes de jornal e fotografias, em várias das quais aparecia jovem, radiante e com uma jibóia constrictor enrolada no corpo. “A coitadinha morreu de enjoo numa viagem; as cobras não são boas viajantes”, contou-nos.

Devido à sua cultura cosmopolita e à sua sedução - capaz de derrotar sem se propor fazê-lo mulheres muito mais jovens e bonitas - transformou-se na alma das tertúlias da minha avó, amenizando-as no seu péssimo espanhol e no seu francês com acento escocês. Não havia assunto que não pudesse discutir, livro que não tivesse lido, cidade importante da Europa que não conhecesse. O meu pai, que a amava e lhe devia muito, dizia que era uma diletante, sabia um pouquinho de tudo e muito de nada, mas sobrava-lhe imaginação para suprir o que lhe faltava em conhecimento ou experiência. Para Amanda Lowell não havia cidade mais galante do que Paris nem

sociedade mais pretensiosa do que a francesa, única onde o socialismo com a sua desastrosa falta de elegância não tinha a menor hipótese de triunfar. Nisso, ela e Paulina del Valle coincidiam plenamente. As duas mulheres descobriram que não só se riam das mesmas tontices, incluindo a cama mitológica, como estavam de acordo em quase todos os assuntos fundamentais. Um dia em que tomavam chá em frente de uma mesinha de mármore na galeria de vidro e ferro forjado, as duas lamentaram não se terem conhecido antes. Com ou sem Feliciano e Matías pelo meio, teriam sido muito boas amigas, decidiram. Paulina fez o possível por retê-la em sua casa, encheu-a de presentes e apresentou-a à sociedade como se fosse uma imperatriz, mas a outra era um pássaro incapaz de viver em cativeiro. Ficou durante alguns meses, mas por fim acabou por confessar em privado à minha avó que não tinha coragem para assistir à deterioração de Matías e, com toda a franqueza, Santiago parecia-lhe uma cidade provinciana, apesar do luxo e da ostentação da classe alta, comparável à da nobreza europeia, Aborrecia-se, o seu lugar era em Paris, onde decorrera a época melhor da sua existência. A minha avó quis organizar um baile de despedida que fizesse história em Santiago, ao qual assistiria a sociedade mais ilustre, porque ninguém se atreveria a recusar um convite seu, apesar dos rumores que circulavam sobre o passado brumoso da sua hóspede, mas Amanda Lowell convenceu-a de que Matías estava demasiado doente e uma festa nessas circunstâncias seria de péssimo gosto; além disso não tinha que vestir para uma ocasião como essa. Paulina ofereceu-lhe os seus vestidos com a melhor das intenções, sem imaginar quanto ofendia a Lowell ao insinuar que tinham ambas as mesmas medidas.

Três semanas depois da partida de Amanda Lowell, a empregada que cuidava do meu pai deu o alerta. Chamaram o médico de imediato. Num ápice, a casa encheu-se de gente, desfilaram amigos da minha avó, gente do Governo, familiares, um número indefinido de frades e freiras, incluindo o esfarrapado sacerdote caçador de fortunas, que agora rondava a minha avó, esperançado de que a dor da perda do filho a despachasse desta para melhor, Paulina, no entanto, não pensava abandonar este mundo, resignara-se há algum tempo com a tragédia do seu filho mais velho e julgo que viu chegar o fim com alívio, porque ser testemunha daquele lento calvário era muito pior do que enterrá-lo. Não me permitiram ver o meu pai porque se achava que a agonia não era um espectáculo apropriado para crianças e que já sofrera o

suficiente com o assassinato do meu primo e outras violências recentes, mas consegui despedir-me rapidamente dele graças a Frederick Williams, que me abriu a porta numa altura em que não estava ninguém nas proximidades. Levou-me pela mão até à cama onde jazia Matías Rodríguez de Santa Cruz, do qual já não restava nada de tangível, apenas um embrulho de ossos translúcidos sepultado entre almofadões e lençóis bordados. Ainda respirava, mas a sua alma já andava viajando por outras dimensões. “Adeus, papá”, disse-lhe. Era a primeira vez que o chamava assim. Agonizou durante mais dois dias e ao amanhecer do terceiro dia morreu como um pintainho.

Tinha treze anos quando Severo del Valle me ofereceu uma máquina fotográfica moderna que utilizava papel em vez das placas antigas e que deve ter sido das primeiras a chegar ao Chile. O meu pai morrera há pouco tempo e os pesadelos afligiam-me tanto que não queria deitar-me e, à noite, deambulava como um espectro pela casa, seguida de perto pelo pobre Caramelo, que foi sempre um cão tonto e preguiçoso, até a minha avó Paulina se compadecer de nós e nos receber na sua enorme cama dourada. Ocupava metade da cama com o seu corpo grande, morno, perfumado, e eu aninhava-me no canto oposto, tremendo de medo, com Caramelo aos pés, “O que vou fazer com vocês dois?”, suspirava a minha avó meio adormecida. Era uma pergunta retórica, porque nem o cão nem eu tínhamos futuro, existia consenso geral na família de que eu “ia acabar mal”, Nessa altura, licenciara-se a primeira médica chilena e outras mulheres tinham entrado na universidade. Isso deu a Nívea a ideia de que eu poderia fazer outro tanto, nem que fosse apenas para desafiar a família e a sociedade, mas era evidente que eu não tinha a menor apetência para os estudos. Apareceu então Severo del Valle com a máquina fotográfica e colocou-ma na saia. Era uma bonita Kodak, preciosista nos pormenores de cada parafuso, elegante, suave, perfeita, feita para mãos de artista. Ainda a utilizo; nunca falha. Nenhuma rapariga da minha idade tinha um brinquedo assim.

Peguei nela com reverência e fiquei a olhá-la sem fazer ideia de como se usava. “Vamos ver se consegues fotografar as trevas dos teus pesadelos”, disse-me Severo del Valle a brincar, sem suspeitar que esse seria o meu único objectivo durante meses e no empenho de esclarecer esse pesadelo acabaria apaixonada pelo mundo. A minha avó levou-me à Plaza de Armas,

ao estúdio de dom Juan Ribero, o melhor fotógrafo de Santiago, na aparência um homem seco como pão duro, mas generoso e sentimental por dentro.

- Aqui lhe trago a minha neta como aprendiz - disse a minha avó, colocando sobre a secretária do artista um cheque, enquanto eu me aferrava ao seu vestido com uma mão e com a outra abraçava a minha nova máquina fotográfica.

Dom Juan Ribero, que media menos meia cabeça e tinha metade do peso da minha avó, endireitou os óculos no nariz, leu cuidadosamente o montante escrito no cheque e depois devolveu-o, olhando-a dos pés à cabeça com um desprezo infinito.

- O montante não é problema... Diga você o preço - vacilou a minha avó.

- Não é uma questão de preço mas de talento, senhora - replicou conduzindo Paulina del Valle até à porta.

Entretanto eu tivera oportunidade de dar uma vista de olhos à minha volta. O trabalho dele cobria as paredes: centenas de retratos de gente de todas as idades. Ribero era o favorito da classe alta, o fotógrafo das colunas sociais, mas quem olhava para mim das paredes do seu estúdio não eram perucas empertigadas nem belas debutantes, mas índios, mineiros, pescadores, lavadeiras, crianças pobres, velhos, muitas mulheres como aquelas a quem a minha avó socorria com os seus empréstimos do Clube de Damas. Ali estava representado o rosto multifacetado e atormentado do Chile.

Aquelas caras nos retratos abanaram-me por dentro, quis conhecer a história de cada uma dessas pessoas, senti uma opressão no peito, como um soco, e uma vontade irreprimível de chorar, mas engoli a emoção e segui a minha avó com a cabeça levantada. Na carruagem ela tentou consolar-me: não devia preocupar-me, disse, arranjaríamos outra pessoa que me ensinasse a usar a máquina fotográfica, fotógrafos havia para dar e vender; o que julgava aquele pelintra malnascido, para falar naquele tom arrogante com ela, nada menos do que Paulina del Valle. E continuou discursando, mas eu já não a ouvia porque tinha decidido que só dom Juan Ribero seria o meu professor. No dia seguinte saí de casa antes de a minha avó se levantar, pedi ao cocheiro que me levasse ao estúdio e instalei-me na rua disposta a esperar para sempre. Dom Juan Ribero chegou por volta das onze da manhã, viu-me diante da sua porta e mandou-me voltar para casa. Eu era tímida nessa altura - ainda sou - e muito orgulhosa, não estava habituada a pedir

porque desde que nasci me mimaram como a uma rainha, mas a minha determinação devia ser muito forte. Não me afastei da porta.

Algumas horas mais tarde o fotógrafo saiu, olhou-me furioso e pôs-se a andar pela rua abaixo. Quando voltou do almoço encontrou-me ainda ali pregada, com a minha máquina fotográfica apertada contra o peito. “Está bem”, murmurou vencido, “mas aviso-a, jovenzinha, que não terei qualquer consideração especial por si. Aqui obedece-se calada e aprende-se rapidamente, entendido?”. Concordei abanando a cabeça, porque a voz não me saiu. A minha avó, habituada a negociar, aceitou a minha paixão pela fotografia desde que eu investisse o mesmo número de horas nos ramos escolares habituais nos colégios de homens, incluindo latim e teologia, porque segundo ela não era capacidade mental o que me faltava, mas rigor.

- Por que não me manda para uma escola pública? - pedi-lhe, entusiasmada pelos rumores sobre a educação laica para raparigas, que provocava pavor entre as minhas tias.

- Isso é para gente de outra classe, jamais o permitirei - determinou a minha avó.

De modo que desfilaram novamente preceptores pela minha casa, vários dos quais eram padres dispostos a instruir-me a troco das dádivas suculentas da minha avó às suas respectivas congregações.

Tive sorte, em geral trataram-me com indulgência, porque não esperavam que o meu cérebro aprendesse como o de um varão. Dom Juan Ribero, pelo contrário, exigia-me muito mais porque defendia que uma mulher deve esforçar-se muito mais do que um homem para conseguir o respeito intelectual ou artístico. Ensinou-me tudo o que sei sobre fotografia, desde a escolha de uma lente até ao laborioso processo da revelação; nunca tive outro professor.

Quando abandonei o seu estúdio dois anos mais tarde, éramos amigos. Agora tem setenta e quatro anos e há vários que não trabalha, porque está cego, mas ainda guia os meus passos vacilantes e ajuda-me. Seriedade é o seu lema. A vida apaixona-o e a cegueira não foi um impedimento para continuar a olhar para o mundo. Desenvolveu uma forma de clarividência. Tal como outros cegos têm gente que lhes lê, ele tem gente que observa e lhe conta. Os seus alunos, os seus amigos e os seus filhos visitam-no diariamente e fazem turnos para lhe descreverem o que viram: uma paisagem, uma cena, um rosto, um efeito de luz. Têm de aprender a observar com muito cuidado

para suportarem o interrogatório exaustivo de dom Juan Ribero; dessa forma, as suas vidas mudam, já não podem andar pelo mundo com a leviandade habitual porque têm de ver com os olhos do mestre. Eu também o visito com frequência.

Recebe-me na penumbra eterna do seu apartamento na Rua Monjitas, sentado na sua poltrona diante da janela, com o gato nos joelhos, sempre hospitaleiro e sábio. Mantenho-o informado sobre os avanços da técnica no âmbito da fotografia, descrevo-lhe em pormenor cada uma das imagens dos livros que encomendo a Nova Iorque e Paris, consulto-o sobre as minhas dúvidas. Está a par de tudo o que acontece nesta profissão, entusiasma-se com as diversas tendências e teorias, conhece os nomes dos mestres mais importantes da Europa e dos Estados Unidos. Sempre se opôs ferozmente às poses artificiais, às cenas estudadas em estúdio, às impressões grosseiras feitas com vários negativos sobrepostos, tão na moda há alguns anos. Acredita na fotografia como testemunho pessoal: uma maneira de ver o mundo e que essa maneira deve ser honesta, usando a tecnologia como meio para captar a realidade, não para distorcê-la. Quando passei por uma fase em que me deu para fotografar raparigas em enormes recipientes de vidro, perguntou-me para quê com um desprezo tal, que não continuei por esse caminho, mas quando lhe descrevi o retrato que tirei de uma família de artistas de um circo pobre, nus e vulneráveis, interessou-se imediatamente.

Eu tinha tirado várias fotografias dessa família, posando diante de uma carroça maltratada que lhes servia de transporte e de casa, quando saiu do veículo uma menina de quatro ou cinco anos, completamente nua. Nessa altura ocorreu-me pedir-lhes que tirassem a roupa. Fizeram-no sem malícia e posaram com a mesma intensa concentração com que o tinham feito quando estavam vestidos. Era uma das minhas melhores fotografias, uma das poucas que ganhou prémios. Depressa se tornou evidente que me atraíam mais as pessoas do que os objectos ou as paisagens. Ao tirar um retrato estabelece-se uma relação com o modelo que, ainda que breve, sempre é uma ligação. A placa revela não apenas a imagem, mas os sentimentos que fluem entre ambos. Dom Juan Ribero gostava dos meus retratos, muito diferentes dos seus. “Você sente empatia pelos seus modelos, Aurora, não tenta dominá-los mas compreendê-los, por isso consegue expor as suas almas”, dizia. Incitava-me a deixar as paredes seguras do estúdio e sair para a rua, deslocando-me com a máquina, olhando com os olhos bem abertos,

ultrapassando a minha timidez, perdendo o medo, aproximando-me das pessoas. Apercebi-me que em geral me recebiam bem e posavam com toda a seriedade, apesar de eu não passar de uma fedelha: a máquina fotográfica inspirava respeito e confiança, as pessoas abriam-se, entregavam-se. Estava limitada pela minha pouca idade, durante muitos anos não pude viajar pelo país, meter-me nas minas, nas greves, nos hospitais, nos casebres dos pobres, nas pequenas escolas miseráveis, nas pensões de tuta-e-meia, nas praças empoeiradas onde definhavam os reformados, nos campos e nas aldeias de pescadores. "A luz é a linguagem da fotografia, a alma do mundo. Não existe luz sem sombra, tal como não existe alegria sem dor", disse-me dom Juan Ribero há dezassete anos, na aula que me deu naquele primeiro dia no seu estúdio da Plaza de Armas. Não me esqueci. Mas não posso adiantar-me. Propus-me contar esta história passo a passo, palavra a palavra, como deve ser.

Enquanto andava entusiasmada com a fotografia e perplexa com as transformações do meu corpo, que ia adquirindo proporções inusitadas, a minha avó Paulina não perdia tempo a contemplar o seu umbigo e conjecturava novos negócios com o seu cérebro de fenício. Isso ajudou-a a recompor-se da perda do filho Matías e deu-lhe brios numa idade em que os outros já estão com um pé para a cova. Rejuvenesceu, iluminou-se-lhe o olhar e o andar tornou-se mais ágil, depressa tirou o luto e mandou o marido à Europa numa missão muito secreta. O fiel Frederick Williams esteve sete meses ausente e regressou carregado de ofertas para ela e para mim, além de bom tabaco para ele, o único vício que lhe conhecíamos. Na sua bagagem vinham de contrabando milhares de pauzinhos secos de uns quinze centímetros de comprimento, de aparência inútil, mas que eram cepas das vinhas de Bordéus, que a minha avó pretendia plantar em solo chileno para produzir um vinho decente. "Vamos fazer concorrência aos vinhos franceses", explicou ao marido antes da viagem. Foi inútil Frederick Williams rebater que os franceses têm séculos de vantagem, que lá as condições são paradisíacas, que o Chile pelo contrário é um país de catástrofes atmosféricas e políticas e que um projecto de uma tal envergadura levaria anos de trabalho.

- Nem você nem eu estamos com idade para esperar pelos resultados dessa experiência - sugeriu com um suspiro.

- Seguindo esse critério não chegamos a lado nenhum, Frederick. Sabe quantas gerações de artesãos eram precisos para construir uma catedral?

- Paulina, não nos interessam as catedrais. Qualquer dia destes morremos.

- Este não seria o século da ciência e da tecnologia se cada inventor pensasse na sua própria mortalidade, não lhe parece? Quero criar uma dinastia e quero que o nome Del Valle perdure no mundo, mesmo que seja no fundo do copo de todos os bêbedos que compram o meu vinho - replicou a minha avó.

De modo que o inglês partiu resignado para aquele safari a França, enquanto Paulina del Valle atava os fios da empresa no Chile. As primeiras vinhas chilenas tinham sido plantadas pelos missionários nos tempos da Colónia para produzir um vinho do país que era bastante bom, tão bom na realidade, que Espanha o proibiu para evitar que fizesse concorrência aos da mãe pátria. Depois da Independência, a indústria vinícola expandiu-se. Paulina não era a única a querer produzir vinhos de qualidade, mas enquanto os restantes compravam terras nos arredores de Santiago por comodidade, para não terem de se deslocar a mais de um dia de caminho, ela procurou terrenos mais longínquos, não só por serem mais baratos, mas porque eram mais apropriados. Sem dizer a ninguém o que tinha em mente mandou analisar a essência da terra, os caprichos da água e a perseverança dos ventos, começando pelos campos que pertenciam à família Del Valle. Pagou uma miséria por vastos terrenos abandonados que ninguém valorizava, porque a única água que tinham era a da chuva. A uva mais saborosa, a que produz os vinhos de melhor textura e aroma, a mais doce e generosa, não cresce na abundância mas em terrenos pedregosos; a planta, com obstinação de mãe, vence obstáculos para levar as suas raízes às profundezas e aproveitar cada gota de água, concentrando-se desta forma os sabores na uva, explicou-me a minha avó.

- As vinhas são como as pessoas, Aurora, quanto mais difíceis são as circunstâncias, melhores são os frutos. É uma pena eu ter descoberto tão tarde esta verdade, porque se o tenho sabido antes, teria tido mão de ferro com os meus filhos e contigo.

- Comigo teve, avó.

- Fui muito branda contigo. Devia ter-te mandado para as freiras.

- Para aprender a bordar e a rezar? A menina Matilde...

- Proíbo-te que fales dessa mulher nesta casa!

- Bom, avó, pelo menos estou a aprender fotografia. Com isso posso ganhar a vida.

- Como é possível lembrares-te de semelhante estupidez! - exclamou Paulina del Valle. - Uma neta minha jamais terá de ganhar a vida. O que Ribero te ensina é um passatempo, mas não é um futuro para uma Del Valle. O teu destino não é transformares-te em fotógrafo de praça, mas casares com alguém da tua classe e deitar filhos sãos a este mundo.

- A senhora fez mais do que isso, avó.

- Eu casei-me com Feliciano, tive três filhos e uma neta. Tudo o que fiz além disso foi por acrescento.

- Pois, francamente, não parece.

Em França, Frederick Williams contratou um especialista, que chegou pouco depois como assessor para os aspectos técnicos. Era um homenzinho hipocondríaco que percorreu as terras da minha avó de bicicleta e com um pano amarrado à boca e ao nariz porque julgava que o cheiro a bosta de vaca e o pó chileno provocavam cancro nos pulmões, mas não deixou margem para dúvidas sobre os seus profundos conhecimentos de viticultura. Os camponeses observavam pasmados aquele cavalheiro vestido como um citadino que deslizava entre os penhascos com a sua bicicleta, que parava de vez em quando para farejar o chão como um cão atrás do rasto. Como não entendiam uma palavra das suas longas diatribes na língua de Molière, a minha avó em pessoa, de chinelas e uma sombrinha, teve de seguir durante semanas a bicicleta do francês para traduzir. A primeira coisa que chamou a atenção de Paulina foi nem todas as plantas serem iguais; havia pelo menos três tipos diferentes misturados. O francês explicou-lhe que algumas amadureciam primeiro do que outras, de modo que se o clima destruísse as mais delicadas, as outras garantiriam sempre a produção. Confirmou também que o negócio levaria anos, uma vez que não era apenas uma questão de colher melhores uvas mas também de produzir um vinho mais fino e comercializá-lo no estrangeiro, onde teria de competir com os de França, Itália e Espanha. Paulina aprendeu tudo o que o especialista pôde ensinar-lhe e, quando se sentiu segura, despachou-o de volta ao seu país. Nessa altura estava esgotada e percebera que a empresa requeria alguém mais jovem e mais leve do que ela, alguém como Severo del Valle, o seu sobrinho favorito, em quem podia confiar. “Se continuares a deitar filhos ao mundo precisarás de muito dinheiro para os manter. Como advogado não o

conseguirás, a menos que roubes o dobro dos outros, mas o vinho tornar-te-á um homem rico", tentou-o. justamente nesse ano, a Severo e Nívea del Valle nascera-lhe um anjo, como diziam as pessoas, uma menina bela como uma fada em miniatura, a quem chamaram Rosa. Nívea argumentou que todos os filhos anteriores tinham sido um puro treino para produzir finalmente uma criança perfeita. Talvez agora Deus se desse por satisfeito e não lhes enviasse mais filhos, porque já tinham uma manada. A Severo, o negócio das vinhas francesas pareceu-lhe sem pés nem cabeça, mas aprendera a respeitar o olfacto comercial da sua tia e pensou que valia a pena experimentar; não sabia que dentro de poucos meses as parras iriam mudar-lhe a vida. Assim que a minha avó verificou que Severo del Valle estava tão obstinado com as vinhas como ela, decidiu transformá-lo em seu sócio, deixá-lo encarregado do campo e partir com Williams e comigo para a Europa, porque eu já tinha dezasseis anos e estava na idade de adquirir um verniz cosmopolita e um enxoval de casamento, conforme disse.

- Não penso casar-me, avó.

- Ainda não, mas terás de o fazer antes dos vinte ou ficarás a vestir santos - concluiu categórica.

A verdadeira razão da viagem não a contou a ninguém. Estava doente e julgava que em Inglaterra poderiam operá-la. Lá, a cirurgia desenvolvera-se bastante desde a descoberta da anestesia e da assepsia. Nos últimos meses tinha perdido o apetite e pela primeira vez na sua vida sofria de náuseas e cólicas intestinais após uma comida pesada. já não comia carne, preferia coisas moles, papinhas açucaradas, sopas e bolos, aos quais não renunciava embora lhe caíssem no estômago como pedras. Tinha ouvido falar da célebre clínica fundada por um tal doutor Ebanizer Hobbs, que morrera há mais de uma década, onde trabalhavam os melhores médicos da Europa, de forma que assim que passou o Inverno e a rota através da cordilheira dos Andes voltou a ficar transitável, empreendemos a viagem até Buenos Aires, onde apanharíamos o transatlântico para Londres. Levávamos, como sempre, um cortejo de criados, uma tonelada de bagagem e vários guardas armados para nos protegerem dos bandidos que se postavam naqueles ermos, mas desta vez o meu cão Caramelo não pôde acompanhar-nos porque as pernas já lhe fraquejavam. A passagem das montanhas de carruagem, a cavalo e por fim de mula, por despenhadeiros que se abriam de ambos os lados como fauces abismais dispostas a devorar-nos, foi inesquecível. A vereda parecia uma

imensa cobra estreita serpenteando entre aquelas montanhas imponentes, coluna vertebral da América. Alguns arbustos sacudidos pela inclemência do clima e alimentados por ténues fios de água, cresciam por entre as pedras.

Via-se água por toda a parte, cascatas, riachos, neve líquida; o único som era o da água e dos cascos das bestas contra a crosta dura dos Andes. Quando parávamos, um silêncio abismal envolvia-nos como um manto pesado; éramos intrusos violando a solidão perfeita daqueles cumes. A minha avó, lutando contra as vertigens e os achaques que lhe caíram em cima mal iniciámos a nossa marcha em direcção às alturas, apoiava-se na sua vontade de ferro e na solicitude de Frederick Williams, que fazia o possível para ajudá-la. Vestia um pesado sobretudo de viagem, luvas de cabedal e um chapéu de explorador com véus opacos, porque jamais um raio de sol, por pusilânime que fosse, roçara a sua pele, graças ao qual pensava chegar à tumba sem rugas. Eu ia deslumbrada. já fizéramos aquela viagem anteriormente, quando tínhamos ido para o Chile, mas nessa altura eu era demasiado jovem para apreciar aquela natureza majestosa. Os animais avançavam passo a passo, suspensos entre precipícios cortados a pique e paredes altas de pura rocha penteada pelo vento, polida pelo tempo. O ar era fino como um véu claro e o céu um mar cor de turquesa atravessado às vezes por um condor que navegava com as suas asas magníficas, senhor absoluto daqueles domínios. Mal o Sol se pôs, a paisagem transformou-se por completo; a paz azul dessa natureza abrupta e solene desapareceu para dar lugar a um universo de sombras geométricas que se moviam ameaçadoras à nossa volta, cercando-nos, envolvendo-nos. Um passo em falso e as mulas teriam rolado, connosco em cima, até às profundezas daqueles barrancos, mas o guia calculara bem a distância e a noite apanhou-nos num casinhoto esquálido de madeira, refúgio de viajantes. Descarregaram os animais e instalámo-nos sobre as selas de pele de ovelha e cobertores, iluminados por lamparinas untadas com breu, embora quase não fosse preciso luz, pois reinava na abóbada profunda do céu uma Lua incandescente que iluminava como um archote sideral por cima das altas pedras. Levávamos lenha, com a qual acenderam a lareira para nos aquecermos e para ferver água para o mate; depressa aquela infusão de erva verde e amarga circulava de mão em mão, todos a chupar pelo mesmo bombillo (pequeno tubo de metal, com a extremidade inferior achatada e perfurada, utilizado para beber o chá de erva-mate, e que deixa passar a água e retém as folhas da erva); isso

devolveu o ânimo e as cores à minha pobre avó, que mandou trazer os seus cestos e se instalou, como uma vendedora de hortaliças no mercado, a distribuir as vitualhas para enganar a fome. Foram aparecendo as garrafas de aguardente e champanhe, os aromáticos queijos do campo, os delicados fiambres de porco feito em casa, os pães e pastelões embrulhados em guardanapos brancos de linho, mas reparei que ela comia muito pouco e que não tocava em álcool. Entretanto os homens, hábeis com os seus punhais, mataram duas cabras que levávamos atrás das mulas, tiraram-lhes a pele e puseram-nas a assar crucificadas entre dois paus. Não senti a noite passar, caí num sono de morte e só despertei ao amanhecer, quando começava o trabalho de atiçar as brasas para fazer café e acabar com as sobras das cabras. Antes de irmos, deixámos lenha, um saco de feijão e umas garrafas de vinho para os próximos viajantes.

TERCEIRA PARTE
1896-1910

A Clínica Hobbs foi fundada pelo célebre cirurgião Ebanizer Hobbs na sua própria residência, um casarão de aspecto sólido e elegante em pleno bairro de Kensington, à qual foram tirando paredes, tapando janelas e semeando azulejos até a transformarem num absurdo. A sua presença naquela rua elegante incomodava tanto os vizinhos, que os sucessores de Hobbs não tiveram dificuldades em comprar as casas adjacentes para aumentar a clínica, mas mantiveram as fachadas eduardinas, de modo que, de fora, não se distinguia das outras filas de casas do quarteirão, todas idênticas. Por dentro era um labirinto de quartos, escadas, corredores e janelinhas interiores que não davam para sítio nenhum, Não havia, como nos antigos hospitais da cidade, a típica arena de operações com o aspecto de uma praça de touros - um redondel central coberto de serradura ou de areia e rodeado de galerias para espectadores -, mas pequenas salas de cirurgia com paredes, tecto e chão forrados de ladrilhos e pranchas metálicas que se escovavam com lixívia e sabão uma vez por dia, porque o defunto doutor Hobbs tinha sido dos primeiros a aceitar a teoria da propagação de infecções de Koch e adoptar os métodos de assepsia de Lister, que a maior parte da classe médica ainda rejeitava por soberba ou preguiça. Não era cómodo mudar os velhos hábitos, a higiene era aborrecida, complicada e interferia com a rapidez operatória, considerada a marca de um bom cirurgião porque diminuía o risco de choque e a perda de sangue. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos para quem as infecções se produziam espontaneamente no corpo do doente, Ebanizer Hobbs entendeu de imediato que os germes estavam fora, nas mãos, no chão, nos instrumentos e no ambiente, por isso pulverizava com uma chuva de fenol desde as feridas ao ar da sala de operações. Tanto fenol respirou o pobre homem que acabou com a pele ulcerada em chagas e morreu antes do tempo com uma infecção renal, dando pretexto aos seus detractores para continuarem aferrados às suas ideias antiquadas. Os discípulos de Hobbs, no entanto, analisaram o ar e descobriram que os germes não flutuavam como aves de rapina invisíveis dispostas ao ataque à má fila, mas que se concentravam nas superfícies sujas; a infecção produzia-se por contacto directo, de modo que o fundamental era limpar a fundo os instrumentos, usar ligaduras esterilizadas

e os cirurgiões não deviam apenas lavar-se com sanha como deviam, dentro do possível, usar luvas de borracha. Não se tratava das luvas toscas utilizadas pelos anatomistas para dissecar cadáveres ou por alguns operários para manipular substâncias químicas, mas de um produto delicado e suave como pele humana, fabricado nos Estados Unidos. Tinha uma origem romântica: um médico, apaixonado por uma enfermeira, quis protegê-la dos eczemas provocados pelos desinfectantes e mandou fazer as primeiras luvas de borracha, que mais tarde os cirurgiões adoptaram para operar. Tudo isto Paulina del Valle lera cuidadosamente numa das revistas científicas que lhe emprestou o seu parente José Francisco Vergara, que nessa altura estava doente do coração e retirado no seu palácio de Viña del Mar, mas que continuava a ser o mesmo estudioso de sempre. A minha avó não só escolheu muito bem o médico que haveria de operá-la e, do Chile, se pôs em contacto com ele com meses de antecipação, como encomendou em Baltimore vários pares das famosas luvas de borracha e levava-as bem embrulhadas no baú da sua roupa interior.Paulina del Valle mandou Frederick Williams a França averiguar as madeiras usadas nos tonéis para fermentar o vinho e explorar a indústria dos queijos, porque não havia qualquer motivo para que as vacas chilenas não fossem capazes de produzir queijos tão saborosos como os das vacas francesas, que eram igualmente estúpidas. Durante a travessia pela cordilheira dos Andes e mais tarde no transatlântico, pude observar de perto a minha avó e aperceber-me de que alguma coisa fundamental começava nela a fraquejar, alguma coisa que não era a vontade, o espírito ou a cobiça, mas a ferocidade. Foi ficando mole, branda e tão distraída que costumava passear pela coberta do barco toda vestida de musselina e pérolas, mas sem a dentadura postiça. Era evidente que passava mal as noites, andava com olheiras arroxeadas e sempre sonolenta. Tinha perdido muito peso, as carnes caíam-lhe quando tirava o espartilho. Queria sempre ter-me por perto “para não namoriscares com os marinheiros”, troça cruel, uma vez que naquela idade a minha timidez era tão grande que bastava um inocente olhar masculino na minha direcção para eu corar como um caranguejo cozido. A verdadeira razão era que Paulina del Valle se sentia frágil e precisava de mim ao seu lado para a distrair da morte.

Não falava dos seus males, pelo contrário, falava em passar uns dias em Londres e depois continuar até França devido ao assunto dos tonéis e dos queijos, mas eu adivinhei desde o início que os seus planos eram outros,

conforme ficou em evidência assim que chegámos a Inglaterra e começou o seu trabalho diplomático para convencer Frederick Williams a partir sozinho, enquanto nós fazíamos compras antes de nos reunirmos com ele mais tarde. Não sei se Williams foi embora sem suspeitar que a mulher estava doente, ou se adivinhou a verdade e, compreendendo o seu pudor, a deixou em paz; o facto é que nos instalou no Hotel Savoy e, assim que teve a certeza de que nada nos faltaria, atravessou o canal sem grande entusiasmo.

A minha avó não desejava testemunhas da sua decadência e era especialmente recatada diante de Williams. Isso fazia parte da vaidade que adquiriu ao casar-se, inexistente quando ele era seu mordomo. Nessa altura não via inconveniente em mostrar-lhe o pior do seu carácter e em apresentar-se diante dele de qualquer maneira, mas depois tratava de impressioná-lo com a sua melhor plumagem. Aquela relação outonal tinha grande importância para ela e não quis que a falta de saúde prejudicasse o sólido edifício da sua vaidade, por isso tratou de afastar o marido e, se eu não me impusesse, também me teria excluído; foi preciso uma batalha para que me permitisse acompanhá-la nas visitas ao médico, mas por fim acabou por se render face à minha teimosia e à sua fraqueza.

Andava dorida e quase não conseguia engolir, mas não parecia assustada, embora costumasse dizer piadas sobre os inconvenientes do inferno e o tédio do céu. A Clínica Hobbs inspirava confiança desde o umbral, com o seu vestíbulo rodeado de estantes com livros e retratos a óleo dos cirurgiões que tinham exercido o seu oficio entre as suas paredes. Fomos recebidas por uma matrona impecável que nos conduziu ao gabinete do médico, uma sala acolhedora com uma lareira onde crepitava um fogo de grandes toros e com elegantes móveis ingleses de cabedal castanho. O aspecto do doutor Gerald Suffolk era tão impressionante como a sua fama. Tinha ar de teutão, grande e corado, com uma grossa cicatriz na cara que, longe de o desfear, o tornava inesquecível. Em cima da sua secretária tinha as cartas trocadas com a minha avó, os relatórios dos especialistas chilenos consultados e o pacote com as luvas de borracha, que ela lhe fizera chegar nessa mesma manhã por um mensageiro. Soubemos depois que era uma precaução desnecessária, pois eram usadas na Clínica Hobbs há três anos. Suffolk deu-nos as boas-vindas como se estivéssemos em visita de cortesia, oferecendo-nos um café turco aromatizado com sementes de cardamomo. Levou a minha avó para um quarto adjacente e, depois de examiná-la, regressou ao gabinete e pôs-se a

folhear um livro enorme enquanto esta não reaparecia. A paciente depressa regressou e o cirurgião confirmou o diagnóstico prévio dos médicos chilenos: a minha avó sofria de um tumor gastrintestinal. Acrescentou que a operação era arriscada devido à idade dela e também por se encontrar ainda em fase experimental, mas ele desenvolvera uma técnica perfeita para estes casos, vinham médicos de todo o mundo aprender com ele. Expressava-se com uma superioridade tal que me veio à mente a opinião do meu professor dom Juan Ribero, para quem a fatuidade é privilégio de ignorantes; o sábio é humilde porque sabe quão pouco sabe. A minha avó exigiu-lhe que lhe explicasse em pormenor o que pensava fazer com ela, o que surpreendeu o médico, habituado a que os doentes se entregassem à autoridade inquestionável das suas mãos com a passividade das galinhas, mas depois aproveitou a ocasião para se espraiar numa conferência, mais preocupado em impressionar-nos com o virtuosismo do seu bisturi do que com o bem-estar da sua infeliz paciente. Fez um desenho de tripas e órgãos que pareciam uma máquina demencial e mostrou-nos onde se situava o tumor e como pensava extirpá-lo, incluindo o tipo de sutura, informação que Paulina del Valle recebeu impassível, mas que a mim me impressionou e tive de sair do gabinete. Sentei-me no vestíbulo dos retratos a rezar entre dentes. Na realidade sentia mais medo por mim do que por ela, a ideia de ficar sozinha no mundo aterrorizava-me. Estava nisto, ruminando a minha possível orfandade, quando passou por ali um homem que me deve ter achado muito pálida, porque parou, “Aconteceu alguma coisa, miúda?”, perguntou em castelhano com acento chileno. Neguei com a cabeça, surpreendida, sem me atrever a olhá-lo de frente, mas devo tê-lo examinado de soslaio, porque pude ver que era jovem, tinha o rosto barbeado, pómulos altos, mandíbula firme e olhos oblíquos; parecia-se com a ilustração de Gengis Khan do meu livro de História, embora menos feroz. Era todo cor de mel: cabelo, olhos, pele mas nada havia de meloso no seu tom de voz quando me explicou que era chileno tal como nós e iria ser o assistente do doutor Suffolk na operação.

- A senhora Del Valle está em boas mãos - disse, sem vestígios de modéstia.

- O que acontece se não for operada? - perguntei gaguejando, como me acontece sempre que estou nervosa.

- O tumor continuaria a crescer. Mas não se preocupe, menina, a cirurgia avançou muito, a sua avó fez muito bem em vir aqui - concluiu.

Quis averiguar o que fazia um chileno por aqueles lados e por que tinha aquele aspecto de tártaro - não custava nada visualizá-lo de lança na mão e coberto de peles - mas calei-me perturbada.

Londres, a clínica, os médicos e o drama da minha avó eram mais do que eu conseguia aguentar sozinha, custava-me entender os pudores de Paulina del Valle a respeito da sua saúde e as razões para enviar Frederick Williams para o outro lado do Canal justamente quando mais precisávamos dele. Gengis Khan deu-me uma palmadinha condescendente na mão e foi embora.

Contra todas as minhas previsões pessimistas, a minha avó sobreviveu à cirurgia e após a primeira semana, em que a febre subia e descia incontrolavelmente, estabilizou e pôde começar a comer alimentos sólidos. Não saí do seu lado, excepto para ir ao hotel uma vez por dia tomar banho e mudar de roupa, porque o cheiro a anestésicos, medicamentos e desinfectantes produzia uma mistura viscosa que se colava à pele. Dormia sobressaltada, sentada numa cadeira junto da doente. Apesar da proibição terminante da minha avó, enviei um telegrama a Frederick Williams no próprio dia da operação e ele chegou a Londres trinta horas mais tarde. Vi-o perder a sua habitual compostura diante da cama onde se encontrava a mulher entorpecida pelas drogas, gemendo a cada exalação, com quatro cabelos na cabeça e sem dentes, como uma velhinha encarquilhada. Postou-se junto dela e colocou a testa sobre a mão exangue de Paulina del Valle murmurando o seu nome; quando se levantou tinha a cara molhada de lágrimas. A minha avó, que defendia que a juventude não é uma época da vida mas um estado de espírito, e que cada um tem a saúde que merece, estava completamente derrotada naquela cama de hospital. Aquela mulher, cujo apetite pela vida era equivalente à sua gulodice, voltara a cara para a parede, indiferente ao que a rodeava, mergulhada em si própria. A sua enorme força de vontade, o seu vigor, a sua curiosidade, seu espírito de aventura e mesmo a sua cobiça, tudo se apagara diante do sofrimento do corpo.

Nesses dias tive muitas oportunidades de ver Gengis Khan, que controlava o estado da paciente e era, como seria de esperar, mais acessível do que o célebre doutor SuffoIk ou que as severas matronas do estabelecimento. Respondia às inquietações da minha avó sem respostas vagas de consolo,

mas com explicações racionais, e era o único que procurava aliviar a sua aflição, os outros interessavam-se pelo estado da ferida e pela febre, mas ignoravam as queixas da paciente. Pretendia, acaso, que não lhe doesse?

Seria melhor calar a boca e agradecer terem-lhe salvo a vida; o jovem médico chileno, pelo contrário, não poupava morfina, porque acreditava que o sofrimento prolongado acabava com a resistência física e moral do doente, atrasando e impedindo a sua cura, conforme esclareceu a Williams. Soubemos que se chamava Iván Radovic e era oriundo de uma família de médicos, o seu pai emigrara dos Balcãs para o Chile nos finais dos anos cinquenta, casara-se com uma professora chilena do norte e tivera três filhos, dos quais dois tinham seguido os seus passos na medicina.

O pai, disse, morrera de tifo na Guerra do Pacífico, onde esteve como cirurgião durante três anos, e a mãe tivera de sustentar sozinha a família. Pude observar o pessoal da clínica ao meu gosto regalado, tal como ouvi comentários que não eram destinados a ouvidos como os meus, porque nenhum deles, excepto o doutor Radovic, deu sinais de se aperceber da minha existência. Eu ia fazer dezasseis anos e continuava com o cabelo amarrado com uma fita e roupa escolhida pela minha avó, que me mandava fazer vestidos ridículos de menininha para me reter na infância o maior tempo possível. A primeira vez que vesti alguma coisa adequada à minha idade foi quando Frederick Williams me levou a Whiteney's sem a autorização dela e colocou a loja à minha disposição, Quando regressámos ao hotel e apareci com o cabelo apanhado num carrapito e vestida de rapariguinha, não me reconheceu, mas isso foi semanas mais tarde. Paulina del Valle devia ter a força de um boi: abriram-lhe o estômago, tiraram-lhe um tumor do tamanho de uma toranja, coseram-na como a um sapato e antes de passarem dois meses, voltara a ser a mesma de sempre. Daquela tremenda aventura só lhe ficou uma enorme costura de flibusteiro atravessada na barriga e um apetite voraz pela vida e, evidentemente, pela comida. Partimos para França assim que pôde andar sem bengala.

Descartou por completo a dieta indicada pelo doutor Suffolk porque, conforme disse, não viera do cu do mundo até Paris para comer papinhas de recém-nascido. Com o pretexto de estudar a manufactura de queijos e a tradição culinária de França, fartou-se de todas as delícias que aquele país podia oferecer-lhe.

Uma vez instalados no pequeno hotel que Williams alugou no Boulevard Haussman, pusemo-nos em contacto com a inefável Amanda Lowell, que continuava com o mesmo ar de rainha viking no desterro. Em Paris estava no seu ambiente, vivia numas águas-furtadas carunchosas mas acolhedoras, por cujas janelinhas se podiam ver as pombas nos telhados do seu bairro e os céus imaculados da cidade. Verificámos que as suas histórias sobre a vida boémia e sobre a sua amizade com artistas célebres eram rigorosamente verdadeiras; graças a ela, visitámos os estúdios de Cézanne, Sisley, Degas, Monet e vários outros. A Lowell teve de ensinar-nos a apreciar aqueles quadros, porque não tínhamos o olho habituado ao impressionismo, mas rapidamente fomos completamente seduzidas. A minha avó adquiriu uma boa colecção de obras que provocaram ataques de hilaridade quando as pendurou na sua casa do Chile; ninguém soube apreciar os céus centrífugos de Van Gogh ou as dançarinas cansadas de Lautrec e julgaram que em Paris tinham comido por tonta a parva da Paulina del Valle. Quando Amanda Lowell reparou que eu não me separava da minha máquina fotográfica e passava horas trancada num quarto escuro que tinha improvisado no hotelzinho, ofereceu-se para me apresentar aos fotógrafos mais célebres de Paris. Tal como o meu mestre Juan Ribero, ela considerava que a fotografia não competia com a pintura, que eram fundamentalmente diferentes; o pintor interpreta a realidade e a máquina fotográfica capta-a. Na primeira tudo é ficção, enquanto a segunda é a sorna do real com a sensibilidade do fotógrafo. Ribero não me permitia ardis sentimentais ou exibicionistas, nada de colocar os objectos ou modelos para parecerem quadros; era inimigo da composição artificial, também não me deixava manipular os negativos ou as impressões e em geral desprezava os efeitos de luzes ou focos difusos, queria a imagem honesta e simples, embora clara nos seus pormenores mais ínfimos. “Se o que pretende é o efeito de um quadro, pinte, Aurora. Se o que deseja é a verdade, aprenda a usar a sua máquina”, repetia-me. Amanda Lowell nunca me tratou como uma criança, levou-me a sério desde o início. Também a ela lhe fascinava a fotografia, que ainda ninguém chamava arte e para muitos era apenas um utensílio dos muitos trastes estrambóticos deste século frívolo. “Eu já estou muito velha para aprender fotografia, mas tu tens olhos jovens, Aurora, tu podes ver o mundo e obrigar os outros a vê-lo à tua maneira. Uma boa fotografia conta uma história, revela um lugar, um acontecimento, um estado de espírito, é mais poderosa do que páginas e

páginas de escrita", dizia-me. A minha avó, pelo contrário, tratava a minha paixão pela máquina fotográfica como um capricho de adolescente e estava muito mais interessada em preparar-me para o casamento e escolher o meu enxoval. Pôs-me numa escola de raparigas, onde assistia a aulas diárias para aprender a subir e a descer uma escada com elegância, dobrar guardanapos para um banquete, escolher diferentes menus de acordo com a ocasião, organizar jogos de salão e fazer arranjos florais, talentos que a minha avó considerava suficientes para triunfar na vida de casada.

Gostava de ir às compras e gastávamos tardes inteiras nas boutiques escolhendo trapos, tardes que eu teria empregado melhor a percorrer Paris de máquina fotográfica na mão.

Não sei como se passou um ano. Quando aparentemente Paulina del Valle se recompusera dos seus males e Frederick Williams estava convertido num especialista em madeira para tonéis de vinho e no fabrico de queijos, dos mais hediondos aos mais esburacados, conhecemos Diego Domínguez num baile da Legação do Chile, comemorativo do 18 de Setembro, dia da Independência. Passei horas intermináveis nas mãos do cabeleireiro, que construiu na minha cabeça uma torre de rolos e trancinhas enfeitadas de pérolas, uma verdadeira proeza, tendo em conta que o meu cabelo se comporta como uma melena de cavalo. O meu vestido era uma criação espumosa de merengue salpicado de missangas, que se foram soltando durante a noite e cobriram o solo da Legação de pedras brilhantes. "Se o teu pai pudesse ver-te agora!", exclamou a minha avó admirada quando terminei de arranjar-me. Ela estava ataviada da cabeça aos pés em malva, a sua cor preferida, com um escândalo de pérolas rosadas ao pescoço, postiços sobrepostos numa suspeitosa cor caoba, dentes impecáveis de porcelana e uma capa de veludo negro ornada de azeviche do pescoço ao chão. Entrou no baile pelo braço de Frederick Williams e eu pelo braço de um marinheiro de um navio da esquadra chilena que efectuava uma visita de cortesia a França, um jovem anódino cujo rosto e nome não consigo recordar, que assumiu por iniciativa própria a tarefa de instruir-me sobre o uso do sextante para fins de navegação. Foi um alívio enorme quando Diego Domínguez se postou diante da minha avó para se apresentar com todos os seus apelidos e perguntar se podia dançar comigo.

Esse não é o seu verdadeiro nome, mudei-o nestas páginas porque tudo o que se refere a ele ou à sua família deve ser protegido.

Basta saber que existiu, que a sua história é verdadeira e que o perdoei. Os olhos de Paulina del Valle brilharam de entusiasmo ao ver Diego Domínguez porque finalmente tínhamos à nossa frente um pretendente potencialmente aceitável, filho de gente conhecida, certamente rico, com maneiras impecáveis e mesmo bonito. Ela concordou, ele estendeu-me a mão e fomos navegar. Depois da primeira valsa o senhor Domínguez agarrou no meu cartão de baile e preencheu-o pessoalmente, eliminando de uma penada o especialista em sextantes e outros candidatos. Examinei-o então com mais atenção e tive de admitir que parecia muito bem, irradiava saúde e força, tinha um rosto agradável, olhos azuis e um porte viril.

Parecia desconfortável no seu fraque, mas movia-se com segurança e dançava bem, bom, em todo o caso muito melhor do que eu, que danço como um ganso apesar de um ano de aulas intensivas na escola para raparigas; além disso, a perturbação aumentava a minha torpeza.

Nessa noite apaixonei-me com toda a paixão e imprudência do primeiro amor. Diego Domínguez conduzia-me com mão firme pela pista de dança, olhando-me intensamente e quase sempre em silêncio, porque as suas tentativas de entabular conversa comigo esbarraram contra as minhas respostas em monossílabos. A minha timidez era uma tortura, não conseguia suster o seu olhar e não sabia onde pôr o meu; ao sentir o calor do seu hálito roçando-me a cara, as pernas dobravam-se-me; tinha de lutar desesperadamente contra a tentação de fugir e de me esconder debaixo de alguma mesa. Fiz sem dúvida uma triste figura e aquele pobre jovem postou-se ao meu lado pela fanfarronice de ter preenchido o meu cartão com o seu nome. A determinada altura disse-lhe que não era obrigado a dançar comigo, se não quisesse. Respondeu-me com uma gargalhada, a única da noite, e perguntou-me quantos anos tinha.

Eu nunca estivera nos braços de um homem, nunca tinha sentido a pressão de uma mão masculina na curva da minha cintura. As minhas mãos pousavam, uma no seu ombro e outra na sua mão enluvada, mas sem a ligeireza de pomba que a minha professora de dança exigia, porque ele me apertava com determinação. Nalgumas pausas breves, oferecia-me taças de champanhe que eu bebia porque não me atrevia a recusá-las, com o resultado previsível de pisar-lhe os pés com mais frequência durante a dança. Quando

no fim da festa o diplomata chileno tomou a palavra para brindar pela sua longínqua pátria e pela bela França, Diego Domínguez colocou-se atrás de mim, tão perto quanto a roda do meu vestido de merengue o permitia, e sussurrou no meu pescoço que eu era "deliciosa", ou alguma coisa do estilo.

Nos dias seguintes, Paulina del Valle recorreu aos seus amigos diplomatas para averiguar sem a menor dissimulação tudo o que pôde sobre a família e antecedentes de Diego Domínguez, antes de autorizá-lo a levar-me para uma volta a cavalo pelos Campos Elísios, vigiada por ela e pelo tio Frederick numa carruagem, a uma distância prudente. Depois os quatro comemos gelados sob os guarda-sóis, atirámos migas de pão aos patos e combinámos ir à ópera nessa mesma semana. De passeio em passeio e de gelado em gelado chegámos a Outubro. Diego viajara para a Europa enviado pelo pai na aventura obrigatória que quase todos os jovens chilenos de classe alta faziam uma vez na vida para espevitarem.

Depois de percorrer várias cidades, visitar alguns museus e catedrais por obrigação e embeber-se de vida nocturna e diabruras galantes, que supostamente o curariam para sempre desse vício e lhe dariam material para se gabar diante dos amiguinhos, estava pronto para regressar ao Chile e assentar a cabeça, trabalhar, casar-se e fundar a sua própria família. Comparado com Severo del Valle, por quem sempre estive apaixonada na minha meninice, Diego Domínguez era feio, e comparado com a menina Matilde Pineda, era tonto, mas eu não estava em condições de fazer tais comparações: tinha a certeza de ter encontrado o homem perfeito e mal podia acreditar no milagre de ele ter reparado em mim. Frederick Williams foi de opinião que não era prudente prender-se ao primeiro que passava, eu era ainda muito jovem e sobrar-me-iam pretendentes para escolher com calma, mas a minha avó defendeu que aquele jovem era o que o mercado matrimonial oferecia de melhor, apesar do inconveniente de ser agricultor e de viver no campo, muito longe da capital.

- De barco e de comboio pode-se viajar sem problemas - disse.

- Avó, não se adiante tanto, o senhor Domínguez não insinuou nada do que está a imaginar - esclareci, corada até às orelhas.

- Mais vale que o faça depressa ou terei de pô-lo entre a espada e a parede.

- Não! - exclamei apavorada.

- Não vou permitir que a minha neta seja desonrada. Não podemos perder tempo. Se esse jovem não tem intenções sérias, deve libertar o campo agora mesmo.

- Mas avó, qual é a pressa? Acabámos de nos conhecer..

- Sabes quantos anos tenho, Aurora? Setenta e seis. Poucos vivem tanto. Antes de morrer tenho de deixar-te bem casada.

- A senhora é imortal, avó.

- Não, filha, pareço-o apenas - replicou. Não sei se ela deu o apertão planeado a Diego Domínguez ou se ele captou as indirectas e tomou a decisão por si próprio. Agora que consigo olhar para aquele episódio com alguma distância e humor, compreendo que nunca esteve apaixonado por mim, sentiu-se simplesmente adulado pelo meu amor incondicional e deve ter colocado na balança as vantagens de uma tal união. Talvez me desejasse, porque ambos éramos jovens e estávamos disponíveis; talvez pensasse que com o tempo viria a amar-me; talvez se tenha casado comigo por preguiça e conveniência. Diego era um bom partido, mas eu também era: dispunha da renda deixada pelo meu pai e supunha-se que iria herdar uma fortuna da minha avó. Quaisquer que fossem as suas razões, o caso é que pediu a minha mão e me pôs no dedo um anel de diamantes. Os sinais de perigo eram evidentes para qualquer um com os olhos na cara, menos para a minha avó, cega pelo receio de deixar-me só, e para mim, que estava louca de amor, mas não para o tio Frederick, que defendeu desde o princípio que Diego Domínguez não era homem para mim. Como não gostara de ninguém que se tivesse aproximado de mim nos últimos dois anos, não lhe fizemos caso, julgámos que eram ciúmes paternais. “Acho que este jovem é de temperamento algo frio”, comentou mais de uma vez, mas a minha avó rebatia-o dizendo que não era frieza mas respeito, como era próprio de um perfeito cavalheiro chileno.

Paulina del Valle entrou num frenesim de compras. Na pressa, os embrulhos iam parar aos baús sem os abrirmos e mais tarde, quando os desembrulhámos em Santiago, verificou-se que cada coisa estava em duplicado e que metade delas não me servia. Quando soube que Diego Domínguez tinha de regressar ao Chile, pôs-se de acordo com ele para voltarmos no mesmo vapor, isso dava-nos algumas semanas para nos conhecermos melhor, como disseram. Frederick Williams pôs cara séria e tratou de modificar aqueles planos, mas não havia poder neste mundo capaz

de fazer frente àquela senhora quando metia alguma coisa na cabeça e a sua obsessão do momento era casar a neta. Pouco me lembro da viagem, decorreu numa nebulosa de passeios pela coberta, jogos de bola e de cartas, cocktails e bailes até Buenos Aires, onde nos separámos porque ele tinha de comprar uns touros de cobrição e levá-los pelas rotas andinas do sul até à sua herdade. Tivemos muito poucas oportunidades de estar a sós ou de conversar sem testemunhas, aprendi o essencial sobre os vinte e três anos do seu passado e da sua família, mas quase nada sobre os seus gostos, crenças e ambições. A minha avó disse-lhe que o meu pai, Matías Rodríguez de Santa Cruz, tinha falecido e que a minha mãe era uma americana que não conhecêramos porque morrera ao dar-me à luz, o que se ajustava à verdade. Diego não demonstrou curiosidade em saber mais; também não lhe interessou a minha paixão pela fotografia e quando lhe disse que não pretendia renunciar a ela, respondeu não ver qualquer inconveniente, a sua irmã pintava aguarelas e a sua cunhada bordava ponto de cruz. Na longa travessia por mar não chegámos realmente a conhecer-nos, mas fomo-nos enredando na sólida teia de aranha que a minha avó, com as melhores intenções, teceu à nossa volta.

Como na primeira classe do transatlântico havia pouco para fotografar, excepto os vestidos das senhoras e os arranjos florais da sala de jantar, eu descia com frequência para as cobertas inferiores para tirar retratos, sobretudo dos viajantes da terceira classe, que iam amontoados na barriga do barco: trabalhadores e imigrantes rumo à América para tentar fortuna, russos, alemães, italianos, Judeus, gente que viajava com muito pouco nos bolsos, mas com o coração a transbordar de esperança.

Pareceu-me que, apesar do desconforto e da falta de recursos, se divertiam mais do que os passageiros da primeira classe, onde tudo era engomado, cerimonioso e aborrecido. Entre os emigrantes havia uma camaradagem fácil, os homens jogavam às cartas e ao dominó, as mulheres juntavam-se para falarem das suas vidas, as crianças improvisavam canas de pesca e brincavam às escondidas. à tarde apareciam as violas, os acordeões, as flautas e os violinos, organizavam-se festas alegres com canto, dança e cerveja. Ninguém parecia importar-se com a minha presença, não me faziam perguntas e passados poucos dias aceitavam-me como se fosse um deles. Isso permitia-me fotografá-los à minha vontade. No barco não podia expor os negativos, mas classifiquei-os cuidadosamente para fazê-lo mais tarde em

Santiago. Numa dessas excursões pelas cobertas inferiores dei de caras com a última pessoa que esperava encontrar ali.

- Gengis Khan! - exclamei ao vê-lo.

- Julgo que me está a confundir, menina...

- Desculpe-me, doutor Radovic - supliquei, sentindo-me uma cretina.

- Conhecemo-nos? - perguntou admirado.

- Não se lembra de mim? Sou a neta de Paulina del Valle.

- Aurora? Caramba, nunca a teria reconhecido. Como mudou!

É verdade que tinha mudado. Ele conhecera-me há um ano e meio vestida de menina e agora tinha diante dos olhos uma mulher feita, com uma máquina fotográfica ao pescoço e um anel de noivado no dedo. Nessa viagem começou a amizade que, com o tempo, haveria de mudar a minha vida. O doutor Iván Radovic, passageiro de segunda classe, não podia subir à coberta de primeira sem convite, mas eu podia descer para o visitar e fi-lo frequentemente. Falava-me do seu trabalho com a mesma paixão com que eu lhe falava da fotografia; via-me usar a máquina, mas não pude mostrar-lhe nada do que já fizera anteriormente porque estava no fundo dos baús, mas prometi fazê-lo ao chegar a Santiago. Isso não aconteceu, no entanto, porque depois tive vergonha de o chamar para esse fim; pareceu-me uma demonstração de vaidade e não quis roubar o tempo de um homem ocupado em salvar vidas. Ao inteirar-se da sua presença a bordo, a minha avó convidou-o imediatamente para tomar chá na varanda da nossa suite. “Com o senhor aqui sinto-me segura no mar alto, doutor. Se me aparecer outra toranja na barriga, o senhor vem e extirpa-ma com uma faca de cozinha”, troçou. Os convites para tomar chá repetiram-se muitas vezes, seguidas por jogos de cartas. Iván Radovic contou-nos que tinha terminado a sua prática na Clínica Hobbs e regressava ao Chile para trabalhar num hospital.

- Por que não abre uma clínica privada, doutor? - sugeriu a minha avó, que se afeiçoara a ele.

- Jamais conseguiria o capital e os conhecimentos que isso requer, senhora Del Valle.

- Eu estou disposta a investir, se achar bem.

- De maneira nenhuma poderia permitir que...

- Não o faria por si mas porque é um bom investimento, doutor Radovic - interrompeu-o a minha avó. - Toda a gente adoece, a medicina é um grande negócio.

- Creio que a medicina não é um negócio, mas um direito, senhora. Como médico, sou obrigado a servir e espero que algum dia a saúde esteja ao alcance de cada chileno.

- Você é socialista? - perguntou a minha avó com uma careta de repugnância, porque depois da "traição" da menina Matilde Pineda desconfiava do socialismo.

- Sou médico, senhora Del Valle. Curar é tudo o que me interessa.

Voltámos ao Chile em fins de Dezembro de 1898 e encontrámo-nos com um país em plena crise moral. Ninguém, desde os fazendeiros ricos aos professores primários ou aos trabalhadores do salitre estava contente com a sua sorte ou com o Governo. Os chilenos pareciam resignados às falhas do seu carácter, como o alcoolismo, o ócio e o roubo, e às chagas sociais, como a morosa burocracia, o desemprego, a ineficiência da justiça e a pobreza, que contrastava com a ostentação descarada dos ricos e ia provocando uma raiva crescente e surda que se estendia de norte a sul. Não nos lembrávamos de Santiago tão sujo, com tanta gente miserável, tanto cortiço infestado de baratas, tantas crianças a morrer antes de começarem a andar. A imprensa garantia que o índice de mortalidade na capital era equivalente ao de Calcutá. A nossa casa da Rua Exército Libertador tinha ficado ao cuidado de algumas longínquas tias pobretonas, das muitas que qualquer família chilena tem, e de alguns empregados. As tias estavam há mais de dois anos reinando naqueles domínios e receberam-nos sem grande entusiasmo, acompanhadas por Caramelo, já tão velhinho que não me reconheceu. O jardim estava um matagal, as fontes mouriscas estavam sedentas, os salões cheiravam a tumba, as cozinhas pareciam um chiqueiro e havia cocó de rato debaixo das camas, mas nada disto abalou Paulina del Valle, que chegara disposta a organizar o casamento do século e não ia permitir que nada, nem a sua idade, nem o calor de Santiago, nem o meu carácter retraído o impedissem. Dispunha dos meses de Verão, em que toda a gente partia para a costa ou para o campo, para pôr a casa em ordem, porque no Outono começava a intensa vida social e era preciso preparar-se para o meu casamento em Setembro, no início da Primavera, mês das festas pátrias e das noivas, justamente um ano depois do primeiro encontro entre Diego e eu. Frederick Williams encarregou-se de contratar um regimento de pedreiros, marceneiros, jardineiros e criadas que se viram perante a tarefa de recuperar aquele desastre ao ritmo habitual no

Chile, ou seja, sem muita pressa. O Verão chegou poeirento e tórrido, com o seu aroma a pêssego e os gritos dos vendedores ambulantes apregoando as delícias da estação. Os que podiam fazê-lo foram de férias para o campo ou para a praia; a cidade parecia morta. Severo del Valle apareceu de visita com sacos de verduras, cestos de frutas e boas notícias das vinhas; vinha com a pele bronzeada, mais corpulento e mais bonito do que nunca. Olhou-me boquiaberto, admirado por eu ser a mesma miudinha de quem se despedira há dois anos, fez-me rodar como um pião para me observar de todos os ângulos e a sua opinião generosa foi que eu tinha algumas semelhanças com a minha mãe. A minha avó recebeu mal aquele comentário, o meu passado não se mencionava na sua presença, para ela a minha vida começava aos cinco anos quando atravessei o umbral do seu palacete de São Francisco, a minha vida anterior não existia. Nívea ficou na herdade com as crianças, porque estava novamente prestes a dar à luz, demasiado pesada para fazer a viagem até Santiago. A produção das vinhas anunciava-se bastante boa para esse ano, pensavam colher as de vinho branco em Março e as de tinto em Abril, contou Severo del Valle e acrescentou que havia umas parras de tinto completamente diferentes que cresciam misturadas com as outras, eram mais delicadas, adoeciam com facilidade e amadureciam mais tarde. Apesar de darem um fruto excelente, pensava arrancá-las para evitar problemas. De imediato Paulina del Valle espevitou a orelha e vi nas suas pupilas a mesma luzinha de cobiça que geralmente anunciava uma ideia rentável.

- Assim que o Outono começar, transplanta-as separadamente. Trata delas e no próximo ano faremos com elas um vinho especial - disse.

- Para quê metermo-nos nisso? - perguntou Severo.

- Se essas uvas amadurecem mais tarde, devem ser mais finas e concentradas. O vinho será certamente muito melhor.

- Estamos a produzir um dos melhores vinhos do país, tia.

- Faz-me essa vontade, sobrinho, faz o que te digo... - rogou a minha avó, no tom de voz bajulador que utilizava antes de dar uma ordem.

Não consegui ver Nívea até ao próprio dia do casamento, quando apareceu com um novo recém-nascido nos braços, segredando-me à pressa a informação básica que qualquer noiva devia saber antes da lua-de-mel, mas que ninguém se incomodara em dar-me. A minha condição virginal, no entanto, não me preservava dos sobressaltos de uma paixão instintiva que

não sabia nomear, pensava em Diego dia e noite e nem sempre os pensamentos eram castos. Desejava-o mas não sabia muito bem para quê. Queria estar nos braços dele, queria que me beijasse como o fizera algumas vezes, e queria vê-lo nu. Nunca vira um homem nu e, confesso, a curiosidade mantinha-me acordada. Isso era tudo, o resto do caminho, um mistério. Nívea, com a sua descarada honestidade, era a única capaz de instruir-me, mas seria só anos mais tarde, quando tivemos tempo e oportunidade de aprofundar a nossa amizade, que ela me contaria os segredos da sua intimidade com Severo del Valle e me descreveria em pormenor, morta de riso, as posições aprendidas na colecção do seu tio José Francisco Vergara. Por essa altura eu já deixara para trás a inocência, mas era bastante ignorante em matéria erótica, como são quase todas as mulheres e a maior parte dos homens também, garante Nívea. "Sem os livros do meu tio, teria tido quinze filhos sem saber como", disse-me. Os seus conselhos, que teriam posto as minhas tias de cabelos em pé, foram de grande utilidade para o meu segundo amor, mas de nada me teriam servido para o primeiro.

Durante três longos meses vivemos acampados em quatro quartos da casa da Rua Exército Libertador, ofegando de calor. Não me aborreci, porque a minha avó reatou imediatamente as suas tarefas caritativas, apesar de todos os membros do Clube de Damas estar a veranear. Durante a sua ausência a disciplina afrouxara e coube-lhe novamente empunhar as rédeas da compaixão compulsiva; voltámos a visitar doentes, viúvas e loucos, a repartir comida e a supervisionar os empréstimos às mulheres pobres. Esta ideia, da qual troçaram até nos jornais, porque toda a gente achou que as beneficiárias - todas no último estádio de indigência - não devolveriam o dinheiro, acabou por ser tão boa, que o Governo decidiu copiá-la. As mulheres não só pagavam escrupulosamente os empréstimos em quotas mensais, como se amparavam umas às outras, de modo que quando uma delas não podia pagar, as outras faziam-no por ela. Julgo que a Paulina del Valle lhe passou pela cabeça cobrar-lhes juros e converter a caridade em negócio, mas eu cortei cerce. "Tudo tem o seu limite, avó, até a cobiça", censurei.

A minha apaixonada correspondência com Diego Domínguez mantinha-me pendente do correio. Descobri que por carta sou capaz de expressar o que nunca me atreveria a fazer cara a cara; a palavra escrita é profundamente libertadora. Surpreendi-me a ler poesia amorosa em vez dos romances de

que antes tanto gostava; se um poeta morto no outro lado do mundo conseguia descrever os meus sentimentos comtanta precisão, eu tinha de aceitar com humildade que o meu amor não era excepcional, que eu nada inventara, que toda a gente se apaixona da mesma forma. Imaginava o meu noivo a cavalo, galopando pelas suas terras como um herói lendário de costas poderosas, nobre, firme e bem-posto, um homenzarrão em cujas mãos eu estaria segura; far-me-ia feliz, dar-me-ia protecção, filhos, amor eterno.

Visualizava um futuro de algodão e açúcar no qual flutuaríamos abraçados para sempre.

A que cheirava o corpo do homem que amava? A húmus como os bosques de onde provinha, ou à doce fragrância das padarias, ou talvez à água do mar, como aquele aroma fugidio que me assaltava em sonhos desde a infância? De súbito a necessidade de cheirar Diego tornava-se tão imperiosa como um ataque de sede e rogava-lhe por carta que me enviasse um dos lenços que usava ao pescoço ou uma das suas camisas por lavar. As respostas do meu noivo àquelas cartas apaixonadas eram crónicas tranquilas sobre a vida no campo - as vacas, o trigo, as uvas, o céu estival sem chuva - e comentários sóbrios sobre a sua família. Nunca mandou, evidentemente, nenhum dos seus lenços ou camisas. Nas últimas linhas recordava-me o muito que me amava e como seríamos felizes na fresca casa de adobe e telha que o seu pai estava a construir para nós na propriedade, tal como antes o fizera para o seu irmão Eduardo, quando este casara com Susana, e tal como faria para a sua irmã Adela quando ela se casasse. Há gerações que os Domínguez viviam sempre juntos; o amor a Cristo, a união entre os irmãos, o respeito pelos pais e o trabalho duro, dizia, eram os alicerces da sua família.

Por mais que escrevesse e suspirasse lendo versos, sobrava-me tempo, de modo que voltei ao estúdio de dom Juan Ribero, dava voltas à cidade tirando fotografias e à noite trabalhava no quarto de revelação que instalei em casa. Estava a experimentar a impressão com platina, uma técnica recente que produzia imagens muito bonitas. O procedimento é simples, embora mais dispendioso, mas a minha avó suportava os gastos. Pinta-se o papel com pinceladas de uma solução de platina e o resultado são imagens em gradações de tom subtis, luminosas, claras, com grande profundidade, que permanecem inalteráveis. Passaram dez anos e aquelas são as fotografias mais extraordinárias da minha colecção. Ao vê-las, muitas lembranças surgem à minha frente com a mesma nitidez impecável dessas impressões a

platina. Posso ver a minha avó Paulina, Severo, Nívea, amigos e parentes, também posso ver-me em alguns auto-retratos tal como era outrora, precisamente antes dos acontecimentos que iriam mudar a minha vida.

Quando amanheceu a segunda terça-feira de Março a casa estava engalanada, tinha uma moderna instalação de gás, telefone e um elevador para a minha avó, papéis de parede trazidos de Nova Iorque, os móveis estofados com tecidos novos, o soalho recém-encerado, os bronzes polidos, os vidros lavados e a colecção de quadros impressionistas nos salões. Havia um novo contingente de criados em uniforme sob o comando de um mordomo argentino, que Paulina del Valle recrutou ao Hotel Crillón pagando-lhe o dobro.

- Vão criticar-nos, avó. Ninguém tem mordomo, isto é uma piroseira - avisei-a.

- Não interessa. Não penso pelejar com índias mapuches em chinelas, que deixam cair cabelos na sopa e me atiram os pratos para cima da mesa - replicou, decidida a impressionar a sociedade da capital em geral e a família de Diego Domínguez em particular.

De modo que os novos empregados se juntaram às antigas criadas que estavam há anos lá em casa e, evidentemente, não se podiam despedir. Havia tantas pessoas a servir que se passeavam ociosas tropeçando umas com as outras e foram tantos os mexericos e ladroíces que, por fim, Frederick Williams teve de intervir para impor a ordem, uma vez que o argentino não sabia por onde começar. Isso provocou alvoroço, nunca se vira o senhor da casa rebaixar-se ao nível doméstico, mas ele fê-lo na perfeição; para alguma coisa servira a sua longa experiência no oficio. Não creio que Diego Domínguez e a sua família, as primeiras visitas que tivemos, apreciassem a elegância do serviço, pelo contrário, coibiram-se diante de tanto esplendor. Pertenciam a uma antiga dinastia de latifundiários do sul mas, ao contrário da maior parte dos donos de herdades no Chile, que passam alguns meses nas suas terras e no resto do tempo vivem das suas rendas em Santiago ou na Europa, eles nasciam, cresciam e morriam no campo. Eram pessoas com sólida tradição familiar, profundamente católica e simples, sem nenhum dos refinamentos impostos pela minha avó, que certamente lhes pareceram um pouco decadentes e pouco cristãos. Chamou-me a atenção terem todos os olhos azuis, menos Susana, a cunhada de Diego, uma beldade morena de ar lânguido, como uma pintura espanhola. à mesa atrapalharam-se com a fila de

talheres e os seis copos, nenhum comeu o pato com laranja e assustaram-se um pouco quando chegou a sobremesa ardendo em chamas. Ao ver o desfile de criados fardados, a mãe de Diego, dona Elvira, perguntou a razão de termos tantos militares lá em casa. Ficaram pasmados diante dos quadros impressionistas, convencidos de que eu pintara aqueles mamarrachos e que a minha avó, por pura senilidade, os pendurava nas paredes, mas apreciaram o pequeno concerto de harpa e piano que oferecemos no salão de música. A conversa morria à segunda frase até os touros de cobrição darem azo a uma conversa sobre a reprodução do gado, o que interessou sobremaneira a Paulina del Valle, que sem dúvida estaria já a pensar estabelecer a indústria de queijos com eles, em vista do número de vacas que possuíam. Se eu tivesse algumas dúvidas sobre a minha vida futura no campo junto da tribo do meu noivo, essa visita tê-las-ia dissipado.

Apaixonei-me por aqueles camponeses de velha cepa, bondosos e sem pretensões, do pai sanguíneo e risonho, da mãe tão inocente, do irmão mais velho amável e viril, da misteriosa cunhada e da irmã mais nova alegre como um canário, que tinham feito uma viagem de vários dias para me conhecerem. Aceitaram-me com naturalidade e tenho a certeza de que se foram embora um pouco perplexos com o nosso estilo de vida, mas sem nos criticarem, porque pareciam incapazes de um mau pensamento. Uma vez que Diego me escolhera, consideravam-me parte da família, e isso bastava-lhes. A sua simplicidade permitiu-me descontrair, coisa que raras vezes me acontece com estranhos e passado pouco tempo vi-me a conversar com cada um deles, falando-lhes da minha viagem à Europa e da minha paixão pela fotografia. “Mostre-me as suas fotografias, Aurora”, pediu-me a Dona Elvira e quando o fiz não conseguiu esconder o seu desencanto. Creio que esperava uma coisa mais reconfortante do que piquetes de operários em greve, cortiços, crianças esfarrapadas brincando nos esgotos, violentas revoltas populares, bordéis, emigrantes sofredores sentados sobre os seus fardos no porão de um navio. “Mas filhinha, por que não tira fotografias bonitas? Para que se mete nestes fins de mundo? Há tantas paisagens bonitas no Chile...”, murmurou a santa senhora. Ia explicar-lhe que não me interessam as coisas bonitas, mas os rostos curtidos pelo esforço e pelo sofrimento, mas compreendi que não era o momento adequado. Haveria oportunidade mais tarde para dar-me a conhecer à minha futura sogra e ao resto da sua família.

- Para que lhes mostraste essas fotografias? Os Domínguez são ainda à moda antiga, não devias tê-los assustado com as tuas ideias modernas, Aurora - recriminou-me Paulina del Valle depois de eles saírem.

- De qualquer forma já estavam assustados com o luxo desta casa e com os quadros impressionistas, não acha, avó? Além disso, Diego e a família devem saber que tipo de mulher sou - repliquei.

- Ainda não és uma mulher, mas uma criança. Mudarás, terás filhos, deverás moldar-te ao ambiente do teu marido.

- Serei sempre a mesma pessoa e não quero renunciar à fotografia. Isto não é o mesmo que as aguarelas da irmã de Diego ou o bordado da sua cunhada, isto é uma parte fundamental da minha vida.

- Bom, casa-te primeiro e depois fazes o que te der na gana - concluiu a minha avó.

Não esperámos até Setembro, como estava planeado. Tivemos de casar em meados de Abril porque Dona Elvira Domínguez teve um ligeiro ataque de coração e uma semana mais tarde, quando se recompôs o suficiente para dar alguns passos sozinha, manifestou o seu desejo de ver-me convertida na mulher do seu filho Diego antes de partir para o outro mundo. O resto da família estava de acordo, porque se a senhora morresse seria preciso adiar o casamento durante pelo menos um ano para respeitar o luto regulamentar. A minha avó resignou-se a apressar as coisas e esquecer a cerimónia principesca que planeava e eu suspirei aliviada, porque a ideia de me expor aos olhos de meio Santiago entrando na catedral pelo braço de Frederick Williams ou de Severo del Valle sob uma montanha de organdi branco, como pretendia a minha avó, me punha bastante inquieta.

O que posso dizer do meu primeiro encontro de amor com Diego Domínguez? Pouco, porque a memória imprime a preto e branco; os cinzentos perdem-se pelo caminho. Talvez não tenha sido tão desgraçado como recordo, mas os matizes esfumaram-se; guardo apenas uma sensação geral de frustração e raiva. Depois do casamento privado na casa da Rua Exército Libertador, fomos para um hotel passar essa noite, antes de partirmos por duas semanas para Buenos Aires em lua-de-mel, porque a saúde precária de Dona Elvira não permitia grandes afastamentos. Quando me despedi da minha avó, senti que uma parte da minha vida terminava definitivamente. Ao abraçá-la confirmei quanto a amava e como tinha

diminuído, a roupa sobrava-lhe e eu ultrapassava-a meia cabeça em altura, tive o pressentimento de que não lhe restava muito tempo, parecia-me pequena e vulnerável, uma velhinha com a voz trémula e os joelhos de algodão. Pouco restava da matriarca formidável que durante mais de setenta anos fez o que lhe apeteceu e manejou os destinos da família como lhe deu na gana. Ao seu lado, Frederick Williams parecia seu filho, porque os anos lhe passavam por cima, como se fosse imune à decadência dos restantes mortais. Até ao dia anterior o bondoso tio Frederick rogou-me nas costas da minha avó que não me casasse se não tinha a certeza, e respondi-lhe sempre que nunca tivera tanta certeza de algo. Não tinha dúvidas sobre o meu amor por Diego Domínguez. à medida que se aproximava o momento do casamento, aumentava a minha impaciência. Olhava-me ao espelho, despida, ou coberta apenas com as delicadas camisas de dormir de renda que a minha avó comprara em França e interrogava-me ansiosa se ele me acharia bonita. Um sinal no pescoço ou os mamilos escuros pareciam-me defeitos terríveis. Desejar-me-ia como eu a ele? Averiguei-o nessa primeira noite no hotel. Estávamos cansados, tínhamos comido muito, ele bebera mais do que a conta e eu também tinha três taças de champanhe no corpo. Ao entrar no hotel aparentámos indiferença, mas o rasto de arroz que fomos deixando pelo chão denunciou a nossa condição de recém-casados. Foi tanta a minha vergonha ao ficar só com Diego, e pensar que lá fora estavam a imaginar-nos a fazer amor, que me tranquei na casa de banho com náuseas, até que muito tempo depois o meu marido estreante bateu à porta suavemente para saber se eu ainda estava viva. Levou-me para o quarto pela mão, ajudou-me a tirar o complicado chapéu, soltou-me os ganchos do cabelo, libertou-me do casaquinho de camurça, desabotoou os milhares de botões de pérola da camisa, desembaraçou-me da pesada saia e do saiote, até eu ficar apenas com a fina camisa de cambraia que trazia sob o corpete. à medida que me despojava da roupa, eu sentia-me dissolver como água, esfumava-me, ia-me reduzindo a puro esqueleto e ar. Diego beijou-me nos lábios, não como eu imaginara muitas vezes nos meses anteriores, mas com força e urgência; depois o beijo tornou-se mais dominante enquanto as mãos dele puxavam pela minha camisa, que eu tentava segurar porque a perspectiva de que ele me visse nua horrorizava-me. As carícias apressadas e a revelação do seu corpo contra o meu pôs-me na defensiva, tão tensa que tremia como se tivesse frio. Perguntou-me aborrecido o que tinha e ordenou-me que tratasse

de descontrair, mas ao ver que esse método só piorava as coisas, mudou de tom, acrescentou que não tivesse medo e prometeu ser cuidadoso. Apagou o candeeiro com um sopro e arranjou-se de maneira a levar-me até à cama; o resto aconteceu depressa. Não fiz nada para ajudá-lo.

Fiquei imóvel como uma galinha hipnotizada, tentando inutilmente recordar-me dos conselhos de Nívea, A determinada altura a espada dele trespassou-me, consegui reter um grito e senti sabor a sangue na boca. A lembrança mais nítida dessa noite foi o desencanto. Era essa a paixão com a qual tanta tinta gastavam os poetas? Diego consolou-me dizendo que era sempre assim na primeira vez, com o tempo aprenderíamos a conhecer-nos e tudo correria melhor, depois deu-me um beijo casto na testa, voltou-me as costas sem uma única palavra e adormeceu como um bebé, enquanto eu me mantinha acordada na escuridão com um pano entre as pernas e uma dor ardente no ventre e na alma. Era demasiado ignorante para adivinhar a causa da minha frustração, nem sequer conhecia a palavra orgasmo, mas tinha explorado o meu corpo e sabia que nalgum lugar se esconde aquele prazer sísmico capaz de mudar a vida. Diego sentira-o dentro de mim, isso era evidente, mas eu só sentira angústia.

Senti-me vítima de uma tremenda injustiça biológica: para o homem o sexo era fácil - podia obtê-lo mesmo à força - enquanto para nós era sem deleite e com graves consequências. Seria preciso acrescentar à maldição divina de parir com dor, a de amar sem gozo?

Quando Diego acordou na manhã seguinte eu já me vestira há muito tempo e tinha decidido voltar para a minha casa e refugiar-me nos braços seguros da minha avó, mas o ar fresco e a caminhada pelas ruas do centro, quase vazias àquela hora de domingo, acalmaram-me. Ardia-me a vagina, onde ainda sentia a presença de Diego, mas passo a passo a raiva foi-me passando e dispus-me a enfrentar o futuro como uma mulher e não como uma fedelha malcriada. Estava consciente de como fora mimada durante os dezanove anos da minha existência, mas essa etapa tinha terminado; a noite anterior iniciara-me na condição de casada e tinha de agir e pensar com maturidade, concluí, engolindo as lágrimas. A responsabilidade de ser feliz era exclusivamente minha. O meu marido não me traria a dita eterna como um presente embrulhado em papel de seda, eu teria de construí-la dia a dia com inteligência e esforço. Felizmente amava aquele homem e julgava que, tal como ele me garantira, com o tempo e a prática as coisas ficariam muito

melhor entre nós. Pobre Diego, pensei, deve estar tão desiludido como eu. Regressei ao hotel a tempo de fechar as malas e partir em viagem de lua-de-mel.

A herdade Caleufú, incrustada na zona mais bonita do Chile, um paraíso selvagem de selva fria, vulcões, lagos e rios, pertencia aos Domínguez desde os tempos da Colónia, quando se repartiram as terras entre os fidalgos que se distinguiram na Conquista. A família tinha aumentado a sua riqueza comprando mais terrenos aos índios pelo preço de algumas garrafas de aguardente, até possuir um dos latifúndios mais prósperos da região. A propriedade nunca fora dividida; por tradição herdava-a na totalidade o filho mais velho, que tinha a obrigação de dar trabalho ou de ajudar os seus irmãos, manter e dar dote às irmãs e cuidar dos inquilinos. O meu sogro, dom Sebastián Domínguez, era um desses seres que cumpriram o que deles se espera, envelhecia com a consciência em paz e agradecido pelas recompensas que a vida lhe dera, sobretudo pelo carinho da mulher, Dona Elvira. Na sua juventude fora um estroina, ele próprio o dizia a rir, e a prova eram vários camponeses da sua herdade com olhos azuis, mas a mão suave e firme da Dona Elvira fora-o domando sem que ele próprio se apercebesse. Assumia o seu papel de patriarca com bondade; os inquilinos recorriam a ele em primeiro lugar expondo-lhe os seus problemas, porque os seus dois filhos, Eduardo e Diego, eram mais severos e Dona Elvira não abria a boca fora das paredes da sua casa. A paciência que dom Sebastián manifestava com os inquilinos, a quem tratava como crianças um pouco atrasadas, transformava-se em severidade ao enfrentar os seus filhos varões. “Somos muito privilegiados, por isso mesmo temos mais responsabilidades. Para nós não há desculpas nem pretextos, o nosso dever é respeitar Deus e ajudar a nossa gente, disso nos pedirão contas no céu”, dizia.

Devia ter perto de cinquenta anos, mas parecia menos porque fazia uma vida bastante saudável, passava o dia a cavalo percorrendo as suas terras, era o primeiro a levantar-se e o último a ir para a cama, estava presente na colheita, na domesticação, nos rodeios, ele próprio ajudava a marcar e a castrar o gado. Começava o dia com uma chávena de café retinto com seis colheres de açúcar e um jorro de brandy, com isso tinha forças para os trabalhos do campo até às duas da tarde, altura em que almoçava quatro pratos e três sobremesas regados abundantemente de vinho em companhia da

família. Não éramos muitos naquele imenso casarão; a maior tristeza dos meus sogros foi terem tido apenas três filhos. A vontade de Deus assim o determinara, diziam. à hora do jantar reuníamo-nos todos, depois de andarmos todo o dia dispersos em várias ocupações, ninguém podia faltar. Eduardo e Susana viviam com os filhos noutra casa, construída para eles a duzentos metros da casa grande, mas aí só se preparava o pequeno-almoço, o resto das refeições faziam-se à mesa dos meus sogros. Devido ao nosso casamento ter sido apressado, a casa destinada a Diego e a mim ainda não estava pronta e vivíamos numa ala da casa dos meus sogros. Dom Sebastián sentava-se à cabeceira num cadeirão mais alto e trabalhado; na outra ponta ficava Dona Elvira e em ambos os lados distribuíam-se os filhos com as suas mulheres, duas tias viúvas, alguns primos ou parentes próximos, uma avó tão velhinha que tinham de alimentá-la a biberão e os convidados, que nunca faltavam. Na mesa colocavam-se vários lugares a mais para os hóspedes que costumavam aparecer sem aviso e às vezes ficavam durante semanas. Eram sempre bem-vindos, porque no isolamento do campo as visitas eram o maior divertimento. Mais ao sul viviam algumas famílias chilenas encravadas em território índio, também colonos alemães, sem os quais a região teria permanecido quase selvagem. Eram precisos vários dias para percorrer a cavalo as propriedades dos Domínguez, que chegavam à fronteira com a Argentina. à noite rezava-se e o calendário do ano regia-se pelas datas religiosas, que eram observadas com rigor e alegria. Os meus sogros aperceberam-se que eu tinha crescido com muito pouca instrução católica, mas nesse sentido não tivemos problemas, porque fui bastante respeitadora com as suas crenças e eles não tentaram impor-mas. Dona Elvira explicou-me que a fé é um presente divino: “Deus chama o teu nome, escolhe-te”, disse. Isso livrava-me da culpa aos olhos deles, Deus ainda não chamara o meu nome, mas se me tinha colocado numa família tão cristã era porque rapidamente o faria. O meu entusiasmo em ajudá-la nas suas tarefas caritativas entre os inquilinos compensava o meu escasso fervor religioso; julgava que se tratava do meu espírito compassivo, sinal da minha boa índole, não sabia que era o meu treino no Clube de Damas da minha avó e o meu interesse prosaico em conhecer os trabalhadores do campo e fotografá-los. Além de dom Sebastián, de Eduardo e de Diego, que tinham sido educados num bom colégio interno e efectuado a viagem obrigatória à Europa, mais ninguém por aqueles lados suspeitava do tamanho do mundo.

Não eram permitidos romances naquela casa, julgo que a dom Sebastião lhe faltava vontade para os censurar e para evitar que alguém lesse algum romance da lista negra da Igreja, preferia cortar o mal pela raiz e eliminá-los a todos. Os jornais chegavam tão atrasados, que não traziam notícias, mas história. Dona Elvira lia os seus livros de orações e Adela, a irmã mais nova de Diego possuía alguns volumes de poesia, biografias de personagens históricas e crónicas de viagens, que relia vezes sem conta. Mais tarde descobri que arranjava romances policiais, lhes arrancava as capas e as substituía pelas capas dos livros autorizados pelo pai. Quando chegaram os meus baús e caixotes de Santiago e apareceram centenas de livros, Dona Elvira pediu-me com a doçura habitual que não os exibisse diante do resto da família. Todas as semanas a minha avó ou Nívea enviavam-me material de leitura, que eu guardava no meu quarto. os meus sogros não diziam nada, confiantes, suponho, que esse mau costume me passaria quando tivesse filhos e não me sobrassem tantas horas de ócio, como era o caso da minha cunhada Susana, que tinha três crianças preciosas e muito malcriadas. Não se opuseram, no entanto, à fotografia, talvez adivinhassem que seria muito difícil vergar-me nesse ponto, e embora nunca tenham demonstrado curiosidade em ver o meu trabalho, destinaram-me um quarto ao fundo da casa onde pude instalar o meu laboratório.

Cresci na cidade, no ambiente confortável e cosmopolita da casa da minha avó, muito mais livre do que qualquer chilena dessa altura e de hoje, porque apesar de estar já a terminar o primeiro decénio do século vinte, as coisas não se modernizaram muito para as raparigas destas bandas. A mudança de estilo de vida quando aterrei no seio dos Domínguez foi brutal, apesar de eles terem feito o possível para me sentir à vontade. Portaram-se muito bem comigo, foi fácil aprender a amá-los; o carinho deles compensou o carácter reservado e frequentemente carrancudo de Diego, que em público me tratava como uma irmã e em privado quase não falava comigo. As primeiras semanas tratando de adaptar-me foram muito interessantes, Dom Sebastián ofereceu-me uma bonita égua preta com uma estrela branca na testa e Diego mandou-me, acompanhada por um capataz, percorrer a herdade e conhecer os trabalhadores e os vizinhos, situados a tantos quilómetros de distância, que cada visita levava três ou quatro dias. Depois deixou-me livre. O meu marido saía com o pai e o irmão para os trabalhos do campo e para a caça, às vezes acampavam fora durante vários dias. Eu não suportava o tédio da

casa, com a sua faina infindável de mimar os filhos de Susana, fazer doces e conservas, limpar e arejar, coser e tricotar; quando acabava o meu trabalho na escola ou no dispensário da herdade, vestia umas calças de Diego e partia a galope. A minha sogra avisara-me que não montasse escarranchada, como um homem, porque teria "problemas femininos", eufemismo que eu nunca consegui esclarecer de todo, mas ninguém conseguiria montar de lado naquela natureza de montes e penhascos sem partir a cabeça numa queda. A paisagem deixava-me sem respiração, surpreendendo-me em cada curva do caminho, maravilhando-me.

Cavalgava monte acima e vale abaixo até aos bosques densos, um paraíso de cedro, loureiro, caneleira, mañio (nome pelo qual os mapuches designavam uma árvore semelhante ao cedro, existente no sul do Chile e cuja madeira é muito apreciada), murta e araucárias milenares, madeiras finas que os Domínguez exploravam na sua serração. Embriagava-me a fragrância da selva molhada, aquele aroma sensual de terra vermelha, seiva e raízes; a paz da mata vigiada por aqueles mudos gigantes verdes; o murmúrio misterioso da floresta: canto de águas invisíveis, dança do ar enlaçado nos ramos, rumor de raízes e de insectos, trinar do suave pombo-torcaz e gritos dos tiuques barulhentos. As veredas terminavam na serração e depois disso tinha de abrir caminho na mata, confiando no instinto da minha égua, cujas patas se afundavam num lamaçal cor de petróleo, espesso e aromático como sangue vegetal. A luz filtrava-se pela imensa cúpula das árvores em raios claros tangenciais, mas havia zonas glaciais onde se escondiam os pumas, espiando-me com os seus olhos em chamas. Levava uma escopeta amarrada à sela, mas numa emergência não teria tido tempo de tirá-la e, de qualquer forma, nunca teria disparado. Fotografei os bosques antigos, os lagos de areias pretas, os rios tempestuosos de pedras cantarinas e os vulcões impetuosos que coroavam o horizonte como dragões adormecidos em torres de cinza. Também tirei fotografias dos inquilinos da herdade, que depois lhes levava de presente e eles recebiam desconcertados, sem saber o que fazer com aquelas imagens deles próprios que não tinham pedido.

Fascinavam-me os seus rostos curtidos pela intempérie e pela pobreza, mas eles não gostavam de se ver assim, tal como eram, com os seus andrajos e desgostos às costas, queriam retratos coloridos à mão nos quais posavam com o único fato que tinham, o do casamento, bem lavados e penteados, com os seus filhos sem ranho.

Aos domingos não se trabalhava e havia missa - quando contávamos com um padre - ou "missões", que as mulheres da família realizavam visitando os inquilinos nas suas casas para os catequizar. Assim combatiam à força de pequenas ofertas e de tenacidade as crenças indígenas que se misturavam com os santos cristãos. Eu não participava nas prédicas religiosas, mas aproveitava para dar-me a conhecer aos camponeses. Muitos eram índios puros que ainda utilizavam palavras nas suas línguas e mantinham vivas as suas tradições, outros eram mestiços, todos humildes e normalmente tímidos, mas brigões e ruidosos quando bebiam. O álcool era um bálsamo amargo que aliviava por algumas horas o fardo terreno de todos os dias, enquanto lhes ia roendo as entranhas como uma ratazana inimiga. As bebedeiras e as lutas com armas brancas eram multadas, tal como outras faltas, como cortar uma árvore sem licença ou deixar soltos os animais privados fora da meia quadra destinada a cada um para o cultivo da sua família.

O roubo ou a insolência contra os superiores castigava-se à pancada, mas a dom Sebastián repugnavam-lhe os castigos corporais; também tinha abolido o direito de "pernada", velha tradição proveniente da época colonial, que permitia aos patrões desflorar as filhas dos camponeses antes destas casarem com outros. Ele próprio o praticara na sua juventude, mas depois da chegada de Dona Elvira à herdade, essas liberdades terminaram. Também não aprovava as visitas aos prostíbulos das aldeias adjacentes e insistia com os seus próprios filhos para que casassem jovens de modo a evitar tentações. Eduardo e Susana tinham-no feito há seis anos, quando ambos tinham vinte, e a Diego, nessa altura com dezassete, tinham-lhe destinado uma rapariga aparentada com a família, mas que morrera afogada no lago antes de o noivado se concretizar. Eduardo, o irmão mais velho, era mais jovial do que Diego, tinha talento para contar anedotas e para cantar, conhecia todas as lendas e histórias da região, gostava de conversar e sabia ouvir. Estava muito apaixonado por Susana, iluminavam-se-lhe os olhos quando a via e nunca se impacientava com os seus caprichosos estados de espírito. A minha cunhada sofria de dores de cabeça que costumavam pô-la de péssimo humor, fechava-se à chave no seu quarto, não comia e havia ordem para não a incomodar por motivo algum, mas quando passavam os seus males emergia totalmente recuperada, sorridente e carinhosa; parecia outra mulher. Apercebi-me de que dormia sozinha e de que nem o marido nem os filhos entravam no seu quarto sem serem chamados, a porta mantinha-

se sempre trancada. A família estava habituada às suas enxaquecas e às suas depressões, mas o seu desejo de privacidade parecia-lhes quase uma ofensa. Estranharam da mesma forma que eu não permitisse a entrada de ninguém sem autorização no pequeno quarto escuro onde revelava as minhas fotografias, apesar de lhes ter explicado o estrago que um raio de luz podia provocar nos meus negativos. Em Caleufú não havia portas nem gabinetes com chaves, excepto as despensas e a caixa-forte do escritório. Cometiam-se pequenos roubos, evidentemente, mas não traziam consequências de maior porque em geral dom Sebastián fazia vista grossa. "Esta gente é muito ignorante, não rouba por vício nem por necessidade, mas por maus hábitos", dizia, embora na verdade os inquilinos tivessem mais necessidades do que aquelas que o patrão admitia. Os camponeses eram livres, mas na prática tinham vivido durante gerações naquela terra e não lhes passava pela cabeça que pudesse ser de outra forma, não tinham para onde ir. Poucos chegavam a velhos. Muitas crianças morriam na infância devido a infecções intestinais, mordeduras de ratazanas e pneumonia, as mulheres de parto e consumpção, os homens por acidentes, feridas infectadas e intoxicação pelo álcool. O hospital mais próximo pertencia aos alemães, onde havia um médico bávaro de renome, mas só se fazia a viagem numa emergência grave, os males menores tratavam-se com segredos da natureza, orações e o recurso às meicas, curandeiras indígenas, que conheciam o poder das plantas locais melhor do que ninguém.

Em finais de Maio, o Inverno caiu sobre nós sem atenuantes, com a sua cortina de chuva lavando a paisagem como uma paciente lavadeira e com a sua escuridão precoce, que nos obrigava a recolher a casa às quatro da tarde e convertia as noites numa eternidade. Já não podia sair nas minhas longas cavalgadas ou fotografar as pessoas da herdade. Estávamos isolados, os caminhos eram um lodaçal, ninguém nos visitava. Entretinha-me experimentando no quarto escuro novas técnicas de revelação e tirando fotografias à família. Fui descobrindo que tudo o que existe está relacionado, é parte de um padrão compacto; o que parecia um emaranhado de casualidades à vista desarmada, ia-se revelando com as suas simetrias perfeitas através da observação minuciosa da máquina fotográfica. Nada é casual, nada é banal. Assim como no aparente caos vegetal do bosque há uma relação estrita de causa e efeito, por cada árvore há centenas de pássaros, por cada pássaro há milhares de insectos, por cada insecto há

milhões de partículas orgânicas; tal como os camponeses nas suas tarefas ou a família em casa ao resguardo do Inverno, são partes imprescindíveis de um fresco imenso. O essencial é frequentemente invisível; o olho não o capta, só o coração, mas a máquina fotográfica às vezes consegue vislumbres dessa substância.

Era isso que o mestre Ribero tentava obter com a sua arte e foi isso que tentou ensinar-me: superar o meramente documental e chegar à medula, à própria alma da realidade. Aquelas conexões subtis que surgiam no papel fotográfico comoviam-me profundamente e encorajavam-me a continuar com as experiências. Na reclusão do Inverno, a minha curiosidade aumentou; à medida que o ambiente se tornava mais sufocante e estreito, hibernando entre essas grossas paredes de adobe, o meu espírito ficava mais inquieto. Comecei a explorar obsessivamente o conteúdo da casa e os segredos dos seus habitantes. Examinei com novos olhos o ambiente familiar, como se o visse pela primeira vez, sem dar nada como certo. Deixava-me guiar pela intuição, despojando-me de ideias preconcebidas, "só vemos o que queremos ver", dizia dom Juan Ribero e acrescentava que o meu trabalho devia ser mostrar o que ninguém vira antes. Ao princípio os Domínguez posavam com sorrisos forçados, mas rapidamente se habituaram à minha presença discreta e acabaram por ignorar a máquina; nessa altura consegui captá-los descuidados, tal como eram. A chuva levou as flores e as folhas; a casa com os seus móveis pesados e os seus grandes espaços vazios fechou-se ao exterior e ficámos presos num estranho cativeiro doméstico.

Andávamos pelos quartos iluminados por velas, evitando as correntes de ar geladas; rangiam as madeiras como gemidos de viúva e ouviam-se os passinhos furtivos dos ratos nas suas diligentes ocupações; cheirava a lama, a telhas molhadas, a roupa bolorenta. Os criados acendiam braseiros e lareiras, as empregadas traziam-nos botijas de água quente, cobertores e malgas de chocolate fumegante, mas não havia maneira de enganar o longo Inverno. Foi nessa altura que sucumbi à solidão.

Diego era um fantasma. Tento recordar agora algum momento partilhado, mas só consigo vê-lo como um actor em cima de um palco, sem voz e separado de mim por um largo fosso. Tenho no meu espírito - e na minha colecção de fotografias daquele Inverno - muitas imagens dele nas actividades do campo e dentro de casa, sempre ocupado com outros, nunca

comigo, distante e alheio. Foi impossível familiarizar-me com ele, havia um abismo silencioso entre ambos e as minhas tentativas de trocar ideias ou averiguar os seus sentimentos chocavam contra a sua obstinada vocação de ausente. Argumentava que já tudo estava dito entre nós, se nos tínhamos casado era porque nos amávamos, que necessidade havia de aprofundar o que era evidente. Ao princípio o mutismo dele ofendia-me, mas depois compreendi que se comportava da mesma forma com todos excepto com os sobrinhos; conseguia ser alegre e terno com as crianças, talvez desejasse ter filhos tanto quanto eu, mas todos os meses apanhávamos uma decepção. Também não falávamos disso, era outro dos muitos temas relacionados com o corpo ou com o amor que não tocávamos por pudor. Nalgumas ocasiões tentei dizer-lhe como gostaria de ser acariciada, mas ele ficava imediatamente na defensiva, aos seus olhos uma mulher decente não devia sentir esse tipo de urgências e muito menos manifestá-las.

Depressa as suas reticências, a minha vergonha e o orgulho de ambos erigiram uma muralha da China entre os dois. Teria dado qualquer coisa para falar com alguém do que acontecia atrás da nossa porta fechada, mas a minha sogra era etérea como um anjo, e com Susana não tinha uma verdadeira amizade; Adela acabara de fazer dezasseis anos e Nívea estava demasiado longe, não me atrevia a pôr essas inquietações por escrito. Diego e eu continuávamos a fazer amor - para denominá-lo de alguma forma - de vez em quando, sempre como da primeira vez, a convivência não nos aproximou, mas isso só me magoava a mim, ele sentia-se bastante confortável tal como estávamos. Não discutíamos e tratávamo-nos com uma cortesia forçada, embora eu tivesse preferido mil vezes uma guerra declarada aos nossos silêncios obstinados. O meu marido evitava as ocasiões de estar a sós comigo; à noite demorava os jogos de cartas até eu, vencida pelo cansaço, ir dormir; de manhã saltava da cama com o canto do galo e mesmo aos domingos, quando o resto da família se levantava tarde, ele arranjava pretextos para sair cedo. Eu, pelo contrário, vivia pendente dos seus estados de espírito, apressava-me a servi-lo em milhares de pormenores, fiz o possível por atraí-lo e por tornar-lhe a vida agradável; o coração galopava no meu peito quando ouvia os seus passos ou a sua voz.

Não me cansava de o olhar, parecia-me belo como os heróis das histórias; na cama apalpava as suas costas largas e fortes tentando não acordá-lo, o seu cabelo abundante e ondulado, os músculos das pernas e do pescoço. Gostava

do seu cheiro a suor, a terra e a cavalo quando regressava do campo, a sabão inglês depois do banho. Afundava a cara na sua roupa para aspirar o seu aroma de homem, já que não me atrevia a fazê-lo no seu corpo. Agora, com a perspectiva do tempo e da liberdade que adquiri nos últimos anos, compreendo até que ponto me humilhei por amor. Deixei tudo de lado, da minha personalidade ao meu trabalho, para sonhar com um paraíso doméstico que não era para mim.

Durante o prolongado e ocioso Inverno, a família teve de utilizar variados recursos de imaginação para combater o tédio. Todos tinham bom ouvido para a música, tocavam uma variedade de instrumentos e dessa forma as tardes passavam-se em concertos improvisados. Susana costumava deleitar-nos envolta numa túnica de veludo andrajosa, com um turbante de turca na cabeça e os olhos escurecidos a carvão, cantando com uma voz rouca de cigana. Dona Elvira e Adela organizaram aulas de costura para as mulheres e tentaram manter a escolinha em actividade, mas só os filhos dos inquilinos que viviam mais perto conseguiam desafiar o clima e assistir às aulas; rezavam-se diariamente terços invernais que atraíam adultos e crianças, porque depois serviam chocolate e bolo. Susana lembrou-se de preparar uma peça de teatro para comemorar o fim do século; isso manteve-nos ocupados durante semanas, escrevendo o argumento e aprendendo os nossos papéis, montando um palco num dos celeiros, cosendo disfarces e ensaiando.

O tema, evidentemente, era uma previsível alegoria sobre os vícios e infortúnios do passado, derrotados pela cimitarra incandescente da ciência, da tecnologia e do progresso do século vinte. Além do teatro, fizemos concursos de tiro ao alvo e de palavras do dicionário, campeonatos de toda a espécie, de xadrez ao fabrico de marionetas e à construção de aldeias com paus de fósforos, mas as horas sobravam sempre. Converti Adela em minha ajudante no laboratório fotográfico e às escondidas trocávamos livros, eu emprestava-lhe os que me enviavam de Santiago e ela os seus romances policiais, que eu devorava com paixão. Transformei-me num detective experimentado, em geral descobria a identidade do homicida antes da página oitenta. O reportório era limitado e por mais que fizéssemos durar a leitura, os livros acabaram rapidamente. Então brincava com Adela a trocar as histórias ou a inventar crimes complicadíssimos, que a outra tinha de desvendar.

“O que estão vocês as duas a cochichar?”, perguntava a minha sogra com frequência. “Nada, mamã, estamos a planear assassinatos”, replicava Adela com o seu sorriso inocente de coelho. Dona Elvira ria-se, incapaz de imaginar como era verdadeira a resposta da filha.

Eduardo, na sua qualidade de primogénito, devia herdar a propriedade após a morte de dom Sebastián, mas fizera uma sociedade com o irmão para administrarem a propriedade em conjunto. Eu gostava do meu cunhado, era meigo e brincalhão, costumava pregar-me partidas ou trazer-me pequenos presentes, ágatas translúcidas do leito do rio, um modesto colar da reserva mapuche, flores silvestres, uma revista de moda que encomendava na aldeia, procurando desta forma compensar a indiferença do irmão para comigo, evidente para toda a família. Costumava pegar-me na mão e perguntar-me inquieto se eu estava bem, se precisava de alguma coisa, se sentia falta da minha avó, se me aborrecia em Caleufú. Susana, pelo contrário, mergulhada na sua languidez de odalisca, bastante parecida à preguiça, ignorava-me a maior parte do tempo e tinha uma maneira impertinente de voltar-me as costas, deixando-me com a palavra na boca. Opulenta, com a tez dourada e grandes olhos sombrios, era uma beldade, mas não creio que tivesse consciência da sua beleza. Não sabia diante de quem brilhar, só da família, por isso mesmo punha pouco cuidado no seu arranjo pessoal, às vezes nem sequer se penteava e passava o dia metida num roupão e com pantufas de pele de ovelha, sonolenta e triste. Outras vezes, pelo contrário, aparecia resplandecente como uma princesa moura, com o seu longo cabelo escuro preso num carrapito com pentes de concha de tartaruga e uma gargantilha de ouro que marcava o contorno perfeito do seu pescoço. Quando estava de bom humor, gostava de posar para mim; uma vez, à mesa, sugeriu que a fotografasse nua. Foi uma provocação que caiu como uma bomba naquela família tão conservadora, Dona Elvira quase sofreu um novo ataque de coração e Diego, escandalizado, levantou-se tão abruptamente que derrubou a cadeira. Se Eduardo não fizesse uma graça, teria havido um drama. Adela, a menos agraciada dos irmãos Domínguez, com a sua cara de coelho e os seus olhos azuis perdidos num mar de sardas, era sem dúvida a mais simpática. A sua alegria era tão certa como a luz de cada manhã; podíamos contar com ela para levantar os ânimos mesmo nas horas mais profundas do Inverno, quando o vento uivava entre as telhas ejá estávamos fartos de jogar às cartas à luz de uma vela. O pai, dom Sebastián, adorava-a, não conseguia

recusar-lhe nada e costumava pedir-lhe meio a brincar, meio a sério, que ficasse solteirona para cuidar dele na velhice.

O Inverno chegou e partiu deixando entre os inquilinos duas crianças e um velho mortos de pneumonia; também morreu a avó que vivia lá em casa e que, segundo os cálculos, vivera mais de um século, porque já fizera a primeira comunhão quando o Chile declarou a sua independência de Espanha, em 1810. Todos foram enterrados com poucas cerimónias no cemitério de Caleufú, transformado num lamaçal devido às chuvas torrenciais. Não deixou de chover até Setembro, quando a Primavera começou a brotar por todos os lados e pudemos finalmente sair para o quintal para arejar a roupa e os colchões cheios de mofo. Dona Elvira tinha passado aqueles meses envolta em xailes, da cama para a poltrona, cada vez mais fraca. Uma vez por mês, muito discretamente, perguntava-me se "não havia novidades" e como não havia, aumentava as suas orações para que Diego e eu lhe déssemos mais netos.

Apesar das longas noites desse Inverno, a intimidade com o meu marido não melhorou. Encontrávamo-nos na escuridão em silêncio, quase como inimigos, e eu ficava sempre com o mesmo sentimento de frustração e de angústia irreprimível da primeira vez. Parecia-me que só nos abraçávamos quando eu tomava a iniciativa, mas posso estar errada, talvez não fosse sempre assim. Com a chegada da Primavera voltei a sair sozinha em excursões aos bosques e vulcões; galopando por aquelas imensidões, apaziguava-se um pouco a minha fome de amor, a fadiga e as nádegas magoadas pela sela superavam os desejos reprimidos. Voltava à tarde, húmida de bosque e de suor de cavalo, pedia que me preparassem um banho quente e ficava horas de molho na água perfumada com folhas de laranjeira.

"Cuidado, filhinha, cavalgadas e banhos são maus para o ventre, provocam esterilidade", avisava-me a minha atribulada sogra. Dona Elvira era uma mulher simples, pura bondade e espírito de abnegação, com uma alma translúcida reflectida na água mansa dos seus olhos azuis, a mãe que eu desejaria ter tido. Passava horas ao seu lado, ela tricotando para os netos e contando-me vezes sem conta as mesmas pequenas histórias da sua vida e de Caleufú, e eu ouvindo-a com a angústia de saber que ela não ia durar muito neste mundo. Por essa altura já suspeitava que um filho não encurtaria a distância entre Diego e eu, mas desejava-o apenas para oferecê-lo a Dona

Elvira como um presente. Ao imaginar a minha vida na herdade sem ela sentia uma angústia incurável.

O século chegava ao fim e os chilenos lutavam por incorporar-se ao progresso industrial da Europa e da América do Norte, mas os Domínguez, como muitas outras famílias conservadoras, viam com pavor o abandono dos costumes tradicionais e a tendência para imitar o estrangeiro. "São coisas do diabo", dizia dom Sebastián quando lia sobre os avanços tecnológicos nos seus jornais atrasados. O seu filho Eduardo era o único interessado no futuro, Diego vivia ensimesmado, Susana passava a vida com enxaqueca e Adela nunca mais saía da casca. Por mais longe que estivéssemos, os ecos do progresso chegavam até nós e não podíamos ignorar as mudanças na sociedade. Em Santiago tinha começado um frenesim de desportos, jogos e passeios ao ar livre, mais adequado a ingleses excêntricos do que a cómodos descendentes dos fidalgos de Castela e Leão. Um vendaval de arte e cultura proveniente de França refrescava o ambiente e um chiar pesado de maquinaria alemã interrompia a longa sesta colonial do Chile. Surgia uma classe média arrivista e educada que pretendia viver como os ricos. A crise social que estava a abanar os alicerces do país com greves, excessos, desemprego e cargas da polícia montada com sabres desembainhados, era um rumor longínquo que não alterava o ritmo da nossa vida em Caleufú, mas embora continuássemos na herdade a viver como os tetravós que dormiram naquelas mesmas camas há cem anos, o século vinte também nos caía em cima.

A minha avó Paulina tinha decaído muito, contaram-me Frederick Williams e Nívea del Valle por carta; estava a sucumbir aos muitos achaques da velhice e à premonição da morte.

Aperceberam-se de quanto envelhecera quando Severo del Valle lhe levou as primeiras garrafas do vinho produzido pelas parras que amadureciam mais tarde e que, souberam, se chamavam carmenere, um vinho tinto suave e voluptuoso, com muito pouco tanino, tão bom como os melhores de França, que baptizaram de Vinha Paulina.

Finalmente tinham nas mãos um produto único que lhes daria fama e dinheiro. A minha avó provou-o delicadamente. "É uma pena não poder gozá-lo; outros o beberão", disse e não voltou a mencioná-lo. Não houve a explosão de alegria e os comentários arrogantes que acompanhavam

habitualmente os seus triunfos empresariais; depois de uma vida descarada, estava a ficar humilde. O sinal mais claro da sua debilidade era a presença diária do conhecido sacerdote de sotaina pingona que rondava os agonizantes para lhes arrebatar as fortunas. Não sei se por iniciativa própria ou por sugestão daquele velho agoireiro de fatalidades, a minha avó desterrou para o fundo de uma cave a célebre cama mitológica, onde passou metade da sua vida, e em seu lugar pôs uma enxerga de soldado com um colchão de crina de cavalo. Isso pareceu-me um sintoma bastante alarmante e assim que a lama dos caminhos secou, anunciei ao meu marido que tinha de ir a Santiago ver a minha avó.

Esperava alguma oposição, mas foi exactamente ao contrário, em menos de vinte e quatro horas Diego organizou a minha viagem de carroça até ao porto, onde tomaria o barco para Valparaíso e daí continuaria de comboio até Santiago. Adela estava louca por acompanhar-me e tanto se sentou ao colo do pai, lhe mordiscou as orelhas, lhe puxou as patilhas e lhe suplicou que, por fim, dom Sebastián não conseguiu negar-lhe aquele novo capricho, apesar de Dona Elvira, Eduardo e Diego não estarem de acordo. Não tiveram de esclarecer as suas razões, adivinhei que não consideravam apropriado o ambiente que tinham visto em casa da minha avó e pensavam que eu não tinha maturidade para cuidar da menina como devia ser. Partimos então para Santiago, acompanhadas por um casal de alemães amigo que ia no mesmo vapor. Levávamos um escapulário do Sagrado Coração de Jesus ao peito para nos proteger de todo o mal, amém, o dinheiro cosido numa bolsinha sob o corpete, instruções precisas para não falarmos com desconhecidos e mais bagagem que a necessária para dar a volta ao mundo. Adela e eu passámos alguns meses em Santiago que teriam sido estupendos se a minha avó não tivesse estado doente. Recebeu-nos com fingido entusiasmo, cheia de planos para passeios, idas ao teatro e a Viña del Mar de comboio, para apanharmos o ar da costa, mas à última hora enviava-nos com Frederick Williams e ela ficava para trás. Foi o que aconteceu quando fizemos a viagem de carruagem para visitar Severo e Nívea del Valle nas vinhas, que nessa altura estavam a produzir as primeiras garrafas de vinho para exportação.

A minha avó considerou Vinha Paulina um nome demasiado crioulo e quis mudá-lo por um nome francês, para vender nos Estados Unidos, onde segundo ela ninguém entendia de vinhos, mas Severo opôs-se a semelhante

esperteza. Encontrei Nívea com o cabelo salpicado de branco e um pouco mais pesada, mas igualmente ágil, insolente e travessa, rodeada pelos filhos mais novos. “Julgo que finalmente me está a chegar a mudança, agora poderemos fazer amor sem medo de ter outro filho”, segredou-me ao ouvido, sem imaginar que vários anos mais tarde viria ao mundo Clara, clarividente, a mais estranha das criaturas nascidas neste numeroso e estrambótico clã Del Valle. A pequena Rosa, cuja beleza tantos comentários provocava, tinha cinco anos. Lamento que a fotografia não consiga captar o seu colorido, parece uma criatura do mar com os seus olhos amarelos e o seu cabelo verde, como bronze envelhecido. já nessa altura era um ser angélico, um pouco atrasada para a idade, que passava a flutuar como uma aparição. “De onde saiu? Deve ser filha do Espírito Santo”, brincava a mãe. Aquela menina tão bonita viera consolar Nívea da perda de dois dos seus pequenos, que morreram de difteria e da prolongada doença que estava a minar os pulmões de um terceiro. Tentei falar com Nívea sobre isso - dizem que não há sofrimento pior do que a perda de um filho - mas ela mudava de assunto. O máximo que chegou a dizer-me foi que por muitos séculos as mulheres sofreram a dor de dar à luz e de enterrar os seus filhos, e ela não era uma excepção. “Seria muita arrogância da minha parte julgar que Deus me abençoou enviando-me muitos filhos e que todos viveriam mais do que eu”, disse. Paulina del Valle não era nem a sombra de quem fora, tinha perdido o interesse pela comida e pelos negócios, quase não conseguia andar porque os joelhos fraquejavam, mas estava mais lúcida do que nunca. Em cima da sua mesa-de-cabeceira alinhavam-se os frascos de medicamentos e havia três freiras revezando-se para tratarem dela.

A minha avó adivinhava que não teríamos muitas oportunidades para voltarmos a estar juntas e pela primeira vez no nosso relacionamento dispôs-se a responder às minhas perguntas. Folheámos os álbuns de fotografias, que ela foi explicando uma a uma; contou-me as origens da cama encomendada a Florença e a sua rivalidade com Amanda Lowell, que vista na perspectiva da sua idade acabava por ser cómica, e falou-me do meu pai e do papel de Severo del Valle na minha infância, mas evitou decididamente o assunto dos meus avós maternos e de Chinatown, disse-me que a minha mãe tinha sido uma modelo americana muito bela, nada mais. Ás vezes, à tarde, sentávamo-nos na galeria envidraçada a conversar com Severo e Nívea del Valle. Enquanto ele falava sobre os anos em São Francisco e sobre as suas

experiências posteriores na guerra, ela fez-me recordar pormenores do que acontecera durante a Revolução, quando eu tinha apenas onze anos. A minha avó não se queixava, mas o tio Frederick avisou-me que sofria de dores intensas no estômago e que lhe custava muito vestir-se todas as manhãs. Fiel à sua crença de que cada um tem a idade que demonstra, continuava a pintar os poucos cabelos que ainda tinha na cabeça, mas já não se pavoneava com jóias de imperatriz, como fazia antigamente, "Sobram-lhe muito poucas", sussurrou-me misteriosamente o marido. A casa estava tão desmazelada como a sua dona, os quadros que faltavam tinham deixado espaços claros no papel de parede, havia menos móveis e tapetes, as plantas tropicais da galeria eram uma mata murcha e empoeirada e os pássaros viviam silenciosos nas suas gaiolas. O que o tio Frederick adiantara por carta acerca da enxerga de soldado em que a minha avó dormia era exacto. Ela sempre ocupara o maior quarto da casa e a sua famosa cama mitológica erguia-se ao centro como um trono papal; daí dirigia o seu império. Passava as manhãs entre os lençóis, rodeada pelas figuras aquáticas policromáticas que um artífice florentino tinha talhado há quarenta anos, estudando os seus livros de contabilidade, ditando cartas, inventando negócios.

Debaixo dos lençóis desaparecia-lhe a gordura e conseguia criar uma ilusão de fragilidade e beleza. Tirara-lhe inúmeras fotografias naquele leito de ouro e lembrei-me agora de fotografá-la com a sua modesta camisa de viyella e o seu xaile de avozinha numa enxerga de penitente, mas recusou categoricamente. Reparei que tinham desaparecido do seu quarto os bonitos móveis franceses de seda acolchoada, a grande secretária de pau-rosa com incrustações de madrepérola trazida da Índia, os tapetes e os quadros; por único adorno tinha um grande Cristo crucificado.

"Está a oferecer os móveis e as jóias à igreja", explicou-me Frederick Williams, o que nos levou a decidir substituir as freiras por enfermeiras e ver a maneira de impedir, nem que fosse à força, as visitas do padre apocalíptico que, além de levar coisas, contribuía para semear o medo. Iván Radovic, único médico em quem Paulina del Valle confiava, mostrou-se totalmente de acordo com estas medidas. Foi bom voltar a ver aquele antigo amigo - a verdadeira amizade resiste ao tempo, à distância e ao silêncio, como disse ele - e confessar-lhe, entre risos, que na minha memória aparecia sempre disfarçado de Gengis Khan. "São os pómulos eslavos" explicou-me com boa cara. Ainda tinha um leve ar de chefe tártaro, mas o contacto com

os doentes no hospital de pobres onde trabalhava tinham-no suavizado e além disso no Chile não parecia tão exótico como em Inglaterra; poderia ter sido um toqui araucano mais alto e mais limpo. Era um homem silencioso, que ouvia com muita atenção mesmo a tagarelice incessante de Adela, que imediatamente se apaixonou por ele e, habituada como estava a seduzir o pai, usou o mesmo método para bajular Iván Radovic. Infelizmente para ela, o médico via-a como uma garotinha inocente e graciosa, mas garotinha de qualquer forma. A incultura abismal de Adela e a petulância com que afirmava as suas tontices mais garrafais não o incomodavam, julgo que o divertiam, embora os ingénuos arrebatos de coquetterie conseguissem fazê-lo corar. O doutor inspirava confiança, era-me muito fácil falar-lhe de assuntos que raras vezes mencionava diante de outras pessoas com receio de aborrecê-las, como a fotografia. Interessava-o, porque se estava a utilizar na medicina há vários anos na Europa e nos Estados Unidos; pediu-me que lhe ensinasse a usar a máquina para levar um registo das suas operações e dos sintomas externos dos seus pacientes para documentar as suas conferências e aulas. Com esse pretexto fomos visitar dom Juan Ribero, mas encontrámos o estúdio fechado com um letreiro para venda. O cabeleireiro do lado informou-nos que o mestre já não trabalhava porque tinha cataratas nos dois olhos, mas deu-nos a sua direcção e fomos visitá-lo.

Vivia num edifício da Rua Monjitas que já conhecera dias melhores, grande, antiquado e cheio de fantasmas. Um empregado levou-nos através de vários quartos que comunicavam entre si, cobertos de cima abaixo com fotografias de Ribero, até uma sala com móveis antigos de caoba e poltronas desconjuntadas de felpa. Não havia candeeiros acesos e precisámos de alguns segundos para habituar os olhos à meia-luz e vislumbrar o mestre sentado com um gato nos joelhos junto da janela por onde entravam os últimos reflexos da tarde. Levantou-se e veio cumprimentar-nos com grande segurança, nada nos seus passos denunciava a sua cegueira.

- Menina Del Valle! Perdão, agora é senhora Domínguez, não é verdade? - exclamou, estendendo-me as mãos.

- Aurora, mestre, a mesma Aurora de sempre - respondi abraçando-o. Depois apresentei-o ao doutor Radovic e falei-lhe no seu desejo de aprender fotografia para fins médicos.

- Já não posso ensinar nada, meu amigo. O céu castigou-me onde mais me dói, na vista. Imaginem... um fotógrafo cego... que ironia!

- Não vê nada, mestre? - perguntei alarmada.

- Com os olhos não vejo nada, mas continuo a ver o mundo. Diga-me, Aurora, você mudou? Como está agora? A imagem mais clara que tenho de si é a de uma miudinha de treze anos postada à porta do meu estúdio com a teimosia de uma mula.

- Continuo a mesma, dom Juan, tímida, tonta e teimosa.

- Não, não, diga-me por exemplo como está penteada e de que cor é a sua roupa.

- A senhora traz um vestido branco, leve, com renda no decote, não sei de que tecido porque não entendo dessas coisas, e um cinto amarelo, como o laço do chapéu. Garanto-lhe que está muito bonita - disse Radovic.

- Não me faça passar vergonhas, doutor, peço-lhe - interrompi..

- E agora a senhora tem as faces coradas... - acrescentou e os dois riram-se em uníssono.

O mestre tocou uma campainha e entrou uma empregada com a bandeja do café. Passámos uma hora bastante entretida falando das novas técnicas e máquinas fotográficas que se usavam noutros países e de como tinha avançado a fotografia científica. Dom Juan Ribero estava a par de tudo.

- Aurora tem a intensidade, a concentração e a paciência que todo o artista precisa. Suponho que um bom médico precisa do mesmo, não é verdade? Peça-lhe que lhe mostre o seu trabalho, doutor, é modesta e não o fará se você não insistir - sugeriu o mestre a Iván Radovic quando nos despedimos. Alguns dias mais tarde surgiu a oportunidade de o fazer. A minha avó tinha amanhecido com dores de estômago horríveis e os calmantes habituais não estavam a ajudá-la, de modo que chamámos Radovic, que veio rapidamente e lhe administrou um forte composto de láudano. Deixámo-la na cama a descansar, saímos do quarto e lá fora ele explicou-me que se tratava de outro tumor, mas que ela já estava demasiado idosa para tentar uma nova operação, pois não resistiria à anestesia; só podia tentar controlar a dor e assisti-la para que morresse em paz. Quis saber quanto tempo lhe restava, mas não era fácil determiná-lo porque, apesar da sua idade, a minha avó era muito forte e o tumor crescia lentamente. “Prepare-se, Aurora, porque o desenlace pode ser dentro de poucos meses”, disse. Não consegui evitar as lágrimas, Paulina del Valle representava a minha única raiz, sem ela eu ficava à deriva e o facto de ter Diego por marido não aliviava a minha sensação de naufrágio, aumentava-a ainda. Radovic deu-me o seu lenço e

ficou mudo, sem olhar para mim, confuso com o meu pranto. Fi-lo prometer que me avisaria com tempo para vir do campo acompanhar a minha avó nos seus últimos momentos. O láudano fez efeito e ela tranquilizou-se rapidamente; quando adormeceu, acompanhei Radovic até à porta. Aí, perguntou-me se podia ficar um pouco porque dispunha de uma hora livre e na rua estava muito calor. Adela dormia a sesta, Frederick Williams tinha ido nadar ao clube e a enorme casa da Rua Exército Libertador parecia um barco imóvel. Ofereci-lhe um copo de horchata e instalámo-nos na galeria dos fetos e das gaiolas de pássaros.

- Assobie, doutor Radovic - sugeri-lhe.

- Assobiar? Para quê?

- Segundo os índios, assobiando chama-se o vento. Precisamos de um sopro de brisa para aliviar o calor.

- Enquanto eu assobio, por que não me traz as suas fotografias? Gostaria muito de as ver - pediu.

Trouxe várias caixas e sentei-me ao seu lado tentando explicar-lhe o meu trabalho. Mostrei-lhe primeiro algumas fotografias tiradas na Europa, quando me interessava mais a estética do que o conteúdo, depois as impressões em platina de Santiago e dos índios e inquilinos da herdade, finalmente as dos Domínguez. Observou-as com o mesmo cuidado com que examinava a minha avó, perguntando uma coisa ou outra de vez em quando.

Deteve-se nas fotografias da família de Diego.

- Quem é esta mulher tão bela? - quis saber.

- Susana, a mulher de Eduardo, meu cunhado.

- E suponho que este é Eduardo, não é verdade? - disse, apontando para Diego.

- Não, esse é Diego. Por que acha que ele é o marido de Susana?

- Não sei, pareceu-me... Nessa noite coloquei as fotografias no chão e estive horas a olhar para elas. Fui para a cama bastante tarde, angustiada.

Tive de despedir-me da minha avó porque chegara a hora de regressar a Caleufú. No soalheiro Dezembro de Santiago, Paulina del Valle sentiu-se melhor - o Inverno também tinha sido muito longo e solitário para ela - e prometeu visitar-me com Frederick Williams depois do Ano Novo, em vez de veranear na praia, como faziam aqueles que podiam fugir da canícula de Santiago. Sentia-se tão bem que nos acompanhou de comboio a Valparaíso,

onde Adela e eu apanhámos o barco para o sul. Voltámos ao campo antes do Natal porque não podíamos estar ausentes na festa mais importante do ano para os Domínguez. Com meses de antecipação, Dona Elvira verificava os presentes para os camponeses, fabricados em casa ou comprados na cidade: roupa e brinquedos para as crianças, tecido para vestidos e lã para as mulheres, ferramentas para os homens. Nessa data repartiam-se animais, sacos de farinha, chancaca ou açúcar negro, feijão e milho, charqui ou carne seca, erva-mate, sal e formas para marmelada, preparada em enormes caldeirões de cobre com fogueiras ao ar livre. Os inquilinos da herdade vieram dos quatro pontos cardeais, alguns andaram durante dias com as mulheres e os filhos para a festa. Mataram-se reses e cabras, cozinharam-se batatas e maçarocas frescas e prepararam-se panelas de feijão. A mim calhou-me decorar com flores e ramos de pinheiro as mesas compridas colocadas no pátio e preparar os jarros de vinho aguado com açúcar, que não dava para embebedar os adultos e que as crianças bebiam misturado com farinha tostada. Veio um padre que ficou dois ou três dias baptizando crianças, confessando pecadores, casando amigados e recriminando adúlteros. à meia-noite do dia 24 de Dezembro assistimos à missa do galo diante de um altar improvisado ao ar livre, porque não cabia tanta gente na pequena capela da herdade, e ao amanhecer, depois de um suculento pequeno-almoço de café com leite, pão amassado, nata, marmelada e frutas estivais, passearam o Deus Menino em alegre procissão, para que cada um pudesse beijar os seus pés de louça. Dom Sebastián escolhia a família que mais sobressaíra pela sua conduta moral para lhe entregar o Menino. Durante um ano, até ao próximo Natal, a urna de vidro com a pequena estátua ocuparia um lugar de honra no casebre daqueles camponeses, trazendo-lhes bênçãos. Enquanto estivesse ali, nada de mal lhes poderia acontecer. Dom Sebastián fazia as coisas de modo a dar a cada família uma oportunidade de ficar com Jesus sob o seu tecto. Nesse ano tínhamos, além disso, a obra alegórica sobre a chegada do século vinte, em que participavam todos os membros da família, menos Dona Elvira, demasiado fraca, e Diego, que preferiu encarregar-se dos aspectos técnicos, como a iluminação e os cenários pintados. Dom Sebastián, de muito bom humor, aceitou o triste papel do ano velho que partia resmungando e um dos filhos de Susana - ainda de fraldas - representava o ano novo.

À vista de comida gratuita, apareceram alguns índios pehuenches. Eram muito pobres - tinham perdido as suas terras e os planos de desenvolvimento do Governo ignoravam-nos -, mas por orgulho não chegavam de mãos vazias; traziam algumas maçãs debaixo das mantas, que nos ofereciam cobertas de suor e de porcaria, um coelho morto fedendo a carniça e umas cabaças com muchi, um licor preparado com um pequeno fruto de cor arroxeada que mastigam e cospem para uma caçarola misturado com saliva, deixando-o depois a fermentar. O velho cacique vinha à frente com as suas três mulheres e os seus cães, seguido por uma vintena de membros da sua tribo, os homens não largavam as suas lanças e apesar de quatro séculos de abusos e derrotas não tinham perdido o seu aspecto feroz. As mulheres não eram nada tímidas, eram tão independentes e poderosas como os homens, havia uma igualdade entre os sexos que Nívea del Valle teria aplaudido. Cumprimentavam na sua língua chamando cerimoniosamente "irmão" a dom Sebastián e aos seus filhos, que lhes deram as boas-vindas e os convidaram a participar na comezaina, mas vigiando-os de perto, porque ao primeiro descuido roubavam, O meu sogro argumentava que carecem de sentido de propriedade porque estão habituados a viver em comunidade e a partilhar, mas Diego alegava que os índios, tão rápidos em agarrar o alheio, não permitem que ninguém toque no que é seu. Receando que se embriagassem e se tornassem violentos, dom Sebastián ofereceu-lhes um barril de aguardente como incentivo para quando se fossem embora, porque não podiam abri-lo na sua propriedade.

Sentaram-se num grande círculo a comer, a beber, a fumar todos pelo mesmo cachimbo e a fazer longos discursos que ninguém ouvia, sem se misturarem com os inquilinos de Caleufú, embora as crianças brincassem todas juntas. Aquela festa deu-me oportunidade de fotografar os índios a meu bel-prazer e fazer amizade com algumas das mulheres com o objectivo de me permitirem visitá-las no seu acampamento no outro lado do lago, onde se tinham instalado para passar o Verão. Quando se esgotavam as pastagens ou se aborreciam da paisagem, arrancavam do chão os paus que suportavam os seus tectos, enrolavam os panos das tendas e partiam em busca de novas paragens. Se eu pudesse passar um tempo com eles, talvez se habituassem à minha presença e à máquina fotográfica. Queria fotografá-los nas suas tarefas quotidianas, ideia que horrorizou os meus sogros, porque circulavam

todo o tipo de histórias arrepiantes sobre os costumes dessas tribos nas quais o trabalho paciente dos missionários deixara apenas um verniz.

A minha avó Paulina não veio visitar-me nesse Verão, como prometera. A viagem de comboio ou de barco era suportável, mas a viagem de dias numa carroça puxada por bois desde o porto até Caleufú assustou-a. As suas cartas semanais representavam o meu principal contacto com o mundo exterior; à medida que as semanas passavam a minha nostalgia ia aumentando. O meu estado de espírito alterou-se, tornei-me insociável, andava mais calada do que o costume, arrastando a minha frustração como um pesado manto de noiva, A solidão aproximou-me da minha sogra, aquela mulher meiga e discreta, totalmente dependente do marido, sem ideias próprias, incapaz de lutar com os esforços mínimos da vida, mas que compensava a sua falta de conhecimentos com uma bondade enorme. As minhas birras silenciosas desfaziam-se em migalhas na sua presença; Dona Elvira tinha a virtude de equilibrar-me e de acalmar a ansiedade que às vezes me estrangulava.

Naqueles meses de Verão estivemos ocupados com colheitas, animais recém-nascidos e fabrico de conservas; o Sol punha-se às nove da noite e os dias tornavam-se eternos. Por essa altura, a casa que o meu sogro construíra para Diego e para mim já estava pronta, sólida, fresca, bonita, rodeada de alpendres por todos os lados, cheirando a barro fresco, madeira recém-cortada e alfavaca, que os inquilinos plantaram ao longo das paredes para afastar a pouca sorte e a bruxaria. Os meus sogros deram-nos alguns móveis que estavam na família há gerações; os restantes Diego comprou na povoação sem pedir a minha opinião. Em vez da cama larga onde tínhamos dormido até essa altura, comprou duas camas de bronze e colocou-as separadas por uma mesa-de-cabeceira. Depois do almoço a família recolhia-se aos seus quartos até às cinco da tarde em repouso obrigatório, porque se julgava que o calor paralisava a digestão. Diego estendia-se numa rede debaixo da latada a fumar durante algum tempo e depois ia ao rio nadar; gostava de ir sozinho e as poucas vezes que quis acompanhá-lo aborreceu-se, de forma que não insisti. Uma vez que não partilhávamos essas horas de sesta na intimidade do nosso quarto, eu destinava-as a ler ou a trabalhar no meu pequeno laboratório fotográfico, porque não consegui habituar-me a dormir a meio do dia. Diego nada me pedia, nada perguntava, demonstrava apenas um interesse bem-educado pelas minhas actividades ou sentimentos, nunca se impacientava com as minhas mudanças de disposição, com os meus

pesadelos, que tinham voltado com maior frequência e intensidade, ou com os meus silêncios obstinados. Passavam-se dias sem trocarmos uma palavra, mas ele parecia nem reparar. Fechava-me no mutismo como numa armadura, contando as horas para ver até quando conseguíamos esticar a situação, mas acabava sempre por ceder porque o silêncio pesava-me muito mais a mim do que a ele. Antes, quando partilhávamos a mesma cama, aproximava-me dele fingindo-me adormecida, colava-me às suas costas e enlaçava as minhas pernas nas dele; assim franqueava às vezes o abismo que inexoravelmente se ia abrindo entre nós. Nesses raros abraços eu não procurava prazer, que nem sabia ser possível, mas consolo e companhia. Por algumas horas vivia a ilusão de tê-lo reconquistado, mas chegava o amanhecer e tudo voltava a ser como sempre. Ao mudarmo-nos para a casa nova, até essa intimidade precária desapareceu, porque a distância entre as duas camas era maior e mais hostil do que as águas revoltosas do rio. às vezes, no entanto, quando acordava aos gritos acossada pelos meninos em pijamas pretos dos meus sonhos, ele levantava-se, vinha e abraçava-me firmemente até eu acalmar; esses eram talvez os únicos encontros espontâneos entre nós.

Preocupavam-no aqueles pesadelos, achava que podiam degenerar em demência, por isso arranjou um frasco de ópio e às vezes dava-me algumas gotas dissolvidas em licor de laranja, para me ajudar a dormir com sonhos felizes. Excepto nas actividades partilhadas com a restante família, Diego e eu passávamos muito pouco tempo juntos. Frequentemente ele partia em excursão atravessando a cordilheira até à Patagónia argentina, ou ia até à povoação comprar provisões, às vezes desaparecia durante dois ou três dias sem explicações e eu mergulhava numa angústia imaginando um acidente, mas Eduardo tranquilizava-me com o argumento de que o irmão sempre fora assim, um solitário criado na magnitude daquela natureza agreste, habituado ao silêncio, desde pequeno necessitando de grandes espaços, tinha alma de vagabundo e se não tivesse nascido na malha apertada daquela família, talvez tivesse sido marinheiro. Estávamos casados há um ano e eu sentia-me em falta, não fora apenas incapaz de lhe dar um filho, como também não conseguira fazê-lo interessar-se por mim, muito menos fazê-lo apaixonar-se: faltava alguma coisa fundamental na minha feminilidade. Achava que ele me tinha escolhido porque estava em idade de casar-se, a pressão do pai obrigara-o a procurar uma noiva; eu fora a primeira, talvez a única, que lhe apareceu pela frente. Diego não me amava, Soube-o desde o início, mas com

a arrogância do primeiro amor e dos meus dezanove anos, não me pareceu um obstáculo intransponível, julgava conseguir seduzi-lo à força de tenacidade, virtude e coquetterie, como nas histórias românticas. Na angústia de averiguar o que faltava em mim, dediquei horas e horas a fazer auto-retratos, alguns diante de um grande espelho que levei para o meu laboratório, outros colocando-me diante da máquina. Fiz centenas de fotografias, numas estou vestida, noutras despida, examinei-me por todos os ângulos e a única coisa que descobri foi uma tristeza crepuscular.

Da sua poltrona de doente, Dona Elvira observava a vida da família sem perder pitada e apercebeu-se das ausências prolongadas de Diego e da minha desolação, somou dois e dois e chegou a algumas conclusões. A sua delicadeza e o costume tão chileno de não falar de sentimentos impediam-na de abordar o problema directamente, mas nas muitas horas que passámos juntas e sozinhas foi-se dando uma aproximação íntima entre as duas; chegámos a ser como mãe e filha. Dessa forma, discretamente e aos poucos, falou-me das suas dificuldades com o marido nos primeiros tempos.

Casara-se muito jovem e só teve o primeiro filho cinco anos mais tarde, após várias perdas que lhe deixaram a alma e o corpo maltratados, Naquela época a Sebastián Domínguez faltava-lhe maturidade e sentido de responsabilidade para a vida de casado; era impetuoso, pândego e fornicador. Ela não utilizou esta palavra, evidentemente; acho que nem a conhecia. Dona Elvira sentia-se isolada, muito longe da família, sozinha e assustada, convencida de que o seu casamento fora um erro terrível do qual a única saída era a morte. “Mas Deus ouviu as minhas súplicas, tivemos Eduardo e da noite para o dia Sebastián mudou por completo; não há melhor pai nem marido, estamos juntos há mais de trinta anos e todos os dias dou graças aos céus pela felicidade que partilhamos. É preciso rezar, filhinha, isso ajuda muito”, aconselhou-me. Rezei, mas com certeza sem a intensidade e a perseverança devidas, porque nada mudou.

As suspeitas começaram meses antes, mas pu-las de lado enojada comigo mesma; não podia aceitá-las sem pôr em evidência alguma malvadez na minha própria natureza. Repetia a mim própria que essas conjecturas não podiam ser senão ideias do diabo que deitavam raízes e brotavam como tumores mortais no meu cérebro, ideias que tinha de combater sem piedade, mas as térmites do rancor puderam mais do que as minhas boas-intenções.

Primeiro foram as fotografias da família que mostrei a Iván Radovic. O que não era evidente ao simples olhar - pelo hábito de vermos só o que queremos ver, como dizia o meu mestre Juan Ribero - saiu reflectido a preto e branco no papel. A linguagem inequívoca do corpo, dos gestos, dos olhares, foi aparecendo ali. A partir dessas primeiras desconfianças recorri cada vez mais à máquina fotográfica; com o pretexto de fazer um álbum para Dona Elvira tirava a toda a hora instantâneos da família, que depois revelava na privacidade do meu laboratório e estudava com uma atenção perversa. Dessa forma cheguei a ter uma colecção miserável de pequenas provas, algumas tão subtis que só eu, envenenada pelo despeito, conseguia perceber. Com a máquina à frente da cara, como uma máscara que me tornava invisível, podia focar a cena e ao mesmo tempo manter uma distância glacial. Nos finais de Abril, quando o calor diminuiu, os cumes dos vulcões se cobriram de nuvens e a natureza começou a recolher-se para o Outono, os sinais revelados nas fotografias pareceram-me suficientes e comecei a tarefa odiosa de vigiar Diego, como qualquer mulher ciumenta.

Quando por fim tomei consciência daquela garra que me apertava a garganta e consegui dar-lhe o nome que tem no dicionário, senti que me afundava num pântano. Ciúmes. Quem nunca os sentiu não pode saber como magoam nem imaginar as loucuras que se cometem em seu nome. Nos meus trinta anos de vida sofri-os apenas daquela vez, mas a queimadura foi tão brutal que as cicatrizes ainda não se apagaram e espero que nunca se apaguem, como uma advertência para os evitar no futuro. Diego não era meu - ninguém pode jamais pertencer a outro - e o facto de ser sua mulher não me dava direitos sobre ele ou sobre os seus sentimentos, o amor é um contrato livre que se inicia numa faísca e pode terminar da mesma forma. Ameaçam-no milhares de perigos e, se o casal o defende, pode salvar-se, crescer como uma árvore e dar sombra e frutos, mas isso só acontece se ambos participarem. Diego nunca o fez, a nossa relação estava condenada desde o início. Hoje consigo compreender isso, mas nessa altura estava cega, no princípio de pura raiva e depois de desconsolo.

Ao espiá-lo de relógio na mão, fui-me apercebendo de que as ausências do meu marido não coincidiam com as suas explicações.

Quando aparentemente tinha ido caçar com Eduardo, chegava muitas horas antes ou depois do irmão; quando os restantes homens da família andavam na serração ou no rodeio a marcar gado, ele aparecia de repente no pátio e mais

tarde, se eu puxava pelo assunto, verificava-se que não estivera com eles durante todo o dia; quando ia às compras à povoação costumava regressar sem nada, porque supostamente não tinha encontrado o que procurava, mesmo que fosse uma coisa tão banal como um machado ou uma serra. Nas muitas horas que a família passava reunida evitava as conversas a todo o custo, era sempre ele quem organizava os jogos de cartas ou que pedia a Susana que cantasse. Se ela ficava com uma das suas enxaquecas, ele rapidamente se aborrecia e saía a cavalo de espingarda ao ombro. Não podia segui-lo nas suas excursões sem que ele notasse e sem levantar suspeitas na família, mas fiquei alerta para o vigiar quando estava perto. Dessa forma, reparei que às vezes se levantava a meio da noite e não ia à cozinha comer alguma coisa, como eu pensava; vestia-se, saía para o pátio e desaparecia por uma ou duas horas, regressando depois silenciosamente para a cama. Segui-lo na escuridão era mais fácil do que durante o dia, quando uma dúzia de olhos nos viam, era tudo uma questão de ficar acordada evitando o vinho durante o jantar e as gotas nocturnas de ópio. Uma noite, em meados de Maio, apercebi-me que escorregava da cama e à luz ténue da lamparina de óleo que mantínhamos sempre acesa diante da Cruz, vi que vestia as calças e as botas, agarrava na camisa e no casaco e saía. Esperei alguns instantes, depois levantei-me depressa e segui-o com o coração prestes a explodir-me no peito. Não conseguia vê-lo bem na casa às escuras, mas quando ele saiu para o pátio a sua silhueta recortou-se claramente à luz da Lua, que por uns momentos apareceu redonda no firmamento. O céu estava parcialmente coberto e de vez em quando as nuvens tapavam a Lua, envolvendo-nos na escuridão. Ouvi os cães ladrarem e pensei que, caso se aproximassem, denunciariam a minha presença, mas não vieram, e eu compreendi que Diego os tinha amarrado mais cedo. O meu marido deu a volta completa à casa e dirigiu-se rapidamente para um dos estábulos, onde estavam os cavalos de montar da família, que não se utilizavam nos trabalhos do campo, tirou a tranca do portão e entrou. Fiquei à espera, protegida pelo negrume de um olmo que havia a poucos metros das cavalariças, descalça e coberta apenas com uma fina camisa de dormir, sem me atrever a dar um passo, convencida de que Diego reapareceria a cavalo e eu não conseguiria segui-lo. Decorreu um tempo que me pareceu muito longo sem que nada acontecesse. De repente vislumbrei uma luz pela ranhura do portão aberto, talvez de uma vela ou de um candeeiro pequeno. Rangiam-me

os dentes e tremia convulsivamente de frio e de medo. Estava prestes a dar-me por vencida e regressar à cama, quando vi outra figura que se aproximava do recinto pelo lado do oriente - era óbvio que vinha da casa grande - e que entrava também no estábulo, fechando a porta nas suas costas. Deixei passar quase um quarto de hora antes de me decidir, depois obriguei-me a dar alguns passos, estava entumecida e mal conseguia mexer-me. Aterrorizada, aproximei-me do estábulo, sem saber como reagiria Diego se me descobrisse a espiá-lo, mas incapaz de retroceder. Empurrei suavemente o portão, que cedeu sem resistência, porque a tranca estava por fora, não se podia fechar por dentro, e consegui esgueirar-me como um ladrão pela estreita abertura. Lá dentro estava escuro, mas ao fundo tremeluzia uma luz mínima e para aí me dirigi em bicos de pés, sem respirar sequer, precauções inúteis, uma vez que a palha amortecia os meus passos e alguns dos animais estavam acordados, podia ouvi-los mexendo-se e resfolegando nos seus currais.

À luz ténue de uma lanterna pendurada numa viga e embalada pela brisa que entrava por entre as tábuas, vi-os. Tinham posto uns cobertores sobre um monte de palha, como um ninho, onde ela estava deitada de costas, vestida com um pesado sobretudo desabotoado sob o qual estava nua. Tinha os braços e as pernas abertos, a cabeça inclinada sobre um ombro, o cabelo preto tapando-lhe a cara e a pele a brilhar-lhe como madeira avermelhada na delicada claridade alaranjada da lanterna. Diego, coberto apenas pela camisa, estava ajoelhado diante dela e lambia-lhe o sexo. Havia um abandono tão absoluto na atitude de Susana e uma paixão tão contida nos gestos de Diego, que compreendi num instante até que ponto eu era alheia a tudo aquilo. Na verdade eu não existia, tal como Eduardo ou as três crianças, mais ninguém, só eles os dois amando-se inevitavelmente. Nunca o meu marido me acariciara daquela forma. Era fácil compreender que eles já tinham estado assim milhares de vezes, que se amavam há anos; compreendi finalmente que Diego se casara comigo porque precisava de um encobrimento para os seus amores com Susana. Num instante as peças daquele doloroso quebra-cabeças ocuparam o seu lugar, consegui explicar a mim própria a indiferença dele para comigo, as ausências que coincidiam com as enxaquecas de Susana, a sua relação tensa com o irmão Eduardo, a forma dissimulada com que se comportava com o resto da família e como fazia as coisas de forma a estar sempre perto dela, tocando-a, o pé contra o

seu, a mão no seu cotovelo ou no seu ombro e às vezes, como por acaso, na curvatura das suas costas ou do pescoço, sinais inconfundíveis que as fotografias me tinham revelado. Lembrei-me de quanto Diego amava as crianças e especulei que talvez não fossem seus sobrinhos, mas seus filhos, os três de olhos azuis, a marca dos Domínguez. Permaneci imóvel, enregelando aos poucos, enquanto eles faziam amor voluptuosamente, saboreando cada toque, cada gemido, sem pressa, como se tivessem o resto da vida pela frente. Não pareciam um casal de amantes num precipitado encontro clandestino mas um par de recém-casados na segunda semana da sua lua-de-mel, quando a paixão ainda está intacta, mas já existe a confiança e o conhecimento mútuo da carne. Eu, no entanto, nunca tinha tido uma intimidade assim com o meu marido, nem teria sido capaz de forjá-la mesmo nas minhas fantasias mais audazes. A língua de Diego percorria o interior das coxas de Susana, dos tornozelos até acima, detendo-se entre as suas pernas e descendo de novo, enquanto as mãos trepavam pela cintura dela e amassavam os seus seios redondos e opulentos, brincando com os mamilos erectos e lustrosos como uvas. O corpo de Susana, mole e suave, estremecia e ondulava, era um peixe no rio, a cabeça rodava de um lado para o outro no desespero do prazer, o cabelo sempre na cara, os lábios abertos num longo gemido, as mãos procurando Diego para o dirigir pela bonita topografia do seu corpo, até que a língua dele a fez explodir de prazer. Susana arqueou as costas para trás pelo gozo que a atravessava como um relâmpago e deu um grito rouco que ele sufocou esmagando a boca dela contra a dele. Depois Diego segurou-a entre os braços, embalando-a, acariciando-a como a um gato, sussurrando-lhe um rosário de palavras secretas ao ouvido, com uma delicadeza e uma ternura que nunca lhe julguei possíveis. A determinada altura ela sentou-se na palha, tirou o sobretudo e começou a beijá-lo, primeiro na testa, depois nas pálpebras, nas têmporas, demoradamente na boca, a língua dela explorando travessa as orelhas de Diego, saltando sobre a maçã-de-adão, roçando o pescoço, os dentes dela mordiscando os mamilos viris, os dedos perdidos nos pelos do peito. Então coube-lhe a ele abandonar-se por completo às carícias, deitou-se de barriga para baixo em cima dos cobertores e ela montou-o pelas costas, mordendo-lhe a nuca e o pescoço, passeando pelos ombros com pequenos beijos brincalhões, descendo até às nádegas, explorando, cheirando-o, saboreando-o e deixando um rasto de saliva no seu caminho. Diego deu a volta e a boca dela envolveu

o seu membro erecto e pulsante numa faina interminável de prazer, de dar e receber na mais recôndita intimidade, até ele não conseguir resistir por mais tempo e lançar-se sobre ela, penetrando-a, e rolarem como inimigos num emaranhado de braços e pernas e beijos e gemidos e suspiros e expressões de amor que eu nunca ouvira. Depois dormitaram num abraço quente cobertos com as mantas e com o sobretudo de Susana, como um casal de crianças inocentes. Retrocedi silenciosamente e empreendi o regresso a casa, enquanto o frio glacial da noite se apoderava inexoravelmente da minha alma.

Um precipício abriu-se à minha frente, senti a vertigem arrastar-me para o fundo, a tentação de saltar e desaparecer nas profundezas do sofrimento e do terror. A traição de Diego e o medo do futuro deixaram-me a flutuar sem ter onde agarrar-me, perdida e desconsolada; a fúria que me sacudiu no início não durou muito; imediatamente fui derrotada por um sentimento de morte, de luto absoluto. Tinha entregado a minha vida a Diego, confiara-me à sua protecção de marido, acreditei à letra nas palavras rituais do casamento: estávamos unidos até à morte. Não havia escapatória. A cena do estábulo colocou-me perante uma realidade de que me apercebera há muito tempo, mas recusava enfrentar. O primeiro impulso foi correr até à casa grande, postar-me a meio do pátio e uivar como uma louca, acordar a família, os inquilinos, os cães, fazendo deles testemunhas do adultério e do incesto. A minha timidez, no entanto, pôde mais do que o desespero, arrastei-me calada e às cegas até ao quarto que partilhava com Diego e sentei-me na cama a tiritar, enquanto as lágrimas me corriam pela cara, me empapavam o peito e a camisa. Nos minutos ou nas horas seguintes tive tempo de pensar no que acontecera e aceitar a minha impotência. Não se tratava de uma aventura da carne; o que uma Diego e Susana era um amor provado, disposto a correr todos os riscos e a arrastar à sua passagem todos os obstáculos que se pusessem pela frente, como um inexorável rio de lava ardente. Nem Eduardo nem eu contávamos para nada, éramos descartáveis, apenas uns insectos na imensidão da aventura passional daqueles dois.

Tinha de contar ao meu cunhado primeiro que tudo, decidi, mas ao imaginar a machadada que tal confissão provocaria na vida daquele homem bom, compreendi que não teria coragem para o fazer. Eduardo descobri-lo-ia por si próprio algum dia ou, com sorte, não o saberia nunca. Talvez

suspeitasse, como eu, mas não desejasse confirmá-lo para manter o frágil equilíbrio das suas ilusões; havia três crianças pelo meio, o seu amor por Susana e a coesão monolítica do clã familiar.

Diego regressou a determinada altura da noite, pouco antes da madrugada. à luz da lamparina de azeite viu-me sentada na cama, congestionada de choro, incapaz de pronunciar uma palavra e julgou que eu tinha acordado com outro dos meus pesadelos. Sentou-se ao meu lado e tentou puxar-me para si, como fazia nestas ocasiões, mas eu encolhi-me com um gesto instintivo e devo ter ficado com uma expressão terrível de rancor, porque retrocedeu de imediato. Ficámos a olhar um para o outro, ele surpreendido e eu detestando-o, até a verdade se instalar entre as duas camas inapelável e contundente como um dragão.

- O que vamos fazer agora? - foi a única coisa que consegui balbuciar.

Não tentou negá-lo nem justificar-se, desafiou-me com um olhar de aço, disposto a defender o seu amor a qualquer preço, mesmo que tivesse de matar-me. Então o dique de orgulho, educação e bons modos que me contivera durante meses de frustração desfez-se aos bocados e as censuras silenciosas transformaram-se numa avalancha de recriminações que nunca mais acabavam, e que ele recebeu impassível e silencioso, mas atento a cada palavra. Acusei-o de tudo o que me passou pela cabeça e por último supliquei que reconsiderasse, disse-lhe que estava disposta a perdoar e a esquecer, que fôssemos para longe, para onde ninguém nos conhecesse, que poderíamos começar de novo. Quando se me acabaram as palavras e as lágrimas, já era dia claro. Diego ultrapassou a distância que separava as nossas camas, sentou-se ao meu lado, agarrou-me nas mãos e com calma e seriedade explicou-me que amava Susana há muitos anos e que esse amor era a coisa mais importante da sua vida, mais do que a honra, que a restante família e que a salvação da sua própria alma; podia prometer que se separaria dela para me tranquilizar, disse, mas seria uma promessa falsa. Acrescentou que tinha tentado fazê-lo quando partira para a Europa, afastando-se dela durante seis meses, mas não tinha resultado. Chegou mesmo a casar-se comigo para ver se dessa forma conseguia quebrar o laço terrível com a cunhada, mas o casamento, longe de o ajudar na decisão de se afastar dela, facilitara-lhe as coisas, porque atenuava as suspeitas de Eduardo e do resto da família. No entanto, estava contente por finalmente eu ter descoberto a verdade, porque o desgostava enganar-me. Nada me podia

jogar à cara, garantiu-me, eu era muito boa esposa e ele lamentava muito não poder dar-me o amor que eu merecia. Sentia-se como um miserável cada vez que se escapulia do meu lado para estar com Susana, seria um alívio não ter de mentir-me mais. Agora a situação era clara.

- E Eduardo por acaso não conta? - perguntei.

- O que se passa entre ele e Susana é coisa deles. A relação entre nós é o que temos de decidir agora.

- Já o decidiste tu, Diego. Não tenho nada a fazer aqui, volto para a minha casa - disse-lhe.

- Agora, esta é a tua casa, estamos casados, Aurora. O que Deus uniu, não pode desfazer-se.

- Foste tu quem violou vários preceitos divinos - esclareci.

- Poderíamos viver como irmãos. Nada te faltará ao meu lado, sempre te respeitarei, terás protecção e liberdade para te dedicares às tuas fotografias ou ao que quiseres. A única coisa que te peço é que não faças um escândalo.

- Já não podes pedir-me nada, Diego.

- Não te peço por mim. Tenho o couro duro e posso dar a cara como um homem. Peço-te pela minha mãe. Ela não resistiria...

De modo que fiquei por Dona Elvira. Não sei como consegui vestir-me, lavar a cara com água, pentear-me, tomar café e sair de casa para os meus afazeres diários. Não sei como enfrentei Susana à hora do almoço nem que explicação dei aos meus sogros para justificar os meus olhos inchados. Esse dia foi o pior, sentia-me espancada e aturdida, a ponto de desatar num pranto à primeira pergunta. à noite tinha febre e doíam-me os ossos, mas no dia seguinte estava mais tranquila, selei o meu cavalo e lancei-me aos montes. Depressa começou a chover e continuei a trote até a pobre égua não poder mais, então desmontei e abri caminho a pé pela mata e pela lama, sob as árvores, escorregando e caindo e tornando a levantar-me, gritando com toda a força, enquanto a água me empapava. O poncho ensopado pesava tanto, que o deixei atirado e continuei tiritando de frio e queimando por dentro. Voltei ao pôr do Sol, sem voz e febril, bebi um chá quente e meti-me na cama. Do resto pouco me lembro porque, nas semanas seguintes estive bastante ocupada lutando com a morte e não tive tempo nem disposição para pensar na tragédia do meu casamento. A noite que passei descalça e seminua no estábulo e o galope debaixo de chuva provocaram-me uma pneumonia que por pouco não me matou. Levaram-me de carroça para o hospital dos

alemães, onde estive nas mãos de uma enfermeira teutónica de tranças louras, que à força de tenacidade me salvou a vida. Essa nobre valquíria era capaz de levantar-me como a um bebé nos seus poderosos braços de lenhadora e capaz também de dar-me canja de galinha às colherezinhas com uma paciência de ama.

No início de Julho, quando o Inverno se instalara definitivamente e a paisagem era só água - rios caudalosos, inundações, lamaçais, chuva e mais chuva -, Diego e mais dois inquilinos foram buscar-me ao hospital e levaram-me de volta para Caleufú, envolta em cobertores e peles, como um embrulho. Tinham instalado um toldo de lona encerada na carroça, uma cama e até um braseiro aceso para combater a humidade. Suando no meu envoltório de cobertores fiz o lento trajecto até casa, com Diego cavalgando ao lado. Várias vezes as rodas atolaram; não bastava a força dos bois para puxar a carroça, os homens tinham de colocar tábuas por cima da lama e puxar. Diego e eu não trocámos uma única palavra nesse longo dia de caminho. Em Caleufú, Dona Elvira veio receber-me chorando de alegria, nervosa, apressando as empregadas para não se descuidarem dos braseiros, das botijas de água quente, das sopas com sangue de vitela para me devolver as cores e a vontade de viver. Tinha rezado tanto por mim, disse, que Deus se apiedara.

Com o pretexto de sentir-me ainda muito vulnerável, pedi-lhe que me permitisse dormir na casa grande e ela instalou-me num quarto junto ao dela. Pela primeira vez na minha vida tive os cuidados de uma mãe. A minha avó, Paulina del Valle, que tanto me amava e tanto fizera por mim, não era dada a manifestações de carinho embora no fundo fosse muito sentimental. Dizia que a ternura, essa mistura açucarada de afecto e compaixão que costuma ser representada nos calendários com mães extasiadas diante dos berços dos seus bebés, era desculpável quando oferecida a animais indefesos, como gatos recém-nascidos, por exemplo, mas uma soberana tontice entre seres humanos. Na nossa relação houve sempre um tom irónico e descarado; pouco nos tocávamos, excepto quando dormíamos juntas na minha infância, e em geral tratávamo-nos com alguma brusquidão que era bastante cómoda para as duas. Eu recorria à ternura trocista quando queria fazê-la ceder e conseguia-o sempre, porque a minha portentosa avó amolecia com enorme facilidade, mais para fugir às demonstrações de afecto do que por fraqueza de carácter. Dona Elvira, por outro lado, era um ser simples a quem um sarcasmo como

os que a minha avó e eu costumávamos utilizar teria ofendido. Era naturalmente afectuosa, agarrava-me na mão e retinha-a entre as suas, beijava-me, abraçava-me, gostava de me pentear, dava-me pessoalmente os tónicos de tutano e bacalhau, aplicava-me cataplasmas de cânfora para a tosse e fazia-me suar a febre esfregando-me com óleo de eucalipto e embrulhando-me em cobertores quentes. Preocupava-se que eu comesse bem e descansasse, à noite dava-me as gotas de ópio e ficava a rezar ao meu lado até eu adormecer. Todas as manhãs me perguntava se tivera pesadelos e pedia-me que os contasse em pormenor, "porque falando neles perde-se-lhes o medo", conforme dizia. A sua saúde não era boa, mas arranjava forças não sei onde para cuidar de mim e acompanhar-me, enquanto eu fingia mais fragilidade do que realmente sentia para prolongar o idílio com a minha sogra. "Melhora depressa, filhinha, o teu marido precisa de ti ao seu lado", costumava dizer-me preocupada, embora Diego lhe repetisse a conveniência de que eu passasse o resto do Inverno na casa grande. Aquelas semanas sob o seu tecto a recuperar da pneumonia foram uma experiência estranha. A minha sogra ofereceu-me os cuidados e o carinho que nunca obteria de Diego. Esse amor meigo e incondicional agiu como um bálsamo e curou-me lentamente da vontade de morrer e do rancor que sentia contra o meu marido.

Consegui compreender os sentimentos de Diego e Susana e a fatalidade inexorável do que acontecera; a paixão deles devia ser uma força telúrica, um terramoto que os arrastou sem remédio. Imaginei como devem ter lutado contra aquela atracção antes de sucumbirem a ela, quantos tabus tiveram de vencer para estarem juntos, como deveria ser terrível o tormento de cada dia fingindo diante de toda a gente uma relação de irmãos enquanto por dentro ardiam de desejo. Deixei de interrogar-me como era possível não conseguirem ultrapassar a luxúria e o seu egoísmo lhes impedisse de ver o naufrágio que podiam provocar entre os seres mais próximos, porque adivinhei como deviam sentir-se dilacerados. Eu tinha amado Diego desesperadamente, podia entender o que Susana sentia por ele. Teria agido, eu também, como ela nas mesmas circunstâncias? julgava que não, mas era impossível garanti-lo.

Embora a sensação de fracasso continuasse intacta, consegui libertar-me do ódio, distanciar-me e colocar-me na pele dos outros protagonistas desse infortúnio; tive mais compaixão por Eduardo do que pena de mim própria; ele tinha três filhos e estava apaixonado pela mulher, para ele o drama dessa

infidelidade incestuosa seria pior do que para mim. Também pelo meu cunhado eu tinha de guardar silêncio, mas o segredojá não me pesava como uma pedra de moinho nas costas, porque o horror a Diego se atenuou, lavado pelas mãos de Dona Elvira. O meu agradecimento àquela senhora juntou-se ao respeito e afecto que sentia por ela desde o início, apeguei-me a ela como um cão fraldiqueiro; precisava da presença dela, da sua voz, dos seus lábios na minha testa. Sentia-me obrigada a protegê-la do cataclismo que se gerava no seio da sua própria família; estava disposta a permanecer em Caleufú escondendo a minha humilhação de mulher rejeitada, porque se me fosse embora e ela descobrisse a verdade, morreria de desgosto e de vergonha. A sua vida girava em redor dessa família, das necessidades de cada uma das pessoas que viviam entre as paredes da sua casa, esse era todo o seu universo. O meu acordo com Diego foi que eu cumpriria a minha parte enquanto Dona Elvira vivesse e depois ficava livre, ele deixava-me partir e não voltaria a entrar em contacto comigo. Deveria suportar a situação - infamante para muitos - de “mulher separada” e não poderia voltar a casar-me, mas ao menos já não teria de viver com um homem que não me amava.

Em meados de Setembro, quando já não tinha mais pretextos para permanecer em casa dos meus sogros e chegara o momento de voltar a viver com Diego, chegou o telegrama de Iván Radovic. Em duas linhas, o médico comunicava-me que devia regressar a Santiago porque se aproximava o fim da minha avó. Esperava essa notícia há meses, mas quando recebi o telegrama, a surpresa e a dor foram como uma martelada, fiquei aturdida. A minha avó era imortal. Não conseguia visualizá-la como a pequena velhinha careca e frágil que realmente era, mas como a amazona com duas perucas, gulosa e astuta que fora há anos. Dona Elvira recebeu-me nos seus braços e disse-me que não me sentisse só, agora tinha outra família, eu pertencia a Caleufú e ela iria cuidar de mim e proteger-me como o fizera antes Paulina del Valle. Ajudou-me a fazer as minhas duas malas, voltou a pendurar-me o escapulário do Sagrado Coração de Jesus ao pescoço e encheu-me de recomendações; para ela Santiago era um antro de perdição e a viagem uma aventura perigosíssima. Era a época de pôr novamente a serração a trabalhar, depois da paralisia do Inverno, o que foi uma boa desculpa para Diego não me acompanhar a Santiago, apesar da mãe insistir que devia fazê-lo. Eduardo foi levar-me ao barco. à porta da casa grande de Caleufú,

acenando com a mão, estavam todos: Diego, os meus sogros, Adela, Susana, as crianças e vários inquilinos. Não sabia que não voltaria a vê-los.

Antes de partir examinei o meu laboratório, onde não pusera os pés desde a noite aziaga no estábulo, e descobri que alguém tirara as fotografias de Diego e Susana, mas como certamente ignorava o processo de revelação, não procurou os negativos. De nada me serviam essas provas mesquinhas; destruí-as. Coloquei os negativos dos índios, das pessoas de Caleufú e do resto da família nas minhas malas, porque não sabia quanto tempo estaria ausente e não queria que se estragassem. Fiz, com Eduardo, a viagem a cavalo, a bagagem amarrada a uma mula, parando nas aldeias para comer e descansar. O meu cunhado, aquele homenzarrão com aspecto de urso, tinha O Mesmo carácter meigo da mãe, a mesma ingenuidade quase infantil. Pelo caminho tivemos tempo de conversar a sós, como nunca o tínhamos feito antes. Confessou-me que desde criança escrevia poesia, "como não o fazer quando se vive a meio de tanta beleza?", acrescentou, apontando a paisagem de bosque e água que nos rodeava. Contou-me que não tinha ambições, que não sentia curiosidade por outros horizontes, como Diego; bastava-lhe Caleufú. Quando foi à Europa na sua juventude sentiu-se perdido e profundamente infeliz, não conseguia viver longe daquela terra que amava. Deus fora bastante generoso com ele, disse, pusera-o a meio do paraíso terrestre. Despedimo-nos no porto com um abraço apertado, "que Deus te proteja sempre, Eduardo", disse-lhe ao ouvido. Ficou um pouco perplexo com aquela despedida solene.

Frederick Williams esperava-me na estação e levou-me na carruagem até à casa da Rua Exército Libertador. Estranhou ver-me tão magra e a minha explicação de que tinha estado bastante doente não o deixou satisfeito, observava-me pelo canto do olho perguntando com insistência por Diego, se eu era feliz, como era a família dos meus sogros e se me adaptara ao campo. Tendo sido a mais esplêndida mansão naquele bairro de palacetes, a casa da minha avó tornara-se tão decrépita como a dona. Vários postigos pendiam dos gonzos e as paredes pareciam desbotadas, o jardim estava tão abandonado que a Primavera nem o roçara e continuava mergulhado num Inverno triste. Por dentro a desolação era pior, os bonitos salões de outrora estavam quase vazios, móveis, tapetes e quadros tinham desaparecido; não restava nenhuma das famosas pinturas impressionistas, que tanto escândalo tinham causado há alguns anos. O tio Frederick explicou-me que a minha

avó, preparando-se para a morte, tinha doado quase tudo à Igreja. “Mas julgo que o dinheiro dela está intacto, Aurora, porque ainda faz as contas de cada centavo e tem os livros de contabilidade debaixo da cama”, acrescentou com uma piscadela de olho travessa. Ela, que só entrava numa igreja para ser vista, que detestava aquele enxame de padres pedinchões e de freiras bajuladoras que esvoaçava permanentemente em volta da restante família, tinha destinado no seu testamento uma soma considerável para a Igreja Católica.

Sempre astuta para os negócios, dispôs-se a comprar na morte aquilo que de pouco lhe servia na vida. Williams conhecia a minha avó melhor do que ninguém e acho que a amava quase tanto quanto eu, contra todas as previsões dos invejosos, não lhe roubou a fortuna para depois abandoná-la na velhice; em vez disso, defendeu os interesses da família durante anos, foi um marido digno dela, estava disposto a acompanhá-la até ao seu último suspiro e faria muito mais por mim, como ficou demonstrado nos anos vindouros.

Paulina tinha já muito pouca lucidez, as drogas para acalmar as dores mantinham-na num limbo sem lembranças nem desejos. Naqueles meses ficara reduzida a pele e osso, porque não conseguia engolir e alimentavam-na com leite através de um tubo de borracha que lhe tinham introduzido pelo nariz. Restavam-lhe apenas algumas madeixas brancas na cabeça e os seus grandes olhos escuros tinham diminuído, eram dois pontinhos num mapa de rugas. Inclinei-me para beijá-la, mas não me reconheceu e voltou-me a cara; a sua mão, pelo contrário, procurava às cegas no ar a do marido e quando ele a deu, uma expressão de paz alisou-lhe o rosto.

- Não sofre, Aurora, estamos a dar-lhe muita morfina - esclareceu o tio Frederick.

- Avisou os filhos dela?

- Sim, enviei um telegrama há dois meses, mas não responderam e não creio que cheguem a tempo; Paulina não tem muito tempo - disse comovido.

E assim foi. Paulina del Valle morreu silenciosamente no dia seguinte. Ao lado dela estavam o marido, o doutor Radovic, Severo, Nívea e eu; os filhos apareceriam muito mais tarde com os advogados a lutar pela herança que ninguém lhes disputava. O médico tirara o tubo da alimentação à minha avó e Williams calçara-lhe umas luvas, porque ela tinha as mãos geladas. Os lábios tinham ficado azuis e estava muito pálida. Foi respirando de uma forma cada vez mais imperceptível, sem angústia, e de súbito deixou

simplesmente de o fazer. Radovic tomou-lhe o pulso, decorreu um minuto, talvez dois, e nessa altura anunciou que ela morrera. Havia uma quietude suave no quarto, alguma coisa misteriosa acontecia, talvez o espírito da minha avó se tenha libertado e desse voltas como um pássaro confuso por cima do seu corpo, despedindo-se. A sua partida provocou-me uma enorme desolação, um sentimento antigo que já conhecia, mas que não consegui nomear ou explicar até alguns anos mais tarde, quando o mistério do meu passado finalmente se esclareceu e compreendi que a morte do meu avô Tao Chi'en, há muitos anos, me fizera mergulhar numa angústia semelhante. A ferida permanecia latente e abria-se agora com a mesma dor ardente. A sensação de orfandade que a minha avó me deixou era idêntica à que me embargou aos cinco anos, quando Tao Chi'en desapareceu da minha vida. Suponho que as dores antigas da minha infância - perda após perda -, enterradas durante anos nas camadas mais profundas da minha memória, levantaram a sua ameaçadora cabeça de Medusa para me devorarem: a minha mãe morta ao dar à luz, o meu pai ignorante da minha existência, a minha avó materna que me abandonou sem explicações nas mãos de Paulina del Valle e, sobretudo, a súbita falta do ser que mais amava, o meu avô Tao Chi'en.

Passaram nove anos desde esse dia de Setembro em que Paulina del Valle partiu; para trás ficaram essa e outras desgraças, agora consigo lembrar-me da minha grandiosa avó com o coração tranquilo.

Não desapareceu no imenso negrume de uma morte definitiva, como me pareceu a princípio; uma parte de si ficou por estes lados e anda sempre a rondar-me juntamente com Tao Chien; dois espíritos muito diferentes que me acompanham e me ajudam, o primeiro para as coisas práticas da vida e o segundo para resolver os assuntos sentimentais; mas quando a minha avó deixou de respirar no catre de soldado onde passou os seus últimos tempos, eu não suspeitava que voltaria e a dor deitou-me ao chão. Se fosse capaz de exteriorizar os meus sentimentos, talvez sofresse menos, mas ficam-me atolados cá dentro, como um enorme bloco de gelo e podem passar anos antes desse gelo começar a derreter. Não chorei quando ela se foi. O silêncio no quarto parecia um erro de protocolo, porque uma mulher que tinha vivido como Paulina del Valle devia morrer cantando com orquestra, como na ópera; em vez disso a sua despedida foi silenciosa, a única coisa discreta que fez em toda a sua vida. Os homens saíram do quarto, e Nívea e

eu, delicadamente, vestimo-la para a sua última viagem com o hábito das carmelitas que tinha pendurado no armário há um ano, mas não resistimos à tentação de lhe colocarmos por baixo a sua melhor roupa interior francesa de seda malva. Ao levantar o seu corpo, apercebi-me de como se tornara leve, restava apenas um esqueleto quebradiço e umas peles soltas. Em silêncio agradeci-lhe tudo o que fez por mim, disse-lhe as palavras de carinho que nunca me atreveria a articular se ela pudesse ouvir-me, beijei as suas mãos bonitas, as suas pálpebras de tartaruga, a sua testa nobre e pedi-lhe perdão pelas birras da minha infância, por ter chegado tão tarde à despedida, pela lagartixa seca que cuspi num falso ataque de tosse e outras partidas fortes que teve de suportar, enquanto Nívea aproveitava o pretexto que Paulina del Valle lhe oferecia para chorar sem ruído os seus filhos mortos. Depois de vestirmos a minha avó, espargimo-la com a sua colónia de gardénias e abrimos as cortinas para deixar entrar a Primavera, como ela teria gostado. Nada de carpideiras, nem de trapos pretos, nem de cobrir os espelhos, Paulina del Valle tinha vivido como uma imperatriz descarada e merecia ser louvada com a luz de Setembro. Assim o entendeu também Williams, que foi pessoalmente ao mercado e encheu a carruagem de flores frescas para decorar a casa.

Quando chegaram os parentes e amigos - de luto e de lenço na mão - escandalizaram-se, porque nunca tinham visto um velório à luz do sol, com flores de casamento e sem lágrimas. Foram embora balbuciando insídias e anos depois há ainda quem me aponte com o dedo, convencido de que me alegrei quando Paulina del Valle morreu, porque pretendia deitar a mão à herança. Nada herdei, no entanto, porque disso se encarregaram rapidamente os filhos dela com os seus advogados, mas também não precisava, uma vez que o meu pai me deixou o suficiente para viver com decência e o restante posso financiá-lo trabalhando. Apesar dos infinitos conselhos e lições da minha avó, não consegui desenvolver o seu olfacto para os negócios; nunca serei rica, e alegro-me por isso. Frederick Williams também não iria lutar com os advogados porque o dinheiro lhe interessava muito menos do que as más-línguas murmuraram durante anos. Além disso, a sua mulher deu-lhe muito em vida e ele, homem precavido, pô-lo a salvo. Os filhos de Paulina não conseguiram provar que o casamento da mãe com o antigo mordomo era ilegal e tiveram de resignar-se a deixar o tio Frederick em paz; também não conseguiram apropriar-se das vinhas, porque estavam em nome de Severo

del Valle, razão pela qual puseram os advogados atrás dos padres, para ver se conseguiam recuperar os bens que estes conseguiram assustando a doente com os caldeirões do inferno, mas até agora ninguém conseguiu vencer um julgamento contra a Igreja Católica, que tem Deus do seu lado, como toda a gente sabe. De qualquer forma, havia dinheiro de sobra e os filhos, vários parentes e até os advogados puderam viver disso até hoje.

A única alegria daquelas semanas deprimentes foi o reaparecimento nas nossas vidas da menina Matilde Pineda. Leu no jornal que Paulina del Valle tinha morrido e armou-se de coragem para aparecer na casa de onde fora expulsa nos tempos da Revolução. Chegou com um raminho de flores de presente, acompanhada pelo livreiro Pedro Tey. Ela envelhecera nesses anos e ao princípio nem a reconheci, ao contrário dele que continuava sendo o mesmo homenzinho careca com grossas sobrancelhas satânicas e pupilas ardentes.

Depois do cemitério, das missas cantadas, das novenas que se mandaram rezar e da distribuição das esmolas e caridades indicadas pela minha defunta avó, assentou a poeirada do aparatoso funeral e Frederick Williams e eu vimo-nos sozinhos na casa vazia. Sentámo-nos juntos na galeria envidraçada a lamentar a ausência da minha avó discretamente, porque não somos bons para o choro, e a recordá-la nas suas muitas grandezas e nas suas poucas misérias.

- O que pensa fazer agora, tio Frederick? - quis saber.

- Isso depende de si, Aurora.

- De mim?

- Não pude deixar de notar alguma coisa estranha em si, menina - disse, com aquela maneira subtil de perguntar, tão própria.

- Estive muito doente e o desaparecimento da minha avó pôs-me muito triste, tio Frederick. É tudo, não há nada de estranho, garanto-lhe.

- Lamento que me subestime, Aurora. Eu teria de ser muito tonto ou amá-la muito pouco para não me ter apercebido do seu estado de espírito. Diga-me o que se passa, para ver se posso ajudá-la.

- Ninguém me pode ajudar, tio.

- Ponha-me à prova, a ver... - pediu-me.

E nessa altura compreendi que não tinha mais ninguém neste mundo em quem confiar e que Frederick Williams tinha demonstrado ser um excelente conselheiro e a única pessoa da família com bom-senso. Bem que podia

contar-lhe a minha tragédia. Ouviu-me até ao fim com muita atenção, sem me interromper uma única vez.

- A vida é longa, Aurora. Agora vê tudo negro, mas o tempo cura e apaga quase tudo. Esta etapa é como andar por um túnel às cegas, parece-lhe não haver saída, mas prometo-lhe que há. Continue a andar, menina.

- O que será de mim, tio Frederick?

- Terá outros amores, talvez tenha filhos ou seja a melhor fotógrafa deste país - disse-me.

- Sinto-me tão confusa e tão só!

- Não está só, Aurora, eu estou consigo agora e continuarei a estar enquanto precisar de mim.

Persuadiu-me de que não devia voltar para junto do meu marido, que podia encontrar dúzias de pretextos para demorar o meu regresso durante anos, embora tivesse a certeza de que Diego não exigiria o meu regresso a Caleufú, pois convinha-lhe manter-me o mais longe possível, E quanto à bondosa Dona Elvira, não haveria outro remédio senão consolá-la com uma abundante correspondência, tratava-se de ganhar tempo, a minha sogra não estava bem do coração e não viveria muito mais, de acordo com o diagnóstico dos médicos. O tio Frederick garantiu-me que não tinha pressa nenhuma em abandonar o Chile, eu era a sua única família, amava-me como uma filha ou uma neta.

- Não tem ninguém em Inglaterra? - perguntei-lhe.

- Ninguém.

- O senhor sabe que circulam mexericos sobre as suas origens, dizem que é um nobre arruinado e a minha avó nunca desmentiu.

- Nada mais longe da verdade, Aurora! - exclamou, rindo-se.

- De modo que não tem nenhum brasão aí escondido? - ri-me também.

- Veja, menina.

Tirou o casaco, abriu a camisa, levantou a camisola interior e mostrou-me as costas. Estavam atravessadas por cicatrizes horrendas.

- Flagelação. Cem chicotadas por roubar tabaco numa colónia penal da Austrália. Cumpri cinco anos de pena antes de fugir numa balsa. Recolheu-me em alto mar um barco pirata chinês e puseram-me a trabalhar como escravo mas, assim que nos aproximámos da costa, fugi novamente. Assim, de salto em salto, acabei por chegar à Califórnia. A única coisa de nobre

inglês que tenho é a pronúncia, que aprendi com um lorde verdadeiro, o meu primeiro patrão na Califórnia. Também me ensinou o oficio de mordomo. Paulina del Valle contratou-me em 1870 e desde essa altura estive ao seu lado.

- A minha avó conhecia esta história, tio? - perguntei quando consegui recompor-me da surpresa e recuperar a voz.

- Evidentemente. Paulina divertia-se muito por as pessoas confundirem um condenado com um aristocrata.

- Por que o condenaram?

- Por roubar um cavalo quando tinha quinze anos. Ter-me-iam enforcado, mas tive sorte, comutaram-me a pena e acabei na Austrália. Não se preocupe, Aurora, não voltei a roubar um centavo na minha vida, as chicotadas curaram-me esse vício, mas o do tabaco é que não - riu-se ele.

De modo que ficámos juntos. Os filhos de Paulina del Valle venderam a mansão da Rua Exército Libertador, que hoje está transformada numa escola de raparigas, e colocaram em leilão o pouco que a casa ainda continha. Salvei a cama mitológica, levando-a antes da chegada dos herdeiros e escondendo-a desmontada num depósito do hospital público de Iván Radovic, onde permaneceu até os advogados se cansarem de esgaravatar pelos cantos à procura dos últimos vestígios das antigas posses da minha avó. Comprei com Frederick Williams uma quinta campestre nos arredores da cidade, a caminho da cordilheira; dispomos de doze hectares de terreno ladeado de álamos trémulos, invadido de jasmins aromáticos, lavado por um riacho modesto, onde tudo cresce em liberdade. Aí, Williams cria cães e cavalos de raça, joga croquete e outras actividades aborrecidas próprias dos ingleses; aí tenho o meu quartel de Inverno. A casa é uma antiguidade, mas tem o seu encanto, espaço para o meu laboratório de fotografia e para a célebre cama florentina, que se ergue com as suas criaturas marinhas policromáticas no centro do meu quarto. Nela durmo amparada pelo espírito vigilante da minha avó Paulina, que costuma aparecer a tempo de afugentar à vassourada os meninos de pijamas pretos dos meus pesadelos. Santiago crescerá certamente para o lado da Estação Central e a nós deixar-nos-ão em paz nesta campina bucólica de álamos e montes.

Graças ao tio Lucky, que me soprou o seu hálito afortunado quando nasci, e à protecção generosa da minha avó e do meu pai, posso dizer que tenho

uma vida boa. Disponho de meios e de liberdade para fazer o que quero, posso dedicar-me em cheio a percorrer a abrupta geografia do Chile com a minha máquina fotográfica ao pescoço, tal como o fiz nos últimos oito ou nove anos. As pessoas falam nas minhas costas, é inevitável; vários parentes e conhecidos que me crucificaram e que, se me vêem na rua, fingem não conhecer-me, não podem tolerar que uma mulher abandone o marido. Esses desaires não me tiram o sono: não tenho de agradar a toda a gente, só àqueles que realmente me importam, que não são muitos. Os tristes resultados da minha relação com Diego Domínguez deveriam ter-me curado para sempre dos amores precipitados e fervorosos, mas não foi assim. É verdade que andei alguns meses ferida na asa, arrastando-me dia a dia com uma sensação de derrota total, de ter jogado a minha única carta e ter perdido tudo. É verdade também que estou condenada a ser uma mulher casada e sem marido, o que me impede de "refazer" a minha vida, como dizem as minhas tias, mas esta estranha situação dá-me uma grande liberdade. Um ano depois de me separar de Diego voltei a apaixonar-me, o que significa que tenho a pele dura e cicatrizo depressa. O segundo amor não foi uma suave amizade que com o tempo se tenha convertido num romance experimentado, foi simplesmente um impulso de paixão que nos assaltou aos dois de surpresa e por puro acaso correu bem... bom, até agora, quem sabe como será no futuro.

Foi num dia de Inverno, um desses dias de chuva verde e pertinaz, de relâmpagos em série e tristeza no espírito, Os filhos de Paulina del Valle e os seus leguleios tinham voltado a importunar-nos com os seus intermináveis documentos, cada um com três cópias e onze selos, que eu assinava sem ler. Frederick Williams e eu tínhamos saído da casa da Rua Exército Libertador e estávamos ainda num hotel, porque as obras na quinta onde hoje vivemos ainda não estavam concluídas. O tio Frederick encontrou-se na rua com o doutor Iván Radovic, que não víamos há um bom tempo, e combinaram ir comigo ver uma companhia de zarzuela espanhola, que estava em digressão pela América do Sul, mas no dia combinado o tio Frederick caiu de cama constipado e eu vi-me sozinha no vestíbulo do hotel à espera, com as mãos geladas e os pés doridos porque os botins me apertavam. Havia uma catarata nos vidros das janelas e o vento sacudia as árvores da rua como se fossem espanadores, a noite não convidava a sair e por um momento invejei o catarro do tio Frederick, que lhe permitia ficar na cama com um bom livro e

uma chávena de chocolate quente. No entanto, a entrada de Iván Radovic fez-me esquecer o temporal. O médico vinha com o sobretudo empapado e quando me sorriu verifiquei que era muito mais bonito do que eu recordava. Olhámo-nos nos olhos e julgo que nos vimos pela primeira vez, pelo menos eu observei-o a sério e gostei do que vi. Houve um longo silêncio, uma pausa que noutras circunstâncias teria sido incómoda, mas nessa altura pareceu uma forma de diálogo. Ajudou-me a vestir a capa e encaminhámo-nos lentamente para a porta, vacilantes, sempre de olhos nos olhos.

Nenhum dos dois queria desafiar a tempestade que dilacerava o céu, mas também não queríamos separar-nos. Apareceu um porteiro com um grande guarda-chuva e ofereceu-se para nos acompanhar até à carruagem, que esperava à porta. Então saímos sem dizer uma palavra, hesitando. Não houve nenhum clarão de clarividência sentimental, nenhum pressentimento extraordinário de que éramos almas gémeas, não visualizei o início de um amor romanesco, nada disso, apercebi-me simplesmente dos saltos do meu coração, do ar que me faltava, do calor e do formigueiro na pele, da vontade tremenda de tocar naquele homem. Receio que da minha parte não tenha havido nada de espiritual nesse encontro, Só luxúria, embora eu nessa altura fosse demasiado inexperiente e o meu vocabulário fosse demasiado reduzido para dar a essa agitação o nome que tem no dicionário. O nome é o menos, o mais interessante é esse transtorno visceral ter tido mais força do que a minha timidez e ao abrigo da carruagem, onde não havia escapatória possível, ter segurado na cara dele entre as minhas mãos e sem pensar duas vezes tê-lo beijado na boca, tal como há muitos anos vira beijarem-se Nívea e Severo del Valle, com decisão e gulodice. Foi uma acção simples e inapelável. Não posso entrar em pormenores sobre o que se seguiu porque é fácil imaginá-lo e porque, se Iván o lesse nestas páginas, teríamos uma briga colossal. É preciso dizê-lo, as nossas batalhas são tão memoráveis como apaixonadas as nossas reconciliações; este não é um amor tranquilo e enjoativo, mas pode dizer-se a seu favor que é um amor persistente; os obstáculos não parecem amedrontá-lo, mas fortalecê-lo. O casamento é um assunto de bom senso, que a ambos nos falta. O facto de não estarmos casados facilita-nos o bom humor, de modo que cada um pode dedicar-se às suas coisas, dispomos do nosso próprio espaço e quando estamos prestes a explodir há sempre a saída de nos separarmos por alguns dias e voltarmos ajuntar-nos quando somos vencidos pela nostalgia dos beijos. Com Iván

Radovic aprendi a soltar a voz e as garras. Se o surpreendesse numa traição - que Deus não o permita -, como me aconteceu com Diego Domínguez, não me consumiria em pranto, como outrora; matá-lo-ia simplesmente sem o menor remorso.

Não, não vou falar sobre a intimidade que partilho com o meu amante, mas há um episódio que não posso calar, porque tem a ver com a memória e essa é, no fim de contas, a razão pela qual escrevo estas páginas. Os meus pesadelos são uma viagem às cegas na direcção das cavernas sombrias onde dormem as minhas mais antigas recordações, bloqueadas nos estratos profundos da consciência. A fotografia e a escrita são uma tentativa de agarrar os momentos antes que estes se desvaneçam, fixar as lembranças para dar sentido à minha vida. Há vários meses que Iván e eu estávamos juntos, já nos tínhamos acomodado na rotina de nos vermos discretamente, graças ao bom tio Frederick, que apoia os nossos amores desde o início. Iván tinha de dar uma conferência médica numa cidade do norte e eu acompanhei-o com o pretexto de fotografar as salitreiras, onde as condições de trabalho são bastante precárias. Os empresários ingleses recusavam dialogar com os operários e reinava um clima de violência crescente, que haveria de explodir alguns anos mais tarde. Quando isso aconteceu, em 1907, eu estava ali por acaso e as minhas fotografias são o único documento incontestável de que a matança de Iquique aconteceu, porque a censura do Governo apagou da face da história os dois mil mortos que eu vi na praça. Mas essa é outra história e não tem lugar nestas páginas. A primeira vez que fui àquela cidade com Iván não imaginava a tragédia que iria presenciar mais tarde; para ambos esta era uma curta lua-de-mel. Registámo-nos separadamente no hotel e nessa noite, depois de cada um ter efectuado o seu trabalho, ele veio ao meu quarto, onde eu o esperava com uma garrafa do estupendo Vinha Paulina. Até essa altura a nossa relação tinha sido uma aventura da carne, uma exploração dos sentidos, que para mim foi fundamental, porque graças a ela consegui superar a humilhação de ter sido rejeitada por Diego e compreender que eu não era uma mulher frustrada, como receava. Em cada encontro com Iván Radovic ia adquirindo mais confiança, vencendo a minha timidez e os meus pudores, mas não me apercebera de que essa gloriosa intimidade tinha dado lugar a um grande amor. Nessa noite abraçámo-nos, lânguidos, pelo bom vinho e pelas fadigas do dia, lentamente, como dois avós sábios que fizeram amor novecentas

vezes e já não conseguem surpreender-se nem defraudar-se. O que aconteceu de especial para mim? Nada, suponho, excepto a acumulação de experiências felizes com Iván, que nessa noite atingiram o número crítico necessário para me derrubar as defesas. Acontece que ao regressar do orgasmo envolta nos braços firmes do meu amante senti que um soluço me sacudia inteira e depois outro e mais outro, até me arrastar numa maré incontrolável de pranto acumulado. Chorei e chorei, entregue, abandonada, segura naqueles braços como não me lembrava de tê-lo estado antes. Um dique quebrou-se dentro de mim e essa antiga dor transbordou como neve derretida. Iván não me fez perguntas nem tentou consolar-me, abraçou-me com força contra o peito, deixou-me chorar até me acabarem as lágrimas e quando quis dar-lhe uma explicação fechou-me a boca com um longo beijo. Além disso nesse momento eu não tinha qualquer explicação, teria de inventá-la, mas agora sei - porque aconteceu noutras ocasiões - que, ao sentir-me absolutamente a salvo, abrigada e protegida, começou a voltar a memória dos cinco primeiros anos da minha vida, os anos que a minha avó Paulina e os outros cobriram com um manto de mistério.

Primeiro, num relâmpago de claridade, vi a imagem do meu avô Tao Chi'en murmurando o meu nome em chinês, Lai-Ming. Foi um instante muito breve, mas luminoso como a Lua. Depois revivi acordada o pesadelo recorrente que me atormentou desde sempre e nessa altura compreendi que existia uma relação directa entre o meu avô adorado e aqueles demónios em pijamas pretos. A mão que me solta no sonho é a mão de Tao Chi'en. Quem cai lentamente é Tao Chi'en. A mancha que se espalha inexorável sobre o empedrado da rua é o sangue de Tao Chi'en.

Estava há pouco mais de dois anos a viver oficialmente com Frederick Williams, mas cada vez mais rendida na minha relação com Iván Radovic, sem o qual já não conseguia conceber o meu destino, quando a minha avó materna, Eliza Sommers, reapareceu na minha vida. Regressou intacta, com o mesmo aroma de açúcar e baunilha, invulnerável ao desgaste das penúrias ou do esquecimento.

Reconheci-a ao primeiro olhar, apesar de terem decorrido dezassete anos desde que me deixara na casa de Paulina del Valle e durante todo esse tempo eu não tivesse visto uma fotografia sua e o seu nome tivesse sido pronunciado muito poucas vezes na minha presença. A sua imagem

permaneceu enredada nas engrenagens da minha nostalgia e tinha mudado tão pouco que, quando se materializou no umbral da nossa porta com a sua mala na mão, pareceu-me que nos tínhamos despedido no dia anterior e que tudo o que acontecera naqueles anos era uma ilusão. A única novidade foi ser mais baixa do que eu me lembrava, mas isso podia ser um efeito da minha própria estatura; a última vez que estivemos juntas eu era uma fedelha de cinco anos e olhava-a de baixo para cima. Continuava tesa como um almirante, com o mesmo rosto juvenil e o mesmo penteado severo, embora o cabelo estivesse salpicado de madeixas brancas. Usava até o mesmo colar de pérolas com que sempre a vira e que, sei-o agora, não tira nem para dormir. Veio com Severo del Valle, que estivera em contacto com ela durante todos estes anos, mas não mo dissera porque ela não o permitira.

Eliza Sommers dera a sua palavra a Paulina del Valle de que nunca tentaria pôr-se em contacto com a neta e cumpriu à letra até que a morte da outra a libertou da sua promessa. Quando Severo lhe escreveu contando-lhe, empacotou os seus baús e fechou a sua casa, tal como fizera muitas vezes antes, e embarcou para o Chile. Ao ficar viúva em 1885 em São Francisco, empreendeu a peregrinação à China com o corpo embalsamado do marido para o enterrar em Hong-Kong. Tao Chi'en tinha passado a maior parte da sua vida na Califórnia e era um dos poucos imigrantes chineses que conseguiu obter a cidadania americana, mas sempre manifestou o desejo de que os seus ossos acabassem enterrados na China, de modo a que a sua alma não se perdesse na imensidão do universo sem encontrar a porta do céu. Essa precaução não foi suficiente, porque tenho a certeza de que o fantasma do meu inefável avô Tao Chi'en anda ainda por estes mundos, porque de outra forma não saberia explicar como o sinto a rondar-me. Não é só imaginação, a minha avó Eliza confirmou-mo com algumas provas, como o cheiro a mar que às vezes me envolve e a voz que sussurra uma palavra mágica: o meu nome em chinês.

- Olá, Lai-Ming - foi o cumprimento daquela avó extraordinária ao ver-me.

- Oi poa! - exclamei.

Não dizia esta palavra - avó materna, em cantonês - desde a época remota em que vivia com ela por cima de uma clínica de acupunctura no bairro chinês de São Francisco, mas não a tinha esquecido. Ela pôs-me uma mão no

ombro e perscrutou-me dos pés à cabeça, depois aprovou com a cabeça e por fim abraçou-me.

- Alegro-me por não seres tão bonita como a tua mãe - disse.

- Isso mesmo dizia o meu pai.

- És alta, como Tao. E Severo diz-me que também és esperta como ele.

Na nossa família serve-se chá quando a situação é um pouco embaraçosa e como eu me sinto coibida quase todo o tempo, passo o dia a servir chá, Essa beberagem tem a virtude de ajudar-me a controlar os nervos. Morria de vontade de agarrar na minha avó pela cintura e de dançar uma valsa com ela, de contar-lhe a minha vida aos borbotões e de fazer-lhe as censuras que mastigara durante tantos anos no meu interior, mas nada disso foi possível.

Eliza Sommers não é o tipo de pessoa que convide a familiaridades, a sua dignidade acaba por ser intimidadora e iriam passar-se semanas até conseguirmos falar com tranquilidade. Felizmente o chá e a presença de Severo del Valle e de Frederick Williams, que regressou de um dos seus passeios pela quinta ataviado como um explorador africano, aliviaram a tensão. Assim que o tio Frederick tirou o chapéu e os óculos fumados e viu Eliza Sommers, alguma coisa mudou na sua atitude: encheu o peito, elevou a voz e enfunou as penas, A sua admiração aumentou para o dobro quando viu os baús e malas com os carimbos das viagens e se inteirou de que ela chegara até ao Tíbete.

Não sei se conhecer-me terá sido o único motivo da vinda da minha poa ao Chile, desconfio que lhe interessava mais seguir viagem até ao Antárctico, onde nenhuma mulher pusera ainda os pés, mas qualquer que fosse a razão, a sua visita foi fundamental para mim. Sem ela a minha vida continuaria semeada de zonas nebulosas; sem ela não teria podido escrever estas memórias. Foi esta avó materna quem me deu as peças que faltavam para montar o quebra-cabeças da minha vida, que me falou da minha mãe, das circunstâncias do meu nascimento e quem me deu a chave final dos meus pesadelos. Seria ela também quem me acompanharia mais tarde a São Francisco para conhecer o meu tio Lucky, um próspero comerciante chinês, gordo e baixote, absolutamente encantador, e desenterrar os documentos necessários para juntar os fios soltos da minha história. A relação de Eliza Sommers com Severo del Valle é tão profunda como os segredos que partilharam durante muitos anos; ela considera-o o meu verdadeiro pai, porque foi o homem que amou a sua filha e se casou com ela. A única função

de Matías Rodríguez de Santa Cruz foi fornecer alguns genes de uma forma acidental.

- O teu progenitor pouco importa, Lai-Ming, isso qualquer um pode fazê-lo. Foi Severo quem te deu o seu apelido e se responsabilizou por ti - garantiu.

- Nesse caso Paulina del Valle foi minha mãe e meu pai, tenho o nome dela e foi ela quem se responsabilizou por mim. Os outros passaram como cometas pela minha infância deixando apenas um rasto de pó sideral - rebati-a

- Antes dela, o teu pai e a tua mãe fomos Tao e eu, nós criámos-te, Lai-Ming - esclareceu-me com razão, porque aqueles avós maternos tiveram uma influência tão poderosa sobre mim, que durante trinta anos trouxe-os cá dentro como uma presença suave e tenho a certeza que continuarei a trazê-los pelo resto da minha vida.

Eliza Sommers vive noutra dimensão junto a Tao Chi'en, cuja morte foi um inconveniente grave, mas não um obstáculo para continuar a amá-lo como sempre. A minha avó Eliza é um daqueles seres destinados a um único amor grandioso, julgo que nenhum outro cabe no seu coração de viúva. Depois de enterrar o marido na China, junto ao túmulo de Lin, sua primeira mulher, e de cumprir os ritos fúnebres budistas tal como ele teria desejado, viu-se livre. Poderia ter regressado a São Francisco para viver com o seu filho Lucky e a jovem mulher que este encomendara por catálogo a Xangai, mas a ideia de converter-se em sogra receada e venerada equivalia a abandonar-se à velhice. Não se sentia só nem atemorizada com o futuro, uma vez que o espírito protector de Tao Chi'en anda sempre com ela; na verdade estão mais juntos do que antes, já não se separam nem por um instante. Habituou-se a conversar com o marido em voz baixa, para não parecer uma alienada aos olhos dos outros, e à noite dorme no lado esquerdo da cama, para lhe ceder o espaço da direita, como era costume.

O espírito aventureiro que a impelira a fugir do Chile aos dezasseis anos escondida no porão de um veleiro para ir até à Califórnia, despertou nela de novo ao ficar viúva. Recordou um momento de epifania aos dezoito anos, em plena febre do ouro, quando o relincho do seu cavalo e o primeiro raio de sol do amanhecer a acordaram na imensidão de uma paisagem agreste e solitária. Nessa madrugada descobriu a exaltação da liberdade. Tinha passado a noite sozinha debaixo das árvores, rodeada de milhares de

perigos: bandidos impiedosos, índios selvagens, víboras, ursos e outras feras, no entanto, pela primeira vez na sua vida não tinha medo.

Criara-se num espartilho, apertada no corpo, alma e imaginação, assustada até com os seus próprios pensamentos, mas aquela aventura libertara-a. Teve de desenvolver uma força que se calhar sempre tivera, mas que até essa altura ignorava porque não tivera necessidade de utilizá-la. Deixou a protecção da sua casa ainda uma menina, seguindo o rasto de um amante esquivo, embarcou grávida de um vagabundo num barco, onde perdeu o bebé e por pouco não perdeu a vida, chegou à Califórnia, vestiu-se de homem e dispôs-se a percorrê-la de uma ponta à outra, sem outras armas ou ferramentas além do impulso desesperado do amor. Foi capaz de sobreviver sozinha numa terra de machos onde imperava a cobiça e a violência, no processo adquiriu coragem e tomou o gosto à independência. Aquela euforia intensa da aventura nunca mais a esqueceu. Também por amor, viveu trinta anos como a discreta mulher de Tao Chi'en, mãe e pasteleira, cumprindo o seu dever, sem outros horizontes além da sua casa em Chinatown, mas o gérmen plantado nesses anos de nómada permaneceu intacto no seu espírito, pronto para desabrochar no momento propício. Com o desaparecimento de Tao Chi'en, único norte da sua vida, o momento de navegar à deriva tinha chegado. "No fundo sempre fui uma andarilha, o que quero é viajar sem rumo fixo", escreveu numa carta ao seu filho Lucky. Decidiu, no entanto, que antes disso tinha de cumprir a promessa que fizera ao pai, o capitão John Sommers, de não abandonar a sua tia Rose na velhice. De Hong-Kong partiu para Inglaterra disposta a acompanhar a velha senhora nos seus últimos anos; era o mínimo que podia fazer por aquela mulher que fora como uma mãe. Rose Sommers tinha mais de setenta anos e a saúde começava a fraquejar-lhe, mas continuava a escrever os seus romances de amor, todos mais ou menos iguais, convertida na mais famosa escritora romântica da língua inglesa. Havia curiosos que vinham de longe para ver a sua figura minúscula a passear o cão no parque e diziam que a rainha Vitória se consolava na viuvez lendo as suas histórias melosas de amores triunfantes. A chegada de Eliza, a quem amava como a uma filha, foi um consolo enorme para Rose Sommers, entre outras coisas porque lhe falhava o pulso e cada vez lhe custava mais agarrar na pena. A partir dessa altura começou a ditar-lhe os seus romances e mais tarde, quando lhe falhou também a lucidez, Eliza fingia tomar notas mas na realidade ela é que os escrevia, sem que o editor ou as

leitoras tivessem chegado a desconfiar; foi apenas uma questão de repetir a fórmula.

Com a morte de Rose Sommers, Eliza ficou na mesma casinha do bairro boémio - bastante valorizada porque a zona ficara na moda - e herdou o capital acumulado pela sua mãe adoptiva com os livrinhos de amor. A primeira coisa que fez foi visitar o seu filho Lucky em São Francisco e conhecer os netos, que lhe pareceram bastante feios e aborrecidos, partindo depois para sítios mais exóticos, cumprindo finalmente o seu destino de vagabunda. Era uma daquelas viajantes que se empenham em ir para os lugares de onde as outras pessoas fogem. Nada a satisfazia tanto como ver na sua bagagem carimbos e decalcomanias dos países mais recônditos do planeta; nada lhe dava tanto orgulho como apanhar uma doença rara ou ser mordida por algum bicho estranho. Andou às voltas durante anos com os seus baús de exploradora, mas voltava sempre à casinha de Londres, onde a esperava a correspondência de Severo del Valle com notícias minhas. Quando soube que Paulina del Valle já não estava neste mundo, decidiu regressar ao Chile, onde tinha nascido, mas no qual não pensara durante mais de meio século, para se reencontrar com a neta.

Talvez durante a longa travessia no vapor a minha avó Eliza se tenha lembrado dos seus primeiros dezasseis anos no Chile, este esbelto e airoso país; da sua infância ao cuidado de uma índia bondosa e da bonita Miss Rose; da sua existência segura e aprazível até surgir o amante que a engravidou, a abandonou para perseguir ouro na Califórnia e nunca mais deu sinais de vida. Como a minha avó Eliza acredita no karma, deve ter concluído que esse longo périplo foi necessário para se encontrar com Tao Chi'en, a quem tem de amar em cada uma das suas reencarnações. "Que ideia tão pouco cristã", comentou Frederick Williams quando tentei explicar-lhe por que Eliza Sommers não precisava de ninguém.

A minha avó Eliza trouxe-me de presente um baú desconjuntado, que me entregou com uma piscadela de olho marota nas suas pupilas escuras. Continha manuscritos amarelados assinados por Uma Dama Anónima. Eram os romances pornográficos escritos por Rose Sommers na sua juventude, outro segredo de família muito bem guardado. Li-os cuidadosamente com espírito puramente didáctico, para beneficio directo de Iván Radovic. Aquela divertida literatura - como ocorreriam semelhantes audácias a uma solteirona vitoriana? - e as confidências de Nívea del Valle, ajudaram-me a

combater a timidez, que ao princípio era um obstáculo quase intransponível entre Iván e eu. É verdade que no dia da tempestade, quando deveríamos ter ido à zarzuela e não fomos, eu adiantei-me e beijei-o na carruagem antes que o pobre homem conseguisse defender-se, mas o meu atrevimento só chegou até aí; depois perdemos um tempo precioso debatendo-nos entre a minha tremenda insegurança e os seus escrúpulos, porque não queria "arruinar a minha reputação", conforme dizia. Não foi fácil convencê-lo de que a minha reputação estava já bastante maltratada antes de ele aparecer no horizonte e continuaria a estar, porque não pensava regressar nunca mais para junto do meu marido nem renunciar ao meu trabalho ou à minha independência, tão mal vistos por estes lados. Depois da experiência humilhante com Diego, parecia-me impossível inspirar desejo ou amor. à minha ignorância absoluta em matéria sexual somava-se um sentimento de inferioridade, achava-me feia, desadequada, pouco feminina; tinha vergonha do meu corpo e da paixão que Iván despertava em mim. Rose Sommers, a longínqua tia-bisavó que não conheci, fez-me uma oferta fantástica ao dar-me essa liberdade brincalhona tão necessária para fazer amor. Iván costuma levar as coisas demasiado a sério, o seu temperamento eslavo tende para o trágico; às vezes mergulha no desespero porque não poderemos viver juntos até o meu marido morrer e nessa altura certamente já estaremos ambos muito velhos. Quando essas nuvens tempestuosas lhe obscurecem o estado de espírito, deito a mão aos manuscritos de Uma Dama Anónima, onde descubro sempre novos recursos para lhe dar prazer ou, pelo menos, para o fazer rir. Na tarefa de entretê-lo na intimidade, fui perdendo o pudor e adquirindo uma segurança que nunca tive. Não me sinto sedutora, não chegou a tanto o efeito positivo dos manuscritos, mas pelo menos já não receio tomar a iniciativa para arrebitar Iván, que de outro modo poderia acomodar-se à mesma rotina de sempre. Seria um desperdício fazermos amor como um velho casal se nem sequer estamos casados. A vantagem de ser amante é que temos de cuidar muito da nossa relação, porque tudo se conjuga para nos separar. A decisão de estarmos juntos deve ser renovada constantemente, e isso mantém-nos ágeis.

Esta é a história que me contou a minha avó Eliza Sommers.

Tao Chi'en não conseguia perdoar-se pela morte da sua filha Lynn.

Foi inútil a sua mulher e a Lucky repetirem-lhe que não havia poder humano capaz de impedir o cumprimento do destino, que como zhong-yi

tinha feito o possível e que a ciência médica conhecida era ainda impotente para prevenir ou deter uma dessas hemorragias fatais que matavam tantas mulheres durante o parto. Para Tao Chi'en foi como se tivesse andado em círculos para dar consigo de novo onde estivera há mais de trinta anos, em Hong-Kong, quando a sua primeira mulher, Lin, deu à luz uma menina. Também ela começara a esvair-se em sangue e no seu desespero para a salvar, oferecera ao céu qualquer coisa a troco da vida de Lin. O bebé morrera passados poucos minutos e ele pensou que esse fora o preço por salvar a sua mulher. Nunca imaginou que muito mais tarde, no outro lado do mundo, teria de pagar de novo com a sua filha Lynn.

- Não fale assim, pai, por favor - refutava Lucky. - Não se trata da troca de uma vida por outra, isso são superstições indignas de um homem da sua inteligência e cultura. A morte da minha irmã nada tem a ver com a morte da sua primeira mulher ou consigo. Estas desgraças acontecem a toda a hora.

- De que servem tantos anos de estudo e experiência se não consigo salvá-la? - lamentava-se Tao Chi'en.

- Milhões de mulheres morrem ao dar à luz, o senhor fez o que pôde por Lynn...

Eliza Sommers estava tão angustiada como o marido pela dor de ter perdido a sua única filha, mas além disso carregava a responsabilidade de cuidar da pequena órfã. Enquanto ela dormia em pé de cansaço, Tao Chi'en não fechava os olhos; passava a noite a meditar, dando voltas à casa como um sonâmbulo e chorando às escondidas. Há dias que não faziam amor e, tal como estavam os ânimos naquela casa, não se vislumbrava que pudessem fazê-lo num futuro próximo. Passada uma semana Eliza optou pela única solução que lhe ocorreu: colocou a neta nos braços de Tao Chi'en e participou-lhe que ela não se sentia capaz de criá-la, que tinha passado vinte e tal anos da sua vida a cuidar dos filhos Lucky e Lynn como uma escrava e que não lhe sobravam forças para começar de novo com a pequena Lai-Ming. Tao Chi'en viu-se a cargo de uma recém-nascida sem mãe, a quem tinha de alimentar de meia em meia hora com leite aguado recorrendo a um conta-gotas, porque ela mal conseguia engolir, e a quem tinha de embalar incessantemente porque chorava com cólicas dia e noite. A criança nem sequer era agradável à vista, era minúscula e enrugada, com a pele amarela pela icterícia, as feições esmagadas pelo parto difícil e sem um único cabelo na cabeça; mas passadas vinte e quatro horas desde que começara a cuidá-la,

Tao Chi'en conseguia olhar para ela sem se assustar. Passados vinte e quatro dias, durante os quais a levou numa bolsa pendurada ao ombro, a alimentou a conta-gotas e dormiu com ela, começou a parecer-lhe graciosa. Passados vinte e quatro meses durante os quais a criou como uma mãe, estava completamente apaixonado pela sua neta e convencido de que chegaria a ser ainda mais bonita do que Lynn, apesar de não existir o mais pequeno fundamento para isso. A pequena já não era o molusco que fora ao nascer, mas estava longe de parecer-se com a mãe. A rotina de Tao Chi'en, que antes se resumia ao consultório médico e às poucas horas de intimidade com a mulher, mudou por completo. O seu horário girava em torno de Lai-Ming, essa menina exigente que vivia agarrada a ele, a quem era preciso contar histórias, adormecer com canções, obrigar a comer, levar a passear, comprar-lhe os vestidos mais bonitos das lojas americanas e das de Chinatown, apresentar a toda a gente na rua, porque nunca se vira uma menina tão esperta, como julgava o avô, obnubilado pelo afecto. Tinha a certeza de que a sua neta era um génio e para o provar falava-lhe em chinês e em inglês, a que se juntou o estranho espanhol falado pela avó, criando uma confusão monumental. Lai-Ming respondia aos estímulos de Tao Chi'en como qualquer criança de dois anos mas a ele parecia-lhe que os seus escassos acertos eram a prova irrefutável de uma inteligência superior. Reduziu as suas consultas a algumas horas pela tarde, dessa forma podia passar a manhã com a neta ensinando-lhe novos truques, como a um macaco amestrado. De má vontade permitia que Eliza a levasse à casa de chá pela tarde, enquanto ele trabalhava, porque se lhe metera na cabeça que podia começar a treiná-la em medicina desde a infância.

- Na minha família há seis gerações de zhong-yi, Lai-Ming será a sétima, uma vez que tu não tens a menor apetência - comunicou Tao Chi'en ao seu filho Lucky.

- Pensei que só os homens pudessem ser médicos - comentou Lucky.

- Isso era dantes. Lai-Ming será a primeira mulher zhong-yi da história - replicou Tao Chi'en.

Mas Eliza Sommers não permitiu que ele enchesse a cabeça da neta com teorias médicas em tão tenra idade; haveria tempo para isso mais à frente, de momento era necessário tirar a menina de Chinatown algumas horas por dia para americanizá-la. Nesse ponto, pelo menos, os avós estavam de acordo, Lai-Ming devia pertencer ao mundo dos brancos, onde sem dúvida teria mais

oportunidades do que entre os chineses. Tinham a seu favor o facto de a miúda não apresentar traços asiáticos, saíra tão espanhola no aspecto como a família do pai. A possibilidade de Severo del Valle regressar um dia com o objectivo de reclamar a suposta filha e levá-la para o Chile era intolerável, de modo que não a mencionavam; partiram simplesmente do princípio que o jovem chileno respeitaria o acordado pois dera sobejas provas de nobreza. Não tocaram no dinheiro que destinou à criança, depositaram-no numa conta para a sua futura educação. De três em três ou de quatro em quatro meses, Eliza escrevia uma breve nota a Severo del Valle falando-lhe da "sua protegida", como a chamava, para deixar bem claro que não lhe reconhecia direitos de paternidade. Durante o primeiro ano não houve resposta, porque ele andava perdido no seu luto e na guerra, mas depois arranjou-se de forma a responder de vez em quando. A Paulina del Valle não voltaram a vê-la, porque não voltou à casa de chá e nunca cumpriu a sua ameaça de lhes tirar a menina e lhes arruinar a vida.

Assim decorreram cinco anos de harmonia na casa dos Chi'en, até se desencadearem inevitavelmente os acontecimentos que haveriam de destruir a família. Tudo começou com a visita de duas mulheres, que se anunciaram como missionárias presbiterianas e pediram para falar a sós com Tao Chi'en. O zhong-yi recebeu-as no consultório, porque pensou que vinham por motivos de saúde, não havia outra explicação para duas mulheres brancas aparecerem de improviso na sua casa. Pareciam irmãs, eram jovens, altas, rosadas, de olhos claros como a água da baía e tinham ambas a mesma atitude de radiante segurança que costuma acompanhar o zelo religioso. Apresentaram-se pelos seus nomes de baptismo, Donaldina e Martha, e passaram a explicar que a missão presbiteriana em Chinatown procedera até ao momento com muita cautela e discrição para não ofender a comunidade budista, mas que agora contava com novos membros decididos a implantar as normas mínimas da decência cristã naquele sector que, conforme disseram, "não era território chinês, mas americano e não se podia permitir que ali se violasse a lei e a moral". Tinham ouvido falar das sing-song girls, mas em torno do tráfico de crianças escravas para fins sexuais existia uma conspiração de silêncio. As missionárias sabiam que as autoridades americanas recebiam subornos e faziam vista grossa.

Alguém lhes dissera que Tao Chi'en seria o único com coragem suficiente para lhes contar a verdade e ajudá-las, por isso estavam ali. O zhong-yi

esperara décadas por esse momento. No seu lento trabalho de resgate dessas adolescentes miseráveis tinha contado apenas com a ajuda silenciosa de alguns amigos quakers, que se encarregavam de levar as pequenas prostitutas para fora da Califórnia e de as iniciar numa nova vida longe dos tongs e das proxenetas. A ele cabia-lhe comprar aquelas que conseguisse financiar nos leilões clandestinos e receber as que estavam demasiado doentes para servir nos bordéis; tentava curar-lhes o corpo e consolar-lhes a alma, mas nem sempre o conseguia, muitas lhe morriam nas mãos. Na sua casa havia dois quartos para receber as sing-song girls, quase sempre ocupados, mas Tao Chi'en sentia que à medida que a população chinesa crescia na Califórnia o problema das escravas se tornava cada vez pior e ele sozinho podia fazer muito pouco para aliviar o problema. Aquelas duas missionárias tinham sido enviadas pelo céu. Primeiro que tudo, dispunham do apoio da poderosa igreja presbiteriana e segundo eram brancas; elas poderiam mobilizar a imprensa, a opinião pública e as autoridades americanas para acabar com aquele tráfico impiedoso. De modo que lhes contou em pormenor como compravam ou raptavam na China essas meninas, como a cultura chinesa desprezava as raparigas e como era frequente naquele país encontrar recém-nascidas afogadas nos poços ou atiradas para a rua, mordidas por ratazanas ou cães. As famílias não as queriam, por isso era fácil adquiri-las por alguns centavos e trazê-las para a América, onde podiam explorá-las por milhões de dólares. Transportavam-nas como animais em grandes caixotes no porão dos barcos e aquelas que sobreviviam à desidratação e à cólera entravam nos Estados Unidos com falsos contratos matrimoniais. Eram todas noivas aos olhos dos funcionários da imigração e a tenra idade, o estado físico lamentável e a expressão de terror que traziam, aparentemente não levantavam suspeitas. Essas rapariguinhas não tinham importância.

O que acontecesse com elas era "assunto dos celestiais" que não dizia respeito aos brancos. Tao Chi'en explicou a Donaldina e Martha que a esperança de vida das sing-song girls, uma vez iniciadas no oficio, era de três ou quatro anos: recebiam até trinta homens por dia, morriam de doenças venéreas, abortos, pneumonia, fome e maus tratos; uma prostituta chinesa de vinte anos era uma curiosidade. Ninguém tinha um registo das suas vidas, mas como entravam no país com um documento legal, era necessário ter um registo das suas mortes, no caso improvável de alguém perguntar por elas. Muitas enlouqueciam. Eram baratas, podiam ser substituídas num abrir e

fechar de olhos, ninguém investia na sua saúde ou em fazê-las durar. Tao Chi'en indicou às missionárias o número aproximado de meninas escravas em Chinatown, quando se efectuavam os leilões e onde se situavam os bordéis, dos mais miseráveis, nos quais as meninas recebiam o tratamento de animais enjaulados, até aos mais luxuosos dirigidos pela célebre Ah Toy, que se convertera na maior importadora de carne fresca do país.

Comprava meninas de onze anos na China e na viagem para a América entregava-as aos marinheiros, de modo que ao chegar já sabiam dizer "pague primeiro" e distinguir o ouro verdadeiro do bronze, para que não as enganassem com o metal dos tontos. As raparigas de Ah Toy eram seleccionadas entre as mais bonitas e tinham melhor sorte do que as outras, cujo destino era serem leiloadas como gado e servir os homens mais miseráveis na forma que exigissem, incluindo as mais cruéis e humilhantes. Muitas delas transformavam-se em criaturas selvagens, com a atitude de animais ferozes, a quem tinham de amarrar com correntes à cama e manter aturdidas com narcóticos. Tao Chi'en deu às missionárias os nomes dos três ou quatro comerciantes chineses de fortuna e prestígio, entre eles o do seu próprio filho Lucky, que poderiam ajudá-las nessa tarefa, os únicos que estavam de acordo em eliminar este tipo de tráfico. Donaldina e Martha, com as mãos trémulas e os olhos húmidos, tomaram nota de tudo o que Tao Chi'en lhes contou, agradeceram-lhe e ao despedir-se perguntaram-lhe se poderiam contar com ele quando chegasse o momento de agir.

- Farei o que puder - respondeu o zhong-yi.

- Nós também, senhor Chi'en. A missão presbiteriana não descansará até pôr fim a esta perversão e salvar aquelas pobres crianças, nem que tenhamos de abrir à machadada as portas desses antros de perversão - garantiram-lhe.

Ao inteirar-se do que o seu pai fizera, Lucky Chi'en ficou abatido por maus presságios. Conhecia o ambiente de Chinatown muito melhor do que Tão e apercebia-se de que este cometera uma imprudência irreparável. Graças à sua habilidade e simpatia, Lucky tinha amigos em todos os níveis da comunidade chinesa; há anos que vinha efectuando negócios lucrativos e ganhando com moderação, mas com constância, nas mesas de fan-tan. Apesar da sua juventude, transformara-se numa figura querida e respeitada por todos, mesmo pelos tongs, que nunca o tinham incomodado. Durante anos ajudara o pai a resgatar as sing-song girls com o acordo tácito de não se meter em coisas maiores; compreendia claramente a necessidade de

discrição absoluta para sobreviver em Chinatown, onde a regra de ouro consistia em não se misturar com os brancos - os temidos e odiados fan-guey - e resolver tudo, em especial os crimes, entre compatriotas. Mais cedo ou mais tarde saber-se-ia que o pai informava as missionárias e estas as autoridades americanas. Não havia fórmula mais segura para atrair a desgraça e toda a sua sorte não chegaria para os proteger. Foi isso que disse a Tao Chi'en e foi isso que aconteceu em Outubro de 1885, no mês em que fiz cinco anos.

A sorte do meu avô decidiu-se na terça-feira memorável em que as duas jovens missionárias acompanhadas por três robustos polícias irlandeses e o velho jornalista Jacob Freemont, especializado em crimes, chegaram a Chinatown em plena luz do dia.

A actividade da rua parou e juntou-se uma multidão para seguir a comitiva de fan-guey, inusitada nesse bairro, que se dirigia com um passo decidido para uma casa pobretona em cuja porta estreita e gradeada assomavam os rostos pintados com pó de arroz e carmim de duas sing-song girls, oferecendo-se aos clientes com os seus miados e os seus peitos de cadelinhas à mostra. Ao verem aproximar-se os brancos, as rapariguinhas desapareceram no interior com gritos assustados e em seu lugar apareceu uma velha furiosa que respondeu aos polícias com um chorrilho de injúrias na sua língua. A uma indicação de Donaldina apareceu um machado nas mãos de um dos irlandeses que começaram a deitar a porta abaixo, perante o estupor da multidão. Os brancos irromperam através da porta estreita, ouviu-se alaridos, corridas e ordens em inglês e antes de terem passado quinze minutos, os atacantes reapareceram apressando meia dúzia de meninas aterrorizadas, a velha que vinha esperneando arrastada por um dos polícias, e três homens que caminhavam cabisbaixos sob a mira de uma pistola. Na rua armou-se um barulho e alguns curiosos quiseram avançar ameaçadores mas detiveram-se em seco quando soaram vários tiros para o ar. Os fan-guey fizeram as meninas e os outros detidos subir para uma carruagem fechada da Polícia e os cavalos levaram o carregamento.

As pessoas de Chinatown passaram o resto do dia a comentar o que acontecera. Anteriormente a Polícia nunca interviera no bairro por motivos que não dissessem respeito directamente aos brancos. Entre as autoridades americanas havia uma grande tolerância pelos "costumes dos amarelos",

como os qualificavam; ninguém se incomodava em investigar os antros de fumadores de ópio, as casas de jogo e muito menos as meninas escravas, considerada outra das grotescas perversões dos celestiais, como comer cães cozinhados com molho de soja. O único que não demonstrou surpresa mas complacência foi Tao Chi'en. O ilustre zhong-yi esteve prestes a ser agredido por dois rufias de um dos tongs no restaurante onde almoçava sempre com a neta, quando manifestou, em voz suficientemente alta para poder ser ouvido por cima do alvoroço do local, a sua satisfação pelo facto de, finalmente, as autoridades da cidade intervirem no assunto das sing-song girls. Embora a maior parte dos comensais das outras mesas considerarem que numa população quase inteiramente masculina as meninas escravas eram um artigo de consumo indispensável, vieram defender Tao Chi'en porque era a figura mais respeitada da comunidade. Se não fosse pela intervenção oportuna do dono do restaurante, tinha-se armado uma rixa. Tao Chi'en retirou-se indignado, levando a neta numa mão e na outra o almoço embrulhado num papel.

Talvez o episódio do bordel não tivesse consequências de maior se dois dias mais tarde não se tivesse repetido de forma semelhante noutra rua: as mesmas missionárias presbiterianas, o mesmo jornalista Jacob Freemont e os mesmos três polícias irlandeses, mas desta vez traziam mais quatro oficiais de apoio e dois cãezarrões ferozes que puxavam pelas correntes que os amarravam. A manobra durou oito minutos e Donaldina e Martha levaram dezassete meninas, duas proxenetas, dois rufiões e vários clientes que saíram segurando as calças. O boato sobre o que a missão presbiteriana e o governo dos fan-guey se propunham fazer espalhou-se como um rastilho de pólvora em Chinatown e chegou também às celas imundas onde sobreviviam as escravas. Pela primeira vez nas suas pobres vidas sentiram um sopro de esperança.

Foram inúteis as ameaças de matá-las à pancada caso se rebelassem ou as histórias pavorosas que lhes contaram sobre os demónios brancos que as levavam para lhes chuparem o sangue; a partir dessa altura as raparigas procuraram a forma de se fazerem ouvir pelas missionárias e numa questão de semanas as incursões da Polícia aumentaram, acompanhadas por artigos nos jornais. Desta vez a pena insidiosa de Jacob Freemont pôs-se finalmente ao serviço de uma boa causa, abanando as consciências dos cidadãos com a sua campanha eloquente sobre o destino horrível das pequenas escravas em

pleno coração de São Francisco. O velho jornalista haveria de morrer pouco depois sem chegar a ver o impacte dos seus artigos; Donaldina e Martha, pelo contrário, veriam o fruto do seu zelo.

Dezoito anos mais tarde conheci-as numa viagem a São Francisco, ainda têm a pele rosada e o mesmo fervor messiânico no olhar, ainda percorrem Chinatown diariamente, sempre vigilantes, mas já não as chamam malditas fan-guey e ninguém lhes cospe quando passam. Agora chamam-nas lomo, mãe amorosa, e inclinam-se para as cumprimentar. Resgataram milhares de meninas e eliminaram o tráfico descarado de crianças, embora não tenham conseguido acabar com outras formas de prostituição. O meu avô Tao Chi'en ficaria muito satisfeito.

Na segunda quarta-feira de Novembro, Tao Chi'en foi, como todos os dias, buscar a neta Lai-Ming à casa de chá da sua mulher na Praça da União. A menina ficava com a avó Eliza à tarde até o zhong-yi terminar de observar o último paciente no seu consultório e ir buscá-la. Eram só sete quarteirões de distância até casa, mas Tao Chi'en tinha o costume de percorrer as duas ruas principais de Chinatown a essa hora, quando se acendiam as lanternas de papel nas lojas, as pessoas acabavam o seu trabalho e saíam à procura de ingredientes para o jantar. Passeava de mão dada com a neta pelos mercados, onde se empilhavam as frutas exóticas trazidas do outro lado do mar, os patos lacados pendurados nos seus ganchos, os cogumelos, insectos, mariscos, órgãos de animais e plantas que só se podiam encontrar ali. Como na sua casa ninguém tinha tempo de cozinhar, Tao Chi'en escolhia cuidadosamente os pratos que levaria para o jantar, quase sempre os mesmos porque Lai-Ming era muito manhosa para comer. O avô tentava-a dando-lhe a provar os deliciados guisados cantoneses que vendiam nas lojas da rua, mas geralmente transigia sempre nas mesmas variedades de chau-mein e nas costeletas de porco. Nesse dia Tao Chi'en usava pela primeira vez um fato novo, feito pelo melhor alfaiate chinês da cidade, que trabalhava apenas para os homens mais ilustres. Vestira-se à americana durante muitos anos, mas desde que obtivera a cidadania procurava fazê-lo com esmerada elegância, como sinal de respeito para com a sua pátria adoptiva. Estava muito bonito no seu fato escuro perfeito, camisa de colarinho duro com gravata de plastrão, sobretudo de fazenda inglesa, cartola e luvas de pelica cor de marfim. O aspecto da pequena Lai-Ming contrastava com a roupa ocidental do avô: vestia calças quentes e um casaco de seda acolchoado em

tons brilhantes de amarelo e azul, tão grossos que a menina se movia em bloco, como um urso; levava o cabelo apanhado numa trança apertada e um gorro preto bordado à moda de Hong-Kong.

Ambos chamavam a atenção na multidão heterogénea, quase toda masculina, vestida com as típicas calças e túnicas pretas, tão comuns que a população chinesa parecia fardada. As pessoas paravam para cumprimentar o zhong-yi, pois se não eram seus pacientes pelo menos conheciam-no de vista e de nome, e os mercadores davam algum presente à neta para agradarem ao avô: um escaravelho fosforescente na sua gaiolinha de madeira, um leque de papel, uma guloseima. Ao anoitecer em Chinatown havia sempre uma atmosfera festiva, ruído de conversas gritadas, regateio e pregões; cheirava a fritos, condimentos, peixe e lixo, porque os desperdícios se acumulavam no meio da rua. O avô e a neta passearam pelos locais onde habitualmente faziam as suas compras, tagarelaram com os homens que jogavam mah-yong sentados nos passeios, foram ao recanto do ervanário buscar uns remédios que o zhong-yi mandara vir de Xangai, pararam um pouco numa casa de jogo para, da porta, verem as mesas de fan-tan, porque Tao Chi'en sentia fascínio pelas apostas, mas evitava-as como a peste. Beberam também uma chávena de chá verde na loja do tio Lucky, onde puderam admirar o último carregamento de antiguidades e móveis entalhados que tinha acabado de chegar, e a seguir deram meia volta para fazerem novamente o caminho em passo tranquilo até casa. De repente um rapaz bastante agitado aproximou-se a correr para suplicar ao zhong-yi que viesse a correr porque acontecera um acidente: um homem tinha sido pisado no peito por um cavalo e estava a cuspir sangue. Tao Chi'en seguiu-o a toda a pressa sem soltar a mão da neta por uma ruazinha lateral e depois por outra e mais outra, metendo-se por passagens estreitas na topografia demencial do bairro, até ficarem sozinhos numa ruela sem saída, iluminada apenas por lanternas de papel de algumas janelas, que brilhavam como pirilampos fantásticos. O rapaz tinha desaparecido. Tao Chi'en conseguiu aperceber-se de que tinha caído numa armadilha e tentou retroceder, mas já era tarde.

Das sombras surgiram vários homens armados com paus que o rodearam. O zhong-yi tinha estudado artes marciais na sua juventude e usava sempre um punhal no cinto sob o casaco, mas não conseguia defender-se sem soltar a mão da menina. Teve alguns instantes para perguntar o que queriam, o que estava a acontecer, e ouvir o nome de Ah Toy enquanto os homens de

pijamas pretos, com as caras cobertas com lenços, dançavam à sua volta; a seguir recebeu o primeiro golpe nas costas. Lai-Ming sentiu-se puxada para trás e tentou agarrar-se ao avô, mas a mão querida soltou-a.

Viu os garrotes subirem e descerem sobre o corpo do avô, viu saltar um jorro de sangue da cabeça dele, viu-o cair com a cara contra o chão, viu como continuavam a bater-lhe até não passar de um vulto ensanguentado sobre o empedrado da rua.

"Quando trouxeram Tão numa padiola improvisada e vi o que tinham feito com ele, algo dentro de mim se partiu em mil pedaços, como um copo de cristal, e derramou para sempre a minha capacidade de amar. Sequei por dentro. Nunca mais voltei a ser a mesma pessoa. Sinto carinho por ti, Lai-Ming, também por Lucky e pelos seus filhos, tive-o por Miss Rose, mas amor só consigo senti-lo por Tão. Sem ele, nada tem muita importância; cada dia que vivo é um dia a menos na longa espera para me reunir com ele de novo", confessou-me a minha avó Eliza Sommers. Acrescentou que teve pena de mim, porque aos cinco anos tive de presenciar o martírio do ser que mais amava, mas julgou que o tempo apagaria o trauma. Pensou que a minha vida junto de Paulina del Valle, longe de Chinatown, seria suficiente para me fazer esquecer Tao Chi'en. Nunca imaginou que a cena da ruela ficaria para sempre nos meus pesadelos, e que o cheiro, a voz e o contacto suave das mãos do meu avô me perseguiriam acordada.

Tao Chi'en chegou vivo aos braços da mulher, dezoito horas mais tarde recuperou a consciência e passados poucos dias conseguia falar. Eliza Sommers tinha chamado dois médicos americanos que em várias ocasiões tinham recorrido aos conhecimentos do zhong-yi. Examinaram-no tristemente: tinham-lhe partido a coluna vertebral e no caso improvável de sobreviver, ficaria com metade do corpo paralisado. A ciência nada podia fazer por ele, disseram. Limitaram-se a limpar as suas feridas, endireitar um pouco os ossos partidos, coser-lhe a cabeça e deixar-lhe doses maciças de narcóticos. Entretanto a neta, esquecida por todos, encolheu-se num canto junto da cama do avô, chamando-o sem voz - oi goa!, oi goa...! - sem entender por que não lhe respondia, por que não lhe permitiam aproximar-se, por que não podia dormir aninhada nos seus braços como sempre. Eliza Sommers administrou as drogas ao doente com a mesma paciência com que tentou fazê-lo engolir a sopa por um funil. Não se deixou abater pelo desespero, tranquila e sem choro velou o marido durante dias, até ele

conseguir falar-lhe através dos lábios inchados e dos dentes despedaçados. O zhong-yi sabia sem margem para dúvidas que naquelas condições não podia nem desejava viver, e manifestou isso mesmo à sua mulher, pedindo-lhe que não lhe desse de comer ou beber. O amor profundo e a intimidade absoluta que tinham partilhado por mais de trinta anos permitia-lhes adivinhar o pensamento um do outro; não houve necessidade de muitas palavras. Se Eliza teve a tentação de suplicar ao marido que vivesse inutilizado numa cama, só para não a abandonar neste mundo, engoliu as palavras, porque o amava demasiado para lhe pedir semelhante sacrifício. Por outro lado, Tao Chi'en não teve de explicar nada, porque sabia que a mulher faria o indispensável para o ajudar a morrer com dignidade, tal como ele faria por ela, se as coisas tivessem acontecido de outra forma.

Pensou que também não valia a pena insistir em que levassem o seu corpo para a China, porque já não lhe parecia realmente importante e não desejava aumentar o peso sobre os ombros de Eliza, mas ela tinha decidido fazê-lo de qualquer forma. Nenhum dos dois tinha vontade de discutir aquilo que era óbvio. Eliza disse-lhe simplesmente que não era capaz de o deixar morrer de fome e de sede, porque isso poderia demorar muitos dias, talvez semanas, e ela não permitiria que ele sofresse tão longa agonia.

Tao Chi'en disse-lhe como fazê-lo. Pediu-lhe que fosse ao consultório, procurasse num determinado gabinete e trouxesse um frasco azul. Ela ajudara-o na clínica durante os primeiros anos da sua relação e ainda o fazia quando o assistente faltava, sabia ler os caracteres chineses dos recipientes e dar uma injecção. Lucky entrou no quarto para receber a bênção do pai e saiu a seguir, sacudido pelos soluços. "Nem Lai-Ming nem tu devem preocupar-se, Eliza, porque não vou desampará-las, estarei sempre perto para as proteger, nada de mal poderá acontecer a nenhuma das duas", murmurou Tao Chi'en. Ela pegou na neta ao colo e aproximou-a do avô para que pudesse despedir-se. A menina viu o rosto tumefacto e retrocedeu assustada, mas nessa altura descobriu as pupilas pretas que a olhavam com o mesmo amor seguro de sempre e reconheceu-o.

Agarrou-se aos ombros do avô e enquanto o beijava e o chamava desesperada, molhava-o com lágrimas quentes, até a afastarem de um puxão e a levarem para fora onde aterrou no peito do tio Lucky.

Eliza Sommers voltou ao quarto onde fora tão feliz com o marido e fechou suavemente a porta atrás de si.

- O que aconteceu então, oi-poa? - perguntei-lhe.

- Fiz o que tinha de fazer, Lai-Ming. Depois deitei-me junto de Tao e beijei-o demoradamente. O seu último sopro ficou comigo...

## EPÍLOGO

Se não fosse pela minha avó Eliza, que veio de longe iluminar os recantos sombrios do meu passado, e por estes milhares de fotografias que se acumulam em minha casa, como poderia contar esta história? Teria de a forjar com a imaginação, sem outro material além dos fios evasivos de muitas vidas alheias e de algumas lembranças ilusórias. A memória é ficção. Seleccionamos o mais brilhante e o mais escuro, ignorando o que nos envergonha, e assim bordamos a larga tapeçaria da nossa vida. Através da fotografia e da palavra escrita tento desesperadamente vencer a condição fugaz da minha existência, agarrar os momentos antes que se desvaneçam, iluminar a confusão do meu passado. Cada instante desaparece num sopro e imediatamente se converte em passado, a realidade é efémera e migratória, pura saudade. Com estas fotografias e estas páginas mantenho vivas as lembranças; elas são o meu apoio a uma verdade fugitiva, mas verdadeira de qualquer forma, elas provam que estes factos aconteceram e estas personagens passaram pelo meu destino. Graças a elas posso ressuscitar a minha mãe, morta quando eu nasci, as minhas aguerridas avós e o meu sábio avô chinês, o meu pobre pai e outros anéis da longa cadeia da minha família, todos de sangue misturado e ardente. Escrevo para clarificar os segredos antigos da minha infância, definir a minha identidade, criar a minha própria lenda.

No fim de contas a única coisa que temos na totalidade é a memória que fomos tecendo. Cada qual escolhe o tom para contar a sua própria história; teria gostado de optar pela clareza duradoura de uma impressão em platina, mas nada no meu destino possui essa qualidade luminosa. Vivo entre matizes difusos, esbatidos misteriosos, incertezas; o tom para contar a minha vida ajusta-se mais ao de um retrato a sépia...

Fim